

MARIA DE LURDES CORREIA FERNANDES

CULTURA ESCRITA,
PATRIMÓNIO DOCUMENTAL E
ESPIRITUALIDADE MONÁSTICA
FEMININA (SÉCULOS XV-XIX)

A “LIVRARIA” DO MOSTEIRO DE
SANTA MARIA DE AROUCA,
O. CISTER



MARIA DE LURDES CORREIA FERNANDES

**CULTURA ESCRITA,
PATRIMÓNIO DOCUMENTAL E
ESPIRITUALIDADE MONÁSTICA
FEMININA (SÉCULOS XV-XIX)**

**A “LIVRARIA” DO MOSTEIRO DE
SANTA MARIA DE AROUCA,
O. CISTER**

*Cultura escrita, património documental
e espiritualidade monástica feminina (séculos XV-XIX).
A «livraria» do Mosteiro de Santa Maria de Arouca, O. Cister*

AUTORA: Maria de Lurdes Correia Fernandes

CAPA: SAL Studio

PAGINAÇÃO: Margarida Baldaia

© Autora e Edições Húmus, 2023

End. Postal: Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 926 375 305

E-mail: humus@humus.com.pt

www.edicoeshumus.pt

IMPRESSÃO: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª EDIÇÃO: Novembro 2023

DEPÓSITO LEGAL: 522813/23

ISBN: 978-989-755-928-0

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-755-928-0/cult>

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (FCT/MCTES), no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto com a referência UIDB/00502/2020.



APOIO:

Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca.

Índice geral

- 7 Agradecimentos
- 9 Siglas

- 11 **I. Presença e vicissitudes da cultura escrita no Mosteiro de Santa Maria de Arouca, O. Cister, na Época Moderna**
- 11 1. Notas introdutórias
- 17 2. Arouca: um mosteiro – poder e cultura – sob a aura de uma «Rainha Santa»
- 28 3. A preservação de parte da «livraria monástica» no Mosteiro
- 33 4. O parcial desmembramento desta «livraria monástica» e do seu «cartório»
- 37 5. Dispersão e salvaguarda documental por vias oficiais
- 39 6. Os avanços da investigação e os seus frutos
- 43 7. O património documental atualmente preservado no Mosteiro de Arouca
- 46 8. Entrando na «livraria monástica cisterciense» de Arouca

- 49 **II. A «Livraria» do Mosteiro de Arouca**
- 49 1. Múltiplos sentidos dos livros impressos guardados nos espaços do Mosteiro
- 50 2. Dimensão e importância patrimonial da «livraria» do Mosteiro de Arouca
- 52 3. A diversidade e a especificidade dos livros impressos
- 54 4. O peso da liturgia, do canto e da *lectio* (coletiva e individual)
- 58 5. A «literatura de espiritualidade» no mosteiro – um «mundo» a conhecer melhor
- 60 6. Folheando os livros que ficaram no mosteiro

65	7. As «marcas de posse ou de uso»
69	8. Uma possuidora/leitora que sobressai
70	9. Ausências significativas
73	III. Notas finais em modo de conclusão
75	Bibliografia
83	Anexos
85	Anexo I. Catálogo da «Livraria Monástica» – Impressos à guarda da RIRSMA
161	Anexo II. AEP – Arquivo Episcopal do Porto. Cópias da correspondência e outros documentos do Cardeal Bispo D. Américo Ferreira dos Santos Silva relativos ao mosteiro de Arouca – organizadas cronologicamente
177	Anexo III. «Cópia do Auto de Posse conferida á Irmandade da Rainha Santa Mafalda dos objectos que lhe foram concedidos por lei de 26 de Junho de 1889, cuja posse se effectuou em 4 de Março de 1890, tirada [esta cópia] em cumprimento dos officios números 632 E 634 de 23 e 24 de Maio de 1902.»
195	Anexo IV – A. Relações de livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos
198	Anexo IV – B. Relação dos livros e manuscritos do extinto convento de Arouca entregues à Inspeção geral das bibliotecas e archivos públicos
203	Anexo V. Extrato parcial da cópia feita em 1955 pela Secção de Finanças de Arouca de um inventário existente nessa data na RIRSMA, com identificação dos bens guardados no Museu e fora dele, e respetivo valor
211	Anexo VI. Índice de nomes nas «marcas de posse/uso»
219	Anexo VII. Índice de autores das obras da «Livraria»
221	Anexo VIII. Índice de nomes do estudo (exclui nomes dos Anexos)

Agradecimentos

Ao Presidente e aos membros da Mesa Administrativa da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca por todas as facilidades concedidas para a elaboração deste estudo, em especial para a consulta das obras impressas, assim como pelo apoio à investigação. Um agradecimento especial ao Eng^o José Morais e à Dra. Sara Brandão, pela disponibilidade permanente e apoio no acesso à «livraria monástica», e ao Eng^o Mário Freire pelas diligências que permitiram a consulta do Incunábulo n^o 3. Ao Dr. Carlos Brito agradeço a cedência da transcrição do «Auto de posse» (Anexo III).

Ao Arquivo Episcopal do Porto, pelas facilidades concedidas na consulta e transcrição da correspondência de D. Américo dos Santos Silva.

Ao Professor José Adriano de Carvalho, pela leitura atenta e amiga, pelos empréstimos bibliográficos e pertinentes sugestões de melhoria.

Ao Professor José Meirinhos, pela sua generosidade intelectual permanente e, em especial, pelas preciosas referências que permitiram a identificação do exemplar *unicum* do incunábulo dos *Evangelhos e Epístolas* (Inc. n^o 3).

Ao Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, na pessoa do seu Diretor, pelo apoio à edição.

Siglas e abreviaturas

AEP	Arquivo Episcopal do Porto
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
BPMP	Biblioteca Pública Municipal do Porto
CO	Congregação do Oratório
Esp.	Especialmente
Fol.	Folha ou fólio
Inc.	Incunábulo
Ms.	Manuscrito
OCart	Ordem da Cartuxa
OFM	Ordem dos Frades Menores
OIconc.	Ordem da Imaculada Conceição
OP	Ordem dos Pregadores
OSB	Ordem de S. Bento
OSC	Ordem de S. Clara
r.	reto
RIRSMA	Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca
S.d.	Sem data
SJ	Companhia de Jesus
S.l.	Sem lugar
v.	verso
vol.	volume

I. Presença e vicissitudes da cultura escrita no Mosteiro de Santa Maria de Arouca, O. Cister, na Época Moderna

1. Notas introdutórias

1.1. Estudar e conhecer uma «livraria» monástica, nomeadamente feminina, representa, acima de tudo, entrar na – e procurar compreender a – diversidade e a complexidade da cultura religiosa que lhe foi dando vida e conferindo identidade e, conseqüentemente, identificar e compreender as ideias, o pensamento e o sentimento religioso que a caracterizaram. E nessa caracterização não são de somenos importância as origens familiares e sociais das monjas – porque essas origens têm, com frequência, motivos e significados diferentes das dos monges –, o prestígio da instituição e a especificidade patrimonial (material e imaterial) que se foi constituindo ao longo dos séculos. Esse estudo exige distintas etapas e focos disciplinares e interdisciplinares, implicando, necessariamente, começar por identificar e conhecer os textos (nomeadamente livros impressos e livros manuscritos) que as monjas e/ou o mosteiro (fosse qual fosse) possuíam ou a que acederam e, se possível, que também liam, ou leram, ou ouviram ler, ou manusearam, por opção pessoal ou por indicação dos seus confesores ou diretores espirituais¹.

Não é, obviamente, tarefa fácil, como tem ficado evidente com alguns estudos dedicados a bibliotecas conventuais ou monásticas masculinas e femininas, extintas a partir de 1834 (no caso das femininas, depois da morte da

1 Sobre a complexidade da questão veja-se Carvalho, 1997: 7-56.

última monja/freira professa, o que, em alguns casos, ocorreu já nos últimos anos do século XIX²). Porque antes dessa extinção há toda uma história (ou muitas histórias) e contextos institucionais e sociais que determinaram a especificidade de cada mosteiro e de cada convento.

No caso de Cister, e na Época Moderna – a que aqui nos ocupa –, não é possível ignorar os efeitos da institucionalização da Congregação Autónoma de Alcobaça em 1567, com a aprovação papal através da bula *Pastoralis Officii* de Pio V. Essa institucionalização foi decisiva para a evolução, que significou também recuperação de uma presença e de um poder, da Ordem de Cister em Portugal (em ambos os ramos: masculino e feminino). Os seus significados, incluindo neles as próprias causas, tiveram um alcance religioso, cultural e político muito mais vasto do que o do plano estritamente institucional³. E não só porque, como acentuou Saul Gomes, beneficiou de uma herança religiosa e cultural que vinha já dos tempos medievais, dado que Alcobaça, nos finais da Idade Média, «capitaneava toda a estrutura, nuclearizando vontades e acções do foro pastoral ou cultural»⁴, mas também porque a autonomização da Congregação espoletou uma reorganização importante, com a tutela eclesiástica e disciplinar máxima do Abade Geral, cujos impactos talvez não sejam ainda suficientemente conhecidos ou explorados. Não só no domínio disciplinar e religioso, mas também nos planos cultural, espiritual e simbólico⁵, o que implica (re)valorização – e não só no que diz respeito aos mosteiros masculinos – das «condições de base no fazer de uma história religiosa e/ou eclesiástica do passado cisterciense nacional, as quais devem passar substancialmente pelo conhecimento de dados ou informação fundamental de carácter institucional, social, cultural e, naturalmente, espiritual»⁶. Porque esta última

2 Vejam-se os trabalhos pioneiros – por incluírem estudo e edição completa dos inventários – sobre as «livrarias» do convento de Santo António de Caminha (Carvalho, 1998: I-XXVIII) e de Santo António de Ponte de Lima (Carvalho, 2002: 9-19).

3 Como bem mostrou Gomes, 1998.

4 Gomes, 1998: 13-14.

5 Gomes, 2006: 377 reconhecia o «défice de conhecimento historiográfico no (ainda) pouco que se sabe acerca do governo congregacionista da Ordem de Cister em Portugal», ou seja, durante a Época Moderna. De então para cá, vários estudos têm trazido novas abordagens e mais conhecimento da importância política e religiosa de Cister na Época Moderna, nomeadamente do seu ramo feminino. Veja-se, em especial, Conde, 2009 – tendo em atenção, naturalmente, as diferenças significativas, no plano político e social, entre este mosteiro e outros femininos, em especial os de Arouca, Lorvão e Celas.

6 Gomes, 2006: 376-377.

dimensão – nela incluindo a leitura⁷ –, embora ela seja de difícil apreensão e estudo, tem uma importância que importa ter sempre em atenção, sob pena de tirar sentido(s) a muitas das facetas materiais dos próprios mosteiros.

E essa autonomização coincidiu com os tempos de afirmação, em Portugal, das então frescas orientações religiosas e disciplinares emanadas do Concílio de Trento, nomeadamente da sua última etapa (1562-1563), que veio a aprovar o decreto *De Regularibus et Monialibus* em 4 de dezembro de 1563⁸. Tempos que eram também herdeiros de um passado recente fortemente influenciado por correntes reformadoras heterogêneas (por vezes mesmo contraditórias) no domínio religioso, vindas em grande medida do estrangeiro, nomeadamente da «escola germano-flamenga», do «*recogimiento*» espanhol⁹, de reformas das ordens religiosas, nomeadamente franciscanas¹⁰, tendências e correntes a que os mosteiros de Cister não foram imunes. Certamente não por acaso a «livraria» do mosteiro de Arouca detinha o incunábulo da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia¹¹ (atualmente apenas o 4.º volume, mas, ao que tudo indica, possuía dois exemplares completos¹²) e outro incunábulo que, até ao momento, é exemplar único, os *Evangelhos e Epístolas*¹³, cuja organização terá sido preparada por Paulo Hurus¹⁴ e impresso pelo prestigiado impressor sevilhano Estanislao Polono¹⁵.

Além disso, a polifacetada relação entre o poder régio e o poder eclesiástico ou, especificamente, monástico – por vezes conflituosa, como sucedeu, no caso de Cister, sobretudo no tempo do Infante D. Afonso e do Cardeal-Infante D. Henrique¹⁶ –, entre estes poderes e os seus distintos agentes, entre

7 Conde, 2013: 26 e 32-33.

8 Os Decretos foram impressos em Lisboa, em 1564, por ordem do Cardeal-Infante D. Henrique, em latim e em português – este decreto traduzido para português com o título «Dos religiosos e das religiosas». *Decretos*, 1564 (2ª edição): s.p. Sobre os efeitos das determinações tridentinas no reforço da clausura nos mosteiros femininos (no de S. Bento de Cástris em particular), ver Conde, 2017: 121-138.

9 Dias, 1960: I: 245-361; Carvalho, 1981 e 2016.

10 Carvalho, 2018, esp. 17-100.

11 Anexo I, nº 2.

12 Simões Junior, CCXLI – 16.7.1993: Teve este Mosteiro dois exemplares da *Vita Christi*, mas um foi requisitado pelo Mosteiro de Alcobaça e do outro só nos resta o 4.º volume».

13 Descrito por Mendes, 1995: nº 897. Agradeço ao Prof. José Meirinhos ter-me chamado a atenção para esta identificação de há já quase três décadas.

14 Este incunábulo será objeto de um estudo específico (em preparação).

15 Ver *infra* Anexo I, nº 3.

16 Gomes, 2006: 398-409.

estes e os diferenciados estratos sociais e níveis culturais com que interagiam é, necessariamente, um eixo determinante dos caminhos que foram sendo desbravados e das mudanças que os acompanharam.

No que diz respeito ao peso e lugar da Ordem de Cister em Portugal na Época Moderna, a institucionalização da Congregação Autónoma de Alcobaça em 1567 veio potenciar o poder desta e a articulação das (e entre as) abadias cistercienses (masculinas e femininas), criando condições para um alargamento da sua influência a diversos níveis, particularmente visíveis em alguns mosteiros¹⁷. É, aliás, suficientemente conhecido o envolvimento de Alcobaça na afirmação da Restauração da monarquia portuguesa, com ações tanto no plano político como historiográfico¹⁸. Não por acaso um dos sermões nas exéquias do Infante D. Duarte (1605-1649), irmão de D. João IV, se devem ao Regente do Colégio de S. Bernardo de Coimbra e monge de Alcobaça, Fr. Gabriel de Almeida, sermão incluído na colectânea que reúne os vários textos sobre as *Exequias do Serenissimo Infante D. Duarte celebradas no Real Convento de Sancta Maria de Alcobaça*, obra oferecida à *Real Magestade del Rey Dom João o IV* pelo Abade Geral da Congregação, D. Fr. Luís de Sousa, *do seu conselho, & seu Esmoler mòr*, e impressa em Lisboa, na Oficina Craesbeckiana, em 1650¹⁹. Mas esse poder e influência política também se traduziu, por exemplo, no desencadear, ao longo do século XVII, dos processos de beatificação de três das régias fundadoras/reformadoras (D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda)²⁰ de três dos seus mais opulentos mosteiros femininos (Lorvão, Celas e Arouca), processos de beatificação logrados no século XVIII (Teresa e Sancha em 1705, Mafalda só em 1793 – de cujo processo se conhece o original e várias cópias²¹).

Neste contexto, a produção escrita – tanto a da rica tradição medieval manuscrita²² como, em especial, a que foi sendo divulgada e alargada pela imprensa –, teve um papel muito relevante na afirmação desse poder, difundindo ideias e práticas que se iam partilhando, pelo menos em círculos concretos, por vezes localizados, e determinando escolhas e cerimoniais dentro

17 Sousa & Gomes, 1998: 126-129 e Conde, 2009.

18 Gomes, 2006: 421-422.

19 Marques, 1989, II: 328.

20 Marques, 2011.

21 Sobre o processo original veja-se Azevedo, Carlos A. Moreira, 1997: 109-126.

22 Que não foi abandonada nos séculos modernos, como o provam os ricos manuscritos iluminados dos séculos XVI a XIX, a cuja descrição e cópias de rosto se acede em <https://arouca.fcsh.unl.pt/fontes>.

e fora da Ordem. Assim, a circulação de obras de espiritualidade, de várias proveniências – que encontramos, mais ou menos repetidas, em diversas “livrarias” ou “armários” monásticos da época – evidenciam à saciedade o peso cultural e a sua influência religiosa dos livros impressos, a diversos níveis, extravasando, aliás, as práticas fundamentalmente litúrgicas e canônicas.

Sem desvalorização das fontes manuscritas – de recurso inultrapassável para diversos aspetos do poder e funcionamento monástico –, é importante ter em conta que a evolução do número e tipologia de obras de espiritualidade publicadas ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII em Portugal, assim como a presença de várias delas nos índices de livros proibidos, confirmam largamente a importância da circulação dos livros impressos na evolução da vida religiosa e monacal. O que não podia deixar de suceder também no mosteiro de Arouca. Curiosamente, se na primeira metade do século XVI praticamente não foram publicadas, em Portugal, obras de autores cistercienses – talvez pela sua identidade contemplativa herdada da Regra de S. Bento, que, contudo, valorizava a escrita e a leitura²³ – ou sobre santos da ordem²⁴, ao contrário de obras produzidas por franciscanos, jesuítas, dominicanos, etc.²⁵ (com um necessário destaque para as obras de Fr. Luís de Granada, OP, de forte impacto em Portugal²⁶). Contudo, a partir de finais de Quinhentos, ao longo do século XVII e, sobretudo, no século XVIII, como veremos mais adiante, elas têm já uma presença mais significativa, quer em quantidade, quer em variedade, pese embora o peso evidente que mantêm os textos de âmbito canônico e litúrgico²⁷. Para tal contribuiu decisivamente, além da própria cabeça-mãe da Congregação, Alcobça, o seu Colégio de S. Bernardo ou do Espírito Santo em Coimbra, como provou Saul Gomes com o elenco das obras que, à sombra deste Colégio, foram sendo

23 O que permite, aliás, compreender a importância dos códices manuscritos e iluminados nos mosteiros cistercienses e no de Arouca em particular. A *Regra* era de leitura regular pelas monjas na sala do Capítulo.

24 Excetua-se a publicação, em 1544, do *Livro da vida e milagres do glorioso S. Bernardo*, Lisboa, Luís Rodrigues e, para efeitos essencialmente litúrgicos e canônicos, a impressão dos *Officia ordinis Cistercienses*, em Lisboa, por Germão Galharde em 1544, das *Diffinições da Ordem de Cistel e Congregação de Nossa Senhora de Alcobça*, em Lisboa, por António Alvares, 1593 e do *Officium feriale sanctissimi patris nostri Bernardi*, impresso em Alcobça em 1597. Para estas edições já chamou a atenção Gomes, 2006: 375-431.

25 Veja-se essa presença na *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade*, 1987.

26 Rodrigues, 1988.

27 Como é claro no elenco que dessas obras fez Gomes, 2006: 425 e também no mosteiro de Arouca, como se confirma *infra*, Anexo I.

impressas nos finais do século XVI e nos séculos XVII e XVIII²⁸ – algumas das quais encontramos também em Arouca, como adiante se mostrará.

1.2. Ainda nos faltam estudos sistemáticos e comparativos dos diversos catálogos dos mosteiros cistercienses na Época Moderna, agora grande parte já localizada, graças ao enorme trabalho que conduziu à publicação da *Clavis Bibliothecarum*²⁹. Os catálogos que são conhecidos, embora na sua grande maioria aguardem ainda estudos específicos, mostram uma presença importante – por vezes significativamente repetida – de obras de espiritualidade (num sentido amplo) de distintos autores dos séculos XVII e, sobretudo, XVIII, incluindo um número importante de não cistercienses. Mas os catálogos – de que não se conhece a (total) localização atual dos livros – incluem com frequência referências vagas a «vários volumes», por exemplo, de sermões, ou de obras de um mesmo autor, sem as identificar nem facultar dados suficientes para tal³⁰. Mesmo sendo, em quase todos os casos, catálogos realizados por ordem da Real Mesa Censória aquando da exclaustração, o cruzamento de informações que eles facultam – sobre autores ou obras presentes em todos, sobre ausências, sobre tipologias e quantidades de textos – permitirá, com estudos cuidados e sistemáticos, projetar novas luzes sobre um mundo ainda muito pouco desbravado. Um mundo de redes religiosas, culturais, sociais e familiares que merece ser muito mais explorado e conhecido, porque sem ele se não compreenderão em toda a sua complexidade persistências ou mudanças culturais de grande relevância histórica e até mesmo artística. Sem esse conhecimento também se não compreenderá em profundidade a evolução que foram tendo alguns mosteiros – nomeadamente, o de Arouca – ao longo daqueles séculos e dos seguintes. Sem ele não se identificará com rigor o papel de tais redes na definição dos caminhos da cultura religiosa em diferentes períodos, das relações de poder locais e familiares, de todo o xadrez de influências que permitem perceber silêncios e reconfigurações dos poderes relativos de cada mosteiro de Cister no Portugal Moderno. E também sem ele não se compreenderão, nos seus significados e no seu alcance político e religioso, todos os motivos que conduziram, no século XVII e com continuidade no seguinte, à elaboração e andamento persistente dos processos de beatificação de D. Teresa, D. Sancha

28 Gomes, 2006: 422 e ss.

29 Giugervich & Leitão, 2016.

30 Veja-se o estudo de Pereira & Bogalho, 2019: esp. 23-24.

e, mesmo, de D. Mafalda – cuja influência na afirmação do Cister feminino em Portugal foi, como bem se sabe, determinante³¹.

Este estudo pretende dar mais um contributo para esse desbravar de caminhos de conhecimento mais diversificado da realidade complexa da vida monacal através de novos ou renovados olhares sobre a vida dos livros e das leituras que foram acompanhando a vida deste mosteiro – que, como se sabe, se regia pela regra de S. Bento, que determinou a prática da leitura à mesa das refeições³². Aliás, a própria Ordem de Cister estabeleceu, nos estatutos de 1454, que «o claustro sem livros é o túmulo dum homem vivo»³³, sendo famosos diversos scriptoria de mosteiros masculinos desta Ordem³⁴.

2. Arouca: um mosteiro – poder e cultura – sob a aura de uma «Rainha Santa»

2.1. Arouca e a sempre designada «Rainha Santa Mafalda» têm uma história de tal modo entrelaçada que essa interdependência nunca foi verdadeiramente questionada ou rompida. Por isso fala Helena Cruz Coelho de «Uma terra, um mosteiro, uma santa»³⁵. Uma trilogia que tem, justamente, beneficiado de múltiplos estudos que, contudo, nunca incluíram referências significativas à «livraria monástica» que foi sendo constituída e preservada ao longo dos séculos. Talvez porque a «sombra» da «Rainha Santa» e do peso fundiário que o mosteiro detinha, por um lado, e a riqueza artística e arquitetónica do mosteiro, por outro, disponham de mais fontes manuscritas que facilitam ou suscitam mais os estudos nesse âmbito³⁶. Mas o Mosteiro de Santa Maria de Arouca tem outras dimensões que importa «integrar» na sua multifacetada história, para se compreender melhor e dar a conhecer a sua riqueza patrimonial e os seus sentidos culturais.

Antes de mais, e como é bem sabido, este mosteiro tem uma particularidade que o distingue e singulariza no conjunto dos restantes: é hoje o único

31 Coelho, 1989; Marques, 2011.

32 Dias, OSB, 2011: 138 e 140.

33 Dias, OSB, 2011: 138-139.

34 Dias, OSB, 2011: 138, 140.

35 Coelho, 2005.

36 São estudos incontornáveis nestes amplos domínios os de Coelho, 1989; Rêpas 2003, Rocha, 2011 e Veiga, 2013.

em Portugal, de entre todos os femininos, que guarda ainda localmente uma parte muito substancial do património móvel – religioso, artístico e documental – que possuía quando faleceu a última monja, Dona Maria José Gouveia Tovar e Meneses, em 3 de julho de 1886.

E essa posse e guarda local permitem abordagens e interpretações fundamentadas que dificilmente se conseguem em outros mosteiros ou conventos de que dispomos apenas de catálogos de livros.

Para o estudo da «livraria» deste mosteiro que aqui se apresenta – que, tanto quanto sei, é o primeiro que é dedicado à análise integral –, e considerando a vasta bibliografia sobre a relação entre extinção das ordens religiosas e bibliotecas conventuais/monásticas³⁷, não é necessário descrever nem resumir a bem conhecida história da expulsão das ordens religiosas em 1834, do encerramento de mosteiros e conventos masculinos e da agonia com que sobreviveram temporariamente os femininos até à morte da última monja ou freira de cada um deles. No caso do Mosteiro de Arouca, a especificidade ou particularidade do seu património móvel – o que hoje é conhecido – resulta da conjugação de diversos factos e fatores.

2.2. Um dos factos mais relevantes na configuração dessa especificidade, que se criou e manteve desde a morte da última monja até à atualidade e que assegurou a referida manutenção patrimonial no local, é o da confluência de vontades materializadas na criação e instituição, em julho de 1886 – com uma inusitada rapidez – da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca (RIRSMA), cujos estatutos foram aprovados em Arouca no dia 10 desse mesmo mês de julho de 1886 (uma semana depois da morte da abadesa donatária D. Maria José Tovar e Meneses)³⁸ e garantiram a «guarda e administração» local de grande parte do acervo do Mosteiro. Para a sua preparação e criação muito terá contribuído a ação direta e indireta do Cardeal Bispo do Porto D. Américo Ferreira dos Santos Silva³⁹ que, mesmo antes da

37 Destaco aqui apenas alguns estudos que, na sua complementaridade, focam as principais e diversas facetas do processo e seu impacto nas bibliotecas monásticas: Carvalho, 1998; Barata, 3003, 2004 e 2011; Ribeiro, 2008; Campos, 2015.

38 Uma cópia fac-simile desses estatutos manuscritos e respetivas assinaturas (várias dezenas) pode ver-se em Veiga, 2005: 265-292.

39 Sobre este Bispo do Porto (1871 e 1899) e, para o que aqui mais interessa, sobre o seu papel no que diz respeito aos «Religiosos entre a agonia e a restauração clandestina», veja-se Abreu, 2018: esp. 489-501.

morte da última monja, quis saber se havia inventário anterior dos bens do mosteiro. Assim o fez na carta que enviou a um dos capelães do mosteiro, o P. José Valente de Matos, em 1 de agosto de 1885:

Queira V. S^a comunicar-me se n'esse Convento existe o inventario do mesmo, que em tempos foi mandado fazer pelo Governo de Sua Magestade, e no caso afirmativo se n'elle se achão descriptos os objectos pertencentes ao culto. No caso porem negativo, V. S. assim m'o participará p^a eu dar as competentes providencias, mas antes mesmo de eu as expedir, desde já dou ordem e comissão a V. S^a bem como ao R.do Gomes de Castro, para fiscalizarem a administração do Convento de modo que nada do que lhe pertence possa ter descaminho.⁴⁰

E a 14 de agosto desse mesmo ano de 1885, emitiu um decreto, mandando o capelão do convento de Santa Clara do Porto, o Rev^o António José Nogueira de Paiva e Sousa, para se deslocar a Arouca e

ahi proceder com o auxilio dos outros Rev.s Capellães, ao inventario, arrecadação e guarda de todos os bens mobiliários, alfaias e objectos de arte, que não estejam descriptos em inventario legal anterior.⁴¹

Mais tarde, aquando da extinção do mosteiro em julho de 1886, expediu para diversas entidades, nos meses subsequentes e em 1887, diretivas e significativa correspondência⁴² relativas à salvaguarda de «preciosidades» – mais concretamente, aos «objectos de culto, e alfaias ou vasos sagrado» – que foram do mosteiro, que aí mandou guardar «em deposito, devidamente inventariados»⁴³. Para essa documentação chamou já a atenção Adélio Abreu no extenso e fundamental estudo sobre este Cardeal Bispo do Porto⁴⁴. Curiosamente, em nenhum momento dessa correspondência há qualquer referência aos livros, nem sequer aos de uso litúrgico, nem mesmo aos pergaminhos musicais. Pela pouca valorização, no contexto epocal, da sua importância material? Ou pouca

40 *Infra*, Anexo II, Doc. 1. Sublinhado meu.

41 *Infra*, Anexo II, Doc. 2. Sublinhado meu.

42 Documentação que, pela sua relevância – mesmo sendo cópias –, publicamos *infra* no Anexo II.

43 Provisão de 9 de Julho de 1886 – *infra* Anexo II, Doc. 5.

44 Abreu, 2018: esp. 496-497.

consciência ou conhecimento dos seus significados culturais e simbólicos? Ou mesmo religiosos? Porque deixaram de ter importância fora dos ambientes monásticos, e deste em particular? Ou pelo seu pouco valor comercial na época?

Essa correspondência deixa testemunho, especialmente na carta enviada em 11 de novembro de 1855 ao Núncio apostólico dando-lhe conta do pedido da Abadessa para fazer testamento dos seus bens, que foi feito e completado, por ordem sua, um inventário de alguns tipos de bens do mosteiro:

*Não devo porem ocultar a V. Ex^a R.ma que pelo seu fallecimento a Fazenda Nacional tomará conta de todos os bens d'este Mosteiro, **dos quaes em tempo foi formado inventario, e ultimamente o mandei completar por um presbytero de confiança.** Para evitar pois contestação de futuro m.to prejudiciais, sou de opinião que a faculdade requerida, no caso de ser concedida, seja expressamente limitada a bens próprios da Requerente, e não descriptos em Inventario do Convento».⁴⁵*

Desconhecemos o original desse inventário, que seria muito útil para conhecer melhor – integralmente? – a riqueza dos bens existentes antes da extinção do mosteiro. Talvez venha a ser localizado... Mas, ainda assim, é possível aceder, em cópia, a parte desse inventário, incluído no «Auto de posse» dos bens entregues pela Fazenda de Aveiro à RIRSMA⁴⁶, como veremos melhor mais adiante.

2.3. De momento, importa frisar que esta e outras cartas revelam, além dos aspetos já analisados por Adélio Abreu relativos à figura do Cardeal Bispo D. Américo, uma especial atenção à salvaguarda – mesmo que o tenha feito para eventual entrega ao «Governo de Sua Magestade» através da Fazenda de Aveiro – e à inventariação de todos os bens de uso litúrgico que D. Américo refere genericamente como «alfaias», «vasos sagrados», «objectos de culto» e «paramentos». Especialmente ilustrativa é, por um lado, a conhecida Provisão em que nomeia, na qualidade de seu Delegado para acompanhar o processo de extinção, o «vigário de vara do 2º Districto da Comarca

45 *Infra*, Anexo II, Doc. 3. Sublinhado meu.

46 *Infra*, Anexo III.

ecclesiastica d'Arouca e Parocho da igreja de Santa Eulalia de Chave», P. Joaquim Teixeira da Silva, e na qual determina, relativamente aos «objectos de culto»:

Para servir d'arrecadação a estes objectos de culto em quanto superiormente lhes não fôr dado destino, escolherá e requisitará a officina ou casa do Convento que mais segura lhe pareça, na qual mandará recolher e guardar os que forem movíveis e possão fora della estar sujeitos a descaminho, perda, ou deterioração, á medida que forem inventariados e da competente autoridade rogará a necessária força para salvaguarda d'este deposito.⁴⁷

Esta diligência para evitar o «descaminho, perda e deterioração» terá sido a causa – ou uma das causas – da «salvação» do importante núcleo diversificado de peças artísticas (pintura, escultura, ourivesaria, etc.), livros em pergaminho de diversos tipos e formatos (em especial os antifonários), livros impressos e objetos de culto ou para uso litúrgico que, mesmo com algumas «recolhas» no século XX para outros museus⁴⁸, mantêm alguma – única no país – unidade ou organicidade sistémica.

Significativas são também outras cartas que dirige ao mesmo vigário da vara do 2º distrito eclesiástico, nomeadamente a que lhe escreveu no mesmo dia da referida Provisão, ou seja, em 9 de julho de 1886, na qual – como salientou já Adélio Abreu⁴⁹ –, reconhecendo ser

muito natural que os moradores da freguesia d' Arouca e circunvizinhas se sintão magoadas com a extinção d'este Convento, ao qual desde tantos seculos são devedores de grandes benefícios temporaes e espirituais; e por certo mais lhes augmentará a mágoa o recearem que a sumptuosa igreja seja fechada ao culto e d'ella se removão as preciosidades com que a devoção dos fieis a tinha adornado.⁵⁰

Além disso,

47 Provisão datada de 9 de Julho de 1886. *Infra*, Anexo II, Doc. 5. Sublinhado meu.

48 Rocha, 2011: 438.

49 Abreu, 2018: 497.

50 *Infra*, Anexo II, Doc. 6. Sublinhado meu.

Authorizo a V^a S.na e mesmo lhe rogo que lhes faça constar quanto as acompanho nos seus sentimentos religiosos; que embora me sejam entregues por deposito e inventariados os objectos de culto, e alfaias ou vasos sagrados não solicito por modo algum que sejam removidos para outra parte e muito menos passem para meu uso ou poder; e pelo que toca à igreja, estou prompto a coadjuvalos no seu justo empenho de a conservarem aberta ao culto, do qual se encarregue alguma Irmandade ou outra corporação legalmente constituída.

Mais acrescenta:

São estes os desejos que levarei à presença do Governo de Sua Magestade e que desde já manifesto ao Ex.mo Delegado do Thesouro d'esse Districto, sollicitando sua cooperação, para que possam ser realizados.

Efetivamente, na carta que dirigiu ao Delegado do Tesouro do Distrito de Aveiro, datada também do dia 9 de julho de 1886, refere ter aconselhado ao Vigário da Vara a que

induza os parochianos d'Arouca a promoverem a conservação d'este templo por meio de uma Irmandade legalmente constituída que tome a seu cargo a fabrica d'elle.⁵¹

É claro e direto este conselho – e por isso, atendendo à sua autoridade eclesiástica, muito significativo – para que esta Irmandade fosse «legalmente constituída». Aliás, na sua Provisão de Aprovação dos *Estatutos* da RIRSMA, datada de 19 de agosto de 1886, afirmou no final que «desde já em Nosso nome, e dos Nossos Successores, Nos consideramos Protector d'esta Real Irmandade»⁵².

Apesar de não questionar propriamente a apropriação dos objetos de culto pela Fazenda de Aveiro – aliás, como mostrou Adélio Abreu, D. Américo «não se opôs às determinações governativas que ditavam o fim da vida religiosa de clausura»⁵³ –, é claro o cuidado com que D. Américo procurou

51 Carta datada de 9 de julho de 1886 – *Infra*, Anexo II, Doc. 7. Sublinhado meu.

52 *Infra*, Anexo II, Doc. 10.

53 Abreu, 2018: 493.

assegurar a salvaguarda – para «*guardar os que forem movíveis e possão fora della estar sujeitos a descaminho, perda, ou deterioração*»⁵⁴ – das «alfaias e paramentos» e outros «objectos de culto» (não discriminados) do mosteiro. Esse cuidado é particularmente visível nas frequentes referências ao inventário, em duplicado, que mandou rever e completar ainda antes do falecimento da última Abadessa e também nesses primeiros tempos da extinção do mosteiro, enquanto não estava decidido o destino dos bens aí guardados. Este conjunto de orientações e medidas requer o devido realce, porque pode ajudar a perceber a especificidade acima referida deste mosteiro. De facto, a clara preocupação com o inventário de todas as «alfaias» e «objetos de culto» guardados em depósito está patente em outras cartas e testemunha um sentido de defesa patrimonial – ainda que centrada fundamentalmente naqueles objetos de uso litúrgico e para deles dar conta à Fazenda nacional – de que não prescindiu nos contactos com os representantes do «Governo de Sua Magestade»⁵⁵, facto que não podemos deixar de enfatizar. A citada correspondência com o Delegado do Tesouro do Distrito de Aveiro e, sobretudo, com o «Vigário da Vara do 2º Districto da Comarca ecclesiastica d’Arouca» – particularmente a carta que lhe envia a 19 de agosto de 1886 – testemunham-no inequivocamente. Aliás, o «depósito» dessas alfaias no mosteiro – em «*officina ou casa do Convento que mais segura [...] pareça*» – mantinha-se ainda em 1887, quando dele mandou retirar, por ordem do «governo de Sua Magestade», paramentos e alfaias para o Bispo de Damão e titular de Cranganor. A *Relação dos paramentos e alfaias do extincto Convento d’Arouca entregues ao Ex.mo Bispo de Damão e titular de Cranganor*, cuja cópia se guarda no Arquivo Diocesano do Porto – e que segue transcrita no Anexo II deste estudo⁵⁶ – tem o especial interesse de identificar muitos desses paramentos e alfaias, porque se serve, tomando-o como base de identificação dos objetos a doar, do inventário que deles mandou fazer. E tudo aponta para que esse inventário tenha sido a base para o do futuro «auto de posse» assinado em 1890, que dá conta da entrega à Irmandade dos «objectos que lhe foram concedidos por Lei de 26 de Junho de 1889»⁵⁷, a que adiante voltaremos. Assim o atesta a correspondência dos

54 *Provisão* de 9 de Julho de 1886 – *Infra*, Anexo II, Doc. 5.

55 Veja-se, em particular, a carta dirigida ao Delgado do Tesouro do Distrito de Aveiro, datada de 9 de julho de 1886 (*infra*, Anexo II, Doc. 7) e ao Vigário da vara (Doc. 10).

56 *Infra*, Anexo II, Doc. 12-14. A ela se referiu já Abreu, 2018: 497, n. 38.

57 Transcrito *Infra*, Anexo III.

respetivos números e descrição dos objetos. E tê-lo-á sido igualmente para a elaboração de uma «cópia do inventário em poder da Irmandade da Rainha Santa Mafalda», datada de 1955, que inclui a localização dos bens artísticos e de culto no Museu ou fora dele, cópia essa elaborada pelas Finanças de Aveiro e da qual se guarda uma cópia na RIRSMA⁵⁸. Nesta cópia são indicados, nos n.ºs 126 a 129-B, os mesmos livros que constam do «Auto de posse» acima referido⁵⁹, mas cuja qualidade material – pelas belas e ricas encadernações, interesse comercial ou histórico-cultural – justificam a inclusão neste «inventário» patrimonial, ainda que lhe faltem a Crónica de Cister e, pelo menos, um volume do *Flos Sanctorum* – sem qualquer dado descritivo, não é possível saber de que edição se trata, se o de 1513, por Herman de Campos, ou se uma das edições de Alonso de Villegas ou de Pedro de Ribadeneira, S.J.

Mas, mais uma vez, nenhuma referência nestes inventários, como nos textos do Cardeal Bispo D. Américo, a livros ou a manuscritos... Claro que os *missais*, os *breviários* e os *ofícios* estariam, na sua maioria, desatualizados, os processionais exigiam conhecimentos musicais, por isso não seriam particularmente úteis para a diocese de Damão. E, claro, para doar ao Bispo de Damão, não faltavam livros de outros mosteiros e conventos, porque a sua recolha pela Inspeção Geral dos Arquivos e das Bibliotecas rapidamente identificou obras repetidas que foram sendo distribuídas por entidades várias do país⁶⁰.

2.4. Para já, e apesar de lateral para este estudo, não pode ficar sem referência o facto de D. Américo, como já salientou Adélio Abreu⁶¹, ter tomado «providências para que fosse encontrada uma solução para as pupilas e criadas que habitavam o mosteiro» aquando do falecimento de D. Maria José Tovar e Meneses, identificadas como «algumas meninas do Coro e creadas que foram da Comunidade, algumas das quae já decrepitas, pobres e sem família»⁶².

58 Cópia facultada à RIRSMA pelo Sr. António Gonçalves, funcionário das Finanças locais, testemunhando a sua consciência da importância da guarda deste documento (Excerto reproduzido no Anexo V).

59 Transcrito no Anexo III, n.ºs 320-325.

60 V. Barata, 2003: esp. 132-159 e 185-198 e Barata, 2011, 140.

61 Abreu, 2018: 497, que remete (n. 38) para a já referida *Provisão* de D. Américo de 9 de Julho de 1886, transcrita nos primeiros Estatutos da Irmandade, aqui reproduzida a partir da cópia direta guardada no AEP no Anexo II.

62 *Carta* de D. Américo datada de 31 de julho de 1886. *Infra*, Anexo II.

Poucos anos antes, em 1883, falecera a penúltima monja, D. Ana Guilhermina de Moura Carvalhais⁶³.

Segundo o abade aposentado de Miragaia, Pedro Augusto Ferreira, que visitou o mosteiro em 1882 e 1890, com estas duas monjas professoras residiam «mais duas senhoras ditas recolhidas, 15 criadas da ordem, 14 criadas particulares, nove meninas de coro e cinco educandas. Juntámos a estas, os padres, os sacristães e outros criados, perfazendo um número de 62 empregados pessoais e comunitários, dependentes do edifício»⁶⁴.

Importa ainda realçar como o empenho de D. Américo em encontrar acolhimento para as aí residentes em 1886 é revelador, por um lado, do relativo empobrecimento também desta comunidade e, por outro, da «vida» feminina que, apesar de tudo, se foi mantendo no mosteiro enquanto viveu a última monja e abadessa donatária. E a preocupação desta em realizar um testamento dos seus objetos pessoais quando se vislumbrava a iminência do falecimento não é menos significativa dos receios desses últimos tempos de significativas mudanças não só políticas, mas também culturais e religiosas.

Seja como for, as diligências (ou autoridade?) do Cardeal Bispo D. Américo – ou mesmo o eventual esmero do próprio vigário da vara seu representante, o P. Joaquim Teixeira da Silva – terão certamente permitido, direta ou indiretamente, contacto com personalidades de Arouca influentes junto do poder eclesiástico e civil, porque só assim se entende que, apenas uma semana depois do falecimento de D. Maria José Tovar e Meneses, estivesse formalizada a Irmandade e aprovados localmente os respetivos estatutos, que vieram a ser também autorizados pelo Conselho de Distrito de Aveiro em 24 de Julho e pelo Governo Civil no dia 28 desse mesmo mês⁶⁵. Ou seja, a Provisão daquele Cardeal Bispo do Porto, com a aprovação eclesiástica dos Estatutos (já que o mosteiro de Arouca estava, desde 1882, integrado na diocese do Porto⁶⁶), apenas culmina um processo que, no essencial, se desenrolou e concretizou, com notória agilidade, no mês de julho de 1886. Os seus promotores «solicitaram também ao rei D. Luís que se declarasse Juiz

63 Santos, 2018: 51, a partir de Ferreira, *Convento de Arouca* (ms.), registo de 1882.

64 Santos, 2018: 51, a partir da análise do texto do P. A. Ferreira. Sobre a diversidade do «mundo feminino» no mosteiro, veja-se Rocha, 2011: 139-167 e, no que diz respeito às origens nobres de muitas professoras, Veiga, 2020: esp. 118-125.

65 Para a história da criação e evolução da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda (RIRSMa), veja-se Veiga, 2005; Rocha, 2011: 437-438; Santos, 2018: 55-63.

66 Por Carta régia de 14 de setembro de 1882. Abreu, 2018: 492.

Perpétuo da Irmandade. Esta petição invocava, de forma implícita, a proteção régia para a instituição»⁶⁷. O efeito desta «proteção» régia traduziu-se na já referida Lei de 26 de janeiro de 1889, promulgada pelo Rei D. Luís em 26 de Junho de 1889 e publicada no DG nº 158 de 1 de julho desse ano⁶⁸, pela qual o monarca veio a entregar a «guarda e administração» do espólio do mosteiro à Irmandade. Por sua vez, o reconhecimento papal verificou-se em 1 de fevereiro de 1887, por Breve de Leão XIII⁶⁹.

2.5. Estas proteções políticas e legais (eclesiástica e régia) à RIRSMA foram atos determinantes para a salvaguarda local e – apesar de todas as vicissitudes que ao longo dos tempos foi vivendo, por motivos internos e externos, esta Irmandade⁷⁰ – relativamente eficaz de parte significativa do património cultural móvel do mosteiro, património esse que no essencial aí foi sendo preservado até aos dias de hoje, pesem embora os (inevitáveis?) efeitos de fatores políticos, religiosos, humanos e sociais que conduziram a perdas, dispersões⁷¹, «descaminhos» e alguma «profanação», para usar o termo do abade de Miragaia Pedro Augusto Ferreira, que o visitou em 1882 e 1890⁷². Por esses factos, uma parte significativa do acervo do mosteiro lá se foi guardando e, conseqüentemente, foi alimentando uma identidade própria da vila de Arouca e do mosteiro, que se revela em diversos planos, dos materiais aos culturais. Convém ter aqui presente que, nos termos dos Estatutos então publicados, a finalidade maior da RIRSMA era, num primeiro momento, manter o «culto da Rainha Santa Mafalda» e garantir a guarda e «gestão» das esmolos do seu altar, mas visou também preservar no próprio mosteiro de Arouca grande parte do património móvel (nas distintas componentes), como símbolo essencial da identidade religiosa e cultural daquela vila e do território que à sua volta gravitava, sustentada no culto continuado de uma rainha que foi sendo apelidada de «santa» desde os tempos da sua morte⁷³.

67 Segundo Veiga, 2005: 41-42 e <https://www.rirsma.pt/pt/real-irmandade/historia/rirsma.html>.

68 Lei transcrita por Rocha, 2011: 438-439.

69 *Estatutos* da RIRSMA, 1893: s.p.; Veiga, 2005: 42.

70 Veiga, 2005: esp. 55-136.

71 Por exemplo, para outros museus: Rocha, 2011: 438 – o que se espera não suceda de novo...

72 Ferreira, 1882 (ms.). Veja-se a análise deste documento em Santos, 2018: esp. 35-53.

73 Coelho, 1988 e 2003: 9-30.

Com aquela extraordinária agilidade estatutária, previamente preparada e, como vimos, “patrocinada” por D. Américo⁷⁴ – e certamente negociada com o poder político regional e nacional –, estavam criadas as condições para a execução, a partir dos anos 90, da Lei de 26 de junho de 1889 promulgada pelo rei D. Luís, que atribuía à RIRSMA a «guarda a administração» dos bens móveis, incluindo os «paramentos, alfaias religiosas, imagens e outros objetos de culto». Essa execução concretizou-se, de facto, em 4 de março de 1890, como o prova a já referida cópia do «auto de posse» dos bens pela RIRSMA⁷⁵. A diligência de figuras várias de Arouca – note-se o já referido número elevado das assinaturas nos estatutos de 1886 – talvez tenha sido a chave da garantia do entendimento alargado do sentido aplicável às «alfaias religiosas, imagens e outros objetos de culto». O que está exposto no Museu do Mosteiro (que se designou, desde 1934 até 2022, «Museu de Arte Sacra» e que Pedro Dias classificou como «o mais importante Museu particular português após o da Fundação Gulbenkian»⁷⁶), mostra bem esse entendimento, apesar de tudo o que lá não ficou e do que o tempo foi deteriorando.

Aquela lei nada refere sobre os livros e outros documentos, impressos e manuscritos, pressupondo-se a eventual inclusão dos livros de uso litúrgico nos «outros objetos de culto». Notemos que o «auto de posse» de 1890 (Anexo III), apenas refere – expressamente – livros de grande qualidade editorial e material: «Um missal da Ordem de O. Cister, encadernado com forro de veludo vermelho, fechos e guarnição de prata» – que tudo sugere ser o nº 42 do inventário publicado no *Anexo I* –; um «breviário da mesma Ordem, com capa de veludo verde, fechos e guarnição de prata» – nº 45 do inventário publicado no *Anexo I* –; um «missal romano, forrado de veludo encarnado, com fechos e guarnições de prata» – o nº 52 do inventário publicado no *Anexo I* –; «Dezasseis livros corais de missas e antifonários»⁷⁷, «Vinte e cinco processionais da Ordem de Cister» – vejam-se os exemplares descritos nos números 179 a 205 do *Anexo I*, todos datados de 1757 –; e ainda «Dois volumes do *Flos Sanctorum*» – no catálogo apenas consta um, talvez o nº 310 do Anexo I, e em mau estado – e um exemplar da «*Chronica de Cister*» – esta última não constante do conjunto dos livros ainda lá existentes, o que não

74 Abreu, 2018: 497.

75 V. cópia do Auto de posse publicado *infra*, Anexo III.

76 Dias, 2000: 49.

77 Possivelmente, os antifonários e outros manuscritos descritos por Miranda, 1995.

deixa de ser sugestivo, por ser uma obra do cronista cisterciense Fr. Bernardo de Brito, com grande interesse historiográfico e de algum valor monetário ou comercial (mesmo que não fosse a primeira edição) ...

Parte significativa do acervo móvel – incluindo mobiliário (19 entradas = 39 peças), altares, oratórios e imagens (47 + 19 na igreja), pintura (não constante da cópia a que pude aceder), relíquias (expressamente referidas 5 e «diversas relíquias avulsas», estando hoje inventariadas 14)⁷⁸, ourivesaria (10), alguns paramentos e outros objetos (125) – foi sendo preservado no local e tem sido, desde 1934, dado a conhecer pelo referido *Museu de Arte Sacra* – tutelado até 2022 pela RIRSMA⁷⁹ e, desde 2022, por uma gestão tripartida da Direção Regional de Cultura do Norte, da Câmara Municipal de Arouca e da RIRSMA⁸⁰.

3. A preservação de parte da «livraria monástica» no Mosteiro

3.1. Por tudo o que se disse, resulta evidente que, apesar de todos estes fatores e intuitos de valorização patrimonial, o mesmo destaque não foi nunca dado ao que se pode designar como «livraria monástica». Além das poucas referências constantes das citadas «Cópia do Auto de Posse» e «Cópia do inventario» dos bens à «guarda e administração» da RIRSMA, não encontrei qualquer documento ou testemunho que desminta esta ausência, talvez porque o enquadramento (e o conceito) do que hoje apelidamos de «livraria» desta comunidade religiosa feminina não merecesse a atenção que a crítica historiográfica tem dado a outras, nomeadamente à da casa-mãe da Congregação, Alcobaça⁸¹. Além disso, como sucede com muitas outras similares⁸², não estamos perante uma «biblioteca» monástica que de algum modo imitasse ou tivesse como modelo as masculinas, nem mesmo a de Alcobaça⁸³. Também não a podemos comparar com a maioria dos outros mosteiros

78 Estão inventariados, pela RIRSMA, 14 relicários, dos quais 5 de ourivesaria, 4 de escultura, 1 em talha e 1 de «outras artes». Veja-se também *infra*, Anexo V, n.ºs 98, 138 a 143, 191, 195 e 221.

79 Veja-se a importante descrição feita por Dias, 2000.

80 Ao abrigo de um protocolo de gestão tripartida.

81 Campos, 2015: 223-230.

82 Barata, 2011: 125-152; Campos, 2015. Pereira & Bogalho, 2019.

83 Sobre as informações facultadas pelo *Índice alfabético, e universal da Livraria do Real Mosteiro d'Alcobaça*, veja-se Campos, 2015: 223-230.

femininos da ordem, como o de Celas (em que ingressou a irmã de D. Mafalda, D. Sancha) ou o de Cós⁸⁴ (este pela proximidade e dependência direta a Alcobaça), porque lhes não conhecemos as respetivas «livrarias». De Lorvão (fundado por D. Teresa, irmã de D. Mafalda e de D. Sancha) são conhecidos os códices, devidamente inventariados e descritos pelo ANTT⁸⁵, mas não os livros impressos que o mosteiro possuía. E os dados disponíveis (seleccionados) sobre um outro mosteiro sujeito à regra de S. Bento, o de S. Bento da Avé Maria no Porto, não mostravam, em 1769, maior volume ou diversidade significativa de livros impressos, dado que apenas foram inventariados nessa data 267 títulos, vários dos quais repetidos⁸⁶. Outros trabalhos de investigação poderão facultar novos dados ou informações mais precisas. De qualquer modo, qualquer estudo comparativo só será possível depois da análise cuidada de cada uma das «livrarias», individualmente.

3.2. Apesar daquele silêncio sobre a «livraria» do cenóbio cisterciense de Arouca, as mais de três centenas de livros impressos do que podemos designar como parte da «livraria monástica» têm estado igualmente à «guarda e administração» da referida Irmandade e estão hoje sumariamente inventariados, tratados e razoavelmente acondicionados em armários específicos na Biblioteca D. Domingos de Pinho Brandão, localizada no mosteiro e por ela também detida e gerida até ao momento. Convém notar que a «livraria monástica» inclui, além da significativa diversidade de livros manuscritos (nomeadamente, os seus famosos antifonários que já foram designados como «a melhor colecção nacional de antifonários datados do século XIII ao século XVIII»⁸⁷ que ainda aí permanece), também alguns incunábulo e um conjunto relevante de livros impressos entre o século XVI e o século XIX.

84 Sousa & Gomes, 1998.

85 Veja-se o catálogo digital em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4381075>. Última consulta: 14.06.2023. Sobre o processo de transferência dos «tombos de propriedades» para a Repartição de Fazenda do Distrito de Coimbra, veja-se Barata, 2011: 137.

86 Loureiro, 1997: 227-237.

87 Rocha, 2009: 19 e 25. Especificamente sobre os antifonários e outros livros de música dos séculos XVI a XVIII, Rocha, 2011: 195-199. Sobre a evolução das referências e estudos sobre este conjunto excepcional de manuscritos iluminados, veja-se Ferreira & Fortu, 2009: 42-53. Vários destes manuscritos – incluindo antifonários, missais e um livro de horas – foram objeto de uma exposição no Mosteiro em 1995, coordenada por Angelina Noites e Carlos Matos, tendo o seu catálogo, publicado pela RIRSMA nesse ano, incluído um importante estudo prévio de Maria Adelaide Miranda (p. 5-12).

E, embora não integrantes da «livraria», não é despiciendo, antes significativo, o conjunto de manuscritos (em especial dos séculos XVIII e XIX) que também lá permanecem e que aguardam estudos específicos. Alguns deles trarão certamente novas luzes ao conhecimento desta comunidade religiosa feminina a partir do século XVIII. Talvez então se possa dar resposta mais completa à questão que há já mais de uma década levantou M. Moreira da Rocha: «Que vivência fizeram as damas que usufruíram aquele espaço e que significado lhe atribuíam? [...] Os objectos tinham mensagens teológicas e pedagógicas que eram entendidas e absorvidas num tempo longo. As monjas entendiam-lhes os códigos»⁸⁸. O conhecimento das suas leituras (pelo menos as possíveis, mas também as comprovadas) a que esta «livraria» permite aceder certamente permitirá – assim se espera – alargar o entendimento desses «códigos».

Por tudo o que se sumariou, essa «guarda e administração» do acervo artístico e documental do mosteiro pela RIRSMA manteve-se – resistindo a mudanças de regimes políticos e de juízes da Irmandade – até muito recentemente e foi ela que garantiu a relativa unidade sistémica deste património cultural. Espera-se, naturalmente, que haja no futuro saber e empenho das autoridades que agora o tutelam⁸⁹ para que, chegados aqui, se assegure e se reforce essa unidade sistémica deste núcleo documental e, naturalmente, se facultem e dinamizem condições de salvaguarda, restauro e modernização do tratamento informacional de tais bens culturais.

3.3. Importa por isso insistir na nota de que estes diversos momentos e atos praticados com suficiente zelo – ainda que, devida a dificuldades várias ou ao pouco conhecimento dos sentidos culturais deste património, nem sempre com o zelo desejável ou exemplar – por distintas individualidades locais, sob alta proteção político-legal, foram a chave do sucesso das medidas de salvaguarda da relativa unidade e consequente especificidade sistémica de grande parte do acervo documental e artístico do – e no – Mosteiro. Ainda assim, como sucedeu também com outras instituições monásticas e conventuais femininas – como bem mostrou Paulo Barata⁹⁰ – muita documentação foi igualmente arrestada não só por Alexandre Herculano a mando da Academia

88 Rocha, 2011: 28.

89 Ao abrigo do referido (n. 71) protocolo de gestão tripartida.

90 Sobre a criação em 1887 da Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos, assim como a sua atividade subsequente, veja-se Ribeiro, 2008 e Barata, 2011: 125-152, esp. 126-127.

das Ciências de Lisboa em meados de oitocentos para ser levada para a BNP e posteriormente para a Torre do Tombo (onde hoje está devidamente classificada e acessível a investigadores)⁹¹, mas também, já no final desse século, pelas Repartições das Fazendas do distrito (neste caso, o de Aveiro), ainda que sem o cuidado de identificação rigorosa dos documentos recolhidos, como o comprovam as listas transcritas *infra* no Anexo IV – A e B. Como bem mostram já Fernanda Ribeiro e Paulo Barata⁹², ao problema da dispersão e «descaminho» dos livros conventuais tentou obviar a criação da Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos (IGBA) em 1887. Contudo, particularmente no caso dos livros e manuscritos levados de Arouca para a Fazenda de Aveiro nos anos 90 do século XIX, a ação de seleção, inventariação e recolha pela IGBA para entrega à Biblioteca Nacional e à Torre do Tombo não resolveu de forma satisfatória o problema do registo dos documentos arrestados, na medida em que os inventários realizados não incluem descrição suficiente, e muito menos rigorosa, de muitas espécies⁹³. Consequentemente, esta «recolha» não facultou, do ponto de vista da disponibilização de informação precisa sobre o património documental e artístico, uma identificação precisa ou bastante que nos permita repor facilmente – em termos de reconstituição concetual e material – toda a riqueza ou especificidade da «livraria» (e mesmo do cartório) do Mosteiro de Arouca. Mas a conjugação dessas referências com a materialidade dos volumes impressos e manuscritos que ficaram à «guarda» da RIRSMA e que hoje estão acessíveis, mesmo considerando perdas provavelmente inevitáveis, por descaminho ou por incúria, permite ter uma visão aproximada dessa relativa especificidade e, também, vislumbrar a sua significativa riqueza.

No que diz respeito aos livros e manuscritos que não foram levados para a Fazenda de Aveiro e desta para a BN ou para o Arquivo da Universidade de Coimbra, foi graças às pessoas envolvidas (ainda que com distintos níveis de dedicação⁹⁴) na RIRSMA e ao empenho (muitas vezes pessoal) que os seus responsáveis colocaram, ao longo dos tempos, na sua defesa e preservação nos espaços para que foram adquiridas ou recebidas que foi possível manter no mosteiro, sem significativa «unidade» tipológica, mas com controlada

91 No caso da documentação medieval do mosteiro de Arouca, vejam-se, em especial, os estudos fundamentais e incontornáveis de Coelho, 1988 e Rêpas 2003 e 2023.

92 Ribeiro, 2008: esp. 21-31. Veja-se também Barata, 2003 e 2011.

93 Veja-se *infra* Anexo IV – A e B.

94 Veiga, 2005: esp. 39-144.

dispersão – mesmo admitindo uma menor sensibilidade, por vezes, ao acervo documental (impresso e manuscrito) e, segundo alguns estudiosos, possíveis furtos⁹⁵ –, grande parte do património artístico e documental, nomeadamente os livros que as monjas foram adquirindo por diversas vias, ou acolhendo, recebendo e guardando, assim como manuscritos que foram encomendando ou produzindo para as finalidades litúrgicas, espirituais, devocionais, afetivas, patrimoniais ou outras.

3.4. Como se sugeriu atrás, essa salvaguarda patrimonial e a sua organização beneficiaram de outro facto determinante: a referida institucionalização, em 1934, do «Museu de Arte Sacra» pela RIRSMA, com a atribuição de espaços próprios do Mosteiro e subsequente exposição pública⁹⁶. Pesem embora as inevitáveis marcas da passagem do Tempo – esse velho alado que vai ceifando o vigor da vida, seja ela física ou cultural, quando a renovação vital não está incorporada –, este museu manteve-se, no essencial, inalterado até muito recentemente, apesar da escassez de meios humanos e materiais que foram dificultando o necessário tratamento preventivo ou, mesmo, de restauro de grande número de relevantes peças artísticas e de mobiliário. Por sua vez, a «livraria» beneficiou da sua manutenção e guarda nos espaços abrangidos pela área do Museu e cedidos à RIRSMA, assim como da decisão desta de facultar ao Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, sediado na Universidade Nova de Lisboa (CESEM-UNL), no âmbito de um projeto financiado pela FCG para inventariação, higienização e digitalização dos manuscritos e livros medievais, nomeadamente antifonários, leccionários e outros códices⁹⁷, também o acesso ao conjunto dos livros impressos para inventariação e necessária higienização, com subsequente acondicionamento em estantes específicas da Biblioteca D. Domingos de Pinho Brandão (tutelada pela RIRSMA). Graças a este projeto, iniciado em 2015 e concluído em 2016, o inventário dos livros iluminados, antifonários e livros impressos, assim como algumas digitalizações, estão hoje classificados e acessíveis digitalmente⁹⁸.

95 Veiga, 2005: 166-168.

96 AA.VV. *O Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca*, 2003: 57.

97 Para uma síntese do projeto, suas vicissitudes e resultados, veja-se Silva, 2017, esp. 21-38.

98 Este projeto contou com a colaboração da RIRSMA e do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-MD). Inventário dos antifonários e dos livros impressos acessível em linha: <https://cesem.fcsh.unl.pt/2016/10/12/0-acervo-historico-do-mosteiro-de-arouca-recuperacao-e-catalogacao/> – acedido em 3.7.2023.

A manutenção destes importantes bens móveis na mesma estrutura patrimonial – o Mosteiro – que lhe deu vida, vivências, usos, significados e memória(s) faz deste acervo museológico e documental um recurso histórico-cultural que requer olhares e abordagens que tenham e consideração essa especificidade. Porque o contexto lhe preserva (os/muitos) sentidos. Espera-se, naturalmente, que a modernização programada pela gestão tripartida traga revalorização, conhecimento e dignificação daquele património, sem perda dos seus significados histórico-culturais e sem consequente desvalorização dos sentidos que emergem das suas dimensões históricas, simbólicas, espirituais e culturais.

4. O parcial desmembramento desta «livraria monástica» e do seu «cartório»

4.1. Apesar dessa protegida «guarda e administração», desde 1886-1887, nem toda a documentação e nem todo o restante património cultural e religioso foram, anterior ou posteriormente a esta data, mantidos de forma integral no mosteiro.

No que diz respeito aos livros e manuscritos, como sucedeu com todas as outras bibliotecas e cartórios monásticos, também este acervo não escapou ao parcial desmembramento ao longo do – e no final do – século XIX, em resultado, por um lado, da recolha de documentos históricos a mando da Academia Real das Ciências nos meados do século XIX e do arresto de diversos bens pela Fazenda do distrito no seu ocaso e inícios do século XX, mas também, ainda durante a vigência do mosteiro, do efeito inevitável da diminuição drástica dos recursos para subsistência das monjas e da proibição de novos noviciados após 1834. É bem conhecida, por exemplo, a história do «definhamento» e agonia das “freiras” do mosteiro de Lorvão (“irmão”, sob muitos aspetos, do de Arouca), que chocou Alexandre Herculano e o levou a escrever a António de Serpa Pimentel a célebre carta, publicada no jornal *O Portuguez* em 28 de julho de 1853, em que eloquentemente descreve o panorama sofredor das monjas (e criadas) já nesses meados do século. Além de várias observações, nela pede diretamente ao seu amigo que, para perceber a importância de por elas interceder, imagine o que ele viu: as suas «faces enrugadas e pálidas, por onde as lágrimas se penduravam quatro a quatro», as suas «vozes convulsas» que «descreviam cenas do longo drama de miséria de que este sepulcro de vivos tem sido teatro durante vinte anos», num

edifício com «janelas mal reparadas», com «pareces verdoengas», com «alfaias roçadas e poídas» e com trajos que lhe provocaram dó. Por isso o exortou a pedir «esmola para as freiras de Lorvão, que foram ricas e felizes na mocidade, e que na velhice têm fome»⁹⁹.

Não temos registos de igual sofrimento das últimas monjas de Arouca, mas diversos factos, nomeadamente a evolução das suas despesas ao longo do século XIX¹⁰⁰ e o pedido de apoio que o Cardeal Bispo D. Américo solicita, na carta já referida e a pedido expresso do «Governo de Sua Magestade», para acolhimento num dos conventos ainda não encerrados das últimas criadas do de Arouca – «decrepitas, pobres e sem família» – e de «algumas meninas do Coro» não sugerem panorama substancialmente diferente (tendo em conta o estatuto social das religiosas)¹⁰¹. Informa na carta dirigida à abadessa do convento de S. Clara no Porto, datada de 17 de Agosto de 1886, que «uma das senhoras D. Julia Candida Saraiva e Melo [...] que foi corista, deseja ser recebida n'este Convento de Santa Clara, e talvez acompanhada de uma sua irmã de 21 anos». Não é difícil imaginar alguma proximidade das situações, pesem embora as origens nobres e o apoio facultado – pelo menos aparentemente – pela população de Arouca ou familiares de algumas das últimas residentes.

4.2. No âmbito do tema que aqui nos ocupa, importa ter em conta que, entre 1834 e 1886, este mosteiro não ficou à margem, por um lado, de algumas medidas de salvaguarda pública (essas louváveis) e, por outro, de algumas apropriações indevidas (públicas ou particulares) ou das consequências das crescentes necessidades das monjas e criadas que lá permaneceram¹⁰². Lembremos de novo que o próprio Cardeal Bispo do Porto, D. Américo Ferreira dos Santos Silva, requereu ao núncio, em 1885, «autorização para que a última monja professa e abadessa [D. Maria José Tovar] pudesse elaborar testamento de alguns bens pessoais, de modo que os mesmos não viessem a ser incorporados na fazenda nacional»¹⁰³. O que sugere tradição de alguma «liberdade» testamentária das monjas, cujo dote era exigente¹⁰⁴. E certamente as seculares ou recolhidas

99 Herculano, 1982: 130.

100 Veja-se a análise dos dados facultados por Ferreira, 1882 por Santos, 2018: esp. 40-45.

101 Cartas de 31 de julho de 1886 e de agosto de 1886 – *infra*, Anexo II, Docs. 8 e 9.

102 Santos, 2018: esp. 41-53.

103 Abreu, 2010: 436-437.

104 Sobre esse dote veja-se «As freiras de Arouca». In *O Conimbricense*», nº 3948 (23 de junho de 1885).

que terão deixado o mosteiro quando se previa o seu irreversível desfecho terão também levado objetos pessoais que faziam parte do seu dote ou dos seus bens... Além da dispersão de mobiliário e de variados tipos de alfaias¹⁰⁵, muita documentação – especialmente pergaminhos e diversos livros valiosos, nomeadamente manuscritos, de que são exemplo o próprio testamento de D. Mafalda¹⁰⁶ e um «missal com iluminuras» que adiante se descreve¹⁰⁷ – foi sendo feita recolhida para diversas instituições: além da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional, da Fazenda de Aveiro e do Arquivo da Universidade de Coimbra, o próprio Museu Nacional de Belas Artes terá, segundo Pedro Vitorino, «escolhido diversas peças no convento de Arouca»¹⁰⁸. E a dispersão «por casas particulares» foi há muito genericamente evocada, ainda que não suficientemente concretizada, por vários estudiosos¹⁰⁹. Igualmente reveladora do ambiente que se vivia localmente (evidenciando desvalorização ou desconhecimento dos seus significados culturais e patrimoniais – ou de que só alguns tinham consciência...) – é a denúncia que deixou registada Rocha Madahil¹¹⁰ sobre usos de documentos do mosteiro, para «embrulhos ao balcão», nas mercearias de Arouca, assim como de «muitíssimos mais que se extraviaram, alguns dos quais vieram a ser recolhidos por particulares [...], quasi todos, cadernos de cópias feitas no século XVIII [...]» que, apesar de tudo, «suprem a falta dos documentos originais». Muitos deles estavam, «desde 1929 [...] por herança», na posse do próprio Rocha Madahil¹¹¹. Como bem notou Maria da Luz Marques, essa dispersão, apesar do rico acervo que ainda se conserva, não permite aferir toda a «riqueza que seria de esperar do Património de um Mosteiro com uma história tão marcante»¹¹². E também os que, em 1944, segundo Rocha Madahil, ainda se encontravam na Direção Das Finanças de Aveiro, além de «muitíssimos mais, que se

105 Nomeadamente os dois cálices de prata dourada com patena, dos séculos XV-XVI, hoje posse do Museu da Misericórdia do Porto – fotografados por Teófilo Rego nos anos 60, visíveis em <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/315230/> (acedido em 30 de junho de 2023), assim como as alfaias que foram oferecidas ao Bispo de Damão (*infra*, Anexo II).

106 Estudado e reproduzido por Coelho, 2005: 77-85.

107 *Infra*, p. 39 e nota 130.

108 Vitorino, 1937: 12.

109 Madahil, 1938: 330; Fernandes, 2002: 162-5; Marques, 2003: 101; Veiga, 2005: esp. 34-37.

110 Madahil, 1938: 123: «em 1937 tomámos nota da existência de bastantes códices de lá no Arquivo da Direcção de Finanças, em Aveiro». Atualmente no ANTI.

111 Madahil, 1938: 330-331.

112 Marques, 2003: 101.

extraviaram»¹¹³. A verdade é que a posse privada, ainda hoje, de manuscritos que certamente têm a sua origem no mosteiro sugere o seu «descaminho» na época¹¹⁴. Estranhamente – ou não? – são muito poucos os livros impressos que constam dos inventários de bens recolhidos a que me foi possível aceder¹¹⁵, porque a recolha da documentação incidiu, sobretudo, sobre os pergaminhos ou manuscritos medievais ou aqueles cujos conteúdos eram relevantes do ponto de vista económico, fiscal e patrimonial – como, aliás, sucedia com o «espólio manuscrito dos conventos femininos extintos no final do século XIX»¹¹⁶.

4.3. Naturalmente, dever-se-á ter em conta que não só a memória monástica se ia esbatendo, já que o desaparecimento das monjas e o enfraquecimento político e social das suas redes familiares ajudaram, naturalmente, ao esquecimento, mas também que, após 1910, o novo regime e o novo ambiente político iam, naturalmente, relegando, na mentalidade coletiva de Arouca e do país, para o velho regime monárquico do passado os modelos monacais – e os cistercienses em particular – e, conseqüentemente, todos os elementos culturais e simbólicos que o haviam acompanhado ao longo da história. Assim foram sendo desvalorizados, sob vários prismas, os testemunhos de tempos volvidos, enquanto se pensava que os testemunhos do passado eram tão insignificantes ou desvalorizáveis quanto a lembrança ou a imagem recente que deles restava. Os modelos culturais tinham-se alterado e não mais os anteriores recuperariam o seu anterior fulgor, nem os sentidos e os propósitos que os haviam motivado ou alimentado, nem os objetos que a eles estavam intimamente ligados. Só algumas sensibilidades e conhecimentos individuais nessa época e a mais recente recuperação progressiva da consciência patrimonial e do valor da memória coletiva têm permitido revalorizar culturalmente e divulgar muitos desses «papeis» que a insensibilidade ou incompreensão cultural e patrimonial desvalorizava ou destruía.

113 Madahil, 1938: 330.

114 Além dos que foram recolhidos pelo referido abade aposentado de Miragaia – que felizmente os legou à BPMP –, alguns documentos originais ou cópias que serviram de base a diversos estudos são disso prova suficiente, como é presumivelmente o caso do ms. da *Bemaventurada Vida e Gloriosa Morte de Santa Rainha Maphalda Reedificadora, Reformadora e Dotadora do seu Real Convento de Arouca*, elaborado por D. M. D. I em 1676, estudado e divulgado por Rocha, 1998/99: 113-125.

115 Veja-se *infra* Anexos III e IV-A e B.

116 Barata, 2011: esp. p. 136-137.

5. Dispersão e salvaguarda documental por vias oficiais

5.1. Como também é sabido¹¹⁷, em 1854 – quando viviam ainda, pelo menos, duas monjas professoras (Maria José Tovar e Ana Guilhermina Carvalhais, esta falecida em 1885), algumas senhoras recolhidas, várias criadas e meninas de coro¹¹⁸ –, Alexandre Herculano também visitou o mosteiro de Arouca no âmbito das suas visitas a cartórios de sés, de colegiadas, de mosteiros e de conventos do Norte de Portugal. Nele foi recebido, no dia 21 de julho de 1854, «depois de anoitecer», pel' «o Padre confessor, o Padre Procurador e o Padre Capelão», que designou de «trindade distinta por caracteres antinómicos». Aí visitou, nos dias 22 e 23, «o mosteiro: as freiras: a igreja e interior», fez o «exame do arquivo» e deixou notas sobre «os quadros melhores na capella mor», a «magnificência do coro» (ainda que considerando «o de Lorvão superior menos em órgão») e sobre «Pinturas que parecem anti-quíssimas nos dormitórios»¹¹⁹. Curiosamente diz dormitórios e não celas. Na sequência dessa deslocação a Arouca, a que se seguiu a ordem dada por uma Portaria expedida pelo Bispo de Lamego em 11 de setembro de 1857, em que este ordenava que fossem entregues «quantos documentos os emissários da Academia das Ciências escolhessem»¹²⁰, esta Academia enviou a Arouca o comissário Augusto Soromenho, que do convento levou para Lisboa, de acordo com os documentos consultados por Rocha Madahil, «664 pergaminhos preciosos abrangendo o período que vai da Era de 921 (A.D. 883) até à de 1317 (A.D. 1279). Estes pergaminhos incluíam 39 Bulas originais, o «testamento de D. Mafalda encadernado em marroquim, metido numa bolsa de seda»¹²¹, etc., – guardados hoje no ANTT. Muitos destes documentos foram, como é sabido, estudados por diversos investigadores, em especial por Maria Helena da Cruz Coelho e por Luís Miguel Rêpas, mas também por Manuel Joaquim Moreira da Rocha, por Nelson Correia Borges, por Afonso Veiga, entre outros¹²². Dessa entrega conhece-se o recibo que assinou, em duplicado, Augusto Soromenho em 1 de maio desse ano, como há já mais de sete décadas mostrou Rocha Madahil (secundado por Simões Junior) num conjunto

117 Veja-se a síntese de Rêpas, 1998, 539-586.

118 Santos, 2018: esp. 51.

119 Herculano, 1914: 425-426.

120 Madahil, 1938 (IV): 121-130.

121 Madahil, 1938 (vol. IV): 123.

122 Coelho, 1988; Rêpas, 2003; Rocha, 2009; Borges, 2009; Veiga, 2013.

de artigos sobre o «Cartório do Mosteiro de Arouca» que publicou entre 1944 e 1948 no *Arquivo Distrital de Aveiro*, onde diz possuir «duplicado dessa relação de documentos»¹²³. Esta informação foi retomada por Simões Junior no conjunto de artigos publicados pela *Defesa de Arouca*, em particular nos seus nº DI e DII, em 6.4.2001 e 12.4.2001, intitulado: «Alexandre Herculano visita o cartório do Real Mosteiro de Arouca»¹²⁴, e posteriormente pelos investigadores que têm publicado estudos sobre este mosteiro¹²⁵. Por estarem globalmente estudados e não incluírem, tanto quanto se sabe, impressos, deles me não ocuparei, mas importa tê-lo em conta.

5.2. Mas não terminou então o desmembramento do Cartório do Mosteiro. Mais tarde, em 4 de abril de 1894 – já extinto o mosteiro, mas com a RIRSM criada e responsável pela «guarda e administração» do património nele conservado –, foram recolhidos por Lino da Assunção na Repartição da Fazenda do Distrito de Aveiro, perante o Delegado do Tesouro do Distrito, Miguel Pereira da Araújo e por ordem da Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, diversos livros e documentos manuscritos, descritos na relação que se guarda na BNP¹²⁶. Rocha Madahil publicou já parte do inventário efetuado em 1896, mas, estranhamente (ou não?), omitiu as referências aos livros impressos¹²⁷. Estudos posteriores também os ignoraram. Remeteu ainda para o *Roteiro* do ANTT publicado pelo Dr. Mesquita de Figueiredo, em que são referidos¹²⁸ «222 livros, 9 maços e 65 sacos com pergaminhos» do mosteiro de Arouca recolhidos da «Biblioteca Nacional em 1912» – inventário que Madahil não viu –, e para «muitos outros documentos [que] se encontram ainda na Direcção das

123 *Defesa de Arouca*, DII (12.4.2001), em que se transcreve o texto do «recibo» de Augusto Soromenho, autógrafa: «A Ex.ma Snr^a D. Liberata Emília de Meneses Athaide e Vasconcelos, D. Abadessa do Real Mosteiro de Arouca. Recebi os documentos constantes da Relação retro, exceptuando o doc. nº 6, do Maço 9, da Gaveta 3^a; o doc. nº 8, do Maço 7, da Gaveta 5^a; o doc. Nº 9, do Maço 9, da Gaveta 5^a e o doc. Nº 27, do Maço 5, da Gav. 7^a que não apareceram no Cartório. Mosteiro de Arouca, 1 de Maio de 1858. Augusto Soromenho, Comissário da Academia das Ciências de Lisboa».

124 Simões Junior, *Defesa de Arouca – Arouca, Subsídios...*, nº DII: «De Arouca foram arrebanhados para Lisboa 664 pergaminhos preciosos...», entre os quais seguiram «39 Bulas originais, o testamento de D. Mafalda... etc», assim como um «magnífico cartulário mandado escrever pela D. Abadessa, D. Maior Martins, de 87 folhas de pergaminho».

125 Síntese em Répas, 1998: esp. 541-543.

126 *Infra*, Anexo IV – A e B. Documentos hoje guardados no ANTT.

127 Madahil, 1944-48, vol. X: 37-50.

128 Figueiredo, 1922: 57.

Finanças de Aveiro»¹²⁹. Simões Junior refere ainda a visita de Lino da Assunção ao Cartório, de onde levou «livros e documentos para a Biblioteca Pública de Lisboa», incluindo um «Missal, em pergaminho, com letras iluminadas a cores e ouro, que devia ter estampas de página, que lhe foram arrancadas, julgando por certos indícios ter sido escrito antes de 1239»¹³⁰.

Em 1944, também segundo Rocha Madahil, guardavam-se «ainda» «bastantes códices» no arquivo daquela direção de Finanças¹³¹. Já anteriormente, de acordo com uma relação manuscrita ainda não localizada, mas referida por Rocha Madahil, José Manuel da Costa teria levado outros livros (presumivelmente manuscritos) para a Torre do Tombo, além de «muitíssimos mais que se extraviaram»¹³². Lamentavelmente, não concretiza exemplares nem localizações precisas desses «extravios». Refiro estas informações porque, entre os «livros» que foram sendo levados – pelo que se recolhe dos inventários a que pude aceder – seguiam também alguns impressos, como o mostra a listagem publicada no Anexo IV – A e B. E algumas ausências suscitam dúvidas. Eventualmente, alguns poderão ter-se perdido nos violentos e impressionantes incêndios, nomeadamente o de 1925¹³³ ...

6. Os avanços da investigação e os seus frutos

6.1. Em 2004 – há apenas 19 anos –, Aires A. do Nascimento estranhava, ao tempo com especial pertinência, o desinteresse que parecia pairar sobre os livros manuscritos medievais (em especial os antifonários, lecionários) existentes no mosteiro de Arouca, apesar do reconhecimento internacional do seu valor e interesse cultural – obviamente, também patrimonial – que lhes haviam dado prestigiados investigadores estrangeiros, como D. Jean Leclercq¹³⁴, Solange Corbin¹³⁵

129 Simões Junior, 2001: DII – 12.4.2001.

130 Possivelmente um dos missais referidos na «Relação» transcrita *infra*, Anexo IV – A, nºs 2, 3 ou 4.

131 Madahil, 1938: 123. Parte, pelo menos, terá seguido para o Ministério das Finanças e deste para o ANTT.

132 Madahil, 1938: 330

133 Vitorino, 1936: 169-171.

134 Leclercq, 1950: 131-139.

135 Corbin, 1952: esp. 159-161, que considerou o seu conjunto como «l'ensemble le plus riche de livres anciens que nous connaissons au Portugal».

e Andrew Hughes¹³⁶, assim como diversos estudiosos portugueses, como Manuel Joaquim no seu estudo sobre o *Colectário de Arouca*¹³⁷, ou as organizadoras de uma pequena exposição de cinco antifonários de que foi feito um catálogo, ou Nogueira Gonçalves no *Inventário artístico de Portugal – Distrito de Aveiro*, ainda que, segundo Aires do Nascimento, este último «sem outra intenção que a de fornecer informações breves da existência de ‘Livros Litúrgicos’» e fundamentalmente para apontar que «os volumes constituem fonte de estudo do formulário litúrgico cisterciense e da evolução do canto eclesiástico»¹³⁸.

Atualmente a situação é já bastante diferente, graças não só a diversos outros estudos entretanto produzidos sobre o Mosteiro¹³⁹ (ainda que nenhum especificamente sobre a vasta «biblioteca», e muito poucos sobre o «Cartório» no seu todo¹⁴⁰), mas também, e sobretudo, ao trabalho de inventariação dos livros e da digitalização de manuscritos musicais (antifonários, saltérios, graduais..), levado a cabo pelo CESEM, como acima referido.

Apesar do trabalho meritório e da acessibilidade deste inventário, até ao momento o conjunto de livros impressos conservados no mosteiro de Arouca não foi, tanto quanto me é dado saber, objeto de qualquer estudo. É sobre ele, a partir da consulta direta dos exemplares «à guarda» da RIRSMA, que incidirá a presente apresentação e análise, com que se espera contribuir para um melhor conhecimento do lugar da cultura escrita, das leituras e da vida espiritual desta comunidade feminina cisterciense.

Deste modo, o estudo que aqui se apresenta pretende não só realçar, em primeiro lugar, as características especiais, ou mesmo únicas, deste acervo, como também a relevância das diversas componentes desta «livraria monástica» – a que materialmente podemos analisar –, que vão muito para além dos seus raros e valiosos antifonários, assim como de muitos livros manuscritos oficialmente levados para Lisboa, Aveiro e Coimbra, como já referido.

Se é verdade que, sobretudo a partir de meados do século XX¹⁴¹, os antifonários e lecionários têm sido, pela sua raridade e qualidade, merecidamente

136 Hughes, 1975: 369-384.

137 Joaquim, 1957: 413-481.

138 Nascimento, 2004: 1041-1042.

139 Realce especial para dois estudos abrangentes e, nessa perspetiva, pioneiros, um focado no período medieval (Coelho, 1988), outro na Época Moderna (Rocha, 2009), sem esquecer estudos mais específicos constantes das notas e da bibliografia no final deste estudo.

140 Esp. Madahil, 1938 e Rêpas 1998.

141 Veja-se a síntese bibliográfica em Ferreira & Fortu, 2009, p. 43-44 e 50-51.

os mais valorizados em alguma bibliografia – sobretudo a que incide sobre práticas musicais monásticas¹⁴² – já a diversificada «literatura de espiritualidade» e a «literatura doutrinária e moral», que incluem diversos subgéneros – nomeadamente, textos doutrinários, obras de espiritualidade e de prática litúrgica, tratados e guias de oração, hagiografias, etc. – trazem luzes adicionais sobre a vida no mosteiro, sobre a rede de relações religiosas e culturais dentro da Ordem de Cister e, inclusive, europeias (nomeadamente, no plano musical¹⁴³, mas não só), que, apesar do muito que tem sido feito, requerem novos estudos e análises.

6.2. Neste enquadramento, e não esquecendo nem desvalorizando a especificidade ou a importância dos manuscritos – que, como vimos, têm merecido relevantes estudos –, procurar-se-á neste estudo focar apenas as obras impressas e dar a conhecer mais extensamente o conjunto das diversas tipologias de «livros» existentes no Mosteiro de Arouca. Esses livros, tendo sido adquiridos – ou levados – para este concreto espaço religioso, tiveram motivos ou finalidades que importa conhecer melhor, para se recuperarem sentidos, sentimentos ou significados culturais e espirituais da vida conventual nessas terras de Arouca “protegidas” pelo «corpo» e pela «santidade» da Rainha Mafalda, pelo peso da devoção e adoração a esta Santa¹⁴⁴. Através do seu melhor conhecimento e análise, da promoção da confrontação com inventários de outras bibliotecas – em trabalhos futuros –, esta «livraria» construída na Época Moderna, mas herdeira de um rico cartório medieval, pode abrir caminhos para uma melhor compreensão do papel – e consequente valorização da complexidade – da cultura escrita nos modelos, no pensamento, nas vivências ou nos modos de vida religiosa deste mosteiro cisterciense feminino. Pode também – espera-se – contribuir para o reforço da compreensão do lugar do seu património documental, dos seus diálogos culturais e religiosos, não só nacionais como também internacionais. E, consequentemente, o seu lugar no – e as luzes que pode trazer ao – conjunto do rico «património cultural» que não se resume, apesar dos seus méritos, ao que tem sido o «Museu de Arte Sacra» ou, na designação atual, ao que se vai diluindo no edifício «Mosteiro de Arouca».

142 Carvalho, 2012 e Ferreira, 2015: 35-39.

143 Rocha, 2009: 25.

144 Coelho, 2005: 13-49.

6.3. Deste modo, conhecendo melhor a cultura escrita e o acervo documental do Mosteiro – embora aqui centrado apenas nos seus livros impressos –, pretende-se igualmente reduzir preconceitos e abrir caminho para uma maior valorização, por um lado, do carácter dialogante com o património artístico, litúrgico e arquitetónico deste mosteiro e, por outro, do próprio carácter especial deste cenóbio cisterciense e da história centenária que ele ainda guarda. Nele se abarca o que genericamente se designa de «literatura de espiritualidade» – não ignorando a especificidade da espiritualidade litúrgica, nomeadamente a filiada no pensamento e regra de S. Bento¹⁴⁵ –, que enquadra o pensamento e as vivências religiosas, nela incluindo todos os textos relacionados com a vida devocional, espiritual e moral: aquela que em regra diz respeito a dimensões menos tangíveis ou mensuráveis do comportamento religioso e espiritual das monjas. Este facto é tanto mais relevante quanto a já realçada preservação pela RIRSMA, até hoje, nos espaços do mosteiro de grande parte do seu património artístico e cultural nos permite visualizar – não só conjeturar sobre – muitos dos exemplares concretos (artísticos ou documentais) que aí estavam durante os diversos tempos da vida monacal: no caso dos impressos, entre os finais de Quatrocentos e 1886. Ao contrário do que sucedeu no século XIX em tantas outras bibliotecas conventuais, masculinas e femininas, os livros desta (ou grande parte delas) não foram distribuídos por outras bibliotecas públicas ou privadas do país¹⁴⁶. Pelo contrário, foram aí preservadas – além das recolhidas e catalogadas nos organismos públicos, em especial na BNP – e estão hoje confirmados, materialmente, mais de três centenas de livros impressos que guardam significativas marcas do seu uso e, por vezes, do afeto com que foram manuseados. Este facto permite ultrapassar muitas das questões que o estudo de outras bibliotecas monásticas coloca, em especial as que dizem respeito à correta identificação dos livros e ao seu estado de manuseamento, às marcas de posse ou de uso. Esta diferenciação é importante, porque, como veremos, muitos exemplares foram usados por distintos/as religiosos/as da ou na comunidade monástica. Coloca, naturalmente, outras questões. Mas, ao mesmo tempo, pode – assim espero – realçar a riqueza patrimonial e reforçar os significados culturais da multiplicidade de tempos históricos e de vivências espirituais que hoje só vamos tentando reconstituir, quando não só mesmo evocar ou imaginar...

145 Vagaggini, 1965: esp. 606-695.

146 Barata, 2003: esp. 185-214.

7. O património documental atualmente preservado no Mosteiro de Arouca

7.1. Apesar do privilégio, resultante da situação claramente incomum, que é podermos hoje ainda aceder localmente aos livros concretos que se mantiveram no mosteiro – neles incluídos múltiplos exemplares de breviários, sobretudo do século XVIII, uma vez que, pelo menos nessa centúria, constavam do dote para entrada no mosteiro¹⁴⁷ –, o seu estudo não é tarefa tão fácil como poderia parecer, porque, paradoxalmente, além de não termos inventários completos (conhecidos) do tempo da vida do Mosteiro, também não temos outros inventários anteriores à morte da última monja que nos deem conta do que, de facto, pertencia ao que designamos de «livraria» do mosteiro e do que também pode ter sido incorporado nos últimos anos antes – e até depois – do seu «fecho monacal». Pelo facto de este mosteiro estar isento do envio de inventário para a Real Mesa Censória e de, como todos os restantes mosteiros e conventos femininos, se ter mantido em funcionamento até à morte da última monja e abadessa em 1886, também não existe inventário do período da exclausuração, como sucede para grande parte dos mosteiros e conventos masculinos – como bem o mostra a já referida *Clavis Bibliothecarum*¹⁴⁸. Ainda assim, diversos mosteiros e conventos femininos, por não terem tido estruturas de «guarda e administração» do património móvel como o de Arouca, dispõem hoje de inventários feitos aquando da morte da última monja/freira, guardados na BNP ou em outras bibliotecas públicas, como é o caso das Concepcionistas de Braga, objeto de estudo por José Adriano de Carvalho¹⁴⁹.

E como sucede com outros mosteiros e conventos, tampouco temos dados (pelo menos até hoje identificados) que permitam saber as datas das compras/entradas dos livros no mosteiro, ou os que transitoriamente aí estiveram trazidos por monges (incluindo confesores, visitantes, pregadores, diretores de consciência¹⁵⁰) de outros mosteiros cistercienses, por pregadores

147 O dote incluía necessariamente um breviário e livro de horas (cf. *O Conimbricense*, nº 3948, 26 de junho de 1885, transcrito por Rocha, 2011: 141-142, retomado por Veiga, 2013: 18-19).

148 Giurgevich & Leitão, 2016.

149 Carvalho, 2023 (no prelo).

150 Sobre a importância dos diretores de consciência na orientação das leituras, veja-se Carvalho, 1997: 7-56.

e capelães de outras ordens religiosas ou, mesmo, por clérigos que aí desempenharam funções litúrgicas ou de administração¹⁵¹. Futuros estudos aturados sobre os diversos manuscritos (guardados nos arquivos públicos ou no próprio mosteiro de Arouca) que incluem pagamentos das monjas poderão vir a facultar informações relevantes relativamente a esta componente da vida monacal (aqui fica o desafio a outros investigadores).

7.2. Além disso, sendo um mosteiro feminino e tendo o seu cartório, não dispunha de *scriptorium*, nem, tanto quanto se sabe, um espaço designado de «livraria» e por isso nem sequer sabemos, com exatidão, onde se guardavam os manuscritos (livros ou cadernos) nos séculos passados. Ainda que as «gavetas» referidas por Augusto Soromenho na carta enviada à Abadessa D. Liberta Emília (acima transcrita) e os armários, arcas ou estantes¹⁵² de onde foram retirados para a nova catalogação pelo CESEM se situassem em salas reservadas à RIRSMA ou, alguns, nos armários do coro alto, como desde finais do século XIX houve diversas «apropriações» do espaço monástico e até um violento incêndio que deflagrou na noite de 20 para 21 de outubro de 1935 na ala norte do mosteiro, nada nos garante que aqueles fossem, desde a construção do atual edifício a partir do século XVIII, os habituais espaços de uma parte significativa das obras impressas, nomeadamente as de «literatura de espiritualidade» não estritamente litúrgica e de coro. E muito menos saberemos quais se guardavam nas celas. Existem referências vagas a «gavetas» e «caixas», mas, até ao momento, não temos qualquer outro dado seguro, porque à «livraria» nunca foi dedicada a mesma atenção que se deu, no século XX, ao «Museu de Arte Sacra»¹⁵³, ou a outros acervos ou facetas da história do mosteiro.

Neste caso, e ao contrário de outras situações em que dispomos do inventário dos séculos XVIII ou XIX, embora não dos livros que lhe correspondem, temos muitos dos – não todos os – livros, mas falta-nos um inventário efetuado nos séculos XVIII ou XIX em que seja identificada ou sugerida a ordenação e o(s) local(is) em que estariam parte dos livros (em particular os que estavam à guarda abadessa, da mestra de noviças ou da cantora-mor). É legítimo pensar

151 Veiga, 2020: 127-135.

152 As anteriores cotas foram (discutivelmente) alteradas, no âmbito do referido projeto.

153 Simões Junior, a quem se devem interessantes crónicas periódicas sobre o mosteiro, nunca se lhe refere como tal, ainda que tenha valorizado e divulgado diversas fontes manuscritas.

que, pelo menos, o breviário estaria na cela individual, por ser um objeto que, recebido ou trazido em dote, fazia parte essencial da oração quotidiana. Este facto levanta-nos problemas distintos dos das bibliotecas de que dispomos apenas do inventário, por vezes com o seu valor pecuniário estimado (que aqui, obviamente, não existe, exceto no caso das poucas obras que fizeram parte do citado «Auto de posse»). Mas nem o inventário dos livros atualmente no mosteiro (Anexo I), nem o dos «livros e manuscritos» do Mosteiro de Arouca feito pela IGBA (Anexo IV – A e B) permitem deduzir qualquer ordem classificatória definida ou usada no mosteiro, como as que se iam propondo nos séculos XVII e XVIII para bibliotecas nobres e que, em Portugal, acabaram por influenciar os critérios do Edital da Real Mesa Censória¹⁵⁴.

7.3. Mas a grande vantagem desta «livraria» reside no facto de, ao contrário das que conhecemos apenas por catálogo ou por identificação da proveniência de alguns livros, podermos identificar com rigor os livros, as respetivas edições, os exemplares concretos, o seu estado de conservação ou, mesmo, manuseamento, assim como algumas «posses» ou «usos» concretos, como adiante se verá – ao contrário dos «livros das bibliotecas conventuais integrados na Biblioteca Nacional [que] não foram mantidos juntos»¹⁵⁵.

Relativamente aos livros impressos constantes dos diversos inventários, é legítimo supor que não correspondem à totalidade dos que existiam quando faleceu a última monja e abadessa nem, muito menos, aos que existiram no quotidiano daquela comunidade cisterciense feminina, sobretudo depois do início da construção deste edifício no século XVIII. Em compensação, temos dados preciosos sobre usos e valorizações de muitos daqueles livros por várias monjas, como adiante se exemplificará e as notas aos diversos volumes, na edição do catálogo, o evidenciará (Anexos I e V).

Deste modo, a história dos bens que na data da morte de D. Maria José Tovar e Meneses (1886) ainda se guardavam no mosteiro – incluindo documentos do cartório e da «livraria» – é particularmente interessante, não só pelos seus significados próprios ou intrínsecos, mas também pela referida diferença relativamente à totalidade dos outros mosteiros e conventos femininos que assistiram à irreparável dispersão de todo ou quase todo o seu património móvel, material e imaterial, incluindo o literário e espiritual.

154 Marques, 1963 e Campos, 2015: 145-185.

155 Campos, 2015: 21.

8. Entrando na «livraria monástica cisterciense» de Arouca

8.1. A primeira visão de conjunto desta «livraria» deixa bem patente um conjunto interessante e sugestivo – ainda que incompleto – dos livros que lá se foram usando, lendo e mantendo ao longo dos tempos. Os seus usos monásticos – pelo menos de parte deles, como adiante se verá – eram relativamente controlados e dependentes da cadência diária da vida religiosa individual e coletiva, das práticas litúrgicas e devocionais, sobretudo de coro. O número de obras expressamente dedicadas às práticas litúrgicas, incluindo música e canto polifónico – livros de coro, breviários, missais, processionais, ofícios, lecionários –, confirmam-no inequivocamente, como era, aliás, expectável numa comunidade cisterciense como esta¹⁵⁶. Mas alguns deles – sobretudo os de «literatura de espiritualidade» não estritamente litúrgica – tinham provavelmente o controlo mais direto da abadessa e da mestra de noviças (como algumas marcas de posse sugerem ou comprovam, como veremos). Convém lembrar que o cargo de mestra de noviças tinha «importância vital» – para usar as palavras de María Dolores Pérez Baltasar – uma vez que essas religiosas «no solo eran las encargadas de enseñar a las novicias las reglas, las normas o el funcionamiento interno del convento, sino también se ocupaban de su formación espiritual y cultural. La doncella que ingresaba en un convento era considerada como una tabla rasa y como blanda cera, que la maestra debía moldear»¹⁵⁷. Por isso a mestra de noviças «devia ser escolhida entre as ‘mais virtuosas, prudentes e zelosas que houver no convento, de boa saúde e forças’, e era normalmente considerada a terceira figura na hierarquia das responsáveis do convento»¹⁵⁸.

Para se compreender com maior rigor possíveis significados da presença de muitas obras nesta «livraria», muito há ainda a aprofundar sobre este mosteiro e sua especificidade, mesmo partindo do que já se conhece, quer para a Idade Média¹⁵⁹, quer para a Moderna¹⁶⁰: sobre a rede de relações que,

156 Rocha, 2009: esp. 21-25, em que realça a importância da cantor-mor e das organistas, em número «notável» no século XVIII. Sobre a importância da relação liturgia e prática musical nos mosteiros cistercienses, em particular no de S. Bento de Cástris, Évora, ver Conde & Lalanda, 2017, esp. 128-135.

157 Pérez Baltasar, 1998: 132.

158 Caldeira, 2021: 26, sem indicação da fonte.

159 Esp. Coelho, 1988 e Rêpas 2003.

160 Rocha, 2014; Veiga, 2020.

por via direta, ou pelos «Padres» (capelães, confessores, pregadores, visitadores) que a supervisionavam, mantinha com outras casas da Ordem na a Época Moderna até aos alvares do Liberalismo; sobre os critérios (estabelecidos ou não formalmente) em distintas épocas para as entradas das noviças; sobre os perfis sociais e culturais, minimamente comprovados, das diferentes «donzelas» que ingressavam neste mosteiro e não apenas de algumas; sobre os modos como eram articuladas as práticas religiosas e devotas com a gestão dos poderes familiares e das necessidades fundiárias e patrimoniais. Pela documentação conhecida e estudos publicados até ao momento sobre a Época Moderna, conhecem-se sobretudo nomes e origens sociais de monjas dos séculos XVIII-XIX, na sua maioria proveniente da alta e média nobreza de Entre Douro e Minho, de Trás-os-Montes, do Porto, das Beiras¹⁶¹, algumas de Arouca¹⁶², algumas do centro do país, nesse mesmo século que viu erguer-se o atual e imponente edifício. As redes familiares são notórias, por vezes com várias irmãs, tias e primas a conviverem coetaneamente neste mesmo mosteiro¹⁶³. Desconhecemos, contudo, qual o seu nível de literacia – assim como de senhoras leigas aqui «recolhidas», e mesmo de algumas criadas e de «meninas de coro» ou educandas –, qual o modo como se concretizava de facto o modelo de noviciado e quais os reais ou efetivos limites da clausura das monjas, para além do que nos dizem as constituições da Ordem ou do que alguns documentos manuscritos foram registando ou referindo¹⁶⁴. Alguns aspetos da «biblioteca» – nomeadamente a marca de posse ou uso de alguns livros – facultam dados interessantes e permitem que se coloquem novas questões à riqueza patrimonial e cultural deste mosteiro. E as questões são muitas ...

161 Rocha, 2011: esp. 84-97 e 145-149, com base sobretudo do *Livro das relligiozas que profissão neste Mosteiro de Arouca*, Ms 1325 da BPMP, abrangendo os anos entre 1717 e 1831, no *Livro das Sepulturas do Claustro e Capitulo que tiveram principio no anno de 1787*, Ms. 1327 da BPMP e vários outros documentos ms. do ANTT. Os dados sobre a origem social e geográfica foram aprofundados por Veiga, 2013: esp. 28-131.

162 Rocha, 2011: 84 mostrou que, nos 114 anos recenseados (a partir do ms. 1325 da BPMP), entraram 194 noviças, mas apenas 11 eram de Arouca.

163 Veiga, 2013, *passim*.

164 Rocha, 2011:139-158.

II. A «Livraria» do Mosteiro de Arouca

1. Múltiplos sentidos dos livros impressos guardados nos espaços do Mosteiro

Como se disse atrás, mas importa não perder de vista, não se compreenderá cabalmente esta «livraria monástica», em todos os seus significados, sem o conhecimento das razões e das finalidades da sua incorporação no mosteiro ao longo dos séculos. Como bem acentuou Aires do Nascimento no já citado estudo, «Tão pouco nos é conhecida a história desta biblioteca cisterciense e haverá que recolher elementos de diversa ordem para recuperarmos o sentido da relação mantida com o livro neste mosteiro feminino, pois daí podem derivar mais dados de interesse, nomeadamente quanto ao seu relacionamento com outros centros monásticos»¹. E continua: «Se o seu património temporal merece particular interesse pelo que representou de assento das populações, e se a devoção que as gentes de Arouca dedicam ao seu mosteiro é prova de uma relação muito estreita vivida ao longo de séculos, não poderemos descurar também o sector da biblioteca, por reduzida que esteja em testemunhos, pois eles são a parte mais tangível de uma vida espiritual que eles animaram»².

Não poderia estar mais de acordo com a afirmação deste especialista da cultura medieval, que o é também do Cartório de Alcobaça³. A história da «livraria» cisterciense feminina de Arouca – para que aqui se dão apenas os primeiros passos – pode trazer elementos, se não propriamente novos, pelo

1 Nascimento 2004: 1041-1042.

2 Nascimento 2004: 1041-1042.

3 Esp. Nascimento, 2018.

menos mais objetivados ou fundamentados sobre o uso dos livros impressos numa comunidade religiosa feminina concreta e, no futuro, complexificada comparativamente com outras. Pelo facto de sabermos que estes livros eram – penso que se pode afirmar: maioritariamente – pertença do mosteiro e das suas monjas, temos elementos que permitem aferir com maior segurança os possíveis significados dos interesses e usos locais dos livros e dos possíveis diálogos com o panorama religioso e cultural português, assim como a importância da sua notória inserção epocal em redes nacionais e europeias de mútuas influências. Como bem notou já José Adriano de Carvalho a propósito das bibliotecas conventuais em geral, estas constituíam «levando em linha de conta os leitores a que se destinavam e os que as deviam frequentar, [...] a maior rede de leitura» do país⁴. E nestas, em particular – como diversos estudos têm vindo a mostrar –, as interinfluências que se sustentam na literatura devocional e de espiritualidade (de consumo também, senão sobretudo, feminino)⁵, sem as quais nunca alcançaremos uma visão suficientemente complexa dos fenómenos religiosos e da sua relação com as especificidades da vida monástica ou conventual, e também social, em Portugal, incluindo o pensamento e a cultura – que é também história – deste país.

Consequentemente, o conhecimento mais vasto e profundo desta «livraria monástica cisterciense feminina» continuará a exigir novos ou renovados trabalhos, alguns dos quais necessariamente interdisciplinares. É para essa finalidade que aqui se apresenta este pequeno contributo, esperando que promova ou suscite, junto dos investigadores de várias áreas, interesse, curiosidade, novas leituras e vontade de aprofundar esse conhecimento.

2. Dimensão e importância patrimonial da «livraria» do Mosteiro de Arouca

O estudo que Paulo Barata realizou sobre o conjunto dos inventários realizados por ordem da Real Mesa Censória ou no âmbito da exclausuração levou-o a concluir que «As bibliotecas conventuais femininas eram em geral constituídas por algumas centenas de espécies, raramente ultrapassando o milhar»⁶,

4 Carvalho, 1998: V.

5 Carvalho, 1997 e 2007.

6 Barata, 2011: 132.

incluindo, genericamente, como sucedia em muitas outras «livrarias» monásticas: «livros litúrgicos, «livros de teologia», «livros de Moral», «hagiografias», «biografias de religiosos», «sermonários», «exercícios espirituais», «livros de cantochão», «martirólogos», «vidas de Jesus», «regras, histórias e crónicas das ordens religiosas e dos conventos», e «diversas outras obras sobre temas religiosos»⁷. A «livraria» do mosteiro de Arouca não se diferencia grandemente desta caracterização geral. Também aqui são «Raras – sobretudo por comparação com os seus congéneres masculinos – [...] as obras de temática profana e as que aparecem são obras de ordem prática e de cariz funcional, tais como, por exemplo, a Farmacopeia Geral e a Farmacopeia Lusitana, os livros de Botânica, as colecções de jornais, quase todos portugueses...»⁸. Mas aqui não encontramos «as gramáticas, os dicionários, os vocabulários e as obras para aprendizagem da leitura e da escrita...»⁹. Estranhamente? Ou a clausura e a especificidade da vida monacal cisterciense tornavam-nos desnecessários? Ou a origem social das noviças e reclusas dispensava essa aprendizagem, certamente útil para as leituras, por exemplo, do Breviário do *Ofício Divino* e *Ofício da Virgem*¹⁰? Mas, por outro lado, tal ausência atual não significa que faltassem no tempo de vida monacal. É certo que, mesmo acrescentando os volumes (22 + 43) que constam dos inventários da documentação levada para Lisboa pela IGBA¹¹ (Anexo IV – A e B) – que incluíam, por exemplo, 14 volumes da *Gazeta de Lisboa* e vários sermões (obras mais «masculinas», e muitas outras «truncadas» cujos títulos desconhecemos) – e os que eventualmente tenham sofrido «descaminho», também esta parece confirmar a relativa «exiguidade das bibliotecas conventuais femininas, comparativamente com as dos mosteiros e até conventos masculinos»¹². Aliás, não são propriamente «livrarias» ou «bibliotecas», mas conjuntos de livros, pessoais e coletivos, com forte peso dos de uso litúrgico, incluindo missais, breviários, saltérios e lecionários. Por isso Paulo Barata se lhes refere como «pequenas bibliotecas de apoio às funções e tarefas conventuais», de «pequena dimensão, quando muito na

7 Barata, 2011: 138.

8 Barata, 2011: 138. Veja-se o Anexo IV A e B.

9 Barata, 2011: 138.

10 Destes ofícios são variadas as edições, sobretudo dos séculos XVIII e XIX (ver *infra*, Anexo I, n^{os} 56-118).

11 Ver *infra* Anexo IV – A e B.

12 Barata, 2011: 141.

ordem das centenas de espécies, e não de milhares», afirmando ainda que as bibliotecas monásticas femininas «raramente ultrapassavam o milhar de espécies. O que já seria expectável e nos remete também para a discussão do papel da mulher na sociedade e em particular no seio na Igreja Católica»¹³. Ainda assim, na Época Moderna, graças à importância da imprensa, as «livrarias» apresentam algumas características significativamente diferentes das medievais ou, mesmo, dos primeiros tempos do Renascimento, mesmo as da O. Cister, como mostrou Pedro Cátedra¹⁴. Aliás, há que ter em conta que, no caso de Cister, os livros de uso litúrgico eram, pelo menos desde finais da Idade Média peninsular, claramente dominantes¹⁵. Nesta livraria monástica, a forte presença deste tipo de obras – vejam-se as largas dezenas de breviários, os missais, os processionais, etc. – não deixa margem para dúvidas.

Deste modo, a «biblioteca» do mosteiro de Arouca, mesmo admitindo que de lá saíram vários livros (manuscritos ou impressos) e que, em número e composição geral, não se distingue significativamente das que analisou Paulo, Barata, também apresenta significativas especificidades que convém ter em atenção e valorizar.

3. A diversidade e a especificidade dos livros impressos

Quando iniciei este estudo estava consciente (e mais fiquei à medida que nele fui avançando) de que não se podem abarcar, neste exercício necessariamente parcial, porque exploratório, todas as perspetivas que enformam a complexidade – religiosa, cultural, doutrinária e literária do conjunto de livros impressos – de uma «livraria» como esta, num mosteiro cisterciense de fundação régia, «elitista»¹⁶, de forte ligação à alta e média nobreza nos finais da Idade Média e à nobreza provincial do Norte de Portugal e das Beiras na Época Moderna. E não só pela extensão, mas principalmente pela complexidade analítica e pela investigação complementar e multidisciplinar que ainda requer, nomeadamente, explorando aspetos que o cruzamento das fontes manuscritas e impressas e das obras artísticas permitirá revelar. A riqueza do acervo

13 Barata, 2011: 141.

14 Veja-se Cátedra, 1999, esp. § 19-42.

15 Cátedra, 1999, esp. § 19-42 e *infra*, Anexo I.

16 Rocha, 2011: 82-97 e 140-142; Veiga, 2013.

artístico – mesmo do que requer restauro urgente ou do que se guarda em depósito – só será verdadeiramente patente por via de mais estudos especializados que explorem diversas facetas desse cruzamento.

Mas é possível já apresentar alguns dados e resultados do estudo que fui desenvolvendo a partir da consulta de cada uma das obras e da subsequente reorganização tipológica – para uma mais fácil apreensão e compreensão dessa especificidade – plasmada na reorganização do *Catálogo dos Livros Impressos do Mosteiro de Arouca*, em anexo (I).

Antes de mais, e como era de esperar numa comunidade cisterciense – para mais, de monjas oriundas na sua grande maioria da nobreza nortenha e beirã, com dotes que incluíam, necessariamente, um breviário e livro de horas –, não estranha o peso significativo das obras litúrgicas, ou de uso litúrgico, ou de coro. Além dos preciosos antifonários e lecionários – que, como se viu já, não são só medievais –, de leitura coletiva e acompanhamento visual no coro, o número e a variedade de títulos dessas obras impressas, os seus usos vários, assim como o facto de muitas delas estarem repetidas – e não só, embora sobretudo, os breviários, os saltérios, os processionais cistercienses –, confirmam manuseamentos tanto coletivos quanto individualizados pelas monjas. O número elevado dos que, podendo eventualmente ser devolvidos às famílias das monjas, ainda ficaram no mosteiro depois da extinção reflete esse uso regular. Não esqueçamos que, apesar de o Capítulo Geral de Alcobaca de 1593 determinar que o mosteiro de Arouca não devia ter mais de 80 monjas professas¹⁷, entre 1649 e 1764 esse número terá sido ultrapassado, acima da centena¹⁸ – respeitando, contudo, o limite máximo de 127 exigido por «um *Breve* do Papa Paulo V de 10 de outubro de 1615, ratificado por provisão do Núncio de 14 de Fevereiro de 1619»¹⁹. Nos anos posteriores a 1744 o número devia ainda ser próximo daquele, a atender ao número (certamente incompleto) de breviários impressos nessa data, porque deles se guardam quase cinco dezenas de exemplares²⁰. Segundo o abade aposentado de Miragaia, Pedro Augusto Ferreira²¹, que visitou o mosteiro em 1882 e fez a transcrição do registo das suas contas, «Em 1789, o número de monjas

17 Conde, 2013: 27. Ainda assim, em vários momentos este número foi ultrapassado.

18 Rocha, 2011: 143.

19 Rocha, 2011: 142.

20 Ver *infra*, Anexo I, n^{os} 143-192.

21 Ferreira, 1882, analisado por Santos, 2018, esp. 39-51.

professas era de 84»²² – o que remete para um universo feminino (com as criadas, seculares/recolhidas²³, meninas de coro ou educandas) muito superior – como, aliás, o comprovam os dados sistematizados por M. Moreira da Rocha para os anos 1782 a 1793²⁴. O panorama altera-se significativamente, como era de esperar, ao longo do século XX.²⁵ Em 1882 apenas residiam duas monjas professoras, mas, como vimos já e não é demais lembrar, «com elas» ainda «partilhavam a vida quotidiana mais duas senhoras ditas recolhidas, 15 criadas da ordem, 14 criadas particulares, nove meninas de coro e cinco educandas»²⁶. Os livros (de várias tipologias) acompanharam-nas até ao final. São, naturalmente, parte não desvalorizável do património material e imaterial – ou «tangível e intangível» – do mosteiro. Além disso, a presença de algumas preciosidades bibliográficas (como adiante se verá) obrigam à sua especial valorização.

4. O peso da liturgia, do canto e da *lectio* (coletiva e individual)

A diversidade de obras e edições mostra bem que, para as monjas de Arouca, a conjugação da leitura, da oração e do canto – que beneficiou, a partir dos anos 40 século XVIII, de um imponente e potente órgão²⁷ – tinha um lugar de destaque no seu quotidiano. Como o tinha em outros mosteiros, e não só nos da O. Cister²⁸, e não só nos portugueses, porque, como mostrou M^a Dolores Pérez Baltazar, um «de los aspectos que caracteriza la vida en los conventos es la estrecha vinculación de la liturgia com la música y el canto»²⁹, a par de outras manifestações culturais ou artísticas. Mas neste

22 Santos, 2018: 47. Rocha, 2011: 143 dá conta de 86 religiosas professoras em 1796 e de 85 em 1798.

23 Rocha, 2011: 146 faculta os nomes de 14 seculares decretadas residentes em 1790. No ano seguinte (1791) residiam, além das monjas professoras, 6 meninas de coro, 2 boticárias, 13 decretadas, 106 criadas particulares, 29 criadas da ordem, 38 moças de vento. Os números falam por si...

24 Rocha, 2011: 148-149.

25 Rocha, 2011: 143 e 149 e Santos, 2018: 47.

26 Santos, 2018: 51.

27 Veja-se o estudo fundamental de Rocha, 2009: 18-41.

28 Conde, 2013: 26.

29 Pérez Baltazar, 1998: 142.

mosteiro, pelos antifonários, cantorais litúrgicos, processionários e diversificada literatura de espiritualidade (com significativas marcas de uso) que ainda se conservam, esta dimensão e componentes da vida religiosa, dos gostos e das práticas quotidianas eram inequivocamente relevantes (como em outros mosteiros cistercienses)³⁰. Muitas das devoções plasmadas em altares, na pintura³¹ e na escultura³² não se entendem sem o enquadramento e a concretização espiritual e ‘literária’ que estes (e outros) livros lhes davam – melhor, lhes foram dando ao longo dos séculos. Não esqueçamos o peso das horas canónicas no quotidiano monástico (que podiam ser diferentes de mosteiro para mosteiro³³): Matinas, Laudes, Prima, Sexta, Noa, Vésperas e Completas, quase um contínuo de oração, de ofícios divinos, da virgem e dos santos, a que se juntava a música (que, a partir de 1743, soava pelas teclas do magnífico órgão). Além dos livros de coro, missais e dos breviários, os 25 processionais que chegaram até nós confirmam essa forte relação. E é igualmente importante ter em atenção a importância das leituras no refeitório, que chegavam a todas as que a ele acorriam. Uma leitora para muitas ouvintes.

Aliás, há obras de que hoje não se guardam exemplares no mosteiro, mas que sabemos terem existido e terem sido amplamente lidas (mesmo que fundamentalmente em voz alta). Além da leitura de passagens da *Crónica de Cister* de Fr. Bernardo de Brito (de que havia, em 1890, um exemplar³⁴), do *Flos Sanctorum* (possivelmente o de Alonso de Villegas, de que se guarda ainda o tomo segundo³⁵, embora também pudesse ser o de Pedro de Ribadeneira), diversas outras terão sido regularmente usadas e lidas. Assim o atesta o documento manuscrito – um «livro encadernado em pasta, no qual registaram o que se devia ler»³⁶ – que define quais as leituras semanais durante as

30 Conde, 2011: 243-254 e 2017: 128-135.

31 Nomeadamente, a partir de meados do século XVIII, as dos espaldares do coro. Ver Rocha, 2011: 336-357.

32 Entre outras, eram especialmente importantes as imagens dos altares das capelas laterais que expressavam devoções concretas. Ver Rocha, 2011: 162-167. Ver também Dias, 2000 e Falcão, 2003: 75-100.

33 Sánchez Hernández, 2009: esp. 200-203.

34 Como o comprova o «Auto de posse» dos bens do mosteiro pela Irmandade (*infra*, Anexo III, nº 325) e a Cópia de um *inventário* dos bens à guarda da RIRSMA feita em 1955 (Anexo V, nº 129 – B).

35 De que havia em 1890 dois volumes e hoje se guarda penas um – ver *infra*, Anexo I, nº 268.

36 Este livro foi transcrito por Simões Junior, CDV – 2120 – 13.2.1998. Não me foi possível localizá-lo no arquivo da RIRSMA.

refeições³⁷, ao longo do ano e de acordo com o calendário litúrgico ou santoral. Além das leituras dos volumes I e III da *Vita Christi* – de que se guarda hoje no mosteiro apenas o volume quarto³⁸ – e dos Evangelhos (cuidadosamente identificados³⁹), sobre os santos «lerão pelo *Flos Sanctorum*», pela *Crónica de Cister*, mas também por um «caderno da cantora, de letra de mão, encadernado em pasta»⁴⁰. Por vezes refere expressamente a leitura «pelo Villegas», outras pelo «Flos Sanctorum novo». Pelo mesmo documento ficamos a saber que também liam «pelo *Agiolégio Dominico*»⁴¹, pela «*Crónica de S. Francisco*»⁴² ou pela «*Crónica dos Menores*»⁴³, pelo «livrinho» de N^a S^{ra} do Rosário – de Nicolau Dias? Sobre a vida de S. Gertrudes, «por um livrinho pequeno que tem a sua vida»⁴⁴ e «Na Dominga infra dos Reis Nossa Senhora do Desterro, lerão por um caderno que dará a cantora»⁴⁵.

De notar ainda que, das 334 obras impressas em datas anteriores a 1886 – incluindo os 3 preciosos incunábulos, um dos quais um exemplar único dos *Evangelhos e Epístolas* impresso em 1500 em Sevilha, por Estanislao Polono⁴⁶ –, um número significativo resulta da duplicação ou mesmo multiplicação da mesma obra/edição – sobretudo missais, breviários, processionais e ordinários do ofício divino e da Virgem, como se pretendeu mostrar visual e conceptualmente com a organização tipológica do catálogo publicado no Anexo I.

Por exemplo, do *Saltério Cisterciense* impresso em Paris, 1513, há 4 exemplares; do *Missal Cisterciense* impresso em Citeaux em 1529 há 3 exemplares

37 Simões Junior, *ibid.*: «Havia, neste Mosteiro, durante as refeições, a obrigação de ler alguns textos sagrados e as freiras, obedecendo ao seu método, organizaram um livro encadernado em pasta, no qual registaram o que se devia ler...».

38 Ver *infra* Anexo I, nº 2.

39 Por exemplo, na terceira semana do Advento, «o Evangelho da pergunta de S. João Baptista e do seu louvor, no L^o 1^o cap. 56, leiam-no todo e acabado ele comecem o Evangelho da Conceição do Salvador, no Livro 1^o aos 5 capítulos, leia-se até ao fim e façam muito por acabar na sexta-feira...» (Simões Junior, *ibid.*).

40 Simões Junior, CDXII – 24.4.1998.

41 Obra traduzida por Fr. Manuel de Lima, OP, com várias impressões no século XVIII.

42 Provavelmente a *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, por Fr. Manuel da Esperança, OFM, impressa em Lisboa, na oficina Craesbeckiana, em 1656-1721, 5 volumes.

43 Provavelmente a editadíssima *Crónica dos Frades Menores* de Fr. Marcos de Lisboa. Sobre o sucesso desta *Crónica*, veja-se Carvalho, 2001: 9-81.

44 Simões Junior, CDXIII-CDXV, 1998.

45 Simões Junior, *ibid.*, s.p. Não há na «livraria» uma *Vida* de S. Gertrudes.

46 Ver Anexo I, nº 3 – Cota local e digital L 003.

e do impresso em Paris em 1646 há 4 exemplares; do *Missal Romano* tridentino impresso em Coimbra em 1575 há 2 exemplares; do *Breviário Cisterciense* impresso em Antuérpia em 1677 há 14 exemplares e do impresso em Lisboa em 1744 há 43 exemplares; do *Processional Cisterciense* impresso em Lisboa em 1757 há 27 exemplares; do *Martirologio Romano* impresso em Antuérpia em 1635 há 4 exemplares; e muitas outras obras/edições de âmbito litúrgico, devocional ou de espiritualidade estão repetidas, como a consulta do Anexo I facilmente comprova. E note-se que quase todas as obras estão encadernadas, ou em pergaminho, ou em couro sobre madeira ou cartão, muitas das quais com adornos e com fechos em ferro, algumas até (embora poucas) revestidas com veludo e adereços em prata⁴⁷.

Deste modo, se aos exemplares existentes corresponde um número muito inferior de obras/edições distintas, também é verdade que essa multiplicação tem significados culturais e organizacionais relevantes e significativos das dinâmicas internas da vida monacal. E há ainda que ter em conta que alguns dos volumes existentes e inventariados correspondem a partes da mesma obra completa. É o caso, por exemplo, dos *Ofícios da Virgem* extraídos (autonomizados) da edição do *Breviário*. E também vários desses volumes ou partes estão repetidos/as. O que prova claramente, se dúvidas existissem, usos individualizados. Se retirarmos as duplicações ou repetições (exemplares e edições e obras cuja identificação não foi possível), do conjunto das 334 obras publicadas até 1886, o número de livros não repetidos baixa para 118, ou seja, pouco mais de um terço.

Mas além de ter muitos exemplares duplicados ou multiplicados – refiro, de momento, apenas os de uso mais estritamente litúrgico – esta seleção também mostra outro dado importante: a presença muito significativa de obras impressas no estrangeiro (algumas em grande quantidade, como é, compreensivelmente, o caso dos *Breviários Cistercienses*), em centros de grande vitalidade da imprensa na Época Moderna. Descontando os volumes repetidos, são mais de 4 dezenas de obras: Paris (16), Antuérpia (11), Madrid (14), Sevilha (1), Veneza (1)... Em Portugal, os impressores lisboetas deste tipo de obras são, também compreensivelmente, os mais presentes (22 obras, algumas com

47 Talvez este facto justifique que lá tenham sido guardadas, à semelhança do que sucedeu com «os manuscritos e impressos raros da livreria de Alcobaça» que «foram encaixotados e colocados a recato», num «esconderijo na sachristia da igreja do Valle...». Barata, 2004: 328.

vários exemplares), seguindo-se os de Coimbra – importante centro impressor da Ordem de Cister em Portugal – com 9 obras, algumas com vários exemplares. O Porto (8 obras, algumas também com vários exemplares) só adquire presença significativa nas obras impressas na 2ª metade do século XVIII e no XIX (neste, fundamentalmente a *Ordem do Ofício Divino*⁴⁸).

Claro que o número de exemplares de cada obra não diminui o valor e os significados – sob vários pontos de vista – das obras de que há apenas um exemplar. Algumas de grande raridade, de elevados custos na época da sua produção (como é o caso dos incunábulo⁴⁹). E o facto de, entre estes, figurar um exemplar único – não registado por qualquer catálogo de incunábulo – dos *Evangelhos e Epístolas* impresso em 1500 em Sevilha, por Estanislaw Polono, a partir possivelmente da edição de Zaragoza, por Paulo Hurus, de 1484 – obra que em Espanha foi retirada de circulação⁵⁰ –, mostra o poder e a «independência» deste mosteiro...

5. A «literatura de espiritualidade» no mosteiro – um «mundo» a conhecer melhor

5.1. A relação do peso de obras impressas no estrangeiro altera-se quando entramos mais concretamente nas obras não especificamente litúrgicas em uso na ordem cisterciense, ou nas de leitura em voz alta durante as refeições, ou seja, textos mais centrados nos modos e práticas da vida espiritual não sujeita aos mesmos ritos e cerimónias, remetendo para usos mais individualizados ou interiorizados. Neste caso, sobressaem as obras impressas em diversas cidades espanholas e, sobretudo no século XVIII, as impressas em Portugal, com particular realce para Lisboa e Coimbra.

Ainda no plano da «literatura de espiritualidade», é significativo que, entre as obras de que se guardam dois (mas não mais) exemplares, estejam, não obras de Fr. Luís de Granada, O.P. ou de Santa Teresa, O.C.D. (que não faltavam nos conventos femininos...), mas sim a editadíssima (e sempre presente nestes ambientes), *Mística ciudad de Dios* de Sor María de Jesus (de Ágreda), em edições distintas (n^{os} 265 e 266, 285), o *Manual de Exercícios*

48 Veja-se *infra*, Anexo I, n^{os} 72-118.

49 *Infra*, Anexo I, n^{os} 1-3.

50 Gil Fernández, 2005: 45-68.

Espirituaes pera ter oração mental do jesuíta Tomás de Villacastín (n^{os} 272 e 273), *La religiosa instruída*, do franciscano Antonio Arbiol (n^{os} 283 e 284), a *Segunda parte del grande hijo de David*, de D. Cristóbal Lozano (n^{os} 279, 280), a obra anónima *Devotos Exercicios para Reverenciar o Sacratissimo Coração de Jesus* (n^{os} 309 e 310) – textos de grande difusão nos séculos XVII e XVIII e presentes em especial nas comunidades femininas⁵¹. Nos livros levados para a Biblioteca Nacional por Mário da Assunção em 1896 encontramos outra edição (ou exemplar igual ao que ficou no mosteiro?) da *Practida de el Confesionario* de Jaime Corella⁵². Nestas «relações de livros», o número de exemplares genericamente referidos como «truncados», tanto nesta listagem como na de Lino da Assunção de 1894, não permitem saber de que livros de trata. Mas significativo é o facto de terem sido levados dois exemplares (um em cada ano) do processo de beatificação de Mafalda (ficando no Mosteiro uma excelente cópia encadernada).

Os livros levados para Lisboa (Anexo IV-A e B) levantam ainda algumas questões interessantes que devem ser tidas em conta, mesmo quando nos centrarmos sobre as obras que ficaram no mosteiro. Como já sugeri acima, são na sua maioria obras para usos mais «masculinos»: obras de ‘farmacologia’, como a *Pharmacopea Lusitana* (B-16) e a *Pharmacopea Tubalense* (A-11), jurídicas ou de *disputatio*, como o *Liber utilissimus Judicibus et Advocatis* (A-5), políticas, como a *Justa aclamação de D. João IV* de Francisco Velasco Gouveia (A-8), ou o *Discurso apologético* de Silva Leal (B-18), ou teológicas, como a *Miscellanea de Conclusões Theologicas* (A-7), ou a *De ornatu et vertibus varonis* de Castillo y Artiga (B-19). Mas também as de uso eclesiástico e pastoral, como a *Práctica de el Confesionario* de Corella (B-17), os *Sermões* de Guerra y Ribera (B-22) e de Almeida (talvez Pe. Teodoro – B-25 a 28), as *Primicias Evangelicas* de Bluteau (B-23), as *Trovas Predicáveis* de Silveira (A-6), o *Thesoro escondido* [...] *con varios discursos predicables* de Fr. José de Jesus Maria (A-9), ou mesmo *El sabio instruído de la gracia en varias máximas, o ideas evangélicas, políticas*, de Garau (B-24); ou ainda obras de orientação/direção espiritual, como o *Exercício de perfeição* de Afonso Rodrigues, talvez por ser *utilíssima, e muito proveitosa para todo o estado de pessoas, que aspirão à perfeição*, conforme afirma o título – logo, útil também fora do ambiente monástico ou eclesiástico.

51 Morujão, 2002: esp. 142-156.

52 Anexo IV – A, n^o 17.

Mas este conjunto de obras recolhidas a mando da IGBA – precisamente pelas suas características diferenciadoras relativamente à quase totalidade das que ficaram no mosteiro –; podia não estar no mosteiro quando faleceu a abadessa, mas na «hospedaria», também chamada «casa dos Padres» (hoje Biblioteca Municipal), situada no terreiro, em frente da portaria principal do mosteiro... A ser assim, percebe-se que tenham sido levados para Lisboa já depois do «Auto de entrega» dos bens do mosteiro à «guarda e administração» da RIRSMA. Os que estavam no mosteiro escaparam a essa recolha, como pode depreender-se de três marcas de posse, uma num *Processional Cisterciense*: «Este livro serve p[ar]a o uso dos Padres empregados no Real Mosteiro de Arouca»⁵³; duas em *Missais* que eram pertença da «Illustrissima Irmandade dos Padres de Arouca»⁵⁴. Estas posses/ usos, juntas às que figuram em diversas outras obras⁵⁵, confirmam o que já sugeri atrás e mostrarei mais adiante: o «mundo feminino» do mosteiro, os seus modelos religiosos e devocionais, a sua espiritualidade não são compreensíveis sem este enquadramento eclesiástico masculino que, por via das funções litúrgicas, pastorais e de orientação espiritual, assume uma presença que não pode ser ignorada quando se fala de leituras femininas.

6. Folheando os livros que ficaram no mosteiro

Relativamente aos livros que ficaram no mosteiro e à «guarda» da RIRSMA, a sua análise permite extrair – ou, pelo menos – sugerir algumas notas que indicam perspectivas culturais monásticas interessantes.

Em primeiro lugar, começando por uma apreciação global antes de entrar numa abordagem mais concreta, creio ser legítimo afirmar que nela sobressaem dois grandes domínios da cultura escrita, do pensamento e da sensibilidade religiosa.

Por um lado, a que resulta da sua especificidade ou identidade cisterciense, claramente evidenciada pelo número e repetições de obras litúrgicas de uso cisterciense⁵⁶, em particular as de uso no coro (missa, ofícios, devoções),

53 *Infra*, Anexo I, nº 219.

54 *Infra*, Anexo I, nºs 31 e 32.

55 *Infra*, Anexo VI-II – Nomes masculinos.

56 Nomeadamente, os missais, breviários e ofícios cistercienses, de que são exemplo as obras identificadas nos nºs 5 a 30, 34, 40 a 47, 56 a 70, 72 a 118, 120, 123 a 195, etc.

dando resposta a ritos, cerimónias e práticas devocionais coletivas, de acordo com o calendário litúrgico e as suas horas canónicas.

Por outro lado, obras dirigidas à vida espiritual individual, possivelmente sob orientação espiritual dos «Padres» ligados ao Mosteiro ou, pontualmente, da própria abadessa, ou sob a direção da Mestra de noviças para definição de modelos de vida religiosa, de oração, de exercícios espirituais... E nestas não faltam autores e textos que a grande maioria dos mosteiros e conventos da Época Moderna possuía ou usava. E muitas vindas de Espanha.

Ainda neste plano de análise global, deve referir-se o peso das obras em latim – fundamentalmente as de uso fundamentalmente litúrgico –, seguido do das obras em espanhol e depois em português. Apenas estas línguas. Existe uma obra de um autor francês, mas na sua tradução espanhola por D. José Escobedo, publicada em Madrid, do P. Jean Croiset, S.J. *Discursos espirituales, sobre los assumptos mas importantes para la vida christiana* (Anexo I, nº 278); outra de um italiano, mas na tradução espanhola, do Pe. Giovanni Nicola Chiesa, *El religioso en soledad, o exercicios espirituales*, também impressa em Madrid (Anexo I, nº 293); e uma “escrita em Francez por hum Religioso Benedictino da Congregação de S. Mauro”, mas traduzida para português: *Avisos e Reflexoens sobre o que deve obrar hum Religioso para satisfazer ao seu Estado...* impressa em Lisboa (Anexo I, nº 303 e 304, dois exemplares). Nesta dimensão ‘linguística’, esta livreria não se distingue de várias outras bibliotecas monásticas femininas portuguesas da Época Moderna⁵⁷, sobretudo até ao século XVIII. E o significativo número de obras do século XVIII impressas em Espanha deve ser tido em conta. E no século XIX são muito poucos os novos livros ou edições que entram nos espaços monásticos, nomeadamente femininos, como o de Arouca⁵⁸ – para mais depois de tudo o que gastou com o processo de beatificação da «Rainha Santa»⁵⁹.

57 Loureiro, 1997: 227-339. Barata, 2011: esp. 130-138.

58 Ver *infra* Anexo I: se excetuarmos as várias edições – uma ou duas por cada ano – da *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuais* (n.ºs 72 a 119) e diversos exemplares do *Breviário cisterciense* (n.ºs 209 a 217), o número de outros tipos de obras impressas no século XIX não ultrapassa a dúzia.

59 «Com o processo de beatificação gastaram as madres todo o dinheiro que tinham arrecadado, que não devia ser pouco, e como não chegasse, requereram a D. Maria I autorização para contraírem um empréstimo de 25.000 cruzados, que foi concedido por Aviso da mesma Rainha de 15 de Dezembro de 1791» (Simões Junior, 1942: 177).

Entrando numa análise mais concreta, deve ainda realçar-se a significativa presença de autores e obras influentes no panorama da direção espiritual e dos modelos de vida espiritual da época, algumas das quais com muitas edições nos séculos XVII e XVIII, por vezes repetidas: de Fr. Luís de Granada, de Santa Teresa de Ávila, de Sor María de Jesús de Ágreda, de Fr. Antonio de Molina, do Pe. Cristóbal Lozano, do Pe. Eusebio de Nieremberg, de Sor María de la Antigua, do Pe Manuel Bernardes, de Fr. Juan Falconi, de Fr. Jaime Corella, entre outros. A sua análise merece um estudo autónomo.

Compreensivelmente, há um peso significativo de obras/exemplares do século XVIII, facto que provavelmente se relaciona, por um lado, com a dinâmica da imprensa neste século que os fez mais acessíveis – visível, por exemplo, nas obras em formato 8º ou em 12º, em muito mau estado, como sucede com a obra sobre o *Ofício da Virgem* (n.ºs 63 a 71) – e, por outro, com o tempo de construção do novo edifício, tempo esse que também viveu o forte empenho da Ordem – e do mosteiro em particular – na beatificação da Rainha Mafalda, assim como da presença comprovada de «filhas da nobreza setecentista»⁶⁰ neste mosteiro.

Sistematizando a distribuição cronológica e de locais de impressão, com identificação da diferença entre número de volumes – que incluem exemplares repetidos – e obras publicadas (no conjunto das que se guardam em Arouca):

Século XV Incunábulos	3 (<i>Missal Bracarense</i> . 1494, <i>Vita Christi</i> , 1495 (4.º vol.) e as <i>Epístolas e Evangelhos</i> , Sevilha, 1500).
Século XVI	22 volumes, correspondentes a apenas 13 obras/edições distintas (porque 4 Saltérios, 3+2+2 missais e 3 Ofícios estão repetidos). Destas 13, a maioria impressa no estrangeiro: 5 em Paris, 1 em Antuérpia, 1 em Veneza, 1 em Madrid e 1 em Salamanca. As restantes 4 foram impressas em Portugal: 3 em Coimbra, 1 em Lisboa.

⁶⁰ Veiga, 2013.

Século XVII 57 volumes, correspondentes a, pelo menos (porque algumas não têm elementos que permitam identificação correta), 34 obras/edições distintas (um dos volumes tem encadernadas 3 obras diferentes). Destas, 23, pelo menos, impressas (expressamente) em cidades estrangeiras: 8 em Antuérpia, 4 em Madrid, 3 em Barcelona, 1 em Salamanca, 1 em Valladolid, 3 em Paris, 1 em Lyon, 1 em Roma, 1 em Bruxelas, além de outras sem local. Em Portugal apenas 9: 7 em Lisboa, 2 em Coimbra. Há ainda 3 obras cuja edição não foi possível identificar. Neste conjunto, sobressaem, pelo seu número, 19 breviários, 14 de «literatura de espiritualidade» e 7 martirologios.

Século XVIII 185 volumes – mas 58 obras. A grande maioria de exemplares repetidos diz respeito aos breviários e respetivos suplementos, missais, saltérios e processionais da Ordem. Neste conjunto de obras diferentes, sobressai claramente o número de obras de «literatura de espiritualidade»: 49 (que incluem 8 tomos da *Mística Ciudad de Dios* de Maria de Jesus de Ágreda). Há ainda de uma dezena de obras cuja edição não foi ainda possível identificar.

Século XIX 66 volumes, dos quais 47 são exemplares da *Ordem do Ofício Divino e Missas conventuais* (todos posteriores a 1849, o último – com data explícita – de 1878) e 8 são breviários. Além destes, de dois exemplares de um saltério, de uma *Bíblia da Infancia* (nº 122), são muito poucas as obras não estritamente litúrgicas, facto que atesta a progressão da decadência, em número e poder das monjas, do mosteiro ao longo do século.

Há ainda uma dezena de obras sem identificação de data (quase todos exemplares mutilados) que não foi ainda possível identificar.

Estes dados globais – que não dispensam a consulta do Anexo I – revelam um enquadramento disciplinar, litúrgico e devocional assumidamente dependente não só da Regra de S. Bento e dos ritos cistercienses, mas também da própria dinâmica institucional da Congregação de Alcobaça e, ao mesmo tempo, uma interessante identidade religiosa deste mosteiro, manifestada na relevância de obras simultaneamente devocionais e musicais e no peso relativo das obras de espiritualidade de uso individualizado (como se verá mais adiante).

Não havendo inventário(s) do tempo de vida ativa do mosteiro e não sabendo quando os livros integraram esta «Livreria», nem qual a causa dessa integração – institucional? Pessoal? Dote ou doação? Empréstimo? –, as datas da edição são elementos essenciais para se considerarem os limites iniciais da incorporação no mosteiro. Claro que essas datas não são prova de que essa é a data de compra ou de entrada. Mesmo assim, não são datas a desvalorizar. Não sabemos quando foi determinado que o dote de cada noviça ou professa teria de incluir um breviário e livro de horas. Mas os dados deste inventário permitem supor que tal já sucedia nos anos 70 ou 80 do século XVII, uma vez que desta «livreria» se guardam 15 exemplares do breviário cisterciense impresso em Antuérpia em 1677⁶¹, sendo legítimo supor que mais haveria. Além disso, a grande maioria acusa significativo manuseamento (e talvez por isso muitas estão em mau estado).

Este número só é ultrapassado no século XVIII pela edição do *Breviário cisterciense* feita em Lisboa – talvez devido à sua procura/necessidade das noviças para o seu dote? – em 1744: pelo menos 46 exemplares⁶², a que podem acrescer quase uma dezena de exemplares truncados ou em muito mau estado, cuja edição não foi possível (ainda) confirmar. A estes breviários cistercienses do século XVIII devem acrescentar-se, pelo menos, meia dezena de Suplementos⁶³. Ou seja, se o não era ainda em 1677, em 1744 era já, certamente, componente do dote das noviças um breviário da ordem.

Já do *Martirologio Romano*, igualmente em latim, na edição de Antuérpia 1635, há 6 exemplares⁶⁴, claramente de uso de algumas monjas. Três deles apresentam marca de posse ou uso: uma de «D. Micaela Sequeiros»⁶⁵

61 *Infra*, Anexo I, n.ºs 125 a 139.

62 *Infra*, Anexo I, n.ºs 142-182.

63 *Infra*, Anexo I, n.ºs 183-185 e 194-195.

64 *Infra*, Anexo I, n.ºs 246-251.

65 *Infra*, Anexo I, n.º 249.

(que não identifiquei); outra de «D. Anna Felesisima»⁶⁶, que professou em 1785; outro dos exemplares tem a seguinte inscrição e assinatura: «de Josefa Joaquina Minha Irma Sn^a que Deus faça huma santa. D. Joanna»⁶⁷. E outro inclui orações ms. para várias festas do calendário litúrgico e uma para «Anniversario por nossos Pais»⁶⁸.

Por sua vez, o número de *Processionais cistercienses* aponta igualmente para a posse das monjas: da edição de Lisboa, 1757, ainda se guardam no mosteiro 27 exemplares.

Uma tal quantidade de livros, encadernados em couro sobre cartão ou madeira, grande parte com fechos – e não sabemos que obras estariam nos 44 volumes truncados entregues em 1896 ao IGAP⁶⁹, nem quais podem ter regressado à família das monjas aquando da sua morte –, só se entende, por um lado, pelo poder económico das famílias das noviças e, por outro, pela importância do seu uso no quotidiano da vida monástica. Curiosamente, no século XIX, embora sejam muitos (47) os exemplares da *Ordem do Ofício Divino e da Virgem*, quase não há exemplares repetidos, o que, aliás, se compreende por ter deixado se haver noviciados.

Já os 8 exemplares do *Missal Cisterciense*, na impressão de Veneza, 1741, fol., deviam ser, por motivos óbvios, para uso dos «Padres», embora a leitura pudesse ser acompanhada pelas monjas.

7. As «marcas de posse ou de uso»

No estudo de uma biblioteca, é sempre questão fundamental a de saber que livros eram lidos, usados, valorizados, ignorados. Nesta «livraria», por termos e podermos aceder a grande parte dos livros do tempo de vida do mosteiro, os registos de posse ou de uso (ou ambos) dão informações muito interessantes, algumas até precisas, sobre este aspeto importante e, por vezes, muito sugestiva dos manuseamentos, quer individuais, quer partilhados ou sequenciais, que atestam significativa «circulação» dos livros por várias mãos. As assinaturas e notas manuscritas que, sobretudo nas folhas de rosto ou de guarda, deixaram

66 *Infra*, Anexo I, n.º 251. Sobre a sua identidade, ver Anexo VI.

67 *Infra*, Anexo I, n.º 245.

68 *Infra*, Anexo I, n.º 250.

69 *Infra*, Anexo IV-B, n.ºs 30 a 44.

várias monjas (e também diversos frades e/ou clérigos) facultam-nos pistas e até esclarecimentos que devem merecer especial atenção.

Muito mais do que em outros casos em que existem «marcas de posse» (sobretudo institucionais⁷⁰), não se conhecendo a origem do livro, neste caso as notas manuscritas de propriedade ou de uso têm especial significado e relevância por se reportarem, pelo menos algumas, a figuras identificáveis (umas mais facilmente que outras), como se tentou concretizar *infra*, no Anexo VI. Além disso, a circulação dos livros – pelo seu «carácter móvel e transportável» que os fazem «sujeitos a transumâncias e itinerâncias...»⁷¹ – parece ter sido significativa, como o exemplificam diversas obras⁷², em especial:

- a. do jesuíta Juan Eusebio Nieremberg, *Aprecio y estima de la Divina Gracia*, impresso em Barcelona em 1644 (nº 260), que tem várias anotações manuscritas muito significativas: na 1ª folha branca: 1º nome riscado: «Pertence ao uso do Irmão Fr. Matheus de S. Bernardo». 2ª nota: «Aguora do P. Dõ Luis de Souzas». Na folha de rosto: «He do P. Fr. Lopo da Madre de D[eu]s Maceyradão e de este santo 1736 [ilegível]». Mais abaixo, riscado: «Fr. Joseph de Murcia». Este livro viajou entre mosteiros cistercienses, provavelmente entre confessores, pregadores, diretores de consciência...
- b. A de Juan de Saracho, Abade y Visitador da O. Cister. *Vida, y virtudes de la Prodigiosa y Venerable Señora Doña Antonia Iacinta de Navarra e de la Cueva, Abadessa del Ilustrissimo y Real Monasterio de las Huelgas...* (nº 264), cujas notas manuscritas no verso da capa indicam: «Este livro he de Anna Margarida Telles e Meneses»; mas na 1ª folha de guarda, com letra diferente: «Este livro he da Ordem». Por cima da Dedicatória da Abadessa a nota em castelhano: «Este livro he do fray Gaspar Agudo i le hubo del Padre fray Dionisio. Zela por otros dos libros de Moral trocado año de 1691». Ainda na folha de guarda, outro pertence, riscado, ilegível. Na última página, depois do colofon: «de fray Gaspar Agudo». Esta multiplicidade de notas é bem sugestiva do

70 Veja-se, em especial, Pereira & Bogalho, 2019: 25-26.

71 Barata, 2004: 138-139 (também 140-159). Este autor chamou ainda a atenção para os «descaminhos e extravios» – se, como ressalva, «é que de extravios se trata» – que os próprios monges terão perpetrado quando confrontados com a iminência da sua expulsão dos mosteiros (*ibid.*: 141).

72 Veja-se o quadro que elenca todas as posses *infra*, Anexo VI.

modo como se trocavam, emprestavam, recolhiam livros, neste caso uma hagiografia da abadessa do importante mosteiro espanhol de Las Huelgas, também da O. Cister. Precisaríamos de conhecer melhor os seus «possuidores»: talvez investigações futuras (ou de investigadores da O. Cister que disponham de dados para os identificar) venham a trazer novos dados.

- c. Ou a de Fr. Alonso da Cruz, O. Cister. *Espelho de Religiosos...* (nº 258), com a seguinte anotação manuscrita: «Este Livro he de Anna Margarida. Este livro he p[ar]a a Ordem o qual entregará a Mestra das novissas a Mestra que entrar p[ar]a ler as Novissas». Esta nota é especialmente interessante, por facultar uma informação clara sobre a utilidade da obra para a formação das noviças, para a compreensão do modelo de vida religiosa que lhes era inculcado...
- d. Ou ainda as várias *Obras espirituales del venerable Padre Maestro Fr. Luys de Granada* (nº 275), fortemente influentes na orientação da vida espiritual, que era «do uso de D. Joana Maria de S[na]to Antonio Monja professa de S. Bernardo que Deus faça santa grande no seu servisso por muitos anos Amen». Mas que inclui também outra posse ou uso, na 1ª folha de guarda, frente.: «De Fr. Manoel Forjaz».

Estes são apenas alguns exemplos, que se confirmam em diversas outras marcas de posse ou uso, referidas em várias notas sobre as obras incluídas no Anexo I deste estudo e sistematizadas infra no Anexo VI.

Curiosamente, nas de uso litúrgico, oração e canto, as marcas de posse ou uso só são significativas nos livros de salmos⁷³, em vários missais⁷⁴ e alguns *Ofícios* divino e de Nossa Senhora⁷⁵, sendo uma parte significativa «da Ordem» ou de frades/padres⁷⁶ ou, mesmo, de leigos⁷⁷. São raros em outros tipos de obras para uso litúrgico ou de canto, como é o caso dos processionais. Merece, contudo, uma nota especial a anotação que refere, simplesmente – mas de modo muito sugestivo –, «Este, é meu»⁷⁸.

73 *Anexo I*, sendo os n.ºs 9, 10, 11, 12, 14 de posse/uso feminino, e os n.ºs 17, 18, 19 «da Ordem».

74 *Anexo I*, sendo os n.ºs 25, 26, 27 de posse/uso feminino, e os n.ºs 30, 31, 32, 33 e 36 masculino: «da Ordem» ou da «Irmandade dos Padres» – compreensivelmente.

75 *Anexo I*, n.ºs 56, 57, 62, 63, 64, todos com nomes femininos.

76 Além dos referidos na nota anterior, também os n.ºs 320, 321, 330, 326

77 Como nas obras identificadas no n.ºs 320 e 321.

78 *Infra*, *Anexo I*, nº 220.

As obras que, comparativa e proporcionalmente, incluem mais marcas de posse ou de uso/manuseamento ou em que as notas são particularmente reveladoras dos sentimentos que estariam ligados à sua leitura são as que designamos de «literatura de espiritualidade», nela incluindo a hagiográfica, ou seja, as de carácter não litúrgico e ritual, mais doutrinárias, hagiográficas, de orientação espiritual ou de leitura individual.

Várias das notas manuscritas incluídas em algumas dessas obras são particularmente interessantes: (a) as que expressam desejo de que «Deus faça Santa», ou «soria», ou «boa religiosa» a sua possuidora ou leitora⁷⁹; (b) as que indicam que a obra «he da ordem», o que parece confirmar o interesse na sua preservação e, talvez, também uso plural⁸⁰. E também a exclusividade de uso pela abadessa no momento da morte das monjas, como é o caso da obra de Estêvão Rodrigues de Castro, *Breve aparelho, e modo fácil pera ajudar a bem morrer hum Christão* (nº 259), que inclui na 2ª página a seguinte nota manuscrita: «Este Liuro he da Riligiam en[*quan*]to nesario a Sra Abadessa que ningem o tire do coro so p[*ar*]a bem morrer as que estiuerem p[*ar*]a hiso». Contudo, na folha 3, está acrescentado: «Este liuro he da S[*e*]n[*h*]ora maria de soua [?]⁸¹ que de[*o*]s fasa santa he garde de males e de auer mister o dito liuro da [ilegível]»; (c) algumas mais claramente «personalizadas», como a que deixou Maria Benedita, «q[*ue*] D[*eu*]s fasa santa», na obra hagiográfica de Fr. Francisco de Pereda, *La patrona de Madrid* (nº 257): «Livro meu muito amado [...] livro do meu saber se algum dia hu perder folgarei de hachar o Cavalheiro q[*ue*] hachar este penhor [...]?»), entre outras.

Além disso, segundo instruções manuscritas em algumas dessas obras, algumas estavam a uso da mestra de noviças e passavam para a que lhe sucedesse, ou voltavam ao prior ou ao confessor. Deve ser este facto que explica várias assinaturas – nomeadamente masculinas – ou diversas marcas de posse ou de uso que algumas obras têm. Como atrás se disse, a importância do «mundo masculino» do mosteiro, residente ou hospedada na «Casa dos Padres», não pode ser ignorada ou desvalorizada, até porque tem uma composição diversificada e relativamente flutuante⁸².

79 *Infra*, Anexo I, n.ºs 25, 27, 60, 245, 257, 259, 275.

80 Além das identificadas na nota anterior, também a do nº 260, 264, 279, 282, 284, 302.

81 Não foi possível identificar. Não há nenhuma «Maria de Sousa» no elenco das Abadessas constantes do estudo de Rocha, 2011: 109-111, nem na identificação familiar das noviças e monjas por Veiga, 2020.

82 Veiga, 2020: 127-135.

8. Uma possuidora/leitora que sobressai

Neste conjunto de obras que incluem, pelo menos, uma assinatura, sobressai um nome, presente expressamente em 9 obras (como facilmente se visualiza *infra*, Anexo VI): Ana Margarida Teles de Meneses, que foi noviça em junho de 1777, professou em junho de 1778, e faleceu em fevereiro de 1828⁸³. Oriunda de uma família de Arouca – da Quinta de Romariz (?) – e filha de uma senhora que foi residente no mosteiro, Maria Isabel Teles de Menezes, que nunca professou e casou com Sebastião Ferraz da Cunha⁸⁴. Era neta, por via materna, do juiz Jerónimo Teles de Menezes da Casa do Boco. Talvez a influência materna, pela sua experiência de vida, enquanto jovem, no mosteiro, possa ter influenciado os seus gostos «literários», já que as obras em que figura o seu nome são todas de âmbito espiritual: várias obras de S.^{ta} Teresa (n.º 256), o *Espelho de Religiosos* de Fr. Antonio de Molina (n.º 258)⁸⁵, as biografias devotas de *Sor Joana de Iesus Maria* (n.º 263) e de *Doña Antonia Iacinta de Navarra e de la Cueva, abadessa de Las Huelgas* (n.º 264), *A Mística Ciudad de Dios*, de Sor María de Jesus de Ágreda (n.º 265 e 266, possivelmente os restantes volumes da obra), o *Desengaño de Religiosos* de Sor María de la Antigua (n.º 267), ou os *Desengaños Místicos* e *La Religiosa Instruida* de Fr. Antonio de Orbiol (n.ºs 274 e 283, respetivamente). Todas as obras – algumas editadíssimas – importantes no mapa da literatura de espiritualidade ibérica feminina dos séculos XVII e XVIII. Sobressai também o facto de serem, à exceção da de Fr. Antonio de Molina, obras escritas em espanhol e editadas em Espanha: o que prova como, ainda no século XVIII, já no tempo de Pombal, circulavam obras vindas de Espanha, mesmo em locais bem retirados dos centros urbanos. Algumas destas obras eram também as que constavam da Pastoral de 14 de Outubro de 1741 do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, para uso dos párocos⁸⁶.

83 Segundo dados contantes do Ms. 1325 da BPMP, já sistematizados por Rocha, 2011: 92 e desenvolvidos por Veiga, 2013: 86.

84 Veiga, 2013: 83 e 86-87.

85 Inclui ainda a referência ms. de que «Este livro he p[ar]a a Ordem o qual entregará a Mestra das Novissas a Mestra que entrár p[ar]a ler as Novissas».

86 Paiva, 2000: 397.

9. Ausências significativas

Considerando todo o contexto social e familiar das monjas deste mosteiro, a integração e dependência da Congregação de Alcobaça, o acolhimento de mulheres leigas e, sobretudo, de educandas ou «meninas do coro», há ausências que, embora possam ser explicáveis, não deixam de suscitar alguma estranheza – ou, pelo menos, de deixar algumas dúvidas. É o caso, por exemplo, de:

- a. Obras para ensinar a ler (latim ou português) ou a doutrina cristã. Uma tipologia de obras que, apesar de raras, existiam em conventos femininos⁸⁷. Ou deve considerar-se que não seriam necessárias, atendendo à origem social das monjas e respetivas criadas? Ou às finalidades – maioritariamente religiosas – da sua entrada no mosteiro? E mesmo sabendo que se trata de uma ordem contemplativa, não haveria instrução básica para diversas meninas recolhidas, destinadas a casamento, como sucedeu com a mãe de Ana Margarida Teles e Meneses que aí residiu, que inequivocamente sabia ler e a sua filha tinha gostos «literários» relativamente definidos? Claro que se guarda a tradução de uma *Bíblia da Infância ou Historia Resumida do Velho e Novo Testamento referida a Meninos de Oito e Doze Annos* (n.º 122), que devia ser usada para formação religiosa das «meninas de coro», mas a sua edição é muito tardia (1850), quando estas já eram muito poucas. Não tem marca de posse ou de uso.
- b. Sermonária: sendo poucas obras deste género – atendendo ao que foi a expansão editorial deste tipo de obras nos séculos XVII e XVIII – ainda assim nas propriedades do mosteiro (certamente na hospedaria ou «Casa dos Padres») havia várias obras para apoio à pregação, como o comprovam as duas Relações dos livros levados para a BN pela Inspeção-Geral dos Arquivos e Bibliotecas, transcritas no Anexo IV – A e B. Obviamente, não eram para o uso direto das monjas... Como sucede em outros mosteiros ou conventos femininos, esta pouca presença é perfeitamente compreensível, porque desta função não se ocupavam as monjas, mas sim os capelães e os pregadores «contratados» e, conseqüentemente, pagos para o efeito⁸⁸. Mas deviam estar

87 Barata, 2011: 138.

88 Rocha, 2011: 207-208.

«à mão» para estes. E se não são muitas, são, contudo, significativas, incluindo não só comentários evangélicos em latim, mas também obras espanholas e as *Primícias Evangélicas* de Rafael Bluteau⁸⁹.

- c. Literatura de ficção, obras poéticas (pelo menos de poesia «ao divino»), obras de teatro, nomeadamente religioso. Apenas uma obra (nº 276) inclui, no final, uma *Scena real do desengano, que em tres espan-tosos actos, para espetáculo dos olhos, representa hoje a Musa neste teatro métrico...* Custa a crer que estas não existissem, tanto mais que havia representações em diversas festividades⁹⁰, como sucedia nas eleições trienais das abadessas, em que havia «festas chamadas do abadessado, que se realizavam no pátio do Mosteiro e no seu terreiro, onde as freiras e educandas davam motes que poetastros glosavam, recebendo em paga doces do Mosteiro e vinho do Porto»⁹¹. Nos finais do século XVII, depois da sua posse em 9 de julho de 1671, o bispo de Lamego, D. Luís de Sousa, visitou o mosteiro de Arouca e «soube ter-lhe preparado a Abadessa para dia da Ascensão uma missa de 7 coros de musica e de tarde comédia». Escusou-se com outras visitas a igrejas do bispado, tendo depois comentado com o seu esmoler: «Que se diria de um Bispo novo se se detivesse com musicas e comedias em convento de freiras?»⁹². E a realização, a partir de 1647, «a pedido das religiosas», de duas feiras anuais no Terreiro do Mosteiro certamente atraía gostos e práticas, além dos «artigos desnecessários e uma vida regral»⁹³. Compreensivelmente, as festas do calendário litúrgico dificilmente incluíam teatro ou poesia. Mais pontuais – muito faustosas, mas de recorte fundamentalmente religioso – foram as festas que se seguiram à beatificação de D. Mafalda, em junho de 1793, cumprindo o desejo da abadessa D. Clara Delfina Pinto de Lacerda de «celebrar a beatificação com dignidade e com pompa»⁹⁴. Mas, de facto, não ficou no mosteiro rasto deste tipo de textos, nem sequer em folhetos, que

89 Infra, Anexo IV – A e B: n.ºs 6, 9, 22, 23 e 24.

90 Seguindo, possivelmente, um «gosto pela festa» que cresceu nos séculos XVII e XVIII – Caldeira, 2021: esp. 182-186.

91 Simões Junior, CDLXVIII – 18.2.2000.

92 Simões Junior, CCXLV – 8.10.1993, a partir do documento redigido por um cura de Arouca antes de 1742. Não localizei este documento.

93 Rocha, 2011: 65.

94 Rocha, 2011: 124-138, esp. 135.

comprovem esses gostos ou práticas... Ficaram apenas os poemas incluídos em livros de música religiosa⁹⁵ – em seis livros iluminados posteriores ao século XVI, quatro dos quais do XVII, um do XVIII e outro do XIX, que se conservam ainda em Arouca⁹⁶. Talvez o estudo sistemático de muitos documentos manuscritos que não foram levados nas recolhas várias acima referidas, ou dos que ainda não foram estudados com atenção a esta dimensão, permita encontrar algumas pistas adicionais.

- d. Outras obras de temática profana – mas figuram duas habituais em conventos e mosteiros masculinos, como é o caso da *Pharmacopea Tubalense*⁹⁷ e da *Pharmacopea Lusitana*⁹⁸.

95 Como mostrou Rocha, 2011: 196-199.

96 Para que chamou já a atenção Rocha, 2011: 195-199.

97 *Infra*, Anexo IV – A, nº 11.

98 *Infra*, Anexo IV – B, nº 16. Barata, 2011: 138.

III. Notas finais em modo de conclusão

Pela conjugação das presenças e das ausências, dos usos e dos silêncios que ainda pairam sobre os livros impressos desta «livraria», talvez não seja possível, nesta fase e no contexto dos propósitos que suscitaram este estudo, ir muito mais fundo na compreensão do lugar que ela foi tendo no modelo de vida religiosa no Mosteiro de Arouca ao longo da Época Moderna, ou na configuração, em diferentes tempos, das práticas espirituais e devocionais das «filhas de Mafalda». Para quebrar silêncios e dúvidas, para abrir com segurança novas pistas evitando especulações não fundamentadas, será necessário interrogar outras fontes que, de algum modo, lancem novas luzes ou novas pistas sobre esta dimensão patrimonial do Mosteiro. Será necessário lê-las usando chaves interpretativas que tenham em atenção o lugar e a importância material e imaterial da «livraria» e das leituras que propiciou no quotidiano da vida monacal, na definição de modelos e práticas, na afirmação do prestígio deste cenóbio cisterciense que foi também, na Época Moderna, zelador da fama de santidade de uma rainha que, com todo o seu poder real e simbólico, é indissociável desse património.

Apesar de todas as lacunas, dúvidas ou incertezas que esta biblioteca monástica suscita, ela traz-nos, como tentei mostrar, múltiplos dados que, ou porque confirmam o que se tem inferido de outras bibliotecas monásticas e conventuais, ou porque revelam facetas específicas (algumas únicas?) deste ambiente religioso cisterciense (socialmente selecto e materialmente rico), merecem ser olhados e compreendidos no quadro mais vasto do que era a vida religiosa, moral e cultural que tinha no mosteiro um foco agregador e dinamizador de práticas, gostos e vivências, sem as quais se não compreende a sociedade e a cultura das épocas que ele atravessou, nem muitos

dos aspetos da cultura regional que foi mantendo ou transformando ao longo dos séculos.

E mesmo não se podendo hoje entrar, com certezas, na realidade distante do multifacetado e complexo quotidiano do mosteiro, só o alargamento do conhecimento das suas diversas dimensões patrimoniais, culturais e simbólicas (incluindo as que se apreendem pelos livros e suas leituras) trará outros sentidos e outras curiosidades, que o tornarão ainda mais rico e único. E se é praticamente certo que muitos dos silêncios nunca serão desvendados nem plenamente compreendidos, que muitas dúvidas não terão fácil resolução, interrogar – e interpretar – as variadas facetas da história do mosteiro, de que os livros que se liam ou usavam são parte integrante, trará certamente novas luzes, novas perguntas e novos interesses sobre esse «mundo perdido» que recorrentemente somos chamados a interrogar, quando não a reencontrar.

Por isso, há que alimentar a esperança de que também a consciência patrimonial e a valorização que dela resulta, que o nosso tempo cultural tem alimentado por diversas vias, seja a da investigação e da formação superior, seja a da procura turística ou, simplesmente, a da curiosidade humana, continuem a alimentar o gosto do conhecimento de realidades que são distintas das do nosso quotidiano, mas das quais somos, de algum modo, herdeiros. Consequentemente, pelo nosso investimento na recuperação e consequente compreensão de memórias perdidas ou dispersas, compreenderemos melhor diversas facetas da realidade, tangível e intangível, do nosso tempo e do que, apesar das dúvidas e das incertezas dos interesses futuros, continuamos a construir.

Bibliografia

A. Manuscritos

FERREIRA, Pedro Augusto. 1882. *Convento de Arouca. Extracto do seu Archivo*, 1882, BPMP, Reservados, s.r. cota: 1781.

Livro das Religiosas que professaram neste Mosteiro de Arouca, com início em 1717, no abadeado de D. Madalena de Abreu, BPMP, Reservados, l.m., s.r. cota: 1325

Livro das Sepulturas do Claustro, e Capítulo, que tiveram seu principio no Anno de 1787, BPMP, Reservados, s.r. cota: 1327

Livro de Obitos das Religiosas deste Mosteiro de Arouca, BPMP, Reservados, s.r. cota: 1326.

Livro dos usos e cerimoniaes cistercienses da Congregação de Santa Maria de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo, II (1788). Lisboa, livro III, cap. XXXI, p. 192 ss.

Cartas e Provisão do Cardeal Bispo D. Américo dos Santos Silva, AEP, Livros 54, 295, 324 (transcritas no Anexo II)

Cópia do Auto de Posse conferida á Irmandade da Rainha Santa Mafalda dos objectos que lhe foram concedidos por lei de 26 de Junho de 1889, cuja posse se effectuou em 4 de Março de 1890, tirada [esta cópia] em cumprimento dos officios números 632 E 634 de 23 e 24 de Maio de 1902, cópia digital disponibilizada pela RIRSMA (transcrita no anexo III).

B. Impressos

B-1. Edições de catálogos de livrarias conventuais

I Exposição de Manuscritos de Arouca, 1987 (19 a 27 de Setembro). Arouca: Câmara Municipal.

Da memória dos Livros às Bibliotecas da Memória – I: Inventário da Livraria de Santo António de Caminha, 1998. Estudo introdutório de José Adriano de Carvalho. Porto: CIUHE.

Da memória dos Livros às Bibliotecas da Memória – II: Inventário da Livraria de Santo António de Ponte de Lima, 2002. Dir. José Adriano de Carvalho. Porto: CIUHE.

B-2. Textos escritos e impressos antes de 1886

CARDOSO, Luís, CO., *Diccionario Geografico, ou noticia histórica de todas as cidades, vilas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, Algarve [...]*, 1747. Lisboa: Regia Officina Sylviana e Academia Real, Tomo I: 578-581.

- Decretos e Determinações do Sagrado Concílio Tridentino, q[eu] deve[m] ser notificadas ao povo, por serem de sua obrigação, E se hão de publicar nas Parochias. Por mandado do serenissimo Iffante Dom Henrique [...], 1564. 2ª edição (incl. «os capítulos das confrarias, hospitais e administradores deles»)*, Lisboa: por Francisco Correa.
- HERCULANO, Alexandre, 1914. «Apontamentos de viagem». Ed. de Pedro de Azevedo. *Arquivo Histórico Português*, 9: 425-426.
- HERCULANO, Alexandre, 1982. «As freiras de Lorvão. 1853. A António de Serpa Pimentel». In *Opúsculos I*. Org., introd. e notas de J. Custódio e J.M. Garcia. Lisboa: Editorial Presença: 123-130.

B-3. Estudos

- AA.VV, 2003. *O Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca. História e Arte, o brilho de Cister*. Lisboa: Medialivros (Edições INAPA).
- AA.VV, 2009. *O órgão do Mosteiro de Arouca*, 2009. DRCN e C.M.A., Norprint.
- ABREU, Adélio Fernando, 2018. *D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto (1871-1899): Igreja e sociedade no Porto no fim do século XIX*. Porto: Faculdade de Teologia, 2010.
- AFONSO, José Ferrão, 2003. «Pintura. Luz e cor do Sagrado». In AA.VV. (2003). *O Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca*, cit.: 59-74.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira, 1997. «Beatificação de Mafalda de Arouca segundo o Processo Romano da Biblioteca Nacional de Paris. *Poligrafia*, nº 6: 109-126.
- BARATA, Paulo J.S., 2003. *Os livros e o liberalismo: da biblioteca conventual à biblioteca pública – uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- BARATA, Paulo J. S., 2004. «Roubos, extravios e descaminhos nas Livrarias Conventuais portuguesas após a extinção das ordens religiosas: um quadro impressionante». *Lusitânia Sacra*, 2ª. Série. Tomo XVI: 319-343.
- BARATA, Paulo J. S., 2011. «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer». *Lusitânia Sacra*. 24 (Julho-Dezembro): 125-152.
- Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal* (dir. J.A. Carvalho), 1987. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa.
- BORGES, Nelson Correia, 2009. «Lorvão e Arouca: arte e glorificação de Cister». *Actas del IV Congreso Internacional Cister en Portugal y en Galicia*. Braga-Oseia, Vol. II: 647-666.
- CALDEIRA, Arlindo Manuel, 2021. *Mulheres enclausuradas. As ordens religiosas femininas em Portugal nos séculos XVI e XVIII*. Alfragide: Casa das Letras.
- CAMPOS, Maria Fernanda, 2015. *Para se achar facilmente o que se busca. Bibliotecas, catálogos, leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. Lisboa: Caleidoscópio.
- CARVALHO, Ana Delfina S., 2012. *O códice polifónico de Arouca: estudo e transcrição*. Diss. de mestrado Ciências Musicais / Var. de Musicologia Histórica. Lisboa:

- FCSH – UNL. Disponível em linha: <http://run.unl.pt/handle/10362/9132> –
acedido em 22.07.2023. – acedido em 3.7.2023.
- CARVALHO, José Adriano F., 1981. *Gertrudes de Helfta em Espanha. Contribuição para o estudo da História da Espiritualidade Peninsular nos séculos XVI e XVII*. Porto, INIC.
- CARVALHO, José Adriano de F., 1997. «Do recomendado ao lido. Direcção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no século XVII». *Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 4 (1997): 7-56.
- CARVALHO, José Adriano de F., 1998. «Introdução». *Da Memória dos Livros às Bibliotecas da Memória – I – Inventário da Livraria de Santo António de Caminha*. Porto: CIUHE, I-XXVIII.
- CARVALHO, José Adriano de F., 2001. «As Crónicas da Ordem dos Frades Menores de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado». In *Quando os frades faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*. Porto, CIUHE: 9-81.
- CARVALHO, José Adriano de F., 2002. «Introdução». *Da Memória dos Livros às Bibliotecas da Memória – I – Inventário da Livraria de Santo António de Ponte de Lima*. Porto: CIUHE, p. 9-19
- CARVALHO, José Adriano de F., 2007. *Lectura espiritual en la Península Ibérica (Siglos XVI-XVII)*. Salamanca, SEMYR/CIUHE.
- CARVALHO, José Adriano de F., 2016. *Antes de Lutero: A Igreja e as reformas religiosas em Portugal no século XV. Anseios e limites*. Porto: CITCEM–Edições Afrontamento.
- CARVALHO, José Adriano de F., 2018. *Nobres Leteras, Fermosos Volumes. Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*. Porto: CITCEM–Eds. Afrontamento.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio, 2000. “Leer en comunidad: libro y espiritualidad en la España del Barroco”, *Via Spiritus*, 7: 99-122.
- CATEDRA. PEDRO M., 1999. «Lectura feminina en el claustro (España, siglos XIV-XVI)». In COURCELLES, Dominique & VAL JULIÁN, Carmen, dir., 1999. *Des femmes et des livres. France et Espagne*, Paris: col. Études et Rencontres de l'École de Chartres: 7-53. Disponível em linha: <https://books.openedition.org/enc/993> –
acedido em 3.7.2023.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, 1988. *O Mosteiro de Arouca. Do século X ao século XIII*. Arouca, Câmara Municipal e Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, 2003. «Arouca, uma memória monástica». In AA.VV., 2003, *O Mosteiro de Arouca*, 9-30.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, 2005. *Arouca: uma terra, um mosteiro, uma santa*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- CONDE, Antónia Fialho, 2009. *Cister a Sul do Tejo. O mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*. Lisboa: Colibri.

- CONDE, Antónia Fialho, 2011. «Do claustro ao século: o Canto e a Escrita no mosteiro de S. Bento de Cástris, Évora». *Olhares sobre as mulheres – homenagem a Zília Osório de Castro*. Lisboa: CESNOVA: 243-254.
- CONDE, Antónia Fialho, 2013. «O monaquismo cisterciense feminino em Portugal no período moderno: o mosteiro de S. Bento de Cástris». *Monasticon (II): nos caminhos de Cister*. VIII Encontro Cultural de S. Cristóvão de Lafões: 25-40.
- CONDE, Antónia Fialho & LALANDA, Margarida S. N., 2017. «A acção disciplinadora de Trento no quotidiano monástico feminino do Mosteiro de S. Bento de Cástris». In FONTES, J.L, ANDRADE, F.A., & MARQUES, T.P., 2017. *Género e Interioridade na Vida Religiosa. Conceitos, contextos e práticas*. Lisboa: CEHR-UCP: 121-138.
- CORBIN, Solange, 1952. *Essai sur la musique religieuse portugaise au moyen âge (1100-1385)*, Paris: Les Belles-lettres.
- COSTA, Avelino de Jesus, 1949. «Fragmentos preciosos de códices medievais». *Bracara Augusta*. I, 13, 421-434.
- DIAS, José A. Coelho, OSB., 2011. «As bibliotecas nos mosteiros da antiga congregação beneditina portuguesa». *CEM. Cultura, Espaço & Memória. Revista do CIT-CEM*, nº 2: 137-150.
- DIAS, José S. Silva, 1960. *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, 2 vols., esp. I: 245-361 e II: 552-561.
- DIAS, Pedro, 2000. *Mosteiro de Arouca* (Col. Figuras e Factos de Arouca – 3, 2ª ed.), Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- FALCÃO, José António, 2003. «A Escultura. Um universo de formas e símbolos». In AA.VV. (2003). *O Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca*, cit.: 75-100.
- FERNANDES, António Teixeira, 2002. *Memória e identidade em comunidade autárquica. Arouca na encruzilhada do passado e do futuro*. Arouca: Câmara Municipal de Arouca.
- FERNANDES, Maria de Lurdes C., 1994. «Recordar os “Santos vivos”: leituras e práticas devotas em Portugal nas primeiras décadas do século XVII». *Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, I: 133-157.
- FERREIRA, Manuel Pedro & FORTU, Mara, 2009. «A música antiga nos manuscritos de Arouca». In *O órgão do Mosteiro de Arouca*. DRCN e CMA, Norprint: 42-53.
- FERREIRA, Manuel Pedro, 2015. «A música na Ordem de Cister e os antifonários de Arouca (séculos XII-XIII)» In *Cister no Douro*. Catálogo da Exposição. s.l.: DCRN | Museu de Lamego | Vale do Varosa: 35-39.
- FIGUEIREDO, António Mesquita, 1922. *Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Roteiro prático*. Lisboa: Livraria Universal.
- GIL FERNÁNDEZ, Luis, 2005. «Los *Studia Humanitatis* en España durante el reinado de los Reyes Católicos». *Península. Revista de Estudios Ibéricos*, 2: 45-68.

- GIUGERVICH, Luana & LEITÃO, Henrique, 2016. *Clavis Bibliothecarum. Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja.
- GOMES, Saul A., 1998. *Visitações a mosteiros cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*. Lisboa: IPPAR: 308.
- GOMES, Saul António, 2002. «Livros e alfaias litúrgicas do Tesouro da Sé de Viseu em 1188». *Humanistas*, Vol. LIV: 269-281.
- GOMES, Saul A., 2002-2003. «Acerca da origem social das monjas cistercienses de Santa Maria de Cós (Alcobaça) em tempos medievos». *Revista Portuguesa de História*. T. XXXVI (vol. I): 141-160.
- GOMES, Saul A., 2006. «A Congregação Cisterciense de Santa Maria de Alcobaça nos séculos XVI e XVII: elementos para o seu conhecimento». *Lusitânia Sacra*, 2ª série, 18: 375-431.
- GONÇALVES, A. Nogueira, 1991. «Livros litúrgicos». In *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Aveiro, Zona de Nordeste*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes: 59-62.
- HERCULANO, Alexandre – ver *supra* B.
- HUGHES, Andrew, 1975. «Medieval liturgical books at Arouca, Braga, Évora, Lisbon, and Porto: some provisional inventories». *Traditio*, 31: 369-384.
- JOAQUIM, Manuel, 1957. *O Colectário de Arouca e seus textos musicais*, Porto – sep. de *Douro Litoral*, ser. 8, nº 5/6: 413-481.
- LECLERCQ, Jean, 1950. «Les manuscrits cisterciens du Portugal». *Analecta sacri Ordinis Cisterciensis*, 6: 131-139.
- LOUREIRO, Olímpia, 1997. «Os livros das monjas do convento de S. Bento da Avé Maria». *Revista de Ciências Históricas*, vol. 12: 227-239.
- MADAHIL, A. G. da Rocha, 1938. «Doações, privilégios e confirmações régias do Mosteiro de Arouca». *Arquivo do Distrito de Aveiro*, nº 14: 121-130.
- MADAHIL, A. G. da Rocha, 1944 e 1948. «O cartório do mosteiro de Arouca». *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. IX (1943): 330-340; vol. X: 37-50 e 149-160; vol. XI: 149; vol. 14 (1948): 141-157 (publicação do *Livro do Indes Geral de todos os pergaminhos, sentenças e outros papeis particulares do cartorio do real Mosteiro de Arouca, feito no ano de 1743*)
- MARQUES, João Francisco, 1989. *A parenética portuguesa e a Restauração. 1640-1668*. Porto: INIC, 2 volumes.
- MARQUES, José, 1992. «Os mosteiros cistercienses nos finais do século XVIII». *Actas do Congreso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*. Vol. I. Ourense-Oseira: Ed. Monte Casino: 649-675.
- MARQUES, Maria Adelaide Salvador, 1963. *A Real Mesa Censória e a cultura nacional: aspectos da geografia cultural portuguesa do século XVIII*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

- MARQUES, Maria Alegria, 2006. «A Ordem de Cister em Portugal na transição da Idade Média aos tempos modernos». *Estudos em homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*, Porto: FLUP: 123-137. Disponível em linha: <https://letras.up.pt/uploads/ficheiros/4431.pdf> – acedido em 3.7.2023.
- MARQUES, Maria Alegria, 2011. *D. Matilde, D. Teresa, D. Mafalda e D. Sancha, primeiras infantas de Portugal*, Vida do Conde: Quid Novi.
- MARQUES, Maria Alegria – “As primeiras freiras de Lorvão”. In *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, ob. cit.: 127-170.
- MARQUES, Maria da Luz P., «Mobiliário: tradição e requinte», in AA, *O Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca*, cit.: 101-114.
- MEIRINHOS, José; COSTA, Jorge; COSTA, Júlio, eds., 2006. *Editores, livros e leitores em Portugal no século XVI. A Coleção de impressos portugueses da BPMP*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- MENDES, Maria Valentina C. A. Sul (Coord. e org.), 1995. *Os incunábulos das bibliotecas portuguesas. Inventário do Património Cultural Móvel*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2 vols.
- MIRANDA, Maria Adelaide, 1995. «Introdução» a *O Mosteiro de Arouca. Pergaminhos*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- MORUJÃO, Isabel, 2002. «Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos». *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, XIX: 111-170.
- MORUJÃO, Maria do Rosário, 2001. *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas: séculos XIII a XV*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- NASCIMENTO. AIRES A., 2004. «Livros e tradições hispânicas no mosteiro cisterciense de Arouca». In *Escritos dedicados a José María Fernández Catón*. León: Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro», Archivo Histórico diocesano, vol. II: 1041-1058.
- NASCIMENTO, Aires A., 2005. «Novos fragmentos de textos portugueses medievais descobertos na Torre do Tombo: horizontes de uma cultura integrada». *Península: Revista de Estudos Ibéricos*. 2: 7-24.
- NASCIMENTO, Aires A., 2018. *O scriptorium de Alcobaça: o longo percurso do livro manuscrito português*. Alcobaça: Direção-Geral do Património Cultural – Mosteiro de Alcobaça.
- OLIVEIRA, José Miguel Pereira dos Santos, 2005. *A contabilidade do mosteiro de Arouca: 1786-1825*. [Arouca]: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- O Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca*. – v. AA.VV 2003.
- O Mosteiro de Arouca. Pergaminhos*, 1995. Catálogo. Introdução de Maria Adelaide MIRANDA. Arouca: Real irmandade da Rainha Santa Mafalda e Museu de Arte Sacra.
- O órgão do Mosteiro de Arouca* – v. AA.VV, 2009.

- PAIVA, José Pedro, 2000. «Pregação» – «Pastoral e evangelização». In *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores/UCP, II: 393-497.
- PEREIRA, M. José O.S. & BOGALHO, M. de Fátima, 2019. «As bibliotecas dos conventos extintos: para uma reconstituição da livraria do Colégio de Santo António da Pedreira». In *Boletim da Biblioteca Geral da U. Coimbra*, 49: 17-205.
- PÉREZ BALTASAR, M^a Dolores, 1998. «Saber y creación literária: los claustros femeninos en la Edad Moderna». *Cuadernos de Historia Moderna*, nº 20: 129-143.
- PINTO, José Nuno Pereira, 2014. *A Primeira República no concelho de Arouca 1910-1926: Factos e personagens; uma perspectiva histórico-jurídica*. [Arouca]: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 2014: 145-168.
- PINTO, Pedro, 2014. «Fragmentos de pergaminho na Torre do Tombo: um inventário possível (1315-1683)». *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 14: 31-84.
- RÊPAS, Luís Miguel, 1998. «O Mosteiro de Arouca. Os documentos escritos como fonte de conhecimento (1286-1299)». *Humanitas* – vol. L: 539-586.
- RÊPAS, Luís Miguel, 2003. *Quando a nobreza traja de branco. A comunidade cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*. Leiria: Edições Magno.
- RÊPAS, Luís Miguel, 2023. «As várias faces das monjas cistercienses em Portugal (1211-1385)». *Medievalista*, 33 (Janeiro-Junho 2023): 333-350. Disponível em: <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt/> – acedido em 3.7.2023.
- RÊPAS, Luís Miguel; BARREIRA, Catarina Fernandes. «La cultura escrita en los monasterios femeninos del Císter en Portugal (siglos XIII-XV): balance y perspectivas». *Lusitania Sacra*, 45 (janeiro-junho 2022): 33-35. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/lusitaniasacra/article/view/11603/11175> – acedido em 3.7.2023.
- RIBEIRO, Fernanda, 2008. *Para o estudo do paradigma patrimonialista e custodial: a Inspeção das Bibliotecas e Arquivos e o contributo de António Ferrão (1887-1965)*. Porto: Afrontamento.
- ROCHA, Manuel J. Moreira, 1999. «“Santa Rainha Mafalda”. Um modelo de perfeição. A construção da memória pelas monjas de Arouca no século XVII». *Poligrafia*, 7/8: 113-125.
- ROCHA, Manuel J. Moreira, 2009. «A prática musical no mosteiro feminino de Santa Maria de Arouca. Espaços e instrumentos nas vivências claustrais barrocas». In *O órgão do Mosteiro de Arouca. Conservação e restauro do património musical*. DRCN e CMA, Norprint: 18-36.
- ROCHA, Manuel J. Moreira, 2011. *A memória de um mosteiro. Santa Maria de Arouca (séculos XVII-XX). Das construções e das reconstruções*. Porto: Eds. Afrontamento.
- RODRIGUES, Maria Idalina, 1988. *Fray Luis de Granada y la literatura de espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid: Univ. Pontificia de Salamanca – FUE.

- SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, María Letícia, 2009. «Veinticuatro horas en la vida de un monasterio de los siglos XVI y XVII». *Cuadernos de Historia Moderna*. Anejos. 8: 199-227.
- SANTOS, Tiago Filipe da Costa, 2018. *O mosteiro de Arouca entre o final do Antigo Regime e a Primeira República (1786-) Extinção e reconfiguração*, Porto, Universidade Católica Portuguesa (polic.). Disponível em linha no repositório da Universidade Católica Portuguesa.
- SILVA, Cátia Paula Oliveira, 2017. *Acervo Histórico do Mosteiro de Arouca – Recuperação e catalogação. Relatório e estudo de caso*. Trabalho de Projecto – Mestrado em Estudos Musicais, FCSH-UNL (polic.). Disponível em linha no repositório da Universidade Católica Portuguesa.
- SIMÕES JUNIOR, M., 1942. «Trasladação da Rainha Santa Mafalda». *Distrito de Aveiro*, vol. VIII: 174-177.
- SIMÕES JUNIOR, M., 1988-2001. «Arouca. Subsídios para a sua monografia». *Defesa de Arouca*, n.ºs 1648-2292, s.p., esp. CCXXIV (12.3.1993) até CCCXIII (24.3.1995) e CDIII (30.1.1998), CDV (13.2.1998), CDVI (20.2.1998), CDVII (6.3.1998), CDX (9.4.1998), CDXII (24.4.98), CDXIII (15.5.1998), CDXIV (22.5.1998), CDXV (12.6.1998), CDXVI (19.6.1998), CDXVII (26.6.1998); de CDLXVII (11.2.2000) a CDLXX (3.3. 2000); de DI (6.4.2001) a DIII (20.4.2001).
- SOUSA, Cristina P. & GOMES, Saul, 1998. *Intimidade e encanto. O mosteiro cisterciense de Santa Maria de Cós (Alcobaça)*. Leiria: Magno Eds. e IPPAR.
- VAGAGGINI, Cipriano, OSB. 1965. *El sentido teológico de la liturgia. Ensayo de liturgia teológica general*. 2ª ed. Madrid: BAC.
- VEIGA, Afonso, 2005. *Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- VEIGA, Afonso, 2013. *Filhas da nobreza setecentista do mosteiro de Arouca*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- VEIGA, Afonso, 2020. *A mesa grande do mosteiro de Arouca. Recursos e distribuição*. Lavra: Letras e Coisas.
- VITORINO, Pedro, 1937. «O Mosteiro de Arouca – II: o Edifício». *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. II: 165-174.
- VITORINO, Pedro, 1937. «O Mosteiro de Arouca – III: o Museu». *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. III: 11-23.

ANEXOS

ANEXO I

Catálogo da

«Livraria Monástica»

– Impressos (à guarda da RIRSMA)

Identificação das obras impressas e das respetivas marcas de posse/uso, com reorganização por critérios tipológicos e, dentro destes, com ordenação cronológica. Em todos os casos é feita remissão para a respetiva cota no catálogo digital elaborado pelo CESEM, disponível no portal deste centro sobre «O acervo histórico do mosteiro de Arouca: recuperação e catalogação», em: <https://arouca.fcsh.unl.pt/fontes>. Essa cota é a que também corresponde à localização física dos livros na Biblioteca D. Domingos de Pinho Brandão, tutelado pela RIRSMA.

No catálogo que agora se publica não foram incluídas, por motivos óbvios, obras publicadas depois de 1886, nem os volumes manuscritos que constam daquele. Foram, contudo, acrescentadas todas as anotações manuscritas incluídas nas obras, indicando igualmente informação sobre formatos, encadernação e estado de cada volume, e corrigidas algumas marcas de posse daquele catálogo.

A descrição das edições a partir das suas portadas e/ou conteúdos e as anotações sobre os diversos exemplares visam, no essencial, facultar ou facilitar uma aproximação ao que foi o conjunto de textos impressos que, ao longo dos tempos, foram sendo adquiridos, recebidos, lidos, manuseados ou guardados no mosteiro. Por esse motivo, não se optou pela descrição bibliotecnómica, em parte constante já do referido catálogo digital. Foi mantida a grafia, com atualização apenas das grafias do «u» intervocálico e do «v» com valor de «u».

A. INCUNÁBULOS

1. [*Breviarium Braccarense*. Braga: por João Gherlinc, a expensas de Pedro de Barzena, 1494]. 4º.
[Encadernação em couro sobre madeira. Exemplar sem rosto e primeiras folhas. Muito mau estado. Em latim. Colofão: *Impressus est hoc opus breviarii in Augusta Bracharensi civitate hipaniarum primate per magistrum Johanem gherlic alemanum impensis petri de barzena. Anno salutis christiane mcccclxxxiii die xii Decembris*. Cota: Res. L 001]
2. LUDOLFO DE SAXÓNIA, O. Cart., *Vita Christi* [*Livro quarto*] Lisboa: Nicolau de Saxónia e Valentim Fernandes, 1495. 2º.
[Em latim. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Com anotações manuscritas nas margens. Cota: Res. L 002]
3. [*Epistolas y Evangelios con sus sermo[n]es y doctrinas por todo el año*]. [começa com *Prohemio* ...]. Sevilla: Estanislao Polono, 1500. Fol. peq.
[Enc. couro sobre cartão. Sem rosto. Começa fl. ij. Colofão: *Epistolas y evangelios cõ sus sermões y doctrinas por todo el año los q[ua]les fuerõ corregidos y emẽdados cõ mucha auctoridad y diligẽcia mandarõ los imprimir maestre garcia dela torre y alonso lorẽço librereros cõpañeros enla muy noble y muy leal ciudad de Sevilla en casa de Stanislao Polono impresor de libros. Acabose a quatro dias del mes de agosto del año de nuestra salvacion de mill y quinientos años. Deo Gr[aci]as*. Particularmente interessante é o *Prohemio* da obra (fol. ij r.), em que Paulo Hurus se assume como responsável por esta nova organização dos *Evangelhos e Epístolas*. Exemplar restaurado, bom estado. Cota: Res. L 003]

B. SÉCULOS XVI-XIX

a. Saltérios

Século XVI

4. [*Psalterium* ...], [Veneza, 1503]. Fol.
[Em latim. Sem rosto. Enc. couro sobre cartão. Aparado em cima para encadernação. Bom estado. Cota: Res L 004]

5. *Psalterium ad decantanda in choro officia ecclesiastica accōmodatissimu[m]: s[e]c[un]d[u]m usum ac ritu[m] religiosissimi Ordinis Cisterciensis cum Hymnis / Cãticis / Antiphonis / Versiculis / Letaniis / ac Vigiliis defunctorum [...]*. Paris: impensis Wolfgangi Hopylij et Gaufridi de Marnef, 1513. Fol.
[Enc. couro sobre madeira. Em latim. Bom estado. Inclui algumas pautas musicais. Cota: Res. L 005]

6. [*Psaletrium ad decantanda in choro officia ecclesiastica accōmodatissimu[m] [...] religiosissimi Ordinis Cisterciensis...*]. Paris: impensis Wolfgangi Hopylij et Gaufridi de Marnef]. 1513. Fol.
[Outro exemplar da mesma obra. Enc. couro sobre madeira, com o mesmo modelo de encadernação. Falta folha de rosto e fl. 1. Bom estado. Cota: Res. L 006]

7. *Psalterium ad decantanda in choro officia ecclesiastica accōmodatissimu[m] [...] religiosissimi Ordinis Cisterciensis...* Paris: impensis Wolfgangi Hopylij et Gaufridi de Marnef [1513]. Fol.
[Mesma obra e edição. Aparado em cima para encadernação em couro sobre madeira. Cota: Res. L 007]

8. [*Psalterium ad decantanda in choro officia ecclesiastica accōmodatissimu[m] [...] religiosissimi Ordinis Cisterciensis cum hymnis Cãticis*]. [1513]. Fol.
[Exemplar igual aos anteriores. Sem folha de rosto. Enc. couro sobre madeira. Fechos em couro e ferro, um deles mutilado. Aparado em cima. Estado razoável. Inclui algumas pautas musicais e, solta, meia folha com o título *O Fiel Amigo*, 16º. Cota: Res. L 008]

9. [*Liber Psalmorum*], Antuerpiae, Christophorus Plantinus, 1564. 12º.
[Enc. couro sobre cartão, aparado em cima. Bom estado. tem riscada uma marca de posse: «he este salterio da srª Maria Nogueira do mosteiro dArouca q[ue] d[eu]s livre de [...] Ate lá». No final, na folha de guarda, uma breve oração manuscrita, em latim: «*Dout uenie langistor et humane salutis [...]*». Cota: Res. L 020]

10. [*Psalterium Cisterciensis. Incipit:*] *Privilegium reverendissimi Domini Cisterciensis*, Paris, Hieronymus de Marnef, 1587. 16º.

[Breviário de bolso, temporal e santoral. Enc. couro sobre cartão, sem rosto, aparado e com fechos mutilados. Restante em bom estado. Marca de posse/uso: «D. Mauricia Bernarda». Cota: Res. L 024]

Século XVII

11. *Psalterium Davidis, cum Canticis sacris & selectis aliquot Orationibus*. Antuerpiae, Ex Officina Plantiniana, apud Balthasorem Moretum & Viduam Joannis Moreti & Io. Meursium, 1624. 8º.

[Enc. couro sobre cartão, exemplar aparado. Bom estado geral. Marca de posse no verso da 1ª folha: «Ab. Mª de Berredo». Cota: Res. L 029]

12. *Psalterium Sacri Ordinis Cisterciensis. Rcens amendis quamplurimus diligentissime repurgatum & debitis accentibus ornatum*. Paris: Sebastianum Cramoisy et Gabrielem Cramoisy, 1646. 4º peq.

[Outro exemplar da obra anterior, aparado. Enc. couro sobre cartão, bom estado, faltando os fechos. Contém duas marcas de posse/uso: no verso da capa: «este Salterio he de D. Gertrudes Saraiva de Sá Pereira de Mello»; no r. da folha de guarda: «he de D. Jozefa de Mello». Inclui no final, na encadernação, 27 folhas ms., com o *Officium Feriale S. Patris Nostris Patri Bernardi*. Cota: Res. L 045]

13. *Psalterium Sacri Ordinis Cisterciensis recéns amendis quamplurimis diligentissime repurgatum, & debitis accentibus ornatum*. Paris: Sebastianum Cramoisii et Gabrielem Cramoisy, 1646. Inclui no final a obra de Luis de Sá [Ludovico de Saa], *Officia Virginis Bonae Mortis, Verae Vitae, Immaculatae Conceptionis, dolorosae passionis filii, & solitudinis Matris, cum aliquibus commemorationib[us] aliquorum Sanctoru[m] Cistercie[n]çe. omnia iuxta Breviariu[m]*, Conimbricae, Apud Emmanuelem Carvalho Universitatis Typographum, 1647. 4º.

[Enc. couro sobre cartão, com fecho. Estado sofrível. Inclui um papel solto, ms., com transcrição do Salmo 69 e outro, impresso, com salmo 32. Cota: Res. L 044]

14. *Psalterium Davidis, cum canticis sacris & selectis aliquot orationibus: Serenissimorum Belgicae Principum mandato xcusum*. Antuerpiae: Ex Officina Plantiniana Baltasaris Moreti, 1683. 8º.
[Enc. couro sobre madeira, com fechos. Marca de posse no verso da capa: «Este Liuro he de D. Luiza de Menezes, que Deus fasa huma s[an]ta». Cota: Res. L 067]

Século XVIII

15. *Psalterium Davidicum, ad usum et ritum sacri & religiosissimi Ordinis Cisterciensis*. Colónia: Henrici du Sauzet, 1723. Fol.
[Enc. couro sobre madeira, bom estado. Com adições musicais manuscritas: «antífonas p/ matinas». Guardado com os manuscritos, em sala do Museu. Cota: Res. L 088]
16. *Psalterium Dispositum per Hebdomadam, Cum Officio Feriale secundum Regulam Sancti Benedicti, & usum sacri Ordinis Cisterciensis*. Séc. XVIII. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão, sem rosto. Inclui, com formato mais pequeno, as «Commemorationes quotidianae Beatae Mariae Virginis» e as «Benedictiones Vigilarum dominis diebus, et festis». Mau estado. Cota: Res. L 153]
17. [*Psalterium Davidi*. Truncado. Incipit:] *Liber Hymnorum vel Psalmorum David*. S.l., s.d. (Séc. XVIII). 12º.
[Enc. couro sobre cartão. Sem folha de rosto e iniciais. Marca de posse riscada: “Este Salterio he de ... e de... [ilegível]». Exemplar em mau estado. Cota: Res. L 319]
18. *Psalterium Digestum per Hebdomadam. Cum Officio Feriali secundum Regulam sancti Benedicti & usum Ordinis Cisterciensis*. S.l., s.d. Séc. XVIII. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Incompleto. Marca de posse no r. da folha de guarda: «Ordem». Cota: Res. L 337]
19. [*Psalterium Secundum Usus Cisterciensis Ordinis*]. S.d. Séc. XVIII. 8º grande.
[Enc. couro sobre cartão, com fecho em ferro. Falta folha de rosto e finais. Marca de posse no v. da capa: «Ordem» e no r. da folha de guarda: «heste Salterio he da Ordem». Cota: Res. L 338]

20. [*Psalterium Dispositum per Hebdomadam. Cum Ordinario Officii de Tempore. Pars Verna*]. S.d. Séc. XVIII. 8º grande.
[Enc. couro sobre cartão, faltando-lhe as folhas de rosto e iniciais. Mau estado. Cota: Res. L 340]
21. [*Psalterium – Officium parvum Beatae Mariae Virginis*]... Séc. XVIII. S.d. [Breviário]. 4º.
[Enc. em papel, aparado. Mau estado. Começa p. 120. Cota: Res. L 346]
22. [*Regula generalis + Psalterium + Officium Feriale*]. S.d. Séc. XVIII. 12º.
[Enc. couro sobre cartão, com fechos. Bom estado. Falta folha de rosto e iniciais. Restantes em bom estado. Aparado em cima. Inclui ainda o *Officium Feriale* cisterciense, com paginação autónoma (1-177). Cota: Res. L 339]

Século XIX

23. [*Psalterium Dispositum per Hebdomadam, cum Officio Feriali Secundum Regulam Sancti Benedicti & usum Sacri Ordinis Cisterciensis*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Saltério + ofícios feriais + comum dos santos. Faltam folhas iniciais e finais. Mau estado. Cota: Res. L 322]
24. [*Psalterium Dispositum per Hebdomadam, cum Officio Feriali Secundum Regulam Sancti Benedicti & usum Sacri Ordinis Cisterciensis*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel. Mau estado. Cota: Res. L 324]

b. Missais

Século XVI

25. *Missale ordinis Cisterciensis*..., [Paris], apud Ambrosium Gerault, s.d. [1526?]. 4º.
[Bom estado, mas com fechos mutilados. Inclui algumas pautas musicais. Marca de posse no verso da capa: «Este missal he de ma^a ana de ispiritus s[anctu]s q[ue] d[eo]s fasa soria». Cota: Res. L 9]

26. *Missale ad usuz Cistercien[sis] ordinis per que[n]dam eiusde[m] ordinis monastichu[m] studiosissime correctu[m]*. Paris, Ambroise Girault / De Marnef, Cisteaux / Clerevaux, 1529. 4º peq.
[Bom estado. Enc. couro sobre cartão, com ferros mutilados. Marca de posse/uso, riscada: Ana Ribeira. Cota: Res. L 10]
27. *Missale ad usuz Cistercie[nsis] ordinis per que[n]dam eiusde[m] ordinis monachu[m] studiosissime correctu[m]*. Paris, Ambroise Girault / De Marnef, Cisteaux / Clerevaux, 1529. 4º peq.
[Mesma obra e edição. Razoável estado. Enc. couro sobre madeira. Duas marcas de posse/uso: uma riscada e por isso ilegível [Maria de Sousa?]; a outra: D. Luiza micaela que d[eu]s fasa soria. Cota: Res. L 11]
28. *Missale ad usuz cistercie[nsis] Ordinis per que[n]dam eiusde[m] ordinis monachu[m] studiosissime correctu[m]*. Paris, Ambroise Girault, Cisteaux / Clerevaux, 1529. 4º peq.
[Mesma obra e edição. Razoável estado, aparado em cima. Enc. couro sobre cartão, com fechos funcionais. Inclui 2 folhas avulsa de um *Psalterium*, 12º. Cota: Res. L 12]
29. [*Missale ad usvm sacri ordinis cisterciensis* [...]]. [Incipit]: *Ad te levavi animã meã*... [Paris, Hieronimum Pelicanum, 1556]. 4º grande.
[Enc. couro sobre cartão, faltando um dos dois fechos. Sem folha de rosto. Bom estado do texto. Aparado em cima. Acrescento ms no final. «*Officium Missae Transfigurationis Domini*». Inclui diversas pautas musicais e continha um ms. avulso com música, intitulado *Ad libitum* e com o texto *Te Deum laudamus*, atualmente com cota autónoma. Cota: Res. L 18]
30. [*Missale ad usvm sacri ordinis cisterciensis* [...]]. [Incipit] *Ad te levavi animã meã*..., [Paris, Hieronimum Pelicanum, 1556]. 4º grande.
[Outro exemplar da mesma obra, enc. couro sobre cartão, com fechos e com marca de posse: «este livro he da hordem pª la deve hir». Cota: Res. L 19]

31. *Missale Romanum. Ex Decreto Sacrosancto Concilii Tridentin restitutum*, Conimbrica, ex officina Antonii a Mariz, 1575. Fol. peq.
 [Enc. couro sobre madeira, com ferros. Mau estado. Marca de posse: «Esse missal he de N^a Ill[ustrissim]a Irm[andad]e dos P[adr]es de Ar[ou]ca». Cota: Res. L 021]
32. *Missale Romanum Ex Decreto Sacrosancto Concilii Tridentin restitutum*, Conimbrica, ex officina Antonii a Mariz, 1575. Fol. peq.
 [Outro exemplar da mesma obra e edição. Enc. couro sobre madeira, com ferros. Mau estado. Marca de posse: «Esse Missal he de N^a Ill[ustrissi]ma Irm[andad]e dos P[adr]es de Ar[ou]ca». Cota: Res. L 022]

Século XVII

33. [*Missal*]. [*Incipit:*] *Pius Episcopus Servorum Dei, Ad perpetuam rei memoriam*. S.l, s.n. 1616. Fol. peq.
 [Enc. couro sobre madeira, com fechos mutilados. Incompleto. Estado geral razoável. Marca de posse no verso da capa: «Aug^o» e «Augustinho». Na folha de guarda final um texto em latim ms. Cota: Res. L 028]
34. *Missale Sacri Ordinis Cisterciensis Autoritate Reverendissimi D. D. Cisterciensis Abbatis, eiusdem Ordinis Generalis emendatum*. Paris: Sebastiani Cramoisy et Gabrielis Cramoisy, 1646. Fol.
 [Enc. couro sobre cartão. Mau estado. Inclui pautas musicais. As duas folhas brancas finais incluem orações em latim. Cota: Res. L 043]
35. *Missale Romanum et Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum Pii V. Pont. Max. Primum, nunc denovo Urbani Papae Octavi auctoritate recognitum*. Conimbricae (Coimbra): Officina Roderici de Carvalho Coutinho, 1675. Fol.
 [Enc. couro sobre madeira, com ferros mutilados. Razoável estado geral. Inclui notas ms.: no verso da capa: «He da Capela da S[e]h[o]r^a Douzida ou de S[an]ta Luzia» No verso da folha de guarda: «No ano de 1794 em Julho se reedificou a Capella de N. Sr^a de Ouzida, e se fez hum altar novo – sendo Par[roc]o o R[everen]do Ant[oni]o

Joaq[ui]m de Vasc[oncel]os da Fr[e]g[uesi]a de Fornos Bisp[ad]o do Porto, e Mordomos Pe g. es [gerais?] da gulze [?], e Gaspar de Pe da Manza [?]. Vale». No verso da 2ª folha de guarda: «1675 / Este Missal pertence a Capella de Nª Sª douvido, ou Stª Luzia, p[ar]a constar he que aqui o declaro – da freg[uesi]a de S. Bartholomeo de Arouca [rubrica]. Cota: Res. L 047]

36. *Missale Romanum, ex Decreto Sacrosancti Tridentini restitutum*. Lugduni, apud Petrum Guillimin & Antonium Beaujollin, 1690. Fol.
 [Enc. couro sobre madeira. Em razoável estado, ainda que com a folha de guarda solta. Marca de posse/uso na folha de guarda, r.: «Este Missal he da confraria do Santíssimo Sacramento desta Villa de Arouca. / Bene dixisti / Valle / João Fernandes erat Dr. / In Anno Nativitati D.N. 1799. / Com outra letra: «João Fernand[es]». Inclui várias pautas musicais. Cota: Res. L 072]

Século XVIII

37. [Missal]. [1714?]. Fol.
 [Enc. couro sobre cartão, com fechos mutilados. Falta folha de rosto e folhas de guarda. Mau estado. Incipit: «*Quo primùm tempore ad Apostolatus...*». Licença de impressão datada de 29 de setembro de 1714. Cota: Res. L 225]
38. [Missal]. [1714?]. Fol.
 [Mesma obra/edição do nº 46. Enc. couro sobre cartão, com fechos em pele e ferro. Falta folha de rosto e folhas de guarda, assim como folhas finais. Mau estado. Incipit: «*Quo primùm tempore ad Apostolatus...*». Licença de impressão datada de 29 de setembro de 1714. Cota: Res. L 237]
39. *Missale Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum, S. PII Pont. Msax. Jussu Editum, et Clementis VIII. Primum, nunc denuo Urbani Papae Octavi Auctoritate recognitum, Ex novis Missis ex Indulto Apostolico huc usque concessis auctum*. Antuerpiae, Ex Achitypographia Plantiniana, 1738. Fol.

[Enc. couro sobre cartão, com fechos e ferro. Mau estado, com algumas folhas soltas e outras mutiladas. Inclui diversas pautas musicais. No lado r. da folha de guarda inicial: «Nº 46». Cota: Res. L 100]

40. *Missale Cisterciense ad usum Sacrae Congregationis Divi Bernardi, In Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Venetiis, Ex Typographia Baglioniana, 1741. Fol. grande.

[Enc. couro sobre madeira, com fechos e ferro, um dos quais mutilado. Em mau estado, com várias folhas soltas no final. No verso da capa tem, a lápis: «Nº 44». Na folha de rosto ao fundo, ms: «P 800 rs». Na contracapa final encontram-se várias rubricas e assinaturas: «Joze»; August.to» «Manoel». «Antonio...». No verso da última folha do índice uma breve oração ms. em latim: *B. Maphalda Virginis. Oratio*. Cota: Res. L 101]

41. *Missale Cisterciense ad usum sacrae congregationis...* Veneza, Typographia Baglieniana, 1741. Fol. grande.

[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre madeira, com fechos, em bom estado. Cota: Res. L 102]

42. *Missale Cisterciense ad usum sacrae congregationis*, *ibid.* 1741. Fol. grande.

[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos e ferro, um deles mutilado. Estado sofrível, com algumas folhas soltas no final. No verso da capa, ms. a lápis: «Nº 44». Cota: Res. L 103]

43. *Missale Cisterciense ad usum sacrae congregationis*, *ibid.* 1741. Fol. grande.

[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre madeira, com fechos e ferro. Folhas iniciais e final soltas. Na 1ª folha de guarda, lado recto, anotações ms. a lápis: «1ª Dominga do Advento a pag.^a lxxi / Agua benta [a pag.] lxx. Oração omnipotens cuimunque lviii / Oração A Domutua lxiii / Arouca 22 de Maio de 1885». No verso da 2ª folha de guarda, ms. a lápis: «Nº 44». Cota: Res. L 104]

44. *Missale Cisterciense ad usum sacrae congregationis*, *ibid.* 1741. Fol. grande.

[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão na capa da frente e sobre madeira na capa de trás, com cobertura de veludo encarnado (em mau estado) com fechos em couro e ferro,

um deles mutilado. Estado geral sofrível. No verso da capa, ms. a lápis: «Nº 44». Cota: Res. L 105. Deve ser o exemplar referido no «Auto de posse» dos bens entregues pela Finanças de Aveiro à Real Irmandade transcrito no Anexo III, nº 320]

45. *Missale Cisterciense ad usum sacrae congregationis*, ibid. 1741. Fol. grande.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre madeira, com fechos e ferro, um deles mutilado. Em mau estado, com folhas soltas e algumas mutiladas. Na última folha de guarda, r., várias orações em latim. Num fragmento solto: «Fr. Domingos Vieira/ Joaquim Almeida / Francisco». Cota: Res. L 106]
46. *Missale Cisterciense ad usum sacrae congregationis*, ibid. 1741. Fol.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre madeira, com fechos e ferro mutilados. Em mau estado. Cota: Res. L 107]
47. *Missale Cisterciense ad usum sacrae congregationis*, ibid. 1741. Fol.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. veludo verde sobre cartão, com e ferros em prata e fechos em prata, um deles mutilado. Exemplar completo, de bom papel e em bom estado. Na última folha de guarda, uma oração em latim: «B Maphalda Virginis Oratio». No lado verso da 1ª folha de guarda inicial: «Celestina»; no lado recto da 1ª folha de guarda final: «Beata Mafalda ... » – Não sendo um breviário, não deve tratar-se do exemplar referido no «Auto de posse» transcrito no Anexo III, nº 321. Cota: Res. L 108]
48. *Missae juxta Sanctae Romanae Ecclesiae ritum, ad usum canonicorum regularium S. Augustini*. Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1747. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Inclui no final, ms., uma «Missa de quarto». Cota: Res. L 172]
49. [*Missale Romanum*], [> 1792]. Fol.
[Enc. couro sobre madeira, com fechos em couro e ferros. Mau estado, faltando-lhe a folha de rosto e com algumas folhas soltas no início e no final. Data da *Summa Privilegii* de 23 de abril de 1792. Cota: Res. L 248]

50. [*Missal*]. [>1792]. Fol.
 [Enc. couro sobre cartão, com fechos de ferro. Mau estado, faltando-lhe a folha de rosto. Marca de posse no r. da folha de guarda: «Este Missal he do Martir S. Sebastião. Da Freg^a da Villa de Arouca, Bisp. do de Lamego». Cota: Res. L 224]

Século XIX

51. *Instrução de Ceremonias, em que se expõe o Modo de Celebrar o Sacrosanto Sacrificio da Missa, assim Rezada, como Cantada, Conforme as Rubricas do Missal Romano, Dcretos da Congregação dos Ritos, e Doutrina dos melho-res Authores. Por hum Sacerdote D. C. D. M. Setima edição.* Lisboa: Na Impressão Regia, 1814. 8º.
 [Enc. couro sobre cartão. Inclui no final uma «Tabula Directiva pro Sanctissimo Missae Sacrificio Privatim Celebrando, fol. dobrado. Vom estado. Marca de posse/uso: «Hé do P.e João Joaq[ui]m Teixeira da Silva assistente na vara da Lavand.r^a da Villa de Arouca. Que lhe custou =600. Anno de 1816». Rubricado. Cota: Res. L 243]
52. *Missale Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum* [...]. Olisipone, Ex Typographia Regia, 1820. Fol.
 [Enc. veludo encarnado sobre madeira, com ferros dourados, um dos quais mutilado. Belo exemplar, devendo ser o que consta do «Auto de posse» dos bens entregues pela Finanças de Aveiro à Real Irmandade – transcrito no Anexo, III, nº 322. Cota: Res. L 245]
53. *Manual da Missa, Acrescentado com várias Orações, offerecido a todo o Fiel Christão para se encomendar cada hum a Deos Nosso Senhor.* Lisboa: Typographia de R. D. Costa, 1836. 16º.
 [Enc. couro sobre cartão. Estado sofrível. Cota: Res. L 249]
54. GAMA, Joannis M. P. A. *Almanak Ecclesiasticum. Ad Novissimam Authenticam Editionem Breviarii, et Missalis Romano-Lusitani Accommodatum ad Servitium Divinum Rite Persolvendum Juxta Breviarium, Missaleque Romanum, atque indulta specialia, resolutionesque S. R. C. [...]* Anno Domini, 1883 post bissextum tertio. Conimbricæ: Ex. Typis Academicis, 1883. 8º.
 [Enc. em papel. Texto em estado razoável. Cota: Res. L 290]

c. Passionário

Século XVI

55. [*Passionário da Semana Santa*], sem rosto, em latim. [Dedicatória a D. João III] Jacobus Fernandus Formosus [Diogo Fernandes Formoso] [*Incipit*]: *Gloria Laus et honor tibi ...*], Lisboa, Ludovicus Rodericus [Luis Rodrigues], 1543. Fol.
 [Obra musical. Algumas folhas mutiladas. Enc. couro sobre cartão. Inclui anotações manuscritas dispersas nas pautas musicais. Cota: Res. L 013]

d. Ofício Divino e Ofício da Virgem

Século XVI

56. [*Ordinario do Officio divino*]. S.l., s.n. [1550]. 8º.
 [Enc. couro sobre cartão. Mau estado e mutilado. Em português, com hinos em latim no final. Sem folha de rosto e outras, começa fl. 17r, depois de diversas folhas manuscritas. Duas marcas de posse nas folhas em branco: dona Clara [...]? e, riscada, «dona violante de sousa». Cota: Res. L 014]
57. [*Ordinario do Officio Divino*]. S.l., s.n. [1550]. 8º.
 [Outro exemplar da obra anterior, sem rosto, com errata na última folha. Enc. de couro sobre cartão. Bom estado. Marca de posse/uso, no verso da folha de guarda: «de m[aria] doliveira monteira». Cota: Res. L 015]
58. *Ordinario do Officio Divino*. S.l. [dedic., em folha solta: «Deste Collegio de S. Bernardo»], s.d. [1550]. 8º.
 [Outro exemplar da mesma obra, a que falta a folha de rosto e outras. O restante em bom estado. Enc. de couro sobre cartão, aparado em cima. Cota: Res. L 016]

Século XVII

59. *Livro Ordinario do Officio Divino e Ceremonias da Ordem de Cister da Congregação e Observancia de S. Maria de Alcobça. Novamente reformado, emendado, & acrescentado pelo Reverendissimo Padre Fr. Arsenio da Paixão...* Lisboa: por Manoel da Silva, 1639. 8º.

[Enc. original em pele, razoável estado, mas com duas folhas soltas no início e uma no final. Cota: Res. L 039]

60. *Livro Ordinario do Officio Divino e Ceremonias da Ordem de Cister, da Congregação, & Observancia de S. Maria de Alcobça. Novamente reformado...* Lisboa: Manoel da Silva, 1639. 8º.

[Outro exemplar da mesma obra (nº 59). Enc. couro sobre cartão, em melhor estado que o anterior, mas com as duas folhas de guarda iniciais soltas e com um pequeno corte. Marca de posse/uso acrescentada: [...] «Digo de Ant^a da costa (?) que D[eu]s fassa santa e boa reli[gi]osa». No verso da mesma folha: «diz e[m] finados dipois da circuncisão. Em [...] i718. Foi noviça D. Angelica Leonarda dia da Magdalena. D. Madalena de Avalos dia de são (Jeravilo?) em janeiro 30 do mês era de i718» Inclui um papel avulso ms.: «As lagrimas de Nossa Senhora ao pé da Cruz». Cota: Res. L 040]

61. [*Officium Beatae Mariae*, sem rosto. *Incipit: Ex Bulla SS. D. N. Papae Pii V...*]. Decreto do Papa Urbano VII de 1631 e Privilégio datado de Bruxelas, 1641. 8º.

[Enc. couro sobre cartão. Falta rosto e tem duas folhas estão rasgadas. Inclui um papel solto: «Bendito e Louvado seja o SS.º Nome de Maria». Cota: Res. L 041]

62. *Officia Nova et Innovata ab Alexandre VII. Clemente IX & X. & S. D. N. Innocencio XI.* Ulyssipone, sumptibus (Lisboa: Domingos Carneiro), 1690. 4º peq.

[Enc. original em pele. Em mau estado. Várias marcas de posse/uso, ilegíveis: na folha de guarda «He de (?)»; na penúltima folha verso e última folha reto há diversas anotações manuscritas, ilegíveis. Cota: Res. L 071]

Século XVIII

63. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis, ad usum Ordinis Cisterciensis, Congregationis Portugalliae* [...]. Ulisipone: Ex Typographia Regia, 1771. 12º.
[Enc. couro sobre cartão. Faltam folhas iniciais, começa p. 3. Marca de posse: «Estas horas sam De Maria Delfina que D[eu]s fasa m[ui]to s[na]ta amem». Orações ms. no final, no verso da última folha e no r. da folha de guarda final. Cota: Res. L 210]
64. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis, ad usum Ordinis Cisterciensis*. Lisboa: Typographia Regia, 1771. 12º.
[Mesma obra e edição, faltando-lhe a folha de rosto. Enc. couro sobre cartão. Estado sofrível, com notórias marcas dos de dedos no fundo das páginas. Marca de posse/uso no v. da última folha: «Maria Guiomar». Cota: Res. L 211]
65. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis*. Lisboa: Typographia Regia, 1771. 12º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Estado razoável, mas com notórias marcas de dedos no fundo das páginas. Cota: Res. L 212]
66. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis*. Lisboa: Typographia Regia, 1771. 12º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado, com folha de rosto rasgada e com notórias marcas de dedos no fundo das páginas. Marca de posse/uso no verso da capa: «D Anna Delfina. Cota: Res. L 213]
67. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis*. Lisboa: Typographia Regia, 1771. 12º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado, faltando-lhe as primeiras folhas. Começa na p. 3. Também com notórias marcas de dedos no fundo das páginas. Cota: Res. L 214]
68. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis*. Lisboa: Typographia Regia, 1771. 12º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado, faltando-lhe as primeiras folhas e as seguintes estão mutiladas. Começa p. 5. Também com notórias marcas de dedos no fundo das páginas, que contribuíram para a degradação do exemplar. Inclui orações em latim, ms., no verso da capa e na folha de guarda. Cota: Res. L 215]

69. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis*. Lisboa: Typographia Regia, 1771. 12º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado, faltando-lhe a folha de rosto. Também com notórias marcas de dedos no fundo das páginas, que contribuíram para a degradação do exemplar. Oração ms em latim no verso da última folha. Cota: Res. L 216]

70. *Officium Parvum Beatae Mariae Virginis*. Lisboa: Typographia Regia, 1771. 12º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado, faltando-lhe a folha de rosto e as finais. Contém igualmente marcas de dedos no fundo das páginas, que contribuíram para a degradação do exemplar. Cota: Res. L 217]

71. *Ofício da Semana Santa, Confórme o Breviario, e Missal Romano. Y com as Ceremonias de que usa a Igreja neste Santo tempo, distribuídas pelos seus próprios lugares, e explicação dos Sagrados Mysterios para excitar mais a devoção dos Fieis. Tudo correcto, e ordenado Conforme os melhores Auctores, e ultimas disposições da Sagrada Congregação dos Ritos*. Porto: Na Officina de Viuva Mallen, e Filhos, e Companhia, 1796. 12º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 240]

Século XIX

72. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuais, Disposta Conforme a Regra do N. P. S.Bento. Usos Cistercienses, e Ritos da extincta Congregação de S. Maria de Alcobaca. Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o anno de 1850, 1861 e 1878*. Porto: Typografia Comercial, 1849. 8º peq.

[Sem encadernação. Começa com a folha de rosto e termina na última folha de texto. As datas de referência devem estar erradas, porque posteriores à data de impressão. Cota: Res. L 250]

73. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes, Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento, Usos Cistercienses, e Ritos da Congregação de S. Bernardo Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o Anno de 1852. Bissexto.* Porto: Typographia Commercial, 1851. 8º peq.
[Enc. em papel. Razoável estado, mas com manchas de humidade na última folha de guarda e contracapa. Cota: Res. L 252]
74. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes, Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento, Usos Cistercienses, e Ritos da Congregação de S. Bernardo Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o Anno de 1852. Bissexto.* Porto: Typographia Commercial, 1851. 8º peq.
[Exemplar igual ao do nº 72. Sem encadernação. Mau estado, nas primeiras e últimas folhas. Cota: Res. L 253]
75. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o anno de 1853, Primeiro Depois do Bissexto.* Porto: Typographia Commercial, 1852. 8º peq.
[Enc. em papel. Razoável estado. Cota: Res. L 288]
76. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes, Disposta Conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses, e Ritos da Extincta Congregação de S. Maria de Alcobaça Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o anno de 1854. Terceiro depois do bissexto.* Porto: Typographia Commercial, 1853. 8º peq.
[Enc. em papel. Bom estado, com ligeiras manchas de humidade no canto superior direito. Cota: Res. L 254]
77. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses, e Ritos da Extincta Congregação de S. Maria de Alcobaça Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o anno de 1854. Terceiro depois do bissexto.* Porto: Typographia Commercial, 1853.
[Mesma edição do nº anterior, mas sem encadernação. Última folha queimada pela tinta em cima. Cota: Res. L 255]
78. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses, e Ritos da Extincta Congregação de S.*

Maria de Alcobaça Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o anno de 1856, Bissexto. Porto: Typographia Commercial, 1855. 8º peq.

[Sem encadernação, começa com a folha de rosto. Com notas ms. em várias páginas, relativas ao texto. Cota: Res. L 256]

79. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses, e Ritos da Extincta Congregação de S. Maria de Alcobaça Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o anno de 1857. Primeiro Depois do Bissexto.* Lisboa: Typographia de F. X. de Souza, 1857. 8º grande.

[Papel, sem encadernação, não aparado. Texto em razoável estado. Cota: Res. L 257]

80. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses, e Ritos da Extincta Congregação de S. Maria de Alcobaça Para os Cistercienses de Portugal, e Algarves. Para o anno de 1858 Segundo Depois do Bissexto.* Para o anno de 1857. Lisboa, 1857. 8º.

[Sem encadernação. Bom estado. Cota: Res. L 258]

81. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses, e Ritos da Extincta Congregação de S. Maria de Alcobaça Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1860. Bissexto. Por F.A.L.A.L. Egresso da Congregação de S. Bernardo.* Lisboa: Typographia do Panorama, 1859. 8º.

[Sem encadernação. Texto em razoável estado. Cota: Res. L 259]

82. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1864 Primeiro depois do bissexto. Por F.A.L.A.L. Egresso da Congregação de S. Bernardo.* Lisboa: Typographia do Panorama, 1860. 8º.

[Enc. em papel. Bom estado. Cota: Res. L 260]

83. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1878 2º Depois do Bissexto.* Lisboa: Typographia do Panorama, 1861. 8º.

[Sem encadernação. Estado sofrível. Cota: Res. L 286]

84. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1863 Terceiro depois do bissexto. Por F.A.L.A.L. Egresso da Congregação de S. Bernardo.* Lisboa: Imprensa Silviana, 1862. 8º.
[Enc. em papel, faltando a capa. Estado razoável. Cota: Res. L 261]
85. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1866 Segundo depois do bissexto. Por F.A.L.A.L.* Lisboa: Typographia do Panorama, 1865. 8º.
[Enc. em papel. Estado sofrível, com manchas de humidade em algumas folhas. Cota: Res. L 262]
86. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1866 Segundo Depois do bissexto. Por F.A.L.A.L.* Lisboa: Typographia do Panorama, 1865. 8º.
[Outro exemplar da mesma obra. Enc. em papel. Razoável estado. Cota: Res. L 263]
87. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1867 e 1878 Terceiro Depois do bissexto. Por F.A.L.A.L.* Lisboa: Typographia do Panorama, 1866. 8º.
[Enc. em papel. Razoável estado. Cota: Res. L 264]
88. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1866 Segundo Depois do bissexto. Por F.A.L.A.L. Egresso da Congregação de S. Bernardo.* Lisboa: Typ. De A. J. Germano, 1867. 8º.
[Sem encadernação. Texto em razoável estado. Cota: Res. L 265]
89. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Para os Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1868 e 1875 Bissexto. Por F.A.L.A.L. Egresso da Congregação de S. Bernardo.* Lisboa: Typ. de A. J. Germano, 1867. 8º.
[Sem encadernação. Texto em razoável estado. Cota: Res. L 266]

90. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1870 Segundo Depois do Bissexto.* Lisboa: Typographia do Panorama, 1869. 8º.
[Enc. em papel. Razoável estado. Cota: Res. L 267]
91. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1871 Terceiro Depois do Bissexto.* S.l., s.i., s.d. 8º.
[Enc. em papel. Mau estado. Cota: Res. L 268]
92. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposto conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1872 Bissexto.* S. l.: Typ. Portalegrense, 1871. 8º.
[Enc. em papel. Estado sofrível. Cota: Res. L 269]
93. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1872 Bissexto.* S.l.: Typ. Portalegrense, 1871. 8º.
[Mesma obra e edição do nº anterior. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 270]
94. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1872 Bissexto.* S. l.: Typ. Portalegrense, 1871. 8º.
[Mesma obra e edição do nº anterior. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 271]
95. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1871 Terceiro Dpois do Bissexto.* S. l., s.i., s.d. 8º.
[Sem encadernação. Mau estado. Cota: Res. L 272]
96. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1873 Primeiro Depois do Bissexto.* S.l. Typ. Portalegrense, 1872. 8º.
[Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 273]

97. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1873 Primeiro Depois do Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1872. 8º.
[Mesma edição do nº 94. Enc. em papel. Estado sofrível. Cota: Res. L 274]
98. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1875 Terceiro Depois do Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1874. 8º.
[Sem encadernação. Estado sofrível. Cota: Res. L 275]
99. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1875 Terceiro Depois do Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1874. 8º.
[Mesma edição do nº 96. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 276]
100. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1876 Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1875. 8º.
[Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 277]
101. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1876. Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1875. 8º.
[Mesma edição do nº 98. Enc. em papel. Estado sofrível, com manchas de humidade. Cota: Res. L 278]
102. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1877 Primeiro Depois do Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1876. 8º.
[Enc. em papel. Estado sofrível. Cota: Res. L 279]
103. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1877 Terceiro Depois do Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1876. 8º.
[Mesma edição dos nº 100 e 102. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 280]

104. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1877 Terceiro Depois do Bissexto.* S.l., Typ. Portalegrense, 1876. 8º.
[Mesma edição dos nºs 100 e 101. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 281]
105. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1878 2º Depois do Bissexto.* S.l. Typ. Portalegrense, 1877. 8º.
[Enc. em papel. Estado sofrível. Outros exemplares *infra*. Cota: Res. L 282]
106. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1878 2º Depois do Bissexto.* S.l. Typ. Portalegrense, 1877. 8º.
[Mesma edição do nº 103 e seguintes. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 283]
107. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1878 2º Depois do Bissexto.* S.l. Typ. Portalegrense, 1877. 8º.
[Mesma edição dos nºs 103, 104 e seguintes. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 284]
108. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1878 2º Depois do Bissexto.* S. L. Typ. Portalegrense, 1877. 8º.
[Mesma edição dos nºs 103, 104, 105 e 107. Enc. em papel. Estado razoável. Cota: Res. L 285]
109. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves para o anno de 1878, 2º depois do bissexto.* Typ. Portalegrense, 1877. 8º.
[Mesma edição dos nºs anteriores. Sem encadernação. Estado sofrível. Cota: Res. L 289]

110. *Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento. Usos Cistercienses de Portugal e Algarves. Para o anno de 1879 Terceiro Depois do Bissexto. S.l, Typ. Portalegrense, 1878. 8º.*
[Enc. em papel. Estado sofrível. Anotações no verso da contracapa: «P. Gil – vir cá. / Cantoras – tomou ao Cardoso a respeito da comunhã e [...] officio». Cota: Res. L 287]
111. *Officium Majoris Hebdomadae a Dominica in Palmis Usque ad Sarratum in Albis Juxta Ordinem Breviarii, Missalis et Pontificalis Romani cum cantu emendato. Editum sub auspiciis Sanctissimi Domini Nostri Pii PP. IX. Curant Sac. Rituum Congregatione. Cum Privilegio. Ratisbonae, Neo Eboraci et Cincinnatii, sumptibus, Chartis & Typis Friderici Pustet, 1882. 4º.*
[Enc. couro sobre cartão, muito danificada. Texto em bom estado. Essencialmente pautas musicais. Marca de posse na folha de rosto, já posterior ao falecimento de D. Maria José Tovar Meneses: «Pe. Antonio Aug[us]to Cor[rei]a de Sousa. Cota: Res. L 291]
112. [*Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento*]. 2ª metade século XIX. 8º.
[Exemplar sem encadernação, sem rosto e sem folhas iniciais. Restante texto em razoável estado. Cota: Res. L 293]
113. [*Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento*]. 2ª metade século XIX. 8º.
[Enc. em papel, faltando-lhe a folha de rosto, as folhas iniciais e as finais. Começa no mês de fevereiro e termina no de junho. Cota: Res. L 294]
114. [*Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento*]. 2ª metade século XIX. 8º.
[Exemplar sem encadernação, sem rosto e sem folhas iniciais. Diversas anotações manuscritas ao longo do texto. Cota: Res. L 295]
115. [*Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento*]. 2ª metade século XIX. 8º.
[Exemplar sem encadernação, sem rosto e sem folhas iniciais e finais. Restante texto em razoável estado. Cota: Res. L 296]

116. [*Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento*]. 2ª metade século XIX. 8º.
[Exemplar sem capa, sem rosto e sem folhas iniciais. Restante texto em razoável estado, mantendo a contracapa em papel. Cota: Res. L 297]
117. [*Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento*]. 2ª metade século XIX. 8º.
[Enc. em papel, sem rosto e sem folhas iniciais e finais. Termina no mês de junho. Restante texto em razoável estado, mantendo a contracapa em papel. Cota: Res. L 298]
118. [*Ordem do Officio Divino e Missas Conventuaes. Disposta conforme a Regra de N.P.S. Bento*]. 2ª metade século XIX. 8º.
[Exemplar sem capa, sem rosto e sem folhas iniciais. Cota: Res. L 299]
119. ROQUETE, J.-I. *Manual dos Officios da Semana Santa. Novamente traduzidos em portuguez, ilustrados com importantes notas bíblicas litúrgicas e mysticas e orações para a missa e confissão, com aprovação do Ex.mo e R.mo S.or Cardeal Patriarcha de Lisboa*. Paris e Lisboa. Guillard Aillaud e Cª, 1896 [conforme colofão].
[Enc. couro sobre cartão. Estado razoável. Licença datada de 5 de Janeiro de 1863. Nota na folha de inventário da RIRSMA: «Doação de Mª Luísa Teixeira de Sousa». Desconhecemos a origem desta informação. Cota: Res. L 292]

e. Ofício de Defuntos

Século XVI

120. *Ordo ad inungendum infirmum & ad communicandum. Atq[ue] ad mortuum sepeliendum. Secu[n]dum Cisterciensis ordinis consuetudinem*. Conimbricæ [Coimbra], Ioa[n]nes Alvarus, 1555. 8º.
[Enc. couro sobre cartão, bom estado, mas aparado para encadernação. Inclui diversas pautas musicais e, no final, duas folhas manuscritas. Cota: Res. L 017]

f. Bíblia

Século XVII

121. *Biblia Sacra. Vulgatae Editionis*, Antuerpiae, Ex Officina Ioannem Moretum, 1605. Fol. peq.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado, mas com marcas de bicho nas margens inferiores. Cota: Res. L. 027]

Século XIX

122. *Biblia da Infancia ou Historia Resumida do Velho e Novo Testamento referida a Meninos de Oito e Doze Annos; pelo Abb. Martinho de Noirlieu [...]. Traduzida pelo P. Antonio de Castro [...]. Nova Edição*. Tomo I e Tomo II. Lisboa, Typ. De José B. Morando, 1850. 12º.

[Enc. couro sobre cartão, Tomo I e Tomo II. Razoável estado, mas com falta das folhas finais. Termina p. 158. Cota: Res. L 251]

g. Breviário

Século XVII

123. *Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis amendis exate repurgatum*, Parisiis, Apud Georgium Lombart, 1600. 4º peq. (aparado).

[Enc. couro sobre cartão, aparado, com um fecho mutilado. Bom estado. Inclui no final três outras obras. A primeira: *Officia Ferialia D. Bernardi, et D. Benedicti, nee non Augustissimi Sacramenti et deiparae Virginis Mariae in exilium peregrinatis...*, Conimbricae, ex Typ. Regali Artium Collegio Societatis Jesu, 1727. A segunda, com folhas dobradas para caberem na encadernação: *Officium Virginis Mariae, ad vsvm scrae Ordinis Cistrsciensis*. Conimbricae, ex officina Antonii à Mariz, 1596. A terceira, com folhas igualmente dobradas, *Officium Sacrosanctarum Plagae Redemptoris Nostrum*, Coimbra, Diogo Gomes Loureiro, 1601. Cota: Res. L 025]

124. [Breviarium, sem rosto Incipit:] *Summa Privilegii Christianissimi Regis*, Paris, Sebastiani Cramoisy, 1626. 12º.

[Exemplar aparado. Enc. couro sobre cartão, com fechos mutilados. Mau estado. Cota: Res. L 031]

125. *Breviarium Cisterciense ad usum Congregationis D. Bernardi Portugalliae*. Antuerpia: s.n., 1677. 4º.

[Enc. couro sobre cartão, faltando a 1ª capa com respetivos fechos, assim como a folha de rosto. Aparado em cima. Restante texto em bom estado. Cota: Res. L 048]

126. [*Breviarium Cisterciense ad usum Congregationis D. Bernardi Portugalliae*. Antuerpia: s.n., 1677]. 4º.

[Outro exemplar da obra anterior. Enc. couro sobre cartão, com fechos mutilados. Falta folha de rosto. Começa na «Advertenda». Em mau estado. Cota: Res. L 049]

127. *Breviarium Cisterciense ad usum Congregationis D. Bernardi Portugalliae*, Antuerpia: s.n, 1677. 4º.

[Mesma obra e edição dos nºs 124, 125 e seguintes. Enc. couro sobre cartão, faltando a 1ª capa com respetivos fechos. Cota: Res. L 050]

128. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardi Portugalliae*. Antuerpia: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4º.

[Mesma obra e edição dos nºs anteriores. Enc. couro sobre cartão, faltando a 1ª capa com respetivos fechos, assim como a folha de rosto. Inicia com a «Advertenda». Restante texto em estado razoável. Cota: Res. L 051]

129. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4º.

[Mesma obra e edição dos números anteriores. Enc. couro sobre cartão, faltando a 1ª capa com respetivos fechos, assim como a folha de rosto e outras. Inicia com uma das licenças. Em muito mau estado. Cota: Res. L 052]

130. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4º.

[Mesma obra e edição dos n^{os} anteriores. Enc. couro sobre cartão, faltando a 1^a capa com respetivos fechos, assim como a folha de rosto e outras. Inicia com a «Advertenda». Em muito mau estado. Cota: Res. L 053]

131. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, faltando as capas, assim como as folhas de rosto e iniciais. Inicia com a «Tabula Paschalis». Em mau estado. Cota: Res. L 054]

132. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, com fecho mutilado, falta da folha de rosto e outras. Inicia com a «Advertenda». Texto em razoável estado. Cota: Res. L 055]

133. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos mutilados e sem gravura inicial. Estado sofrível. Cota: Res. L 056]

134. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em bom estado, Algumas folhas mutiladas por bicho. Cota: Res. L 057]

135. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, com um fecho mutilado e algumas folhas mutiladas. Aparado. Estado sofrível. Cota: Res. L 058]

136. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, com falta das capas e algumas folhas no final. Texto em razoável estado. Cota: Res. L 059]

137. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. em couro sobre cartão, com fechos. Faltam folhas iniciais e finais. Vária folhas rasgadas. Cota: Res. L 060]
138. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. em madeira sobre cartão, com fechos em bom estado, mas faltando-lhe a gravura inicial. Aparado. Cota: Res. L 061]
139. [*Breviarium cisterciense ad usum congregationis D. Bernardii ...*, Antuerpiae: Ioannes à Costa & Didacum, 1677]. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. em couro sobre madeira, com fechos mutilados, faltando-lhe as folhas iniciais. Estado sofrível. Inicia na «Tabula Paschalis». Marca de posse/uso no verso da penúltima folha em branco: «Maria benadita». Cota: Res. L 062]
140. *Breviarium Cisterciensis Ad usum Congregationis D. Bernardi Portugalliae*. 1677? 4º.
[Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Muito mau estado. Sem folha de rosto. Cota: Res. L 306]
141. [*Breviarium cisterciense*]. S.l. s.d. [1698]. 4º.
[Enc. couro sobre madeira, com fechos mutilados. Faltam folha de rosto e primeiras folhas. Mau estado. Começa a meio da «*Feria secunda ad Sextam*». Restante texto genericamente em bom estado. Marca de posse no verso da 1ª folha de guarda: «D. Angelica Moniz». Cota: Res. L 074]
142. [*Breviarium cisterciense*]. S.l., s.d. [Séc. XVII-XVIII?]. 4º.
[Enc. madeira não revestida. Sem folha de rosto nem folhas iniciais e finais. Mau estado, muito incompleto e mutilado. Começa em «De Anno et ejus partibus». Cota: Res. L 077]

Século XVIII

143. [*Breviarium – Officium Parvum Beatae Mariae Virginis ad usum Ordinis Cisterciensis*]. [Incipit] *Mandatum Reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis Congregationis Alcobacensis Sancti Bernardi*. [Ulyssipone: Francisco à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Falta folha de rosto, com algumas folhas mutiladas no início e no final. O restante em bom estado. Cota: Res. L 118]
144. [*Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi*]. [Incipit] *Mandatum Reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis Congregationis Alcobacensis Sancti Bernardi*. [Ulyssipone: Francisco à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem folha de rosto. Enc. em cartão. Exemplar em mau estado. Cota: Res. L 119]
145. [*Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi*]. [Incipit] *Mandatum Reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis Congregationis Alcobacensis Sancti Bernardi. Nos Frater Guillelmus de Vasconcellos in Sacra Theologia Magister [...]*. [Ulyssipone: Francisco à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem rosto. Enc. em pele sobre madeira, com ferros, um deles mutilado. Em mau estado geral. Cota: Res. L 120]
146. [*Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi*]. [Ulyssipone: Francisco à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem rosto nem primeiras folhas. Enc. em pele sobre cartão, com ferros, um dos quais mutilado. Restante texto em estado razoável. Cota: Res. L 121]
147. [*Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis...*]. [Incipit: *Mandatum Reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis Congregationis Alcobacensis Sancti Bernardi. Nos Frater Guillelmus de Vasconcellos in Sacra Theologia Magister [...]*]. [Ulyssipone: Francisco à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem rosto. Enc. em pele sobre cartão, com ferros, um dos quais mutilado. Restante texto em estado razoável. Cota: Res. L 122]

148. [*Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. em pele sobre cartão, com ferros, um dos quais mutilado. Em mau estado geral. Cota: Res. L 123]
149. [*Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi*. [Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. Sem folha de rosto. Incipit: *Nos Frater...* 1744. Incl. livro de suplemento do *Ofício*. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem rosto. Enc. em pele sobre cartão, com fecho e ferros. Mau estado nas primeiras folhas. Cota: Res. L 124]
150. *Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. em pele sobre cartão, com fechos em ferro, um dos quais mutilado. Exemplar completo e em razoável estado. Cota: Res. L 125]
151. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744].
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem folha de rosto. Começa p. 3. 4º. Enc. couro sobre cartão. Mau estado, sobretudo nas primeiras e últimas folhas. Cota: Res. L 126]
152. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem folha de rosto nem primeiras folhas. Enc. couro sobre madeira. Estado razoável do texto. Cota: Res. L 127]
153. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Estado razoável do texto. Cota: Res. L 128]

154. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fecho mutilado. Muito mau estado. Cota: Res. L 129]
155. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Estado sofrível. Cota: Res. L 130]
156. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Mau estado. Cota: Res. L 131]
157. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Estado sofrível. Cota: Res. L 132]
158. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. veludo verde, sobre madeira, com ferros e fechos em prata. Belo exemplar, em razoável estado. Cota: Res. L 133]
159. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem folha de rosto. Enc. couro sobre cartão, sem folhas iniciais. Mau estado. Cota: Res. L 134]

160. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre madeira, com fechos em ferro. Mau estado. Marca de posse ilegível no verso da capa. Cota: Res. L 135]
161. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem folha de rosto. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro, um deles mutilado. Mau estado. Cota: Res. L 136]
162. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, também sem folha de rosto. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro, um deles mutilado. Mau estado. Marca de posse no r. da folha d guarda: «Maria das Dores». Inclui, soltas duas folhas pequenas, uma com a imagem de S. José, outra com a de S. Boaventura. Cota: Res. L 137]
163. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, também sem folha de rosto. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro, um deles mutilado. Estado sofrível, faltando as folhas iniciais. Cota: Res. L 138]
164. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição, também sem folha de rosto. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro, um deles mutilado. Exemplar em mau estado, sem folhas iniciais. Cota: Res. L 139]

165. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fecho mutilado. com folha de rosto colada à de guarda. Marca de posse/uso no lado recto da 1ª folha de guarda inicial: «Maria Perigrina». Cota: Res. L 140]
166. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão. Sem folha de rosto. Estado sofrível. Cota: Res. L 141].
167. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Sem folha de rosto. Nota ms no verso da capa: «Agiunces tibi gratias omnipotens Deus [...]» Faltam folhas iniciais. Restante texto em bom estado, exceto folhas finais. Inclui no final, com paginação autónoma, o *Officium septendolorum B. Maria V.* incompleto. Cota: Res. L 142].
168. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Sem folha de rosto nem primeiras folhas. Estado sofrível. Cota: Res. L 143].
169. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro, um dos quais mutilado. Faltam a folha de rosto e as folhas iniciais. Inclui uma folha colada no verso da capa, com

uma «*Antiphona e Colecta, que se deve rezar depois do Officio Divino*».
Mau estado. Cota: Res. L 144]

170. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.

[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fecho em ferro. Faltam, além da folha de rosto, as folhas iniciais. Começa na p. 35. Mau estado. Cota: Res. L 145]

171. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.

[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre madeira, faltando-lhe a contracapa, com fechos mutilados. Faltam, além da folha de rosto, as folhas iniciais. Mau estado. Cota: Res. L 146]

172. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.

[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão. Aparado. Incompleto e em mau estado. Cota: Res. L 147]

173. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.

[Outro exemplar da mesma obra/edição, a que falta a folha de rosto e iniciais. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro mutilados. Aparado. Incompleto e em mau estado. Cota: Res. L 148]

174. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.

[Outro exemplar da mesma obra/edição, sem folha de rosto. Enc. couro sobre cartão, com fecho em ferro mutilado. Mau estado geral. Cota: Res. L 149]

175. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro. Faltam folhas iniciais e diversas estão em mau estado. Marca de posse/uso no verso da folha de rosto: Ada (Bellides? Dellides?). Em mau estado nas primeiras folhas. Cota: Res. L 150]
176. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão, estado sofrível. Cota: Res. L 151]
177. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Sem encadernação, sem folha de rosto e iniciais. Começa com o «Mandatum». Mau estado. Cota: Res. L 152]
178. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra/edição. Enc. em papel, sem folha de rosto e iniciais. Começa p. 135. Mau estado. Cota: Res. L 154]
179. [*Breviarium Sacri Cisterciensis Ordinis – Psalterium Dispositum per Hebdomadam, Cum Officio Feriale secundum Regulam Sancti Benedicti, & usum sacri Ordinis Cisterciensis*]. Séc. XVIII. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão, sem folhos de rosto e iniciais. Começa com as «Commemorationes quotidianae Beatæ Mariæ Virginis». Cota: Res. L 155]

180. [*Breviarium Sacri Cisterciensis Ordinis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Exemplar truncado, sem folha de rosto e em muito mau estado. Cota: Res. L 156]
181. [*Breviarium Sacri Cisterciensis Ordinis... – Psalterium Dispositum per Hebdomadam, Cum Officio Feriale secundum Regulam Sancti Benedicti, & usum sacri Ordinis Cisterciensis...* Ulyssipone: Francisco à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Exemplar truncado, sem folha de rosto e em mau estado, começando com as «*Benedictiones Vigiliarum Dominicis Diebus, et Festis. Xij Lectionum ad beneplacitum dicendae. Psalterium dispositum per hebdomadam*» [...]. Cota: Res. L 157]
182. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. couro sobre cartão, com fechos e lombada mutilados. Sem folhas iniciais. Mau estado. Inclui no final o *Supplementum Breviarii Anno M. DCCXLIV*. Cota: Res. L 158]
183. *Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. [Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. couro sobre cartão, com folha de rosto e iniciais mutiladas. Mau estado. Inclui no final o *Supplementum Breviarii Anno M. DCCXLIV* e o *Officium septem dolorum B. Mariae V*. Cota: Res. L 159]
184. *Supplementum Breviarii Anno M. DCCXLIV*. [Parte final do *Breviarium Sacri Cisterciensis...*, Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 160]
185. *Supplementum Breviarii Anno M. DCCXLIV*. [Parte final do *Breviarium Sacri Cisterciensis...*, Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Mau estado. Cota: Res. L 161]

186. *Supplementum Breviarii Anno M. DCCXLIV*. [1744]. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Sem rosto. Mau estado. Marca de posse no verso da folha de guarda: «Liberata Emilia». Cota: Res. L 162]
187. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Exemplar incompleto, sem rosto. Começa na p. 135. Mau estado. Cota: Res. L 163]
188. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Exemplar incompleto, mau estado. Cota: Res. L 164]
189. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Exemplar incompleto, mau estado. Cota: Res. L 165]
190. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Exemplar incompleto, mau estado. Cota: Res. L 166]
191. [*Breviarium Sacri Cisterciensis ad usum Congregationis D. Bernardi cum auctoritate reverendissimi Domini D. Abbatis Generalid in Lusitaniae, et Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Silva, 1744]. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Exemplar incompleto, mau estado. Cota: Res. L 167]
192. [*Breviario*]. 1744? 4º.
[Enc. couro sobre cartão, com fechos mutilados. Mau estado. Sem folha de rosto e iniciais. Começa na p. 5. Cota: Res. L 307]

193. *Breviarium Romanum Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum, S. Pii V. Pont. Max. jussu editum, et Clementis PP. VIII. Auctoritate recognitum* [...]. Antuerpiae: Architypographia Plantiniana, 1748. 8º.
[Enc. couro sobre cartão, capa deteriorada, mas texto em razoável estado. Cota: Res. L 174]
194. *Supplementum Breviarii Sacri Ordinis Cisterciensis, Ad usum Congregationis D. Bernardi, Cum auctoritate Reverendissimi Domini D. Abbatis Generalis* [...]. Conimbricæ: Ex Typ. Ludivici Secco Ferreira, 1761. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Mau estado, com folhas mutiladas por humidade. Faltam as folhas relativas ao mês de dezembro. Nota ms no r. da folha de guarda: «Este Soplimento he da Ordem» Cota: Res. L 208].
195. [*Supplementum Breviarii Sacri Ordinis Cisterciensis* [...]]. Coimbra, 1761. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Exemplar incompleto, incluindo apenas as folhas relativas ao mês de dezembro. Cota: Res. L 209]
196. *Breviárium Romanum Ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum, S. Pii V. Pont. Max. jussu editum, et Clementis VII. Primum, nunc denuo Urbani PP. VIII auctoritate recognitum. In quo omnia suis locis ad longum posita sunt, pro majori recitantium commoditate. Pars autumnalis.* Leodii: Ex Officina Typographica Clementis Plomteux, 1780. 8º.
[Enc. couro sobre cartão. Estado sofrível. Cota: Res. L 223]
197. *Breviarium Romanum Decr. Sacrosancti Conc. Trid. Restitutum* [...]. Pars Verna. Olissipone: In Typographia Regia, 1791. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Razoável estado, exceto duas últimas folhas. Cota: Res. L 235]
198. *Breviarium Romanum Decr. Sacrosancti Conc. Trid. Restitutum* [...]. Pars Aestiva. Lisboa, 1791. 4º.
[Mesma obra/edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado. Cota: Res. L 236]

199. [*Breviarium – Officium parvum Beatae Mariae Virginis ad usum ordinis cistercienses*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Enc. em papel. Sem folha de rosto nem 1ª parte. Começa p. 121. Inclui outros ofícios, unção de enfermos, etc. Mau estado. Cota: Res. L 341]
200. *Breviarium Sacri Ordinis Cisterciensis Ad usum Congregationis D. Bernardi cum Auctoritate Reverendissimo Domini D. Abbatis Generalis in Lusitaniae, & Algarbiorum Regnis*. Ulyssipone: Typis Francisci à Sylva, 1744. 4º.
[Enc. couro sobre cartão, com fechos em ferro, um deles truncado. Mau estado. Cota: Res. L 342]
201. [*Breviarium...*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Sem capas, acéfalo, começa p. 141. Mau estado. Cota: Res. L 344]
202. [*Breviarium...*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Sem capas, acéfalo, começa p. 581. Mau estado. Cota: Res. L 345]
203. [*Breviarium*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Sem capas, sem folha de rosto e iniciais. Mau estado. Começa p. 35. Cota: Res. L 347]
204. [*Breviarium*]. S.l., s.d. (pós 1745). 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Acéfalo, começa na p. 145. Mau estado. Cota: Res. L 314]
205. [*Breviarium*]. S.l., s.d. Séc. XVIII. 4º.
[Exemplar truncado, sem capas, iniciando na p. 417. Faltam também folhas finais. Mau estado. Cota: Res. L 315]
206. [*Breviarium*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Falta a encadernação, as folhas iniciais até à p. 150. Mau estado. Cota: Res. L 332]
207. [*Breviarium*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Mau estado. Faltam folhas iniciais, até à p. 176. Mau estado. Cota: Res. L 333]

208. [*Breviarium – Officium Parvum Beatae Mariae Virginis ad usum ordinis cistercienses*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Enc. couro sobre cartão, sem rosto e folhas iniciais, começando na p. 119. Inclui outros ofícios. Cota: Res. L 336]
209. [*Breviarium*]. S.d. Séc. XVIII. 4º.
[Falta capa e lombada de uma encadernação em madeira. Faltam todas as folhas iniciais, até à p. 80. Mau estado. Cota: Res. L 331]

Século XIX

210. [*Breviarium – que inclui o Officium Parvum Beatae Mariae Virginis Ad Usum Ordinis Cistercienses*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Sem folha de rosto e iniciais, começando apenas na p. 119. Suplemento ao breviário, inclui outros ofícios, unção de enfermos, etc. Estado sofrível. Cota: Res. L 320]
211. [*Breviarium – que inclui o Officium Parvum Beatae Mariae Virginis*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Sem rosto nem folhas iniciais, começando apenas na p. 129. Mau estado. Cota: Res. L 321]
212. [*Breviarium Cisterciensis*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel. Muito incompleto, sem rosto, começa apenas na p. 561. Cota: Res. L 323]
213. [*Breviarium – Officium B. Mariae Virginis*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel, mau estado. Sem rosto, começando apenas na p. 123, com ofício Mariano e salmos penitenciais. Cota: Res. L 325]
214. [*Breviarium*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão, sem folha de rosto e iniciais. Mau estado. Cota: Res. L 326]
215. [*Breviarium – relativo ao Officium parvum Beatae Mariae Virginis Ad Usum Ordinis Cisterciensis*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel, começando apenas na p. 119. Mau estado. Inclui outros ofícios. Cota: Res. L 327]

216. [*Breviarium...*]. Séc. XIX. 4º.
[Enc. em papel sobre cartão. Mau estado. Inclui apenas ofícios feriais e comum dos santos. Cota: Res. L 328]
217. [*Breviarium...*]. Séc. XIX. 4º.
[Falta a capa de uma encadernação em couro sobre cartão. Mau estado, muito incompleto, faltando a folha de rosto e iniciais e as pp. 1 a 467. Cota: Res. L 330]

h. Processional Cisterciense

Século XVIII

218. *Processionale Cisterciense, Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Maioritariamente pautas musicais. Este conjunto de processionais deve conter os 25 referidos na cópia do «Auto de posse» transcrito no Anexo III, nº 324]
219. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Marca de posse/uso no r. da folha de guarda: «Este livro serve p[ar]a o uso dos Padres empregados no Real Mosteiro de Arouca». Inclui ainda, no v. da última página e na folha de guarda final várias orações ms. em latim. Inclui também, solta, uma imagem (tosca) de Stª Luísa. Cota: Res. L 180]
220. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Marca de posse no r. da folha de guarda: «Este, é meu». Cota: Res. L 181]

221. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 182]

222. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. cartão, faltando-lhe a cobertura de couro. Capa deteriorada, mas o texto em bom estado. Inclui orações em latim no r. da última folha de guarda Cota: Res. L 183]

223. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Razoável estado, embora com uma folha solta e furos de bicho nas últimas folhas Cota: Res. L 184]

224. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, estado sofrível, com manchas de humidade. Cota: Res. L 185]

225. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Razoável estado. Com oração em latim, ms., no r. da folha de guarda, que se repete em outros exemplares: «*Panen de celo prestiti ti eis. R.: Omne deletamentum mentum in se habentem*». No v. da última folha várias preces em latim. Cota: Res. L 186]

226. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Estado sofrível, com manchas castanhas no cimo das folhas. Cota: Res. L 187]

227. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado nas últimas folhas, roídas por bicho. Cota: Res. L 188]

228. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Mau estado, com folhas rasgadas e manchas de humidade nas folhas finais. Com oração ms. em latim no r. da folha de guarda, igual às do nº 225. Cota: Res. L 189]

229. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.

[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado, mas com a última folha de guarda parcialmente queimada. Cota: Res. L 190]

230. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Razoável estado. Cota: Res. L 191]
231. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Oração ms. no r. da folha de guarda, igual à do nº 225 e outros. Cota: Res. L 192]
232. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 193]
233. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Razoável estado, com algumas manchas de humidade. Prece ms. no r. da folha de guarda, igual à do nº 225 e outros. Cota: Res. L 194]
234. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consiliarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 195]

235. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Prece ms. no r. da folha de guarda igual à do nº 225 e outros. Cota: Res. L 196]
236. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Estado sofrível, com rasgões em algumas folhas. Prece ms. no r. da folha de guarda igual à dos nº 225 e outros. Cota: Res. L 197]
237. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Estado razoável. Inclui, solta, uma pequena folha com pauta musical. Cota: Res. L 198]
238. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Prece ms. no r. da folha de guarda igual à do nº 225 e outros. Cota: Res. L 199]
239. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum....* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4º.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Preces ms na folha de guarda inicial e na final. Cota: Res. L 200]

240. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 201]
241. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Orações/hinos manuscritos na folha de guarda inicial (r. e v.) e no verso da última folha. Cota: Res. L 202]
242. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão. Bom estado, faltando-lhe a 1^a folha de guarda. Prece ms no v. da última folha, igual à do n^o 225 e outros. Inclui ainda notas musicais no r. da última folha de guarda. Cota: Res. L 203]
243. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, em mau estado. Cota: Res. L 204]
244. *Processionale Cisterciense Reverendissimi DD. Abbatis Generalis Reformatoris Congregationis Lusitanae S. Bernardi Fidlissimi Regis Consilarii, eleemosinariique Maximi Natim etc. etc. Jussu editum...* Lisbonae: Apud Josephum da Costa Coimbra, 1757. 4^o peq.
[Mesma obra e edição. Enc. couro sobre cartão, melhor que as anteriores. Bom estado. Cota: Res. L 205]

i. Martirológio Romano

Século XVII

245. [*Martyrologium Romanum Gregorii XIII...*]. Sem rosto. *Incipit: Emendato iam Kalendario...* [licença do Papa Gregório XIII datada de Roma, S. Pedro, 1584 e licença de impressão do Papa Urbano VIII, assinada por Io. Bapt. Card. Detus e datada de Roma, per Andream Brogiottum, 1630]. 4º.
[Enc. couro sobre cartão. Mau estado, aparado em cima. Inclui texto ms. em latim no verso da folha de guarda e, na folha branca no final, duas marcas de posse/uso: «estas calendas são de Josefa Joaquina Minha Irma s[e]n[hor]^a que Deus faça huma santa»/ «D. Joanna». Cota: Res. L 032]
246. [*Martyrologium Romanum Gregorii XIII. Pont. Max. Iussu editum et Urbanum VIII Auctoritate recognitum*, sem rosto. *Incipit:*] *Emendato iam Kalendario*. Antuerpiae, ex Officina Plantiniana, Balthazaris Moreti, 1635. 4º.
[A mesma obra e edição descrita no nº anterior (245) e nos seguintes. Enc. couro sobre cartão, bom estado. Aparado em cima. Cota: Res. L 033]
247. *Martyrologium Romanum Gregorii XIII. Pont. Max. Iussu editum et Urbanum VIII Auctoritate recognitum*. Antuerpiae, Ex Oficina Plantiniana Balthazaris Moreti, 1635. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra e edição, completo e em melhor estado. Enc. couro sobre cartão. Cota: Res. L 034]
248. *Martyrologium Romanum Gregorii XIII. Pont. Max. Iussu editum et Urbanum VIII Auctoritate recognitum*. Antuerpiae, ex Officina Plantiniana Balthazaris Moreti, 1635. 4º.
[Outro exemplar da mesma obra e edição, também completo e em bom estado. Enc. couro sobre cartão. No r. da folha de guarda inclui dois breves textos em latim e, no verso da última folha, com gravura, outro texto em latim: «*Solenitas Dei pare Virginis Marie de Rozario...*». Cota: Res. L 035]

249. [*Martyrologium Romanum Gregorii XIII. Pont. Max. Iussu editum et Urbanum VIII Auctoritate recognitum*. Incipit:] *Emendato iam Kalendarii*. Antuerpiae: Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1635. 4º.
 [Outro exemplar da mesma obra e edição, sem rosto, mas em bom estado. Enc. couro sobre cartão. Marca de posse no r. da 1ª folha de guarda: «D. Micaela Sequeiros». Notas ms. em latim na última folha de guarda. Cota: Res. L 036].
250. *Martyrologium Romanum Gregorii XIII Pont. Max. Iussu editum et Urbanum VIII Auctoritate recognitum*. Antuerpiae, ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1635. 4º.
 [Outro exemplar da mesma obra e edição, também completo – falta apenas a gravura final – e em bom estado. Enc. couro sobre cartão, com fechos parcialmente mutilados. Inclui, em duas folhas de guarda, textos ms. com orações para dizer na Véspera da trasladação de S. Bento, na Festa de todos os santos cistercienses, na Véspera de aniversário dos Prelados e Preladas da Ordem, na Véspera do aniversário das pessoas regulares da Ordem, na Véspera do aniversário solene e na do «Anniversario por nossos Pais». Cota: Res. L 037]
251. [*Martyrologium Romanum Gregorii XIII. Pont. Max. Iussu editum et Urbanum VIII Auctoritate recognitum*. Sem rosto. Antuerpiae: Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1635. 4º.
 [Outro exemplar da mesma obra e edição, incompleto – faltam as primeiras 8 folhas – e em mau estado. Enc. couro sobre cartão. Marca de posse/uso no v. da folha de guarda e no verso da capa no final: «D. Anna Felesisima». Várias notas ms. nas duas últimas folhas brancas. Cota: Res. L 038]

Século XVIII

252. *Martyrologium Romanum, Gregorii XIII. Pont. Max. et Clementis PP. X. Auctoritate Recognitum*[...]. Antuerpiae, Ex Typographia Plantiniana, 1723, 4º.
 [Enc. couro sobre cartão. Razoável estado. Inclui notas manuscritas em papel colado na contracapa, com orações em latim para dizer nas «festas da trasladação de S. Bento», na «Vigília de S. Bernardo a 19 de

Agosto», na «Festa de todos os santos cistercienses a 12 de Novembro», na «Vespera do Anniversario dos Pre[la]dos e Preladas da Ordem a 28 de Já[neiro]», na «Vespera do Anniversario das pessoas Regulares da Ordem a 20 de Maijo», na «Vespera do Anniversario solemne a 17 de Setembro» e no «Anniversario por nossos Pais a 14 de Novembro». Inclui também uma folha solta dizendo: «Amanha deve dizer-se = Sexto Kalendas Martii Luna 8ª e depois. In Judea. Vª porq[ue] como este anno he bissexto repetesse a m[es]ma Calenda». Pauta musical para coro antes da p. 1 e, no final, notas manuscritas no verso da última folha e pauta musical na contracapa. Uma folha solta ms. no final, em latim com orações pelos defuntos. Cota: Res. L. 089]

253. *Martyrologium Romanum, Gregorii XIII Pont. Max. Jussu Editum et Clementis PP. X. Auctoritate Recognitum* [...]. Antuerpiae: ex Architypographia Plantiniana, 1746. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Mau estado. Com anotações ms. (orações) em latim no verso da capa e na última folha de guarda. Cota: Res. L. 171]

254. [*Martirologium Romanum*]. S.l., s.d. Séc. XVIII. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Sem folha de rosto e primeiras, s.p., apurado. Marca de posse no v. da capa: «da hordem». Nota ms. no r. da primeira folha de guarda: «de S. Gabriel / Commemoratio sancti Gabrielis Arcangeli: qui missus a Deo Salvatorem Conciipiendum Sacratissime Virgini nuntia vit». Cota: Res. L. 318]

j. Literatura de Espiritualidade (incl. Hagiografia Moderna)

Século XVI

255. GRANADA, Fray Luys de, O.P. *Libro de la Oracion, y Meditacion. En el qual se tracta dela Consideracion de los principales mysterios de nuestra Fe. Con otros tres breves tractados dela excellencia delas principales obras penitenciales: que son Lymosna, Ayuno, y Oracion* [...]. *Este libro Christiano Lector sale agora nuevamente añadido y emendado y quasi hecho outro nuevo por el mismo author, com approbacion licencia, y privilegio Real de su Magestad, como por el paresce, y assi agora puede correr y ser leydo de todos.* Salamanca: Domingo de Portonariis, 1571. 8º.

[Enc. original em pergaminho. Mau estado, com diversas folhas roídas no canto inferior direito e com furos de bicho em outras. Marcas de posse: no r. da 1ª folha de guarda: he da ordem»; no r. da 2ª folha de guarda: «Este livro he de felippa de Carvalho». Cota: Res. L. 305]

Século XVI-XVII

256. [Obras várias sobre e de Teresa de Jesus, encadernadas no mesmo volume: *La vida de la madre Teresa de Jesus*. Começa p. 5: “sus compañeras. Que desasidas de todo...”, colofão: 1562; *Las moradas* – Incipit, p. 3: “en el libro de las Moradas prologo de la Madre Teresa de Iesus al Lector”, s.d.; *Esclamaciones o meditaciones del Alma a su Dios, escritas por la Madre Teresa de Iesus, en diferentes dias*.... Madrid, por Iuan Flamenco, 1602; *Libro llamado Camino de Perfeccion, que escriuio a sus monjas*..., Madrid. Iuan Flamenco, 1602 (incompleto). [Prólogo do 1º livro com data de finalização: «En san Felipe de Madrid, a quinze de Setiembre, de 1587»]. 4º.

[Várias obras (4) numa só encadernação. Exemplar aparado; marca de posse no verso da capa: «Anna Margarida»; por baixo, com letra diferente: «serva D Manto (?)».

Obra sem rosto, prólogo do editor a partir da p. 5: «... sus compañeras: Que desasidas de todo lo que no es Dios, y ofrecidas en los brazos de su esposo diuino...» [até p. 24]. Mau estado.

[p. 25]: começa *La vida de la Madre Teresa*...; cólofon p. 384: «Acabose este libro en Iunio, de MDLXII. Entiendese la primera vez que le escriuì sin distincion de capítulos. Que despues desta fecha le torno a escreuir outra vez, distinguiendole en Capítulos, y añadiendo muchas cosas que acontecieron despues della, como fue la fundacion del monesterio de san Iosef de Auila».

Segue-se: Santa Teresa de Jesus, *Libro de las Moradas*..., >1577. Não tem rosto, começa na p. 3. Termina p. 192]: «Acabose esto de escreuir en el monasterio de S. Iosef de Auila, año de mil y quinientos y setenta y siete, vispera de san Andres, para gloria de Dios, que viue y reyna por siempre jamas, Amen». Continua, p. 193 [até p. 218], com: – Santa Teresa de Jesus, *Esclamaciones, o Meditaciones del alma a su Dios* [...], Madrid, Por Juan Flamenco, 1602.

Segue-se, numa edição autónoma:

– Santa Teresa de Jesus, *Libro llamado caminho de perfeccion, que escriuiu para sus monjas la madre Teresa de Jesus, Fundadora de los Monasterios de las Carmelitas descalças, a ruego dellas. Impresso conforme a los originales de mano, emendados por la misma Madre, y no conforme a los impresos, en que faltauan muchas cosas, y otras andauan muy corrompidas.* [...], Madrid, por Juan Flamenco, 1602. (fl.2: Argumento general del libro. / Este Libro trata de auisos y consejos que dà Teresa de Jesus a las hermanas religiosas y hijas suyas.... Año de 1562 – até p. 183).

No final, p. 184-188: – Santa Teresa de Jesus, *Avisos de la Madre Teresa de Jesus para sus Monjas.*

Cota: Res. L 023]

Século XVII

257. PEREDA, Fr. Francisco, OP. *Libro intitulado la Patrona de Madrid y venidas de nuestra Señora a España. Repartido en quatro libros.* [2º rosto:] *Historia de la santa y Devotissima Imagem de nuestra Señora de Atocha Patrona de Madrid, y de sus milagros y casa y de las vezes que nuestra Señora soberana Reyna de la gloria ha visitado a España viniendo por su persona a ella, y de las mas insignes Imágenes, y templos que nuestra Señora tiene en España. Repartido en quatro libros [...]. Dirigido a la muy noble y muy leal Villa de Madrid.* En Valladolid, por Sebastian de Canas, 1604. 8º.

[Enc. original em pele. 1ª folha em branco, com uma abreviatura. Fl. 2 branca, toda ms. frente e verso, com várias letras. Marca de posse no r., riscada: «Este liuro he do uzo de fr. ... de S. Francisco [? ...]; [...] de ventura / de maria / agora e d[e] maria benedicta. Este livro he de D. Maria Benedicta q[ue] D[eu]s fasa santa».

Verso: «Libro meu m[ui]to amado hu[m] livro do meu saber se algum dia hu perder folgarei de hachar o Cavalheiro q[ue] hachar este penhor denostado [?] ... e se não souber quem sou [... =ilegível]».

No verso do 2º rosto, uma gravura de N. Srª da Atocha e nota ms.: «Requesito[?] Miguel de Alm[ei]da (do mosteiro?) de Alm[ei]da». Termina p. 273v, segue-se a Tabla, s.n., 2fls. No verso da última um emblema e a nota ms.: Maria Benedita. Cota: Res. L 075]

258. CRUZ, Pe. Fr. Alonso da, O. Cister. *Espelho de Religiosos. Em o qual vendose, e compondo-se as pessoas religiosas, poderão com o favor divino, chegar com facilidade à perfeição*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1622 [1623?]. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Aparado em cima. Com restauros na folha de rosto e última. Bom estado geral. Marcas de posse/uso, verso da capa: «Este Livro he de Anna Margarida»; «Este livro he p[ar]a a Ordem o qual entregará a Mestra das Novissas a Mestra que entrará p[ar]a ler as Novissas»]

259. CASTRO, Estêvão Rodrigues de. *Breve aparelho, e modo fácil pera ajudar a bem morrer hum Christão, com a recopilação da materia de testamentos e penitencias, varias orações deuotas, tiradas da Escritura sagrada e do Ritual Romano de N.S.P. Paulo V*. Lisboa, Matheus Pinheiro, 1627. 8º.

[Encadernação original em pele. 3 folhas brancas, tendo a 2ª e a 3ª anotações:

[2ª fl]: «Abba / Este Liuro he da Riligiam e m[ui]to nesario á Sra Abadessa que ningem o tire do coro so p[ar]a bem morrer as que estiuerem p[ar]a hiso».

[3ª fl]: Este liuro he da S[e]n[h]ora maria de souza que de[u]s fasa santa he garde de males e de auer mister o dito liuro daqui amato (santo?)». Cota: Res. L 030]

260. NIEREMBERG, Pe. Eusebio, SJ. *Aprecio, y Estima de la Divina Gracia, que nos merecio el Hijo de Dios com su preciosa sangre y passion*. Barcelona: Empreinta de Sebastian de Cormellas Mercader y a su costa, 1644. 4º grande.

[Enc. couro sobre cartão, aparado em cima. Bom estado. Várias marcas de posse/uso: folha de guarda, riscada: 1ª: «Pertence ao uso do Irmão Fr. Matheus de S. Bernardo». 2ª: «Aguora do P. Dõ Luis de Souza». Na folha de rosto: «He do P. Fr. Lopo da Madre de D[eu]s Maceyradão e de este santo 1736». Mais abaixo, riscado: «Fr. Joseph de Murcia». Cota: Res. L 042]

261. S. TOMÁS, Fr. Leão de, O.S.B. *Benedicta Lusitana. Dedicada ao grande Patriarcha S. Bento*. [Coimbra: na Officina de Diogo Gomes de Loureiro, 1644?]. Fol. peq.

[Enc. couro sobre cartão, com folhas de guarda, de rosto e da dedicatória mutiladas, com restauro, soltas. Mau estado. O texto inicia na

p. 81, Parte III. Diversas folhas soltas. Muito mau estado. Cota: Res. L 308]

262. [TERESA DE JESUS, Santa], *Avisos Espirituales de Santa Teresa de Jesus. Comentados por el Padre Alonso de Andrade de la Compañia de Jesus, natural de Toledo, y Calificador del Consejo Supremo dela Santa, y General Inquisicion, natural de la Imperial Ciudad de Toledo. Segunda Parte. En que se ponen los que tratan de las virtudes Religiosas, y tocan à la perfeccion de la vida Christiana, y à la union, y trato familiar com Dios.* Barcelona: En Casa de Cormellas, por Tomás Loriente, 1647. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Começa, depois da dedicatória de Alonso de Andrade, com o *Aviso Trigesimo Quinto*. Cota: Res. L 076].

263. AMEYUGO, Pe. Fr. Francisco. *Nueva Maravilla de la Gracia, Descubierta en la Vida de la Venerable Madre Sor Joana de Iesus Maria, Monja del grauissimo Conuento de Santa Clara de Burgos [...]*. Madrid: Juan Garcia Infançon, 1677. 4º.

[Exemplar em bom estado, mas aparado em cima e com manha de água. Marca de posse/uso no verso da capa: «Este livro he do uzo de Anna Margarida Telles e Meneses». Cota: Res. L 063]

264. SARACHO, Juan de, O.Cister (Abade y Visitador). *Vida, y virtudes de la Prodigiosa y Venerable Señora Doña Antonia Iacinta de Navarra e de la Cueva, Abadessa del Ilustrissimo y Real Monasterio de las Huelgas, cerca de Burgos, de la Orden del Glorioso, y Melifluo Padre San Bernardo. Sacada a la letra de los quadernos, que por mandado de sus Confessores dexò ella escritos de su misma mano.* Salamanca: Lucas Perez, 1678. Fol. peq.

[Enc. em cartão. Exemplar em razoável estado. Marcas de posse/uso no verso da capa]: «Este livro he de Anna Margarida Telles e Meneses». No lado r. da folha de guarda, outra letra: «Este livro he da Ordem».

Por cima da Dedicatória da Abadessa: «Este livro he do fray Gaspar Agudo. I le hubo del Padre fray Dionisio. Zela por otros dos libros de Moral trocado año de 1691».

Na última página, no verso, depois do *colofon*, marca de posse/uso: «de fray Gaspar Agudo». Cota: Res. L 064]

265. MARÍA DE JESUS [de ÁGREDA, Sor, O.I.Conc. *Mystica Ciudad de Dios, Milagro de su Omnipotencia, y Abismo de la Gracia Divina, y Vida de la Virgen Madre de Dios, Reyna, y Señora Nuestra Maria Sabtissima, Rstauradora de la culpa de Eva, y Medianera de la Gracia*. Oferecida al muy ilustre señor Garcia de Mello, del Consejo de su Alteza. Primera parte com privilegio real. Lisboa, Empreenta de Antonio Craesbeeckk de Mello, 1681. Fol.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado geral. Marca de posse/uso no verso da capa: «Este livro he de Anna Margarida Telles e Meneses». No r. da folha de guarda uma nota ms. riscada. Cota: Res. L 065]

266. MARIA DE JESUS [de ÁGREDA], Sor. O.I.Conc. *Mystica Ciudad de Dios, Milagro de su Omnipotencia y Abismo de la Gracia. Historia Divina, y vida de la Virgen Madre de Dios, Reyna, y Sñora nuestra Maria Santissima, Restauradora de la culpa de Eva y Medianera de la Gracia. Manifestada en estos ultimos siglos por la misma Señora a su Esclava Soror Maria de Jesus, Abadessa de el Convento de la Inmaculada Concepcion de la Villa de Agreda, de la Provincia de Burgos de la Regular observância de N. S.P. S. Francisco, para nueva luz del mundo, alegria de la Iglesia Catolica, y confiança de los mortalhes. Segunda Parte ofrecida al muy ilustre Señor Garcia de Melo, del Consejo de su Magestad, Montero Mayor del Reyno, etc.* Lisboa, por Miguel Manescal, impressor de la Santa Inquisicion. 1684. Fol.

[Encadernado, couro sobre cartão. Bom estado. Marca de posse/uso no verso da capa: «Anna Margarida».

Dedicatória a Garcia de Melo, em Português: «Sendo V.S o primeiro instrumento de se estamparem em Portugal os tres volumes da Divina Historia da vida immaculada de maria Santissima, e a quem se dedicou a primeira impressão, seria injusto roubo invocar outro patroinio para esta segunda, a que me dispus, vendo a aceitação que toda Europa achou na primeira deste Reyno. E se naquela ofereci a V.S. a parte que me coube, agora lhe dedico toda, mostrando que me não move a imitação, senão hum obsequioso affecto, e generoso desempenho às honras que de V. S. então recebi, e me continuou sempre; e como estes Livros tem adquirido tanto direito na protecção de V. s. e por conta do assumpto deles corre a gloria que se deve prometer de tão religiosa piedade, he certo que os há d admitirsempre protector benigno, como eu hei de achar em V. S.

Mecenas preclaro. Guarde Deos a V. S. Lisboa 25 de Dezembro de 1684. Miguel Manescal». São 6 livros, até p. 875, seguidos das «*Notas a esta segunda parte de la Historia de la vida de la Madre de Dios...*». Paginação autónoma. Até p. 64. Cota: Res. L 068]

267. MARÍA DE LA ANTIGUA, Sor, OSC. *Desengaño de Religiosos, y de Almas que tratan de Virtud. Escrito por la V. Madre Sor Maria de Antigua, religiosa professa de velo blanco de la esclarecida Orden de Santa Clara, en el Convento de la Villa de Marchena de la Santa Provincia de Andaluzia.* Tercera impression. En Barcelona: por Joseph Llopis, 1697. Fol.

[Enc. couro sobre cartão. Razoável estado, ainda que com folha de guarda solta. Marca de posse/uso no verso da capa: «Este livro he de Anna Margarida Telles de Menezes». Cota: Res. L 073]

268. [VILLEGAS, Alonso de, SJ. *Flos Sanctorum. Segunda parte. Y Historia General en que se escribe la la vida de la Virgen sacratissima madre de Dios y señora nuestra: y las de los sanctos antiguos que fueron antes de la venida de nuestro Salvador [...]*. Séc. XVII? Fol.

[Sem encadernação, sem folhas de guarda, de rosto e iniciais. Em espanhol, a duas colunas. Começa na fl. 10 e faltam também as folhas finais (termina fl. 367). O texto começa com uma gravura da Virgem com o menino, diferente (melhor) das imagens das edições de Barcelona, 1586 1612. Pelo seu mau estado, talvez não seja um dos 2 volumes referidos na cópia do «Auto de posse» conferido à Irmandade (transcrito no Anexo III, nº 325), que só refere exemplares em bom ou razoável estado. Cota: Res. L 310]

269. [MOLINA, Antonio de, O Cart. *Ejercicios espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oracion Mental, Reducidos a la Doctrina y Meditaciones Sacados de los Santos Padres*] [Incipit:] *Introducion, en que se trata de la excelência, provecho, e necessidade de la Oracion.* [Séc. XVII. Madrid, 1613?]. 4º.

[Enc. em pele. Sem folhas de guarda e de rosto. Começa p. 1: «*Introducion...*». Última licença de impressão 1613. Esta obra de Antonio de Molina, O Cart., teve variadíssimas edições nos séculos XVII, XVIII e XIX, em vários formatos, sobretudo 8º (mais de 50 edições em Espanha e traduções em diversas línguas, nomeadamente:

latim, francês, italiano, português). Outra edição no nº 313. Obra não identificada no catálogo digital. Cota: Res. L 312]

Século XVIII

270. BERNARDES, Pe. Manuel, C. Orat., *Meditações sobre os Principaes Mystérios da Virgem Santissima Senhora Nossa, Mãe de Deus, & Rainha dos Anjos, e Avogada dos pecadores. Offerecidas à mesma Senhora*. Lisboa: Oficina de Bernardo da Costa Carvalho, 1706. 8º.
[Enc. original em pele. Razoável estado. Marca de posse/uso, no fundo da folha de rosto: «Liberata Emilia». Na última folha lado r.: «Ordem». Cota: Res. L 079]
271. NIEREMBERG, Pe., S.J. Juan Eusebio, S.J.. *Diferença entre o Temporal e Eterno. Chrisol Purificatorio de desenganos com a memoria da Eternidade, e consideração dos Novissimos do homem, e principaes Mystérios Divinos*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedroso Galram, 1711. 4º.
[Enc. original em pele. Mau estado, com marcas de humidade no canto superior direito. Cota: Res. L 081]
272. VILLACASTÍN, Pe., S.J. Tomás de. *Manual de Exercicios Espirituaes para ter Oração Mental em todo o discurso do Anno*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedroso Galram, 1712. 8º peq.
[Enc. em pele. Razoável estado. Cota: Res. L 082]
273. VILLACASTÍN, Pe. Tomás de. *Manual de Exercicios Espirituaes para ter Oração Mental em todo o discurso do anno*. Lisboa: Oficina de Antonio Pedroso Galram, 1712. 8º peq.
[Mesma obra e edição, mas com enc. em couro sobre cartão. Nota ms. no verso da capa: «Mais (de nouo?) que [ilegível]»; repetido: «Mais (denovo?...) que [ilegível]. Antonio Simoens». No final, verso da última folha: «He da ordem»/ «hé da Ordem»: tem foto correta, mas lapso na descrição. Cota: L 083]
274. ARBIOL, P. Fr. Antonio de, OFM. *Desengaños místicos a las almas detenidas, o engañadas en el caminho de la perfeccion. Discurrense las mas principales causas y razones, porque siendo tantas las personas que tratan de*

Oracion Mental, son tan pocas las que llegan à ser perfectas. Se descubren los daños, y se aplican convenientes remedios, para que lo que se trabaja en el Camino Espiritual, aunque sea poco, vaya seguro; y se libren las Almas de los perniciosos errores de Molinos. En Zaragoza: por los Herederos de Manuel Romam, 1713. 4º.

[Enc. original em pele. Manchas de humidade nas primeiras folhas. Restante em razoável estado. Marca de posse/uso no verso da 1ª folha de guarda: «Este livro hé de Anna Margarida Telles de Menezes». Cota: Res. L 084]

275. GRANADA, Fr. Luís de, O.P. *Obras espirituales del venerable Padre Maestro [...]. Tomo Primero, que contiene la Guia de Pecadores, exortación ala virtud, y guarda de los Mandamientos, etc. En segundo lugar trata de la Oracion, y Meditacion, y de las tres principales obras penitenciales, que son Oracion, Ayuno, y Limosna, etc. Dedicase a laexcelentissima señora Doña Teresa de Moscoso, Hutado, y Mendoza, Marquesa de Santa-Cruz, y Aya de los Serenissimos Principe y Infantes de Portugal, etc. Lisboa: En la Imprenta de Bernardo da Costa Carvalho, 1713. Fol.*

[Enc. couro sobre cartão. Razoável estado. Marcas de posse/uso: no verso da capa: «Este livro he do uzo de D. Joana Maria de S[an]to Antonio Monja professa de S. Bernardo que Deus fassa santa grande no seu servisso por muitos anos Amen»; na 1ª folha de guarda, r.: «De Fr. Manoel Forjaz».

No final do volume está, em folhas soltas, fl. maior, *Missae pro Defunctis secundum usum sacri Ordinis Cisterciensis, Congregationis Sancta Mariae de Alcobatia*. p. 1-12. Cota: Res. L 085]

276. FIGUEIREDO, Luís Botelho Froes de. *Ponte segura para o golfo da vida no estreyto pasto da morte, que a mão do Supremo Artifice deyxou por misericordia a toda a alma, que a mão viadora, descuydada do caminho, e fatigada no transito. Levantada em tres Arcos triunfaes, e milagrosas, fabricados dos tres soberanos nomes de Jesus, Maria, Joseph, cada hum de cinco pedras pelos significados de cada hua das cinco letras, para se segurar o passo da vida naquela ultima hora. Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Sylva, 1717. [No final, p. 255]: *Vida e morte e Juízo do mundo. Scena real do desengano, que em tres espantosos actos, para espetáculo dos olhos, representa hoje a Musa neste teatro metrico. 8º.**

[Enc. original em pele. Mau estado, roído do bicho na lombada superior. O 2º texto está incompleto. Termina na p. 274, a meio do acto terceiro. Autor identificado como «Filosofo, Canonista na Universidade de Coimbra». Cota: Res. L 086]

277. PINAMONTI, Pe. João Pedro. S.J., *Exercicios Espirituaes de S. Ignacio, propostos às pessoas seculares. Traduzidos da língua Italiana na Portugueza pelo R. Padre Miguel de Amaral da Companhia de Jesu. Serà este livro muito util também pera as pessoas, que não puderem, ou não quizere[m] retirar-se a fazer estes Exercicios, às quaes bastará lerem com atenção as meditaçãoens, e liçoens conteúdas neste mesmo livro, pera sentirem admiráveis efeitos em suas almas.* Coimbra: No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1726. 8º.

[Enc. original em pele, faltando-lhe a contracapa. Texto em bom estado. Marca de posse no verso da capa.: «este livro he do uzo de D[ona] Benta Cezilia de Alados». Cota: Res. L 090]

278. CROISSET, P. Jean, S.J. *Discursos espirituales, sobre los assumptos mas importantes para la Vida Christiana. Traducidas de Frances en Castellano por el Licenciado D. Joseph Escobedo. Dedicadas al Glorioso S. Francisco de Borja, antes Duque de Gandia, y despues de la Compañia de Jesus, y su terceiro General. Con privilegio.* En Madrid, por Antonio Marin, 1730. Se hallará en su Imprenta, en frente de la Porteria de la Merced Calzada. 8º.

[Enc. original em pele. Razoável estado. Cota: Res. L 093]

279. LOZANO, D. Cristóbal. *Segunda parte del grande hijo de David Christo Señor Nuestro: Historia evangelica, y sagrada, adornada, y vestida de varias, y memorables Historias, dulces, y sazonados Exemplos, para divertir el gusto, y corrigir la vida [...]. Dedicado al Señor Doctor Don Joaquin Vazquez y Morales, Colegial Mayor de San Ildefonso de la Universidad de Alcalà. Septima impression, corregida, y enmendada.* En Madrid: por Bernardo Peraltes, 1732. 4º.

[Enc. original em pele. Bom estado, mas com algumas manchas de humidade nas primeiras folhas. Marcas de posse/uso: no verso da 1ª folha de guarda, «M[ari]a do Patrocinio». No lado recto da segunda folha de guarda: «Fr. Salvador Barreto» / «Fr. Fran[cis]co da Rocha». Riscado e queimado pela tinta: «Fr. ...». Censura de Don Pedro Calderon de la Barca, com data de 12 de março de 1665. Cota: Res. L 094]

280. LOZANO, D. Cristóbal. *Segunda parte del grande hijo de David Christo Señor Nuestro: Historia evangelica, y sagrada, adornada, y vestida de varias, y memorables Historias, dulzes, y sazoados Exemplos, para divertir el gusto, y corrigir la Vida. Consagrada a Christo Redemptor, y Señor Nuestro*. En Madrid: En la Imprenta de los Herederos de Juan de Sierra, 1733. 4º.

[A mesma obra do número anterior, numa edição diferente, com a mesma censura de Don Pedro Calderon de la Barca, com data de 12 de março de 1665. Enc. em couro sobre cartão, texto aparado em cima. Em bom estado, mas com algumas manchas de humidade e primeira folha de guarda solta. Cota: Res. L 095]

281. LOZANO, D. Cristóbal. *Tercera parte del grande hijo de David, Christo Señor Nuestro: Historia evangelica, y sagrada, adornada, y vestida de varias, y memorables Historias, dulzes, y sazoados Exemplos, para gobierno de la vida Christiana. Escriviola en parte. El Doctor Don Christoval Lozano, apellan de las Señores Reyes Nuevos de Toledo: y la prosigue el Doctor Don Gaspar Lozano sv sobrinho, Cura próprio que há sido de la Moraleja la Mayor, despues de Alva de Tajo, y al presente de Santa Maria de las Herencias, en el Arzobispado de Toledo*. En Madrid: En la Imprenta de Manuel Roman, 1733. 4º.

[Encadernação em pele sobre cartão, aparado em cima. Bom estado. Cota: Res. L 096]

282. MACEDO, António de Sousa de. *Eva e [Ave] ou Maria Triunfante. Theatro da Erudiçam, e Filosofia Christã. Em que se representaõ os dous estados do Mundo: cahido em Eva e levantado em Ave. Primeira e segunda parte, oferecida ao Eminentissimo Senhor Nuno da Cunha de Attaide, Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma, Bispo Inquisidor Géral, Capelão mòr de S. Magestade, do seu Conselho de Estado, e do seu Despacho, etc. [...]* acrescentado nesta quinta impressão com o *Dominio sobre a Fortuna*. Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Pedroso Galram, 1734. Fol.

[Enc. couro sobre cartão. Mau estado nas folhas iniciais e finais. Marcas de posse/uso na folha de rosto: 1ª – «Aroens, 15 de Abril de 1930»; 2ª – «Gracinda e Maria Gaspar Alves da C. de Meijinhos freguezia de Lazarim». 3ª – «An[toni]o Rz Pa [abreviaturas], 1730». No final, verso da última folha: «Inocência Augusta Pinto Teles». Cota: Res. L 097]

283. ARBIOL, P. Fr. Antonio, OFM. *La religiosa instruída con doctrina de la Sagrada Escritura, y Santos Padres de la Iglesia Catholica, para todas las operaciones de su vida regular, desde que recibe el Habito Santo, hasta la hora de su muerte [...]* Se dedica a la Reyna de los Angeles Maria Santissima, Protectora, y Amorosa Madre de las fieles Esposas de su Santissimo Hijo. En Madrid: Por Thomás Rodríguez Frias, 1734. 4º.

[Enc. em cartão, texto aparado em cima, Bom estado. Marca de posse/uso na contracapa: «Este livro hé do uzo de Anna Margarida». Cota: Res. L 098]

284. ARBIOL, P. Fr. Antonio, OFM. *La religiosa instuida con doctrina de la Sagrada Escritura, y Santos Padres de la Iglesia Catholica, para todas las operaciones de su vida regular, desde que recibe el habito Santo, hasta la hora de su muerte*, En Madrid: por Thomás Rodríguez Frias, 1734. 4º.

(Outro exemplar da mesma edição do nº anterior, mas com encadernação em pele. Encadernação sofrível, texto em bom estado, embora com algumas manchas de humidade. Marca de posse/uso na folha de rosto: «Fr. Antonio Cald[eir]a». No final, verso da folha de guarda final: «D. Mauricia Bernarda». Cota: Res. L 099]

285. MARÍA DE JESÚS [de ÁGRED A], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios, Milagro de su Omnipotencia, y Abysmo de la Gracia: Historia Divina, y vida de la Virgen, Madre de Dios, Reyna, y Señora nuestra Maria Santissima, Restauradora de la culpa de Eva, y Medianera de la Gracia: manifestada en estos ultimos siglos por la misma Señora à su Esclava Sor Maria de Jesus, Abadesa del Convento de la Inmaculada Concepcion de la villa de Agreda, de la Provincia de Burgos, de la Regular Observancia de N. S. P. San Grancisco. Para nueva luz del Mundo, alegria de la Iglesia Catholica, y confianza de los mortales. Primera Parte. Libro Primero. Com Privilegio*. En Madrid: en la Imprenta de la Causa de la V. Madre, 1742. 4º peq.-8º grande.

[Encadernação em pele, com fechos em cordão. Texto ligeiramente aparado em cima. Bom estado. Cota: Res. L 109].

286. MARÍA DE JESÚS [de ÁGRED A], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios, Milagro de su Omnipotencia, y Abysmo de la Gracia: Historia Divina, y vida de la Virgen, Madre de Dios, Reyna, y Señora nuestra Maria Santissima,*

- Restauradora de la culpa de Eva, y Medianera de la Gracia* [...]. Primera parte. Libro Segundo. Ibi, ibid. 1742. 4º peq.-8º grande.
[Enc. original em pele, com fechos em cordão. Bom estado. Marca de posse/uso no verso folha de guarda, riscada: «D. Dorothea Abb^a». Cota: Res. L 110]
287. MARÍA DE JESÚS [de ÁGREDA], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios* [...]. Segunda parte. Libro Tercero. Ibi, ibid. 1742. 4º peq.
[Encadernação em pele, com fechos em cordão. Exemplar mutilado, entre a «Tabla» e a p. 68. Restante texto em bom estado. Cota: Res. L 113]
288. MARÍA DE JESÚS [de ÁGREDA], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios* [...]. Segunda parte. Libro Quarto. Ibi, ibid. 1742. 4º peq.
[Enc. em pele, com fechos em cordão. Bom estado. Cota: Res. L 111]
289. MARÍA DE JESÚS [de ÁGREDA], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios* [...]. Segunda parte. Libro Quinto. Ibi, ibid. 1742. 4º peq.
[Exemplar repetido. Enc. em pele, com fechos em cordão. Bom estado. Marca de posse/uso no final, última página de texto, r.: «D. Marianna Leite». Cota: Res. L 112]
290. MARÍA DE JESÚS [de ÁGREDA], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios* [...]. Segunda parte. Libro sexto. Ibi, ibid. 1742. 4º peq.
[Encadernação em pele. Mau estado nas primeiras folhas. Marca de posse no final: «D. Marianna Leite». Cota: Res. L 114]
291. MARÍA DE JESÚS [de ÁGREDA], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios* [...]. Tercera parte. Libro septimo. Ibi, ibid. 1742. 4º peq.
[Encadernação em pele, com fechos em cordão. Bom estado em geral, mas corroído por tinta nas primeiras folhas. Cota: Res. L 115]
292. MARÍA DE JESÚS [de ÁGREDA], Sor, OIConc. *Mystica ciudad de Dios* [...]. Tercera parte. Libro octavo. Ibi, ibid. 1742. 4º peq.
[Encadernação em pele, com fechos em cordão mutilados. Bom estado, mas com folha de guarda solta. Cota: Res. L 116]

293. CHIESA, P. Fr. Juan Nicolas [Giovanni Nicola Chiesa], OESA. *El religioso en soledad, o Exercícios Espirituales* [...]. Traducidos del idioma italiano al español por outro Religioso del mismo Orden. *Obra util, e importante à todas las personas, que professan el Estado religioso*. Tomo primero. En Madrid, en la Imprenta y Librería de Manuel Fernandez, 1742. 8º grande.

[Encadernação em pele, com fechos em cordão, um deles mutilado. Mau estado nas primeiras folhas. Marca de posse/uso no lado r. da 2ª folha de guarda: «M[ari]a da Trind[a]de». Cota: Res. L 117]

294. LOZANO, Dr. Cristóval. *David Perseguido, y alivio de lastimados. Historia Sagrada, parafraseada con exemplos, y varias historias Humanas, y Divinas. Consagrarse al Rey de los Reyes Jesu-Christo Señor Nuestro*. Tomo segundo, añadido por su autor, y corregido en esta Ediccion. Barcelona: por Pablo Campins, 1745. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Aparado em cima. Bom estado. Deste autor vejam-se também os nºs 281 a 283. Cota: Res. L 169]

295. LOZANO, Dr. Cristóval. *David Perseguido, y alivio de lastimados. Historia Sagrada, parafraseada con exemplos, y varias historias Humanas, y Divinas. Consagrarse al Rey de los Reyes Jesu-Christo Señor Nuestro*. Tomo Tercero, añadido por su autor, y corregido en esta Ediccion. Barcelona; por Pablo Campins, 1745. 4º.

[Outro exemplar da mesma obra. Enc. couro sobre cartão. Aparado em cima. Bom estado. Vejam-se também os nºs 381 a 283. Cota: Res. L 170]

296. CONCIENCIA, Pe. Manuel, C.Orat. *Novenas para os principaes mysterios de Maria SS. Senhora Nossa. A que se ajuntão duas da Virgem nossa Senhora do Carmo, e do Rosario, com outras de seu castissimo Esposo o Senhor S. José, e de seu felicissimo Pai o Senhor S. Joaquim, e dos Gloriosissimos S. João Baptista, e Evangelista. E novamente acrescentadas com huma do Espirito Santo, e outra de nossa Senhora dos Dsamparados com o titulo das Mercês, que por mãos daqueles Santos lhe oferece e consagra* [...]. Parte I. Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1748. 8º peq.

[Enc. couro sobre cartão. Algumas folhas rasgadas. Cota: Res. L 168]

297. CONCIENCIA, Pe. Manuel, C. Orat. *Novenas para os Principaes Mystérios de Maria SS. Senhora Nossa. A que se ajuntão duas da Virgem nossa Senhora do Carmo, e do Rosario, com outras de seu castissimo Esposo o Senhor S. José, e de seu felicissimo Pai o Senhor S. Joaquim, e dos Gloriosissimos S. João Baptista, e Evangelista.. E novamente acrescentadas com huma do Espirito Santo, e outra de nossa Senhora dos Desamparados com o titulo das Mercês, que por mãos daqueles Santos lhe oferece e consagra [...]. Parte II.* Lisboa: Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1748. 8º peq.
 [Enc. em couro sobre cartão. Estado sofrível nas primeiras folhas. Marca de posse/uso no verso da capa: «SMS.» Com outra letra e tinta: «Este Livro he do Altar de N. Snr^a da Apresentação». Cota: Res. L 175]
298. JESUS MARIA JOSEPH, Fr. Pedro de, OFM. *Espelho Mariano da Mystica cidade de Deus, praticada em meditações para todo o tempo do anno. Dividido em duas partes: na primeira se praticão as doutrinas, que a sua discípula deu a Divina Mestra Maria SS. Em toda a Sagrada Historia de sua Vida Purissima; na segunda se praticão as principaes virtudes da mesma Senhora, as dores, angustias, que padeceo em todo o discurso da Paixão de seu amado Filho [...].* Lisboa: na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedroso Galram, 1748. 4º.
 [Enc. couro sobre cartão. Capa deteriorada, mas texto em bom estado. Marcas de posse/uso no verso da capa: a primeira, riscada, «Este Livro he da [?]; a segunda: «D. Margarida Maxima (...?). Cota: Res. L 173]
299. CASTRO, Pe. João Baptista de. *Mappa de Portugal.* [No Offic. de Miguel Manescal da Costa, Terceira Parte. Lisboa: 1747]. 8º peq.
 [Enc. couro sobre cartão, com capa deteriorada e falta das primeiras folhas, incluindo a folha de rosto. Começa no «Prologo». Em mau estado, com furos de bicho nas primeiras folhas. Cota: Res. L 176]
300. S. MARIA ROSA, Fr. Bernardo de, OFM. *Espelho de Perfeição Religiosa, a que se podem ver as almas, que quizerem segurar nos caminhos da vida espiritual as grandesas do amor de Deos no exercicio das virtudes, e caminho seguro da Cruz. Composto do crystal da inocente vida da Madre Soror*

Guiomar Theresa do Cenaculo, Religiosa que foy no Mosteiro de Santa Clara de Amarante. Coimbra: na Officina de Luis Secco Ferreira, 1750. 4º.

[Enc. couro sobre cartão, um pouco deteriorada. Marca de posse/uso no verso da 2ª folha de guarda: «I. M. S. D. Joaquina Clara Leme». Texto em bom estado. Cota: Res. L 177]

301. BERNARDES. Pe. Manuel. C. Orat. *Exercicios Espirituaes, e Meditações da Via Purgativa: sobre a malicia do peccado, vaidade do Mundo, misérias da vida humana, e quatro Novissimos do Homem. Dividido em duas partes.* Parte II. Lisboa, Na Officina de Miguel Rodrigues, 1758. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 207]

302. *Reflexões Christans sobre as Principaes Verdades da Religião. Muito uteis a toda a sorte de pessoas e particularmente para o uso daqueles, que tem hum dia de Retiro Espiritual cada mez. Novamente traduzidas da língua Franceza na Portugueza.* Tomo III. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, 1777. 8º grande.

[Enc. Couro sobre cartão. Bom estado, mas com marca d humidade nas últimas folhas. Marcas de posse/uso no verso da capa: «A. Serrão»; e no r. da folha de guarda: «He do P.e Manoel Ferreira (?) Barbosa Malheiros / Hoje 20 de Maio de 1863. / Concordo» (letra diferente). Cota: Res. L 219]

303. *Avisos e Reflexoens sobre o que deve obrar hum Religioso para satisfazer ao seu Estado, Muito eficazes para animar a quem o tem abraçado, e desempenhar a sua vocação: Obra mui util não so para os Religiosos, mas tambem para todas as pessoas, que no mundo querem viver com huma solida virtude. Escrita em Francez por hum Religioso Benedictino da Congregação de S. Mauro, e traduzida em Portuguez. Nova edição mais correcta, e mais ampla, que as precedentes.* Tomo II. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1778. 8º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado, apesar de ligeiras marcas d humidade. Marca de posse/uso no verso da capa: «D. Luiza de Menezes». Segue-se o tomo III, faltando o tomo I. Cota: Res. L 220]

304. *Avisos, e Reflexoens sobre o que deve obrar hum Religioso para satisfazer ao seu Estado, Muito eficazes para animar a quem o tem abraçado, e desempenhar a sua vocação: Obra mui util não so para os Religiosos, mas tambem para todas*

as pessoas, que no mundo querem viver com huma solida virtude. Escrita em Francez por hum Religioso Benedictino da Congregação de S. Mauro, e traduzida em Portuguez. Nova edição mais correcta, e mais ampla, que as precedentes. Tomo III. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1778. 8º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado, apesar de ligeiras marcas de humidade. Marca de posse/uso no verso da capa: «D. Luiza de Menezes». Várias passagens do texto sublinhadas a tinta. Cota: Res. L 221]

305. CONCEIÇÃO, Fr. Francisco da, OFM Cap. *Director Instruido ou Breve resumo da Mystica Theologia para instrucção dos directores, que carecerem da necessária; e principalmente dos Parochos, que de justiça, e obrigação do Ministerio devem ser, e saber ser Directores. Expõem-se as vias do Espirito, a ordem dos seus estados, os diversos grãos de Oração, os exercícios próprios de cada hum, e os favores sobrenaturais, e infusos, que Deos communica ás almas; com hum Formulario Pratico da Oração mental, e mais exercícios devotos. Offerecido ao Director dos Directores, Mestre, e Exemplar das Virtudes Jesus Christo crucificado. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, 1779. 4º.*

[Enc. couro sobre cartão. Razoável estado. Marca de posse/uso no verso da capa: Maria delaCerdea Pinto da Silveira». Cota: Res. L 222]

306. ROSÁRIO, Pe. Fr. Domingos do, OFM cap. *Theatro Ecclesiastico: em que se achão muitos documentos de Canto-chão para qualquer pessoa dedicada ao culto divino nos Officios do Coro, e Altar: oferecido á Virgem Santissima, senhora Nossa, com o soberano titulo da Imaculada Conceição [...]. Novamente dividido em duas partes. Parte Primeira, em que se trata dos Officios do Natal, Semana Santa, Officio de Defuntos com Missa, Estações, Officios de Sepultura, Procissões, Paixões, Preces, Antifonas, etc. tudo correcto, e acrescentado com as Matinas da Pascoa da Ressurreição, e Nona da Ascenção de Christo. Dado ao prelo pelo illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Duque do Cadaval, Syndico Geral da sobredita Provincia. Oitava impressão. Lisboa: Na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1786. 4º.*

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Composto essencialmente por pautas musicais para as diversas missas. Cota: Res. L 227]

307. ROSÁRIO, Pe. Fr. Domingos do, OFM cap. *Theatro Ecclesiastico, Manual de Missas oferecido á Virgem Santissima, senhora Nossa, com o soberano*

titulo da Imaculada Conceição [...] Parte Segunda, novamente dividida, em que se trata de todas as Missas Dominicadas desde a primeira Dominga do Advento até à ultima depois de Pentecostes, Festas de Christo, de Nossa Senhora, Missas próprias de Santos, e dos Communs, Kyrie, Gloria, etc [...]. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1786. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Composto essencialmente por pautas musicais para as diversas missas. Marca de posse/uso no verso da 3ª folha de guarda, a lápis: «Este livro pertence á igreja de Arouca». Cota: Res. L 226]

308. SARMENTO, Pe. Fr. Francisco de Jesus Maria. *Horas Marianas, ou Officio Menor da SS. Virgem Maria Senhora Nossa. Instituído, Reformado e Aprovado pela Santa Igreja e exposto no idioma portuguez Para espiri-tual consolação dos que ignorão a Lingua Latina.* 18ª impressão. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1794. 12º.

[Enc. couro sobre cartão. Razoável estado, exceto nas primeiras folhas. Marca de posse/uso: «Maria do Carmo Peixoto». Cota: Res. L 234]

309. *Devotos Exercicios para Reverenciar o Sacratissimo Coração de Jesus, e Excitar a Alma á Devida Correspondência de Amor. Traduzidos do Italiano.* Coimbra: Na Imprensa da Universidade, 1796. 8º peq.

[Enc. em papel, faltando-lhe a capa e iniciando com a folha de rosto. Texto em razoável estado. Cota: Res. L 238]

310. *Devotos Exercicios para Reverenciar o Sacratissimo Coração de Jesus, e Excitar a Alma á Devida Correspondência de Amor. Traduzidos do Italiano.* Coimbra: Na Imprensa da Universidade, 1796. 8º peq.

[Outro exemplar da mesma obra. Enc. em papel sobre cartão. Folhas de guarda e rosto soltas. Restante texto em bom estado. Cota: Res. L 239]

311. GALIZIA, Jácome Maria, C.R. *Nova Instrucção de Visitar Enfermos e Assistir aos Agonizantes por meio de Exhortações Christãs, com varias Orações, e Psalmos no Idioma Portuguez, e algumas parifrazes sobre alguns versos da Sagrada Escritura. Tirada de Varios Authores...* Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1799. 8º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. 1ª folha de guarda solta. Cota: Res. L 241]

312. [CHAGAS, Fr. António das]. [Incipit:] *Tratado I dos Gemidos Espirituaes vertidos de um Pedernal Humano a Golpes de Amor Divino*. S.l., s.d. Séc. XVIII. 8º.
[Exemplar sem capas, sem rosto e sem folhas iniciais (cortadas) e finais. Marca de posse/uso, na primeira folha, duas vezes: «Anna Mota». Cota: Res. L 317]
313. MOLINA, Pe. D. Antonio de, O.Cart. *Exercicios Espirituales, de las Excelencias, Provecho y necesidad de la Oracion Mental. Reducidos a doctrina, y meditaciones sacados de los Santos Padres, y Doctores de la Iglesia*. En Zaragoza, por los Herderos [?]. Séc. XVIII?. 4º.
[Falta encadernação. Folha de rosto danificada na parte inferior. Mau estado geral. Licenças de 1613. Faltam folhas finais. Obra com muitas edições em Espanha. Cota: Res. L 311. Outro exemplar da mesma obra, mas numa edição diferente, no nº 269. Cota: nº 312]

Século XIX

314. JESUS MARIA JOSÉ. Pe. Fr. Pedro de, OFM. *Coroa Serafica Meditada, que em obsequio seu muito agradável inspirou Maria SS. A hum seu devoto. Dividida em duas partes: Na primeira praticada pelos Mysterios Gozosos; e na segunda pelos Dolorosos; e em ambas ornada com as Medalhas, Pedras preciosas, e Esmalts de varios exercicios utilíssimos, e virtudes importantíssimas*. Lisboa: Na Typografia Rollandiana, 1807. 8º.
[Enc. couro sobre cartão, em mau estado, faltando-lhe as folhas 307 a 354 e tendo várias folhas rasgadas. Cota: Res. L 242]
315. [Relación de la vida de la V. M. Maria de Jesus]. Século XIX? 8º.
[Enc. em papel, sem rosto e páginas iniciais e finais, começa apenas na p. 21. Restante texto em bom estado. Trata-se da obra de XIMENEZ SAMANIEGO, Fray Joseph, *Relacion de la vida de la V. Madre Sor Maria de Jesus, Abadesa, que fue, del convento de la Purisima Concepcion de la Villa de Agreda*. En Madrid: en la Imprenta de la Causa de la V. Madre, 1762. Autoria não identificada no Cota: Res. L 329]
316. [FALCONI, Juan, O. Mercê. *Obras espirituales del Venerable Padre Presentado [...]: Primera Cartilla / Vida d Dios / Segunda Cartilla / Pan*

Quotidiano / Memento de la Missa. Recogidas por el R. P. Fr. Joseph Sanchez, Maestro General de todo el Orden [...]. En Madrid: por la Viuda de Blàs de Villanueva. 1726]. 8º.

[Sem capas, rosto e folhas iniciais, começa apenas p. 139, no capítulo XXV de *La vida de Dios*. Inclui as restantes obras elencadas na folha de rosto, assim como o *Tesoro de las Misericordias de Dios*, todas com paginação corrida. Termina na p. 484. Mau estado. Obra e autoria não identificadas no Cota: Res. L 343]

Século XIX

317. S. BOAVENTURA, Fr. Fortunato de, O. Cister. *Memorias para a Vida da Beata Mafalda, Rainha de Castella, e Reformadora do Mosteiro de Arouca*. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, 1814. 8º.

[Enc. em papel sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 244]

k. Obras Jurídicas, Canónicas e/ou Disciplinares

Século XVII

i. Constituições sinodais

318. [*Constituições Synodaes do Bispado de Lamego*]. Inicia com o prólogo de D. Luis da Silva, bispo de Lamego, seguindo-se a «*Carta, e provisam proemial das Constituições de Lamego*». Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1683.

[Enc. em pele, sem rosto, com diversas folhas soltas. Mau estado. Marca de posse ou assinatura no verso do prólogo]: «Nicola [ilegível]». Cota: Res. L 066]

319. [*Constituições do Bispado do Porto*. Começa no índice do Livro segundo, seguindo-se o *Livro Primeiro das Constituições do Bispado do Porto*], [Porto, s.n., 1690]. Fol.

[Enc. couro sobre cartão. Sem rosto e primeiras folhas. O texto das *Constituições* termina na p. 670, seguindo-se as licenças, e o índice, sem paginação.

Segue-se a *Relaçam da Procissam e Sessoens do Synodo Diaecesano que se celebrou na Sancta See da Cidade do Porto em Domingo dezoito de*

Mayo de mil & seiscentos e oitenta e sete, dia do Spirito Sancto..., com gravura a representá-lo no rosto (p. 1-19) e o elenco das 341 igrejas paroquiais e seus 49642 fogos, pessoas maiores e menores, também sem paginação. A edição inclui ainda o «*Regimento do Auditorio Ecclesiastico do Bispado do Porto, e dos Officiaes da Justiça Ecclesiastica do mesmo Bispado*», p. 1-190. Outra edição no nº 322. Cota: Res. L 070]

ii. Decretos tridentinos

320. *Sacrosancti et Oecumenici Concilii Tridentini Paulo III. Iulio III et Pio IV PP. MM. Celebrati. Canones et Decreta* [...]. Antuerpiae: apud Henricum et Cornelium Verdussen, 1694. 8º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Nota ms. No verso da capa: «E 4ª A. 1ª». Marca de posse na 2ª folha de rosto: «Da Livraria do R.do Doutor Ant[oni]o Luiz [...] Sottomayor» Cota: Res. L 078]

iii. Direito civil

321. AROUCA, Licº Antonio Mendes, *Allegationis Juris, in quibus quam plurimae valde utiles, & necessariae quaestiones in Lusitaniae Tribunalibus disceptatae proponuntur, et juxta facti contingentias pro advocacionis munere enucleantur* [...]. Ulyssipone, Michaelis Manescal (Lisboa: Miguel Manescal), 1690. Fol.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Assinatura ilegível na folha de ante-rosto. Marca de posse na folha de rosto: «He do D.or Antonio Mélllo da Veyga e Souza». Outra nota manuscrita, riscada e queimada pela tinta, no fundo da folha de rosto. Restante texto em razoável estado, com marca de humidade no fundo. Cota: Res. L 69]

Século XVIII

iv. Constituições sinodais

322. [*Constituições do Bispado do Porto – séc. XVIII?*]. Fol.

[Exemplar em mau estado, sem capas, sem rosto e primeiras folhas. É uma edição diferente da do nº 319. Cota: Res. L 309]

v. *Teologia moral*

323. CORELLA, P. Fr. Jayme, OFM Cap. *Suma de la Theologia Moral, su materia, los tratados principales de los casos de conciencia, su forma, unas conferencias practicas. Cuarta Parte de las obras del Reverendissimo Padre Fray Jayme Corella* [...]. Coimbra: Imprenta de Juan Antunes, 1709. Fol.

[Enc. couro sobre cartão. Razoável estado. Cota: Res. L 080]

324. CORELLA, P. Fr. Jayme, OFM Cap. *Practica de el Confessionario y Explicacion de las proposiciones condenadas por la Santidad de N. P. Iñocencio XI y Alexandro VII. Su matéria. Los casos mas selectos de la Theologia Moral, su forma, un dialogo entre el confessor y penitente. Decima sexta impression, nuevamente recopilada, mejorada, y añadida por su autor, sobre todas las Impresiones antecedentes* [...]. I y II Parte. *Consagrada a la Emperatriz de los Cilos Maria Santissima Nuestra Señora*. En Coimbra: En la Empronta de Juan Antunes y a su costa, 1721. Fol.

[Enc. couro sobre cartão. Mau estado, com folhas soltas e manchas de humidade, sobretudo na parte final. Marca de posse no lado r. da 1ª folha de guarda «Este libro he do Pe Miguel dos Anjos Carn[ei]ro de Arouca q lhe costou i 100 Anno de 1731». As duas primeiras folhas de guarda incluem, ms. o elenco dos «Cazos Reservados neste Bispado de Lamego». Cota: Res. L 087]

325. *Theologia Moralis Universa*. S.l., s.d. (Séc. XVIII). 4º.

[Enc. em papel sobre cartão. Sem rosto. Começa no *Tractatus Septimus De Restitutione*. Estado sofrível. Marca de posse no verso da última folha de guarda, inv: Pe ? Cota: Res L 316]

vi. *Regra de S. Bento*

326. *Regra de S. Bento Abade. Patriarcha de todos os Monges, Principe de todos os Patriarchas. Nesta quinta impressão com as Cartas, e Practicas do mesmo Santo. Dada à estampa pelos Irmãos da Irmandade de Santa Gertrudes a Magna, do Mosteyro de S. Bento de Lisboa Occidental, e dedicada à mesma Santa*. Lisboa Occidental, Na Officina Ferreyriana, 1728. 12º.

[Enc. Couro sobre cartão. Bom estado. Marca de posse no verso da capa: «he da ordem». Na contracapa final: «Era do Anno de 1756». Cota: Res. L 091]

327. *Regra de S. Bento Abbade. Principe de todos os Patriarchas. Nesta quinta impressão com as Cartas, e Practicas do mesmo Santo [...].* Lisboa: Na Oficina Ferreyriana, 1728. 12º.

[outro exemplar da mesma edição, com similar encadernação. Bom estado. Cota: Res. L 092]

vii. Usos e cerimónias cistercienses

328. *Livro dos usos e Cerimonias Cistercienses da Congregação de Stª Maria de Alcobaça da Ordem d S. Bernardo do Reino de Portugal. Impresso por mandado do Reverendissimo Senhor D. Abbade Geral, Esmoler Mór. Tom. I.* Lisboa: Na Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788. 8º grande.

[Enc. couro sobre cartão, com a seguinte inscrição na capa: «M. R. de Arou[ca]. Da Cantor Mor». Bom estado. Cota: Res. L 228]

329. *Livro dos usos e Cerimonias Cistercienses da Congregação de Stª Maria de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo do Reino de Portugal. Impresso por mandado do Reverendissimo Senhor D. Abbade Geral, Esmoler Mór. Tom. II.* Lisboa: Na Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788. 8º grande.

[Enc. couro sobre cartão, com a seguinte inscrição na capa: «M. R. de Arou[ca]. Da Noviciaria». Bom estado. Cota: Res. L 229]

330. *Livro dos usos e Cerimonias Cistercienses da Congregação de Stª Maria de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo do Reino de Portugal. Impresso por mandado do Reverendissimo Senhor D. Abbade Geral, Esmoler Mór. Tom. II.* Lisboa: Na Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788. 8º grande.

[Enc. couro sobre cartão, com a seguinte inscrição na capa: «M. R. de Arou[ca]. Da Sachrestia». Capa danificada. Estado sofrível. Marca de posse/uso no r. da folha de guarda: «Ill.ma Snrª D. Roza. Cota: Res. L 230]

331. *Livro dos usos e Cerimonias Cistercienses da Congregação de Stª Maria de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo do Reino de Portugal. Impresso por*

mandado do Reverendissimo Senhor D. Abbade Geral, Esmoler Mór. Tom. II. Lisboa: Na Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788. 8º grande.

[Enc. couro sobre cartão, com a inscrição na capa: «M. R. de Arou[ca] [...]» riscada/cortada, por isso ilegível. Estado sofrível, com mancha de fumo/humidade no fundo das folhas. Cota: Res. L 231]

332. *Livro dos usos e Cerimonias Cistercienses da Congregação de Stª Maria de Alcoabaça da Ordem de S. Bernardo do Reino de Portugal. Impresso por mandado do Reverendissimo Senhor D. Abbade Geral, Esmoler Mór. Tom. III.* Lisboa: na Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788. 8º grande.

[Enc. couro sobre cartão, com a inscrição na capa: «M. R. de Arou[ca]. Da M. R[evª]. M[adre]. D. Abb[adessa].». Bom estado. Cota: Res. L 232]

333. *Livro dos usos e Cerimonias Cistercienses da Congregação de Stª Maria de Alcoabaça.* Lisboa: Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788. 8º grande.

[Enc. couro sobre cartão, com a inscrição na capa: «M. R. de Arou[ca]. Da Cantor Mor». Bom estado. Cota: Res. L 233]

Século XIX

viii. *Legislação Liberal*

334. *Collecção das Cartas de Lei, Decretos, etc. das Cortes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portuguesa.* Coimbra: Na Imprensa da Universidade, 1822. 4º grande.

[Enc. em papel, deteriorada. Texto em bom estado. Cota: Res. L 246]

I. Lunário

Século XVIII

335. CORTEZ, Jeronymo (valenciano), emendado e traduzido por BRITO, Antonio da Silva de. *O non plus ultra do Lunario e prognostico perpetuo geral e particular para todos os Reinos e Provincias [...]* E no fim vai acrescentado com huma invenção curiosa de huns apontamentos, e regras para que

se saibão fazer prognosticos, e discursos annuaes sobre a falta, ou abundancia do anno, e hum memorial de remedios universais para varias enfermidades.

Lisboa: Na Oficina de Domingos Gonsalves, 1757. 8º.

[Enc. couro sobre cartão. Razoável estado. Marca de posse/uso no r. da última folha de guarda: «P – ad – Livro 1874 / Joaquim Bento (mesma letra). / ou Joaquim Bento Pinto. G. t.» (letra diferente).

Cota: Res. L 206]

m. Controvérsia

Século XVIII

336. *Doutrinas da Igreja Sacriligamente Offendidas pelas Atrocidades da Moral Jesuítica, que foram expostas no Appendix do Compendio Historico e deduzidas pela mesma ordem do referido Appendix, para servirem de correcção aos abominaveis erros, e execrandas impiedades daquela pretendida Moral, inventada pela Sociedade Jesuítica para a conquista, e destruição de todos os Reinos, e Estados Soberanos.* Lisboa: Na Regia Officina Typographica, 1772. 8º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Notas ms. no verso da última folha e r. da de guarda final: «Benção de S. Antonio de Padua contra as lombrigas», em latim, seguindo-se, também em latim, um «Responsorio» no r. da folha de guarda final. No verso desta mesma folha de guarda: «A dous de Febr[e]iro do anno de 1816 por hum quarto p[ar]a huma hora depois da m[e]ia noute houve hum terremoto, que durou quinze minutos]». Cota: Res. L 218]

n. Tratado musical

Século XVIII

337. SOLANO, Francisco Ignacio. *Nova instrucção Musical, ou Theorica Pratica da Musica Rythmica, coma qual se forma, e ordena sobre os mais sólidos fundamentos fundamentos hum Novo Methodo, e verdadeiro Systema para constituir hum inteligente Solfista, e destríssimo Cantor, nomeando as Nótas, ou Figuras de Solfa pelos seus mais próprios, e impróprios nomes, a que chamamos ordinários, e extraordinários no Canto Natural, e Accidental, de que*

procede toda a dificuldade da Musica, oferecida ao muito poderoso, e fidelíssimo rei nosso senhor D. José I. Lisboa: Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1764. 4º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Cota: Res. L 313]

Não consideradas neste inventário:

Obras incluídas no catálogo digital, mas que, pelas informações nele contidas ou por terem data de impressão posterior a 1886, não fazem parte do fundo monástico:

- *Ramalhete de Myrrha Composto dos Mais Tenros Pensamentos e Maviosos Suspiros da Mãe de Deos Afflicta para Contemplar as Suas Sete Dores. Com affectos, e petições eficazes para alcançar da mesma Virgem Dolorosa a verdadeira contrição, e as mais sublimes virtudes. Tudo extrahido dos melhores Authores que tem escripto sobre este assumpto, e reduzido a hum methodo pratico de fazer com fructo o Setenario Doloroso.* Por L. B. Lisboa: Na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1823. 12º.

[Enc. couro sobre cartão. Bom estado. Nota ms. no r. da folha de guarda: Este livrinho, que é da autoria de D. Leonardo de Sousa Brandão, natural da freguesia de Varzea, concelho de Arouca, tio do Padre Luiz de Sousa Brandão, que foi pároco da mesma freguesia, e foi o último Bispo da diocese de Pinhel, livro que mostra sentimentos de piedade e Santíssima Virgem, e bem organizado, ofereço-o ao museu de Arte Sacra, por ser uma obra [?], do mosteiro de Arouca. Em 31 de Outubro de 1955. P.e Joaquim Teixeira da Silva [...] – Tropeço. Cota: Res. L 247]

- *Estatutos da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.* 1893. 4º.
Cota: Res. L 248
- BARROSO, D. Antonio. *Instrução Parochial.* Porto: Typ. Fonseca e Filho, 1909.
Cota: Res. L 300

- *Missale Romanum*. Turonibus, 1921.
[Enc. couro sobre cartão, com ferros e fechos estragados. Mau estado]. Nota ms na 2ª folha de guarda, r.: Offerecido à Irmandade da Rainha Santa Mafalda por Augusto d'Almeida, natural da freguesia d'esta villa d'Arouca, com oficina de encadernação na Rua do Almada, nº 234 a 238. Pôrto. Em sessão da mesma Irmandad de 24 de setembro de 1992] Cota: Res. L 301

- *Regulamento de Registo Paroquial*. Porto: Sec. Geral do Bispado do Porto, 1937.
Cota: Res. L 302

ANEXO II

AEP – Arquivo Episcopal do Porto

Cópias da correspondência e outros documentos
do Cardeal Bispo D. Américo Ferreira dos
Santos Silva relativos ao mosteiro de Arouca –
organizadas cronologicamente

Doc. 1

Livro 324, n. 888 – Carta dirigida ao P. José Valente de Matos, capelão do
mosteiro de Arouca

«Doença das Religiosas do Convento de Arouca

1º Agosto 1885

Capellão do Conv.to de Santa Maria d'Arouca

Ill.mo e Ex.mo Sr. Tenho presente a participação que V. S^a conjunctamente com o R.do Manuel Gomes de Castro me fazem em data de 18 de Julho ultimo na qualidade de Capellão do Mosteiro de S.ta Maria d'Arouca.

Queira V. S^a **comunicar-me se n'esse Convento existe o inventario do mesmo, que em tempos foi mandado fazer pelo Governo de Sua Magestade**, e no caso afirmativo se n'elle se achão descriptos os objectos pertencentes ao culto.

No caso porem negativo, V. S. assim m'o participará p^a eu dar as competentes providencias, mas antes mesmo de eu as expedir, desde já dou ordem e comissão a V. S^a bem como ao R.do Gomes de Castro, para **fiscalizarem a administração do Convento de modo que nada do que lhe pertence possa ter descaminho.**

Deus g.de...

=assignado = Americo, C. B. P.»

[sublinhado meu]

Doc. 2

Livro 295, n. 576:

«Decreto / 14 de Setembro de 1885

Existindo actualmente no Convento de Arouca uma só Religiosa Professa, a R.ma D. Maria José de Tovar e Menezes, a qual pela sua avançada idade e enherentes infirmitades a muito custo poderá superintender no que respeita administração e conservação temporal do Convento, e sendo de necessidade **dar as providencias que o caso urgentemente reclama:** havemos por bem dar comissão ao Rev.do António José Nogueira de Paiva e Sousa, actual Capellão do Convento de Santa Clara d'esta Cidade, para, transferindo-se ao dicto Convento, **ahi proceder** com o auxilio dos outros Rev.s Capellães, **ao inventario, arrecadação e guarda de todos os bens mobiliários, alfaias e objectos de arte, que não estejam descriptos em inventario legal anterior;** e bem assim para tomar conta de quaesquer dinheiros do mesmo Convento, que se acharem por qualquer titulo acumulados e não sejam necessários para as despesas diárias da Commuidade; as quaes, mediante as necessárias formalidades, arrecadará e fará entrar em deposito regido como pertencentes ao dicto Convento. E por este trabalho lhe adiantamos do rendimento ou capital do Convento a quantia de cincoenta mil reis por uma vez e desde já, e mais a de vinte mil reis mensais, enquanto permanecer no desempenho d'esta Commissão, que do seu conhecido zelo esperamos executará fiel e prontamente. Pelo que ordenamos á Rev.ma Religiosa Professa, Rev. dos Capellães e mais pessoas, assim dentro como fora da Clausura, ás quaes este nosso Decreto for presente, o cumpram na parte que lhes disser respeito.

Porto, etc. Assig. A. C. Bispo do Porto»

[sublinhado meu]

Doc. 3

AEP, Livro 324, n. 901 – Carta do Cardeal Bispo D. Américo ao Núncio Apostólico – 11 de novembro de 1885

«Requerim.to da Abadessa d’Arouca p.^a fazer testamento
Arcb^o de Sardia / Nuncio Apostolico / 11 Nov^o 1885

Ex.mo e R.mo Snr. Tenho a honra de devolver a V. R.ma o requerimento junto, **em que a Abadessa do Mosteiro de Arouca pede faculdade de testar de alguns bens seus próprios.**

Informando esta petição cumpre-me dizer, que **me parece poder ser concedida esta licença, que dará grande consolação e tranquilidade d’espírito á Requerente**, actualmente mais do que nonagenária, e única Religiosa d’este Convento.

Não devo porem ocultar a V. Ex^a R.ma que pelo seu fallecimento a Fazenda Nacional tomará conta de todos os bens d’este Mosteiro, **dos quaes em tempo foi formado inventario, e ultimamente o mandei completar por um prsbytero de confiança.** Para evitar pois contestação de futuro m.to prejudiciais, sou de opinião que a faculdade requerida, no caso de ser concedida, seja expressamente limitada a bens próprios da Requerente, e não descriptos em Inventario do Convento.

Deus g.d»

=assinado 9 Americo. C. B. P.»

[sublinhado meu]

Doc. 4

AEP Livro 324, n. 907 – Carta do Cardeal Bispo D. Américo – 22 de dezembro de 1885

«Agradecimento á Abb^a de Arouca
Abbadessa d’Arouca

22 Dez^o 1885

Ex.ma e R.ma Snra. Muito agradeço a V.Ex^a as suas felicitações por ocasião do próximo Natal, bem como a delicada oferta enviada. Rogo a Deus pela conservação de V.Ex^a e de todas as mais pessoas d’essa Religiosa Comunidade.

Deus g.de

=assinado = Americo, C. B. P.»

Doc. 5**AEP Livro 295, n. 606 – Provisão do Cardeal Bispo D. Américo – 9 de julho de 1886**

«Extinção do Convento de S.ta Maria d'Arouca

Provisão / 9 Julho 1886

Achando-se extinto de facto o Convento de Santa Maria d'Arouca pello falecimento no dia 3 do corrente mez da sua ultima religiosa professa D. Maria Jose Gouvea Tovar Menezes, e havendo o Governo de Sua Magestade determinado proceder a sua supressão nos termos da Carta de Lei de 4 d'Abril de 1861, e das Instrucções do Decreto de 31 de maio de 1862, como Nos foi communicado em officio de 6 do corrente, no qual Nos são ordenadas as diligencias prescriptas nas citadas Instrucções, artº 10º: Havemos por bem nomear, como por esta Provisão nomeamos, nosso Delegado para este fim especial o Rv.mo Vigario de Vara do 2º Districto da Comarca ecclesiastica d'Arouca, e Parocho da igreja de Santa Eulalia de Chave, Joaquim Teixeira da Silva, o qual ao recebel-o procederá da seguinte forma:

1º apresentar-se-há com esta Nossa Comissão aos respectivos Administrador e escrivão da Fazenda do Concelho d'Arouca para **os auxiliar na execução das deligencias, que lhes houverem sido determinadas pelo Delegado do Thesouro** para a supressão d'este Convento.

2º Pelo que respeita **porem ás alfaias, vasos sagrados e mais objectos de culto, elle próprio os receberá por deposito, devidamente inventariados, servindo-se para esse fim do primitivo inventario remetido pela competente Secretaria d'Estado, bem como do posterior que em tempos mandamos organizar**, como additamento ao primeiro e vae junto a esta Nossa Provisão.

3º Para servir d'arrecadação a estes objectos de culto em quanto superiormente lhes não fôr dado destino, **escolherá e requisitará a officina ou casa do Convento que mais segura lhe pareça, na qual mandará recolher e guardar os que forem movíveis e possão fora della estar sujeitos a descaminho, perda, ou deterioração, á medida que forem inventariados** e da competente autoridade rogará a necessária força para salvaguarda d'este deposito.

4º Pelo que respeita ao culto na igreja do convento, em quanto o Governo de Sua Magestade não determinar a sua cessação completa, desejando Nós que continue tanto quanto as circunstancias actuaes o permittirem,

authorizamos o Ver.mo Vigario da Vara o providenciar pelo modo que julgar mais conveniente para que na dita igreja haja pelo menos celebração de missa a cargo d'algum presbytero, ao qual confiará, mediante termo de deposito, as alfaias e vasos sagrados que sejam absolutamente indispensáveis.

5º Terminaddas estas diligencias o Rev.mo Vigario da Vara Nos dará d'ellas conhecimento, **remettendo-Nos o inventario do deposito recebido acompanhado da conta das despezas**, que hajão sido feitas no desempenho d'esta commissão, para lhe serem devidamente satisfeitas.

Deus guarde)

(assig.) Americo C. B. P.»

[sublinhado meu]

Doc. 6

Livro 54, n. 868 [b] – Carta do Cardeal Bispo D. Américo ao Vigário da 2ª vara – 9 julho de 1886

«Extinção do Convento de S[an]ta Maria d'Arouca

Vigario da Vara do 2º Distrito d' Arouca

9 Julho 1886

Ill.mo e Rev.mo S.or Junto envio a V.ª S.nra uma Provisão pela qual dou a Vª S.ª comissão e instrucções para me representar na supressão do Convento de Sta Maria d' Arouca, ordenada pelo governo de Sua Magestade.

É muito natural que os **moradores da freguesia d' Arouca e circunvizinhas se sintão magoadas com a extinção d'este Convento, ao qual desde tantos seculos são devedores de grandes beneficios temporaes e espirituais**; e por certo mais lhes augmentará a mágoa o recearem que a sumptuosa igreja seja fechada ao culto e d'ella se removão as preciosidades com que a devoção dos fieis a tinha adornado.

Authorizo a Vª S.na e mesmo lhe rogo que lhes faça constar quanto as acompanho nos seus sentimentos religiosos; que **embora me sejam entregues por deposito e inventariados os objectos de culto, e alfaias ou vasos sagrados não solicito por modo algum que sejam removidos para outra parte e muito menos passem para meu uso ou poder**; e pelo que toca à igreja, **estou prompto a coadjuvalos no seu justo empenho de a conservarem aberta ao culto, do qual se encarregue alguma Irmandade ou outra corporação legalmente constituída.**

São estes os desejos que levarei à presença do Governo de Sua Magestade e que desde já manifesto ao Ex.mo Delegado do Thesouro d'esse Districto, sollicitando sua cooperação, para que possam ser realizados.

Deus guarde, etc. (assig.) Americo C.B.P.»

[sublinhado meu]

Doc. 7

Livro 324, n. 907 – Carta do Cardeal Bispo D. Américo ao Delegado do Tesouro do D. de Aveiro – 9 de julho de 1886

«Extinção do Convento de S.ta Maria d'Arouca

Delegado do Thesouro do Districto d'Aveiro

9 Julho 1886

Ill.mo e Ex.mo S.nr Tenho presente o officio de V. Ex.^a com data de 5 do corrente, cujas atenciosas expressões me cumpre agradecer, relativamente á supressão do Convento de Santa Maria d'Arouca.

Por provisão d'esta data de hoje, nomeei o Parocho de Santa Eulalia de Chave, por ser o Vigario da Vara do Districto, para me representar nas diligencias da mencionada suppressão, em conformidade com as Instrucções do Decreto de 31 de Maio de 1862.

Ignoro quaes sejam as instrucções do governo de Sua Magestade, tanto em relação à Igreja, como ao destino a dar ás alfaias e objectos de culto. Já por esse motivo, já para não augmentar o desgosto do povo d'Arouca ordenei na data Provisão que o deposito fosse feito pelo modo mais seguro em uma officina ou casa do Convento, e permitti que d'esse deposito fosse confiado a um Presbytero o indispensável para elle continuar a celebrar Missa na igreja. Em quanto a esta aconselho ao Ex.mo Vigario da Vara que induza os parochianos d'Arouca a promoverem a conservação d'este templo por meio de uma Irmandade legalmente constituída que tome a seu cargo a fabrica d'elle.

Acceitando o generoso offercimento de V.^a x^a rogo sua cooperação para estes dous fins, manter o culto na igreja, e conservar n'sta as alfaias, vasos sagrados, e mais objectos que a adornavam.

(Assig.) Americo Cardal Bispo do Porto.»

[sublinhado meu]

Doc. 8

Livro 54, n. 871 – Carta do Cardeal Bispo D. Américo ao Vigário da Vara
– 31 de julho de 1886

«Convento d’Arouca. Destino das recolhidas.

V.º da Vara do 2.º D.º d’Arouca

31 Julho 1886

Ill.º e Verº S.nr O Aviso Regio de 24 do corrente expedido pela Secretaria dos Negocios Eccles.os e de Justiça entre outras instrucções acerca do extincto convento d’Arouca, comunica-me o Governo de Sua Magestade o seguinte:

“E porque ... **no edificio do aludido Convento existem algumas meninas do Coro e creadas que foram da Communidade, algumas das quaes já decrepitas, pobres e sem família, quer Sua Magestade que a este respeito seja chamada a atenção de V.^a Em.^a para que possa ordenar que as pessoas que ali se acharem nas referidas circumstancias sejam convenientemente recolhidas em outros Conventos subsistentes.**”

Para cumprir as ordens de Sua Magestade, **careço de saber quaes as pessoas do Convento de Arouca, que desejão recolher-se a outro convento subsistente, e qual o que preferem, quer seja de outra diocese, quer algum dos quatro d’esta: São Bento, Santa Clara da cidade, Corpus Christi de Villa Nova de Gaia ou o de Vairão.**

Estabelecido este ponto dirigir-me-ei às Communidades recolhidas, solicitando de cada uma d’ellas a admissão das pessoas do Convento d’Arouca, que para elle desejão entrar.

Rogo pois a V.^a S.^a que **dando d’isto conhecimento às recolhidas d’Arouca, e ouvindo pessoalmente cada uma queira preencher com suas respostas os dizeres da relação junta; e se alguma prefere retirar-se para residência particular de sua própria família ou d’outra. V.^a S.^a assim o escreverá na competente casa.**

Deus guarde, etc.

(assig.) Americo C. B. P.»

[sublinhado meu]

Doc. 9**Livro 324, n. 951 – Carta do Cardeal Bispo D. Américo à Abadessa do convento de S^a Clara – 17 de agosto de 1886**

«Convento d'Arouca. Transferencia para S.ta Clara

D. Abadessa do Convento de Santa Clara

17 Agosto 1886

Ex.ma Rev.ma S.nra Como V. Ex^a por certo não ignora acha-se extinto o Convento de S.ta Maria d'Arouca pelo fallecimento de sua ultima Religiosa professa que Deus haja.

O governo de Sua Magstade, desejando **atender às precarias circunstancias em que vão ficar as pessoas seculares, que vivião dentro do Convento**, ordenou-me que tomasse as providencias, para que tanto quanto possível fossem essas pessoas transferidas para outros conventos. Consultadas estas por mim sei que **uma das Senhoras D. Julia Candida Saraiva e Mello, de 31 annos d'idade, que foi corista, deseja ser recebida n'este Convento de Santa Clara, e talvez acompanhada de uma sua irmã de 21 annos.**

Vou pois rogar a V.^a Ex.^a que ouvida a communitade d'esse convento de Santa Clara, me queira comunicar, se a mencionada Senhora com sua irmã podem receber esta grande obra de caridade de serem ahi admitidas, e com dispensa das despesas do estylo chamadas de piso.

Deus g.d etc.

(assig.) Americo C. B. P.»

[sublinhado meu]

Doc. 10**Livro 295, n. 808 –**

«Provisão d'approvação dos Estatutos da Irmand.e de S.ta Mafalda. D. Americo etc.¹

19 Agosto 1886

Fazemos saber que por parte de um grande numero de parochianos da freguesia de S. Bartholomeu d'Arouca Nos foi representado que havião deliberado constituir-se em Irmandade com o titulo de = Real Irmandade

1 Esta Provisão foi impressa nas folhas iniciais da edição dos primeiros *Estatutos da Real irmandade da Rainha Santa Mafalda*. Porto, Typographia da "Palavra", 1893, s.p. Foi também publicada por VEIGA, 2005: 293-295 e republica-se aqui atendendo à sua relevância para a 1ª parte deste estudo.

da Rainha S.ta Mafalda, erecta na igreja de S. Pedro S. Paulo do extinto Convento de S.ta Maria d'Arouca = para o fim de na mesma promover o culto da Santa Rainha, e que n'esse instituto havião organizado os competentes Estatutos, já approvados pela Superior Authoridade Administrativa, e divididos em 57 Artigos, para os quaes sollicitavão tambem a Nossa Approvação e confirmação. E attendendo Nós a esta justa petição, **considerando o muito louvavel fim religioso que os Requerentes teem em vista**, bem como que os referidos Estatutos não vão de encontro à fé e moral **havemos por bem aproval-os e confirmal-os na parte que respeita ao espirital**, sem prejuízo algum, assim da Nossa Jurisdição Ordinaria como da parochial: (a) **Declaramos porem que esta Nossa approvação fica dependente do que o Governo de Sua Magestade houver por bem determinar, em quanto à entrega provisoria ou definitiva quer do edificio da igreja do extinto Convento, quer das alfaias, vasos sagrados, paramentos e mais objectos do culto em conformidade com o disposto no Artigo 10 das Instrucções d 31 de maio de 1862 e com as determinações, que Nos foram transmittidas em Aviso Regio de 24 de Julho ultimo.**

E para constar mandamos passar a presente Provisão, que depois de registada será remetida á Irmandade requerente para a juntar aos seus Estatutos, dos quaes ficão sendo parte integrante.

Dada no Porto e Paço Ep.al sob Nosso signal e sello aos 19 d'Agosto de 1886.

(a) e assumindo do melhor grado ao pedido exarado no Artº 57 dos Estatutos, desde já em Nosso nome, e dos Nossos Successores Nos consideramos Protector d'esta Real Irmandade.»

[sublinhado meu]

Doc. 11

Livro 54, n. 872 – Carta do Cardeal Bispo D. Américo ao Vigário da Vara – 19 de agosto de 1886

«Objetos de culto da igreja do Convento d'Arouca

Vig.º de Vª do 2º Arouca

19 Agosto de 1886

Ill.mo Ver.mo Snr. Foi-me entregue pessoalmente por V. S.^a o officio que em data de 16 do corrente lhe dirigiu o Ill.mo Administrador interino do concelho de Arouca, e no qual requisita de V. S.^a **em nome e sob responsabilidade da Irmandade da Rainha Sancta Mafalda a entrega**

definitiva ou provisoria das alfaias e objectos do culto pertencentes a igreja do extinto Convento d'Arouca a fim de servirem por ocasião da próxima romaria de S. Bartholomeu.

Queira V. S.^a responder ao Ill.mo Administrador do concelho que por ora nenhuma entrega definitiva pode ser feita dos objectos requisitados, porquanto o Governo de Sua Magestade me comunica em Aviso Regio de 24 de Julho ultimo = que somente poderá tomar-se resolução depois de ter sido recebida a copia do respectivo inventario na Secretaria d'Estado dos Neg[oci]os Ecc[lesiastic]os e de Just[iç]a conforme o disposto no Art. 10 das Instrucções de 31 de Maio de 1862 =. Ao Governo pois de Sua Magestade compete a entrega definitiva. Enq[uan]to porem a **uma entrega provisoria e só para o fim indicado, auctoriza-la-ei attendendo á devoção dos fieis** e a que posteriormente á entrega mencionada do officio supra de 16 do corrente, me foram presentes os Estatutos da Irmandade requerente aos quaes prestei confirmação por Provisão de data de hoje.

Pode pois V. S.^a **tirar da casa do deposito o que for absolutamente necessário para ornar a igreja do Convento pela forma de tempos anteriores á extinção d'este na ocasião d'esta romaria.**

Esses objectos quaisquer indispensáveis serão **por V. S.^a entregues mediante uma relação á Mesa da Irmandade se esta se acha já legalmente eleita e em exercício de funções;** e no caso de o não estar, então ao próprio Ill.mo Administrador do concelho, assignando quem os receber o competente **termo da entrega e responsabilidade não só collectiva mas individual** e pelos seus próprios bens. Terminada que seja a Romaria V. S.^a **provederá á arrecadação de tudo ao deposito anterior.** Para maior facilidade d'este trabalho devolvo a V. S. copia do inventario a fim de formar a relação dos objectos emprestados do deposito por mais de uma simples referencia dos seus respectivos números. Igualmente remeto a V. S.^a para entregar á Irmandade de S.^a Mafalda os seus Estatutos, com a minha provisão de Approvação.

Deus guarde tc. (Assig.) Am.º Cardeal B. do Porto.

[sublinhado meu]

Doc. 12

Livro 324, n. 992

«Entrega de paramentos d'Arouca ao Bispo de Damão
 Bispo de Damão e Cranganor Caldas de Vizella 1887 / 12 de Maio
 Ex.mo R.mo Sr. Recebi hontem com data de 9 do corrente um Aviso
 Regio, em que me é dada a necessaria auctorização p.^a entregar a V. Ex.^a
 alguns paramentos e alfaias que estão no deposito do extincto convento
 de Arouca, e a V. Ex.^a possão ser necessárias na diocese de Damão.
 Para proceder n'este assumpto com acerto e regularidade á face do respec-
 tivo inventario, vou rogar a VEx.^a o favor de comparecer para uma confe-
 rencia n'esta minha actual residência, em qualquer dia que VEx.^a terá a
 bondade de me indicar com antecedência de dous ou tres.
 Deus g.d=assignado = Americo C. B. P.»

Doc. 13

Livro 324, n. 993

«Paramentos do Convento d'Arouca p.^a o Bispo de Damão
 Bispo de Damão e titular de Cranganor Caldas de Vizella / 14 Maio 1887
 Ex.mo e R.mo Snr. Tenho presente o officio de Vx.^a. com data de 13 do
 corrente.
 Não podendo eu ter a desejada conferencia com VEx.^a desnecessario me
 parece tel-a com outra pessoa enviada por VEx.^a, a qual compareceria uni-
 camente para ser portadora dos paramentos por mim só escolhidos.
 Como porem o deposito acha-se em Arouca, e a entrega não será feita
 senão mediante aprovação do Ex.mo Ministro da Justiça e sua ordem
 expressa ao Escrivão d Fazenda, que tambem tem responsabilidade pró-
 pria, vou rogar a VEx.^a queira aguardar o cumprimento d'estas formalida-
 des p.^a as quaes remetterei a VEx.^a, logo que a tenha concluída, a relação
 dos paramentos e alfaias que me parecerem dispensaveis.
 Dus G.de
 = assignado = Americo C. B. P.»

Doc. 14**Livro 324, n. 995:**

«Paramentos do Conv.to d'Arouca p.^a o Bispo de Damão

D. Antonio Bispo d Damão titular de Cranganor. Caldas de Vizella / 17
Maio 1887

Ex.mo e R.mo Snr. Tenho presente o officio de VEx^a em data de 16 do corrente com respeito aos paramentos do Convento extincto d'Arouca.

Como o que VEx^a me communica, não altera o que eu havia participado a VEx.^a em data de 14 do corrente, envio hoje á Secretaria dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça uma relação dos paramentos e alfaias, que me pareceo serem dispensáveis e uteis a VEx.^a, a quem peço desculpa de o não contemplar com subsidio mais valioso, e tanto quanto eu desejava, se as circumstancias o permittissem.

Rogo a VEx^a queira receber pessoalmente as ordens do Ex.mo Ministro da Justiça, dar-lhe conhecimento bem como a mim, de quem VEx.^a nomea para o representar no acto da entrega dos paramentos em Arouca, e ao mesmo tempo solicitar de Sua Excellencia a possível brevidade na remessa da relação duplicada pela forma que indiquei e que é indispensável para a dita entrega ser legal e regular.

Deus G.de

=assignado= Americo, C. B. P.»

«Relação ds param[en]tos e alfaias do extinto Convento d’Arouca mencionadas no respectivo inventario e entregues ao Ex.mo Bispo de Damão e titular de Cranganor em conformidade com os Avisos Regios de 30 d’Abril de 1887 da Secretaria dos Neg.os da Fazenda, e 9 de Maio de 1887 da Secretaria dos Neg.os Eccl.os e de Justiça pelo Cardeal Bispo do Porto. [Deve confrontar-se com os mesmos números do Anexo III]

Numero no Inventario	Designação dos objectos no Inventario	Avaliação feita no Inventario	Entrega feita
198	Outro paramento branco completo, tecido a prata, em meio uso avaliado em reis	50\$000	Este completo
183	Um paramento roxo em meio uso, sem almofada, avaliado em	60\$000	Este completo
185	Quatro vestimentas brancas muito usadas, sendo uma tecida a ouro, avaliadas em	30\$000	A vestimenta tecida a ouro
186	Cinco vestimentas vermelhas em meio uso, sem uma estolla, avaliadas em	23\$000	Duas vestimentas com duas estolas
187	Duas vestimentas roxas, em meio uso, avaliadas em reis	12\$000	Uma vestimenta
188	Cinco vestimentas verdes, com capa e estola da mesma côr, em meio uso, avaliadas em rs	60\$000	Uma vestimenta
189	Tres vestimentas pretas muito usadas sem um manipulo, avaliadas em reis	6\$000	Uma vestimenta com manipulo
191	Sete bolsas de corporaes, sendo uma vermelha, duas verdes, uma roxa, uma preta, e duas brancas avaliadas em	4\$000	Uma bolça branca e outra verde

Numero no Inventario	Designação dos objectos no Inventario	Avaliação feita no Inventario	Entrega feita
192	Dous veos de cobrir a Custodia brancos, avaliados em	3\$000	Um veo
193	Treze veos de cobrir o calice, sendo cinco brancos, dois verdes, dois roxos, dois vermelhos e dois pretos, avaliados em	3\$000	Um de cada côr
196	Duas almofadas de veludo encarnado avaliadas em	4\$500	Uma almofada
203	Vinte e quatro frontaes de diferentes cores, sendo alguns muito usados, avaliados em	60\$000	Um de cada côr e menos usado
204	Quatro frontaes para altares provisórios, avaliados em	3\$000	Um frontal
218	Seis pallios brancos e vermelho, em meio uso, avaliados em	100\$000	Um pallio
221	Um docel guarnecido com franja e alamares de fio d'ouro, avaliado em	20\$000	Um docel
222	Um faldstorio e respectivo panno guarnecido a ouro, avaliado em	6\$000	Um faldstorio
224	Uma porta-coeli bordada a ouro, avaliada em	4\$000	Uma porta-coeli
231	Duas cortinas novas, e duas vermelhas, das grades do coro, avaliadas em	3\$000	Duas cortinas novas e as duas vermelhas
236	Quatro cortinas grandes e seis pequenas roxas (avulsas) avaliadas em	5\$000	Duas das grandes e tres das pequenas

Numero no Inventario	Designação dos objectos no Inventario	Avaliação feita no Inventario	Entrega feita
246	Tres mitras, sendo duas bordadas a ouro e outra liza, avaliadas em	100\$000	Uma mitra bordada a ouro e outra liza
247	Tres pares de luvas bordadas a ouro, sendo duas encarnadas e umas brancas, avaliadas em	4\$500	Um par de luvas encarnadas e o branco
250	Uma toalha para o ministro de mitra, avaliada em	.600	Uma toalha para o ministro da mitra
254	Trinta e uma toalhas dos altares, sendo algumas muito usadas, avaliadas em	8\$000	Dez toalhas d'altar, sendo cinco das menos usadas
292	Outro crucifixo de marfim que pertencia ás noviças, quando professavam, avaliado em	20\$000	Um crucifixo de marfim

(Assig.) Americo Cardeal Bispo do Porto»

Doc. 15

Livro 054, n. 897:

«Paramentos d'Arouca para o Bispo de Damão

V.º da Vara do 2º D.º d'Arouca

Vizella 25 Maio 1887

Ill.mo e Rev.mo S.nr O Governo de Sua Magestade, pelo decreto d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de just.e em Avizo Regio de 20 do corrente manda-me entregar ao Ex.mo Bispo de Damão e Titular de Cranganor os paramentos e alfaias mencionadas na relação junta e em Aviso Regio de 21 tambem do corrente expedido pela Secretaria da Marinha, nomea para receber os ditos paramentos em nome do Ex.mo Bispo e Re.do Jose Antonio Vieira de Mello, o qual apresentará a V. S. com um officio do Ex.mo Bispo dirigido a mim e por mim remetido p.^a V.^a S.^a por despacho d'hontem.

Queira pois V.^a S.^a entender-se com o Ill.mo Escrivão da Fazenda e por este acompanhado em tudo à face do inventario original em mão deles, retirar de deposito e entregar os paramentos e alfaias designadas na relação junto que com esta V. S.^a me devolverá.

Esta relação foi por mim enviada à Secretaria da Justiça em duplicado, para que o segundo exemplar fosse remetido ao Ill.mo Escrivão da Fazenda, e este proceder como entendesse mais conveniente a fim de no inventario geral ser descripta a entrega authorizada. Fosse remetido ou não esse segundo exemplar da relação, V. S. me enviará esta em falta e o recibo a fim de eu a juntar à cópia do inventario em meu poder.

Deus G. Americo C. B. P.»

ANEXO III

«Cópia do Auto de Posse conferida [pela Fazenda] á Irmandade da Rainha Santa Mafalda dos objectos que lhe foram concedidos por lei de 26 de Junho de 1889, cuja posse se effectuou em 4 de Março de 1890, tirada [esta cópia] em cumprimento dos officios números 632 E 634 de 23 e 24 de Maio de 1902

[TRANSCRIÇÃO DE CARLOS BRITO¹]

Cópia. “Auto de posse. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e noventa, aos quatro de março, n’esta vila de Arouca, e edificio do extincto convento, achando-se presentes o administrador interino d’este concelho Carlos de Mello Vaz Pinto, o vigário da vara do segundo districto ecclesiastico reverendo Joaquim Teixeira da Silva, os membros da Junta da Parochia d’esta freguezia de São Bartholomeu d’Arouca – Viriato Pinto Leite, presidente, e os vogais Francisco da Silva Pereira e Francisco Ferreira – e os mezarios da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda

1 Agradeço ao Dr. Carlos Brito, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da RIRSMA, a cedência desta transcrição – que inclui apenas atualização gráfica na acentuação, transformação do texto corrido para quadro e opção pela numeração árabe, em substituição da sua grafia por extenso. Esta cópia não inclui o inventário da pintura e não apresenta qualquer justificação para tal. A cópia digital do manuscrito encontra-se na RIRSMA.

– doutor Alberto Carlos Teixeira de Brito, juiz – Joaquim do Carmo Aguiar secretario, – Alfredo de Mello Vaz Pinto, thezoureiro – e os mesarios doutor Bernardo Furtado de Mendonça Moeira Aranha, padre Manoel Joaquim Soares de Figueiredo, padre José Gomes de Figueiredo, e padre Bernardino de Pinho Bandeira, e eu José Diogo de Lemos, a fim de se proceder à posse definitiva da igreja e mais objectos na forma que à dita Irmandade e Junta foram concedidas, pelo artigo primeiro e paragrapho único de lei de vinte e seis de Junho de mil oito centos e oitenta e nove, posse que foi mandada conferir pela Direcção Geral dos Próprios Nacionais em officio de desasseis de dezembro de mil oito centos e oitenta e nove, comunicado pela Repartição de fazenda districtal à administração d'este concelho em officio número duzentos e dois, e à repartição de fazenda em officio número sete centos e nove, ambos datados de vinte e quatro de dezembro do mesmo anno e bem assim authorisada pelo Eminentíssimo Cardeal Dom Américo, bispo d' esta diocese do Porto, por officio de trinta de janeiro do corrente anno dirigido ao Vigário já referido – confe [...] e Irmandade a posse e entrega dos objectos seguintes:

= PRIMEIRO =

Egreja, córos, antecóros e suas dependencias, a saber: Pello Nascente da igreja, por detraz do Altar-Mór e cemiterio das criadas; ao Sul, o adro com oliveiras e casa junta que o veda pelo mesmo lado; o claustro de baixo com a sala do capitulo, onde além d'outros usos se faziam os enterramentos das freiras e seculares, e o claustro de cima ou a parte superior do mesmo com a parte do dormitório denominado da rainha Santa, que lhe fica por de traz, em cujo corredor se acham alguns altares e em cujas cellas se acha e guarda o azeite para as lâmpadas e outros objectos do culto, devendo, portanto, a divisão por este lado do sul fazer-se por uma linha que, partindo da parede do Sul do mesmo claustro seja o prolongamento d'esse lado até à extremidade nascente da cerca, limite do dito cemitério das criadas; e para fabrico e guarda dos ditos paramentos e alem d'isso para sessões da Junta e Irmandade ou para outros usos que se tornem necessários, as cellas e corredores onde se acham arrumados e arrecadados os ditos paramentos e alfaias que são todas as que ficam na fachada do norte do dito convento, logo em seguida ao coro, fazendo-lhes, portanto, a divisão d'este lado por uma linha que, tirada perpendicularmente na extremidade poente da outra linha divisória (dita parede sul do claustro) se prolongue até à extremidade norte do convento, de forma que, ficando dentro

d'esta divisão, as ditas cellas ficam de fora, pertencendo ao estado todo o corredor do poente do edifício e respectivos mirantes.

= SEGUNDO =

Todos os objectos do culto que no respectivo inventário se acham descriptos sob os números seguintes, a saber:

Nº	Descrição
PARAMENTOS, FRONTAIS, TOALHAS, PÁLIOS, CORTINAS, PANOS, CASTIÇAIS, JARRAS, TAPETES	
176	Um paramento branco tecido a ouro, três capas e véu bordado com fio do mesmo metal
177	Um paramento branco completo, tecido a ouro, com duas vestimentas, sem almofadas, em meio uso
178	Um paramento branco completo, tecido a prata, em meio uso
179	Um paramento branco completo, sem almofadas, em meio uso
180	Um paramento branco completo, tecido a ouro, de cor encarnada, dos pontificais, em bom uso
181	Um paramento roxo completo, tecido a ouro, dos pontificais, em bom uso
182	Um paramento de damasco encarnado, completo, em bom uso
183	Um paramento roxo, em meio uso, sem almofada
184	Um paramento preto, com mais uma capa, sem dois manípulos, em meio uso
185	Quatro vestimentas brancas, muito usadas, sendo uma tecida a ouro
186	Cinco vestimentas vermelhas. Em meio uso, sem uma estola
187	Duas vestimentas roxas, em meio uso
188	Cinco vestimentas verdes, com capa e estola [...]
189	Três vestimentas pretas, muito usadas, sem manípulo
190	Uma estola e um manípulo, tecidos a ouro, usados

191	Sete bolsas dos corporais, sendo uma vermelha, duas verdes, uma roxa, uma preta e duas brancas, em meio uso
192	Dois véus de cobrir a custódia, brancos
193	Treze véus de cobrir o cálice, sendo cinco brancos, dois verdes, dois roxos, dois vermelhos e dois pretos
194	Uma almofada de seda roxa, bordada a ouro, com borlas de fio do mesmo metal, que serve para a adoração da cruz
195	Duas almofadas de veludo encarnado e verde
196	Duas almofadas de veludo encarnado
197	Duas almofadas, sendo uma de veludo roxo, com quatro borlas, e outra em damasco preto com seus respectivos panos para as cobrir
198	Um frontal branco, tecido a ouro, em bom uso
199	Um frontal branco, tecido a ouro, pertencente ao altar de Santa Mafalda
200	Um frontal encarnado tecido a ouro, sem galão
201	Um frontal roxo tecido a ouro
202	Um frontal de seda branca, guarnecida a franja e alamares de fio de ouro
203	Vinte e quatro frontais de diferentes cores, sendo alguns muito usados
204	Quatro frontais para altares provisórios
205	Um pano de veludo preto com franja de seda
206	Um pano grande de damasco
207	Um pano branco com frontal
208	Dois panos, branco e roxo, do púlpito
209	Um pano encarnado com uma cruz bordada a ouro
210	Um pano que serve para cobrir o andor de Nossa Senhora das Dores
211	Um pano de seda roxa que serve para cobrir a imagem do Senhor dos Passos

212	Um pano de veludo preto de cobrir o esquife
213	Um pano que serve para cobrir o andor do Senhor dos Passos
214	Quatro panos para cobrir o altar de Santa Mafalda, sendo dois roxos e dois vermelhos
215	Um estandarte de seda roxa, bordado a ouro, com borlas de fio do mesmo metal e respetivos cordões
216	Um estandarte de seda encarnada, tendo no centro uma custódia bordada a ouro, com borlas de fio do mesmo metal
217	Um pálio de damasco roxo, tecido a ouro, com oito varas
218	Dois pálios, branco e vermelho, em meio uso
219	Um umbrella de seda branca, tecido a ouro
220	Dois pavilhões, um em bom uso e outro muito ordinário, brancos
221	Um docel guarnecido com franja e alamares de fio de ouro
222	Um faldistório e o respetivo pano para o cobrir, guarnecido a ouro
223	Uma porta coeli (porta do céu) bordada a ouro
224	Uma porta coeli (porta do céu) de seda branca lisa
225	Um baldaquino com capa de veludo encarnado, com bom uso
226	Dois pares de cortinas de damasco, sendo um encarnado e outro roxo, tecidos a ouro
227	Dois pares de cortinas de damasco, sendo um roxo e outro encarnado, do fundo do coro
228	Seis cortinas vermelhas e quatro roxas, de cobrir os santos na Quaresma
229	Dezasseis cortinas vermelhas e dezasseis roxas, dos confessionários
230	Quatro cortinas encarnadas e quatro roxas, das naves do coro
231	Duas cortinas roxas e duas vermelhas, das grades do coro
232	Duas cortinas de damasco encarnado, do arco da igreja

233	Duas cortinas roxas, pertencentes à capela de Nossa Senhora das Dores
234	Quarenta e oito cortinas, sendo metade roxas e metade vermelhas
235	Duas cortinas de damasco tecido a ouro, em meio uso
236	Quatro cortinas grandes e seis pequenas, roxas, avulsas
237	Duas cortinas de paninho vermelho, das janelas do fundo do coro
238	Dois reposteiros das naves do coro
239	Um reposteiro da porta da igreja
240	Um reposteiro muito usado
241	Oito tapetes, sendo um pertencente ao altar de Nossa Senhora das Dores, outro de S. Bernardo, outro de Santa Mafalda, outro da grade da igreja e quatro avulsos
242	Três tapetes das escadas do altar-mor
243	Um tapete de cobrir todo o coro (dividido em três partes)
244	Um tapete para cobrir toda a capela-mor
245	Um dito da sacristia de dentro
246	Três mitras, sendo duas bordadas a ouro e outra lisa
247	Três pares de luvas bordadas a ouro, sendo dois encarnados e um branco
248	Dois panos de seda
249	Uma alva de pano de linho muito fino, em meio uso
250	Uma toalha para o ministro da mitra
251	Uma cadeira episcopal, dourada e forrada a veludo encarnado
252	Uma cadeira forrada de seda branca, muito usada
253	Oito toalhas de ministra para a comunhão, muito usadas
254	Trinta e uma toalhas dos altares, sendo algumas muito usadas

255	Oito toalhas de linho com rendas e uma de algodão, pertencentes ao altar de Santa Mafalda
256	Uma toalha de gorgorão de seda encarnada, pertencente ao altar-mor
257	Uma toalha de seda encarnada, guarnecida a ouro, pertencente ao altar de Santa Mafalda
258	Dois véus de seda, muito usados, que servem para cobrir o altar da mesma Santa
259	Oitenta purificadores, muito usados
260	Trinta e oito corporais, muito usados
261	Quinze panitos, usados
262	Dezasseis alvas, sendo algumas muito usadas
263	Quatro sudários, sendo dois grandes e dois pequenos
264	Duas banquetas, sendo uma dourada e outra lisa, um jogo de sacras e doze jarros de madeira, tudo pertencente ao altar-mor
265	Vinte e dois castiçais dourados e oito cruzeiros, pertencentes aos altares da igreja
266	Treze castiçais pintados de preto, incluindo o da cruz, muito ordinários
267	Catorze castiçais de latão amarelo
268	Seis castiçais de metal, pertencentes aos altares de Nossa Senhora das Misericórdias e Senhor dos Passos e mais seis ditos com as serpentinhas de vidro, pertencentes ao altar de [...]
269	Quinze tocheiros com suas aparadeiras e muito usados
270	Seis tocheiros dourados da capela-mor, em bom uso
271	Uma âmbula de pau antiquíssimo
272	Uma cruz de pau dourado, das procissões
273	Uma cruz de pau preto, contendo algumas relíquias, que serve nas cerimónias da Semana Santa
274	Dois vasos de pau dourado, das partículas

275	Quatro vasos de madeira, quatro pares de jarras de louça fina com seus respetivos ramos artificiais, que tudo pertencente ao altar de Santa Mafalda
276	Vinte ramos de flores artificiais, pertencentes ao altar de Santa Mafalda
277	Dois cereais de pau dourado
278	Dois lustres de vidro de seis lumes cada um
279	Um lustre de cristal com igual número de luzes
280	Um globo com duas jarras de louça fina, pertencentes ao altar de Santa Mafalda
281	Um turíbulo e naveta de uso
282	Duas caldeirinhas de estanho, muito usadas
283	Vinte quadros, sendo nove embutidos em talha e onze pendentés, na sacristia de dentro
284	Oitenta e dois quadros de diferentes tamanhos e feitios, no interior do convento
285	Oito quadros com caixilhos dourados, na igreja
286	Um quadro em ponto grande, representando a Ceia do Senhor, no antecoro do convento
287	Um quadro de Nossa Senhora da Conceição, com um pavilhão de cortinas e pano de seda branca
288	Doze quadros, sendo dez maiores, na sala abacial
289	Um quadro representando Nossa Senhora das Mercês, ao fundo do coro
290	Um quadro Agnus Dei, com relíquias, no coro
291	Um crucifixo de marfim, na sacristia de dentro
292	Outro crucifixo de marfim que pertence às noviças quando professam
293	Outro crucifixo de marfim, na sacristia de fora
294	Um crucifixo [...] do altar de Nossa Senhora da Conceição, no interior do convento

295	Um crucifixo de metal, em pequeno ponto
296	Uma cruz com esmalte, de madre pérola
297	Uma credência dourada, da igreja
298	Quatro peanhas douradas
299	Quatro bancos de pau preto, forrados de veludo encarnado, com franja dourada
300	Um andor de uma urna de madeira dourada, opara a cerimónia dos Passos
MOBILIÁRIO DIVERSO	
301	Uma cadeira de encosto, tecida a relevo
302	Duas cadeiras de pau preto, forradas. Uma a veludo encarnado e outra de damasco, com franja
303	Um banco forrado de veludo encarnado para a adoração do Manino
304	Quatro estantes de pau preto, sendo três grandes e uma pequena, para cantochão
305	Três estantes pequenas de pau caixão, para o mesmo fim
306	Um esquife de pau preto, com alguns dourados, destinado para o enterro do Senhor
307	Outo esquife de pau preto, com alguns dourados, em meio uso
308	Duas estantes para os missais e dois espelhos, na sacristia de fora
309	Uma cómoda de pau preto, com suas respetivas gavetas, para guardar paramentos e outros objetos de culto, na sacristia da igreja
310	Três cómodas de pau preto, com suas respetivas gavetas, para guardar paramentos e outros objetos de culto, na sacristia do convento
311	Sete armários de madeira de castanho que servem para guardar objetos pertencentes aos altares de Nossa Senhora da Soledade, Nossa Senhoras da Encarnação, do Senhor Morto, de Nossa Senhora da Piedade, do Menino Jesus e da Santíssima Trindade

312	Um armário de pau caixão, com duas gavetas para guardar os objetos pertencentes ao altar de Nossa Senhoras da Natividade
313	Uma arca de pau ferro, ao fundo do coro, para guardar adornos de diversos altares
314	Outra arca de pau ferro para guardar objetos do altar de Nossa Senhoras das Dores
315	Um caixão de pau ferro para guardar objetos pertencentes ao altar do Senhor Ecce Homo
316	Um baú para guardar os objetos dos altares de Nossa Senhora dos Prazeres e o presépio
317	Um caixão de madeira de castanho com três chaves, onde se guardam as relíquias
318	Uma arca de pau ferro onde se guardam os objetos pertencentes ao altar da Rainha Santa Mafalda
319	Seis tabuleiros de pau que servem para conduzir os mesmos objetos
[LIVROS]	
320	Um missal do Ordem de Cister, encadernado com forro de veludo vermelho, fechos e guarnição de prata [Tudo aponta para que seja a obra/exemplar descrita no Anexo I, nº 44 – Cota: Res. L 105]
321	Um breviário da mesma Ordem, com capa de veludo verde, fechos e guarnição de prata [A descrição corresponde ao volume descrito no Anexo I, nº 158 – Cota: Res. L 133]
322	Um missal romano, forrado de veludo encarnado, com fechos e guarnições de prata [A descrição corresponde ao volume descrito no Anexo I, nº 52 – Cota: Res. L 245]
323	Dezasseis livros corais de missas e antifonários [Possivelmente integrantes do conjunto descrito no Catálogo digital Ms. 001 a Ms. 047]

324	Vinte e cinco processionais da Ordem de Cister [devem ser 25 dos 27 processionais descritos no Anexo I, nºs 218 a 244]
325	Dois volumes do <i>Flos Sanctorum</i> [um dos quais o descrito no Anexo I, nº 268?] E um exemplar da <i>Chronica</i> de Cister [não constante do conjunto de livros à guarda da RI]
OURIVESARIA	
326	Um turíbulo e naveta de prata em meio uso
327	Um prato para os santos óleos, jarro e bacia, para purificar as mãos na administração de Extrema Unção, tudo de prata
328	Um prato de prata e galhetas de vidro
329	Um cálice com o copo de prata e patena do mesmo metal
330	Dois cálices de prata dourada, com as caldeirinhas e patenas do mesmo metal
331	Duas chaves do sacrário, de prata, sendo uma dourada e a outra polida
332	Um pequeno bordão de prata que pertencia a uma imagem de S. Francisco
333	Uma custódia e um crucifixo, tudo de prata perfurada
RELÍQUIAS	
334	Uma capelinha de prata que contém várias relíquias de santos
335	Um relicário de prata em forma de custódia, que encerra uma costela de Santa Luzia e outras relíquias da mesma
336	Outro relicário de prata dourada, em forma de cruz, guardado numa caixa forrada de veludo encarnado
337	Outro relicário de prata dourada que encerra as relíquias de S. Brás
338	Uma urna de madeira com emblemas dos santíssimos Corações de Jesus e de Maria, que contém relíquias de dezasseis santos
339	[...] diversas relíquias avulsas

ALTARES, ORATÓRIOS, IMAGENS, REDOMAS

- 340 Um altar com a imagem de S. Bernardo, adornado com dois animais, um báculo, resplendor e cruz peitoral, tudo em prata, e uma pequena cruz de ouro. Contendo mais o dito altar as imagens de Santa Eufémia, santa Teresa e duas cortinas de damasco encarnado
-
- 341 Uma imagem de santo António com o Menino Jesus, tendo este um pequeno resplendor de ouro e aquele um resplendor de cruz de prata
-
- 342 Um altar com a imagem de Nossa Senhora da Natividade e mais as de Nossa Senhora e o Menino Nosso Senhor. Tem um vestido tecido a ouro e uma coroa de prata e uma cruz de ouro esmaltada de verde e uma fivela guarnecida a pedras. As imagens de São José e o Menino têm resplendores de prata
-
- 343 Um altar de Nossa Senhora da Apresentação com as imagens de Jesus e Maria, o velho Simeão e São José, tendo este resplendor de prata e o Menino um vestido de seda e resplendor do dito metal
-
- 344 Um altar de Nossa Senhora do Socorro, com coroa de prata, contendo mais as imagens de Santo António, São Judas, São Damião e Santa Ana, tendo estes dois resplendores de prata. Tem mais duas cortinas de seda encarnada e um frontal de madeira em relevo, portátil
-
- 345 Um altar com um oratório em ponto grande, contendo as imagens do Senhor das Misericórdias com resplendor de prata, Nossa Senhora com coroa de prata, Santo António com resplendor e cruz de prata. Santa Teresa do Menino e São João com resplendores do mesmo metal e mais as imagens de Cristo e Santa Teresa. Tem um par de cortinas vermelhas e outro roxo
-
- 346 Um altar com oratório em ponto grande contendo a imagem de Nossa Senhoras das Dores, com vestido e manto de seda bordado a ouro, uma espada e resplendor de prata. E mais quatro imagens dos lados, tendo a de São Caetano um resplendor de prata
-
- 347 Um altar com um oratório em ponto grande, tendo a imagem do Senhor dos Passos
-
- 348 Um santuário de Santo António, com resplendor e cruz de prata
-
- 349 Um altar com um oratório em ponto grande, contendo a imagem de Nossa Senhora da Expectação
-

350	Um santuário de Nossa Senhora da Graça e São Filipe
351	Um altar com um oratório contendo a imagem de Nossa Senhora [...]
352	Uma capelinha portátil onde se acha a imagem de S. Bernardo, em ponto pequeno, e de Santo António com resplendor e cruz de prata
353	Um oratório com a imagem de Santa Edugard
354	REGISTO INEXISTENTE
355	Um nicho com a imagem do Menino Jesus
356	Uma imagem de Santo António com a cruz e resplendor de prata
357	Uma redoma encerrando um crucifixo de marfim
358	Um oratório em ponto grande contendo a imagem de São Miguel e bem assim dois braços contendo várias relíquias. Tem dois tapetes e cortinas de damasco encarnado
359	Um quadro em relevo, representando o nascimento de S. João Batista
360	Um oratório em ponto grande com a imagem de Nossa Senhoras dos Prazeres
361	Uma redoma com a imagem de Santa Mafalda
362	Um altar com um oratório em ponto grande, com a imagem do Senhor das Chagas. Tem frontal de artes
363	Um altar com cortinas de damasco encarnado que tem a imagem de Nossa Senhora da Notícia
364	Um altar com oratório. Contendo as imagens de Jesus, Maria e José, tendo a primeira dois vestidos e sapatos bordados a ouro, cinto e laço de galão, do mesmo metal; a segunda imagem tem um cinto de galão dourado e a terceira, bem como a primeira, resplendores de prata. No mesmo se acham mais a imagem do Menino em ponto grande, com resplendor de prata
365	Um oratório com a imagem de São João Evangelista, com resplendor de prata
366	Um oratório com a imagem de Santa Luzia, tendo cortinas de seda encarnada, frontal da mesma cor e tapete

367	Um oratório com a imagem de Santa Catarina, tendo cortinas de seda encarnada
-----	--

368	Um oratório com a imagem de S. Bento, sendo uma em ponto grande e outra mais pequena. Mais as imagens de S. Caetano, S. Francisco, S. Brás e a cabeça de uma imagem de Santo Anastácio. Tem mais um par de cortinas encarnadas
-----	--

369	Um altar com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, com frontal de madeira pintada, portátil, e bem assim cortinas de damasco encarnado e frontal da mesma qualidade
-----	---

370	Um altar com duas imagens de S. Bernardo, sendo uma em ponto grande e outra em ponto pequeno. E mais três imagens, sendo duas de Santa Mafalda em ponto grande e pequeno e outra de Santa Catarina
-----	--

371	Um santuário denominado do senhor do Capítulo
-----	---

372	Um altar com a imagem do senhor Ecce Homo, com capa de seda e prata, guardada a renda também de prata. Tem dois pares de cortinas de damasco encarnado e roxo e dois tapetes e frontal portátil de madeira dourada
-----	--

373	Um altar com imagem de Nossa Senhora da Encarnação, com coroa de prata. Tem dois pares de cortinas de seda roxa
-----	---

374	Um altar com a imagem do Senhor dos Passos. Tem frontal portátil de madeira e tapete de pano roxo de cobrir o andor, almofadas, dois cordões e quatro cortinas
-----	--

375	Um altar com a imagem de nossa Senhora da Soledade, com: duas espadas, sendo uma de prata e outra de madeira; resplendor de prata; um vestido de gorgorão de seda; um manto glaci (?) e seis almofadas tecidas a ouro. Tem mais a imagem do Senhor Morto, coberto com um véu roxo e outro branco, tecido a ouro. Tem mais o dito altar uma banquetta de seis castiçais e cruz de madeira, um par de cortinas de damasco encarnado, um tapete com pano de cobrir o andor, um frontal branco e mais duas pequenas cortinas de damasco brancas, tecidas a ouro
-----	---

376	Um altar representando o presépio de Jesus, Maria e José, com cortinas de damasco. O Menino tem um hábito de Cristo. São José um cinto de galão tecido a prata e Nossa Senhora um cinto dourado
-----	---

377	Um altar com a imagem de Nossa Senhora das Neves e mais duas imagens do menino Jesus, tendo aquela uma coroa de prata e estes os resplendores do mesmo metal. Tem duas cortinas pequenas
378	Um altar da Santíssima Trindade, com as imagens de S. Bernardo, S. Bento e Santa Bárbara, tendo a de S. Bento um resplendor de prata. Tem tapete e duas cortinas de damasco
379	Um altar com a imagem de Nossa senhora da Piedade. Aos lados mais as imagens de Santa Ana, São Joaquim e São João, tendo este o resplendor de prata. Tem dois tapetes e cortinas de damasco
380	Um santuário de pau mogno com as imagens de S. Sebastião, colocado em peanha dourada, com sete setas e resplendores e de Santo António com resplendor e cruz do mesmo metal
381	Um santuário de Nossa Senhoras das Neves, com dois pares de cortinas de damasco encarnado
382	Um altar com as imagens de Nossa Senhora do Pilar [...], com cortinas de damasco encarnado, um frontal do mesmo e outro de madeira dourada, portátil, e um tapete
383	Um altar com a imagem da Rainha Santa Mafalda, com um relicário, de pau dourado
384	Um altar com dois quadros de Nossa Senhoras da Piedade e Nossa Senhora da Conceição. Tem dois pares de cortinas e frontal de seda
385	Um quadro em relevo, representando Nossa Senhoras ao pé da cruz
386	Mais as imagens avulsas de Santa Luzia, como resplendor de prata, duas de São Bartolomeu, duas de Nossa Senhora do Anjo Custódio e um Senhor Crucificado, em ponto grande, no meio do coro
NA IGREJA	
387	Seis imagens ao lado do sacrário de: S. Bento, S. Bernardo, São Cosme, São Damião, Santa Teresa e Santa Sancha e, no trono, em um camarim, a de Santa Maria Maior
388	Um altar com peanha e frontal, portátil, de madeira dourada, que tem as imagens do Coração de Maria, de S. Pedro, S. João, S. Brás e S. João bispo

389	Um altar com frontal, portátil, de madeira dourada, com as imagens do Senhor da Cruz, Nossa Senhoras, São João e Santa Maria Madalena
-----	---

390	Um altar com frontal portátil de madeira dourada, com as imagens do Senhor Ressuscitado
-----	---

391	Um altar com frontal portátil de madeira dourada, com a imagem de S. Bento
-----	--

392	Um altar com o sacrário e frontal portátil de madeira dourada, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário
-----	---

393	Um altar denominado do Senhor dos Aflitos, privilegiado com um pequeno crucifixo e um relicário fechado, tendo mais aos lados duas pequenas imagens
-----	---

394	Um altar com frontal portátil de madeira dourada, com a imagem de São Bernardo
-----	--

395	Mais as imagens avulsas de: S. Sebastião; S. Miguel; S. Benedito; Santo António, com resplendor e cruz de prata e respetivo Menino Jesus, também com resplendor de prata; e um quadro do Coração de Maria, com um par de cortinas de damasco encarnado
-----	--

396	Um altar que contém o sarcófago de ébano, guarnecido de grossas chapas de prata e metal amarelo, com quatro pirâmides e coroa também de prata, onde se acha encerrado o corpo da Rainha Santa Mafalda [...] a ouro, duas travesseirinhas no mesmo gosto, uma cogula bordada a ouro e um escapulário de seda preta bordado a ouro
-----	--

397	Cento e trinta e cinco quilogramas de cera, sendo trinta quilogramas para reformar, pertencentes ao altar da Rainha Santa Mafalda
-----	---

398	Cento e doze quilogramas de cera, pertencentes aos seguintes altares: do Menino Jesus, quarenta e cinco quilogramas; do Senhor dos Aflitos, vinte e dois quilogramas; da Santíssima Trindade, trinta quilogramas; de S. Brás, três quilogramas; de Santa Catarina, nove quilogramas; da Senhora da Expectação, três quilogramas
-----	---

= TERCEIRO =

Mais seis cadeiras que se achavam no altar-mor, descritas no inventário sob o número vinte e que, como outras que se colocavam na outra parte da igreja, serviam em ocasião de festividade para padres e outros convidados.

De que tudo tomou posse a referida Junta da Paróquia, a qual neste ato o entregou à guarda e administração da referida Irmandade, menos a igreja, coros, antecoros e suas dependências. E para constar se lavrou o presente auto que, depois de lido vai por todos ser assinado. Eu, José Diogo de Lemos, escrivão da Fazenda o subscrevi, Carlos de Mello Vaz Pinto, Joaquim Teixeira da Silva, Viriato Pinto Leite, Francisco Ferreira, Francisco da Silva Pereira, Alberto Carlos Teixeira de Brito e Joaquim do Carmo Aguiar.

ANEXO IV

- A -

Livros e manuscritos do extinto Mosteiro de Arouca recolhidos na Repartição de Fazenda de Aveiro pela Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos em 04.04.1894

Biblioteca Nacional de Portugal – *Relações de livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, Aveiro, 1894 -1896: BN/INC/DLEC/33/Cx09 -01.*

SR:33/

Relações de livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos

<<Aveiro-Mosteiro de Arouca

[1ª folha – r. – Nota marginal]:

Livros – 22 / Cad – 20 / M. – 74

Aos quatro dias do mez d’Abril de mil oitocentos noventa e quatro, na Repartição de Fazenda do districto de Aveiro, o inspector Geral interino das bibliotecas e archivos públicos tomou posse dos livros e manuscritos abaixo designados, que pertenceram ao extincto Mosteiro de Arouca, de cuja entrega se lavrou o presente termo em duplicado, assignado pelo mencionado inspector geral e pelo Delegado do Thesouro do Districto.

Livros.

1. Fr. Francisco de S. Maria – Collegii salmanticences – vol. I-II-IV. 3
2. Missal Romano (sem frontispício) 1
3. Missal Cisterciense 1
4. Um maço com missaes em folha. 1
5. Guedes Coutinho – Liber utilissimus 1
 [Provavelmente a obra/edição de António Lopes Leitão, *Liber utilissimus Judicibus et Advocatis ad praxim de Judicio Finium Regundorum* [...]. *Dedicatus Illustrissimo ac Praeclarissimo Viro Ioanni Guedes Coutinho* [...]. Conimbricæ: x Typ. Ludovici Secco Ferreira, 1747]
6. Sylveira – Strouas predicáveis – I – II 2
 [Poderá tratar-se de dois dos volumes da obra em cinco de João Silveira, *Commentariorum in textum evangelicum*. Venetiis: typis Dominici Lovisa, 1728?]
7. Miscellanea de conclusões theologicas 1
8. Velasco – Juris consulti lusitani 1
 [Possivelmente a obra de Francisco Velasco Gouveia, *Iusta aclamação do serenissimo Rey de Portugal Dom Ioão o IV : tratado analytico dividido em tres partes : ordenado, e divulgado em nome do mesmo reyno, em justificação de sua acção*. Lisboa: Off. Lovrenço de Anvers, 1644.
9. Fr. Jose de Jesus Maria – Thesoro escondido en la ley antigua 1
 [Possivelmente a obra/edição de Fr. José de Jesus Maria, O.S.S.T. *Thesoro escondido en la ley antigua manifestado en los siglos dorados de la ley de gracia el mysterio altissimo de la S.ma Trinidad: moralizado con varios discursos predicables*. Pamplona: Por Francisco Picart, 1714]
10. Livro miscelânea da canonização de Santa Mafalda 1
 [Uma das cópias manuscritas e encadernadas do processo de canonização da Rainha D. Mafalda, cujo original se guarda na BN de Paris e de que a RIRSMA guarda também uma cópia]
11. Sylva Correa – Pharmacoepa Tubalense – I -II – III partes 3
 [A obra/edição *Pharmacoepa Tubalense Chimico-Galenica [em 3 partes] Em qu se faz nam só huma reflexam physica sobre os princípios dos mixtos [...]* mas tambem se mostra hum dicionário com muitas vozes, termos de ambas as Parmácias [...]. *Author Manoel Rodrigues Coelho, Boticario nesta Corte [...]* *Offerecida ao Senhor Dsm bargador João Alvares da Costa [...]* por Carlos da Sylva Correa. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1735 – com reedições posteriores]
12. 6 volumes de obras truncadas 6
 [Total] 22

Manuscritos

13. 4 maços com musicas diversas	
14. Capitula em pergaminho (incompleta)	1
15. Livro da administração do dinheiro do Senhor	1
[Total]	2
(vs)	
do meyo coro (sic – igual na cópia)	2
16. Livro dos legados (1795)	1
17. Livro das desobrigas das senhoras seculares e creadas deste mosteiro (1782)	1
18. Livro da tulha – (1796-1799)	1
19. Livro do espolio das religiosas (1768)	1
20. Livro da selaria (1779)	1
21. Livro da instrucção para a canonização da Princesa S.ta Joanna (1757)	1
22. Livro dos juros – (1796)	1
23. Livro das mordomas de Santo Antonio	1
24. Livro das alfaias da hospedaria (1780)	1
25. Livro da hospedaria (1702)	1
26. Livro de receita e despesa – 1774	1
27. “ “ “ – 1811	1
28. “ “ “ da botica – 1760	1
29. “ “ “ “ – 1809	1
30. “ “ “ da tulha – 1777	1
31. Livro da administração do legado das almas (1784)	1
32. Livro das inquirições da Beata Mafalda (1649)	1
33. Livro da apresentação dos parochos.	1
34. Livro do espolio das religiosas (1836)	1
35. a 102. 108 sacos com vários documentos	
[Total]	20
103. Um maço de pergaminhos avulso	
104. Um maço de diversos papeis e cartas avulso	

Aveiro 4 d’Abril de 1894

Lino d’Assumpção

Miguel Augusto Fer (?) d’Araujo

[a cópia não tem assinaturas]

ANEXO IV

- B -

Outra folha [cota 114 5-3-96]

1-r

Relação dos livros e manuscritos do extinto convento de Arouca entregues á Inspeção geral das bibliotecas e archivos públicos

Aos cinco dias do mez de Março de mil oitocentos noventa e seis na repartição de fazenda do districto d'Aveiro o Inspector geral, interino, das bibliotecas e archivos públicos tomou posse dos livros e manuscritos abaixo designados que pertenceram ao extinto Mosteiro de Santa Maria d'Arouca, de cuja entrega se lavrou o presente termo em triplicado, assignado pelo mencionado Inspector Geral e pelo Delegado do Thesouro do districto.

[Vs branco]

2

1 Processo da beatificação da B^a Mafalda 1 vol

2 a 15 Gazeta de Lisboa Occidental (1720 a 1735 – 1737 a 1742 1744-1745

14 vol

16 D. Caetano de St^o Antonio. Pharmacopea Lusitana 1 vol

[A obra/edição de D. Caetano de Santo Antonio, C.R.S.A. *Pharmacopea lusitana methodo pratico de preparar, & compor os medicamentos na forma Galenica com todas as receitas maus uzuais: oferecida a Sagrada, e sempre Observante Congregação dos Conegos Regulares de Sancto Augustinho do Reyno de Portugal &c.* Em Coimbra: na Impressão de Joam Antunes Mercador de Livros, 1704 – de que se guarda um exemplar na BNP, digitalizado]

17 Pratica del confessorário 1 vol

[Outro exemplar ou outro volume – 1^a parte? – de Jaime Corella, *Practica de el Confessorario [sic] y Explicacion de las LXV. Propositiones Condenadas por la Santidad de N. S. P. Inocencio XL. Su materia los casos mas selectos de la Theologia Moral. Su forma, un dialogo entre el confessor, y penitente.* Com muitas edições nos séculos XVII e XVIII. Outro exemplar ou outro volume da obra com o n^o 324 no Anexo I]

- 18 Sylva Leal. Discurso apologético a respeito do sacro real collegio de S. Pedro 1 vol
 [A obra de Manuel Pereira da Silva Leal, *Discurso Apologetico, Critico, Jurídico, e Historico, em que se mostra a verdade das doutrinas, factos, documentos, que affirmou, e referiu na conta de seus Estudos, que dera na Academia Real, na Conferencia d 8. De Novembro de 1731. A respeito do Sacro, Pontificio, Real Collegio de S. Pedro. [...]* Dando tambem conta dos seus Estudos na mesma Academia, na Conferencia de 8. De Janeiro de 1733. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1733]
- 19 Castelo d' Artica De ornatu et vestibus Aaronis 1 vol
 [Uma das muitas edições da obra de Diego del Castillo y Artiga, *De ornatu, et vestibus Aaronis, Commentarii litterales, et morales in caput XXVIII Exodi. Sive idea perfecti sacerdotis et hominis christiani*. Lugduni: sumptibus Laurentii Anisson, 1660 e 1664; ou, com acrescento no título *Sive idea perfecti sacerdotis et hominis christiani*, Antuerpiae: Hieronymum & Ioan. Bap. Verdussen, 1663 e 1671, 1681, 1709]
- 20 Affonso Rodrigues Exercício de perfeição 1 vol
 [Possivelmente uma das edições da obra do Pe. Afonso Rodrigues, S.J. *Exercício de Perfeição, e Virtudes Christans, Obra utilíssima, e muito proveitosa para todo o estado de pessoas, que aspirão à perfeição*. Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1745 – com várias edições posteriores]
- 21 Letionarium Cisterciense 1 vol
- 22 Guerra y ribera Sermões vários dos santos 1 vol
 [Possivelmente a edição da obra de Manuel de Guerra y Ribera, O.S.S.T., *Sermones varios de santos. Dedicados al Serenissimo Señor, el Señor D. Juan de Austria*. En Madrid: Por Julian de Paredes, 1677]
- 23 Bluteau Primicias evangélicas 1 vol
 [Possivelmente, por ser um só volume, a edição de Rafael Bluteau, C.R.Teatino. *Primicias evangélicas*. Lisboa: na Officina de Joam da Costa, 1676]
- 24 Garau [Francisco Garau] El sabio instruído de la gracia [1709 ou 1703?] 1 vol
 [Um dos dois tomos da obra do Pe. Francisco Garau, S.J. *El sabio instruído de la gracia, en varias máximas, o ideas evangélicas, politicas, y morales [...]*, com várias edições nos finais do século XVII e no XVIII)

25 a 28 Almeida Sermões (truncados)	3 vol
[É possível que sejam os 3 volumes dos <i>Sermões</i> do Pe. Teodoro de Almeida, impressos em Lisboa, 1787).	
29 Regimento do preço dos medicamentos (1881)	1 fastus (?)
30 a 43 [corrigido para 44] Volumes truncados	15 vol
[Total]	43
[Vs (branco)]	

3

Manuscriptos

1 Treslado das inquirições que se tiraram na causa que se moveu pelo edicto geral que mandou fazer o Sr. Rei D. Affonso 4º (copia de 1692)	1 vol
2 Livro das aprezações [?] do concelho de Aguiar da Beira	1 vol
3 Livro das aprezações [?] do concelho de Payva	1 vol
4 Livro das aprezações [?] dos casaes	...
5 Livro das aprezações [?] do concelho d'Alem Douro	1 vol
6 Livro dos foros e dízimos de Arouca, Stª Marinha, Varzea e Chave	1 vol
7 Livro da receita e despesa do celeiro (1742-1745)	1 vol
8 Livro das Almas (1634)	1 vol
9 Livro das contas da residência de Estarreja (1756-1787)	1 vol
10 Livro dos cabedaes do celeiro	1 vol
11 Livro de receita e despesa da Sacristia (1809-1833)	1 vol
12 Livro da irmandade do Senhor dos Aflictos (1787)	1 vol
13 Livro da administração do dinheiro do [Patriarcha?] S. Bento	1 vol
14 Livro do inventario da botica (1779)	1 vol.
15 Livro do inventario do forno	1 vol
16 Livro das visitas (1696-1734)	1 vol
17 Livro de vários assentos dos empregados e outras noticias [?] 1754-1877)	1 vol
18 Livro das entradas e saídas das religiosas	1 vol
19 Livro das eratas (???) de Estarreja e Arouca 1746	1 vol
20 Sentença dos foros em divida de Estarreja (1802)	1 vol
21 Foral de Estarreja (1733)	1 vol
22 Memoria dos prazos antigos que satisfizeram [?]	1 vol
23 a 42 Livro da feitoria 1633 a 1636 – 1703 a 1705 – 1705 1708 1714 1717 – 1717 a 1720 – 1720 1723 [ETC... até 1869)	20 vol.
43 a 69 Livros da Tulha 1697 a 1858	27 vol

70 a 75 Livros da balearia [?] 1711 1798	6 vol
76 a 81 Livros de receita e despesa 1649 ... a 1838	6 vol
82 a 85 Livros vários 1723 a 1740	4 vol
86 a 87 Livros de cobrança 1698 – 1727	2 vol
[Total]	87

[Vs branco]

Fl. 4

88 a 92 Livros das obras 1708 a 1712 – 1732 a 1738 – 1738 a 1741	4 vol
93 a 96 Assentamentos de foros e dízimos 1613 a 1629 – 1686 a 1720 – 1720 a 1723 – 183	4 vol
87 a 187 Livros de notas de prazos seculos 16º e 17º	90 vol
188 Um masso com vários papeis avulsos e cadernos truncados	1
[Total]	185

E para constar se lavrou o presente termo em triplicado que vai ser assignado

[Assinaturas]

Miguel A Pereira de Araujo

Mario d'Assumpção»

ANEXO V

Extrato parcial da cópia feita
em 1955 pela Secção de Finanças
de Arouca de um inventário
existente nessa data na RIRSMA,
com identificação dos bens
guardados no Museu e fora dele,
e respetivo valor

(Cópia facultada à RIRSMA pelo
Sr. António Gonçalves, funcionário aposentado
das Finanças locais)

Para o objetivo deste estudo, é especialmente relevante a informação incluída nos nºs 126 a 129 B. O nº 127 – pela descrição e menor valor que os outros dois – confirma corresponder ao nº 158 do Anexo 1 (e nº 321 do «Auto de posse»), já que existe apenas um *Breviário* forrado com veludo verde (com formato 4º, e não fol.).

«Distrito de Aveiro – Concelho de Arouca

Cópia extraída do inventário em poder na Irmandade da Rainha Santa Mafalda, dos objectos existentes no Extinto Convento de Arouca, dentro e fora do respectivo Museu, na posse e à guarda da referida Irmandade, de conformidade com a Lei de 26 de Junho de 1889, publicada no Diário do Governo nº 158, de 18 de Julho de 1889.

Nº de Ordem	Descrição	Local onde se encontram	Entidade que os utiliza	Valor	Estado de conservação
1	Um paramento branco, tecido a ouro, tres capas e véu bordado com fio do mesmo metal, completo.	No Museu	Irmandade da R. S. Mafalda	50\$	Regular
2	Paramento branco, completo, tecido a ouro, com 2 vestimentas, com almofadas em meio uso,	“	“	200\$	
3	Paramento branco, completo, tecido a prata, em meio uso	Fora do Museu	“	150\$	
4	Paramento completo, tecido a ouro, de cor encarnada, dos pontificais	No Museu	“	500\$	Regular
5	Paramento roxo, completo, tecido a ouro, dos pontificais	“		800\$	“
6	Paramento de damasco, encarnado, completo e usado	“	“	150\$	
7	Paramento roxo, sem almofadas, usado	“	“	100\$	
8	Paramento preto, com uma capa, sem 2 manípulos, muito velho	“	“	50\$	Velho
9	4 vestimentas brancas, muito usadas.	“	“	30\$	
10	5 vestimentas vermelhas, muito usadas	“	“	50\$	

Nº de Ordem	Descrição	Local onde se encontram	Entidade que os utiliza	Valor	Estado de conservação
[11 a 75]	[véus, panos, paramentos, frontais, cortinas, reposteiros, toalhas, etc.]				
77	22 castiçais dourados, tudo muito usado, pertencentes aos altares da igreja	F[ora] do Museu	“	200\$	
[78 a 91]	[Castiçais, tocheiras, vasos para flores, lustres, etc.]	[alguns no Museu, outros fora]		[valores diferenciados]	
92	20 quadros, sendo 9 embutidos em talha, na sacristia de dentro	No Museu	“	120\$	Velhos
93	78 quadros, de diferentes tamanhos e feitios, nos coros	Fora do Museu	“	230\$	“
94	8 quadros com caixilhos dourados, na capela-mor da igreja	“	“	1600\$	
95	1 quadro em ponto grande, representando a ceia do Senhor	No Museu	“	50\$	“
96	1 quadro de N. S ^a da Conceição, com um pavilhão, cortinas e pano de seda branca	Fora do Museu	“	30\$	
97	1 quadro representando N. S ^a das Mercês, ao fundo do coro	“	“	20\$	

Nº de Ordem	Descrição	Local onde se encontram	Entidade que os utiliza	Valor	Estado de conservação
98	1 pequeno quadro do “Agnus Dei”, com relíquias	No Museu	“	20\$	
99	1 crucifixo de marfim	“	“	200\$	Bom
100	1 crucifixo de marfim, que pertencia as noviças quando professavam	“	“	200\$	“
101	1 crucifixo de marfim	“	“	200\$	“
102	1 crucifixo de marfim, em ponto pequeno, do Altar de N. S ^a da Conceição	“	“	100\$	Regular
[103 a 125]	Mobiliário diverso, incluindo cadeiras, estantes, armários, etc.]	[Dentro e fora do Museu]	“	[valores diferenciados]	[diversos estados]
126	1 Missal da Ordem de Cister, encadernado com forro de veludo verde, fechos e guarnições de prata	No Museu	“	50\$	
127	1 Breviário da mesma Ordem, com capa de veludo verde, fechos e guarnições de prata	“	“	20\$	
128	1 missal romano, forrado de veludo encarnado, com fechos e guarnições de prata	“	“	50\$	Usado
129	16 livros de missas e antífonas	“	“	500\$	

Nº de Ordem	Descrição	Local onde se encontram	Entidade que os utiliza	Valor	Estado de conservação
129 A	15 processionais da Ordem de Cister	“	“	30\$	“
129 B	2 volumes de “Flos Santorum” e 1 exemplar da crónica de Cister	No Museu	Irm. R. Sta. Mafalda	50\$	Usados
130	1 turíbulo e naveta de prata, em meio uso	“	“	60\$	
131	1 prato para os santos ólios, jarra e bacia de purificar as mãos, na administração da extrema-unção, tudo de prata	“	“	150\$	
[132 a 136]	[outros pratos e cálices de prata]	“	“	[diversos valores, entre 10 e 80\$]	
137	1 custódia, cruz e crucifixo, tudo de prata	“	“	1.000\$	Bom
138	1 capelinha de prata, que contém várias relíquias de santos	“	“	400\$	“
139	1 relicário de prata, em formato de Custódia, que encerra uma custódia de S. Luzia e outras relíquias da mesma Santa	“	“	100\$	“

Nº de Ordem	Descrição	Local onde se encontram	Entidade que os utiliza	Valor	Estado de conservação
140	1 relicário de prata dourada, em formato de cruz, que contém reliquias da S. Cruz, guardada numa caixa forrada de veludo	“	“	400\$	“
141	1 relicário de prata dourada, que encerra relíquias de S. Brás	“	“	50\$	Bom
142	1 urna de madeira, pequena, que contém emblemas dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria e reliquias de 16 santos	“	“	100\$	Bom
143	1 caixão de madeira, contendo diversas reliquias avulsas	“	“	50\$	Regular
144	9 imagens em gesso, na igreja	Fora do Museu	“	180\$	Regular
145	1 órgão antigo introduzido no coro, e respectiva talha	“	“	3.000\$	Deteriorado
[146 a 190]	[Múltiplos altares, oratórios e imagens de Cristo, Virgem e Santos]	[Grande maioria fora do Museu]	“	[valores muito diversos]	[diversificados]
191	1 altar denominado do Senhor dos Aflitos, com pequeno crucifixo e relicário fechado, tendo ao lado 2 imagens	“	“	400\$	Bom

Nº de Ordem	Descrição	Local onde se encontram	Entidade que os utiliza	Valor	Estado de conservação
192	1 altar com frontal portátil, de madeira dourada, com a imagem de S. Bernardo	Fora do Museu	“	350\$	“
193	As imagens avulsas de S. Sebastião, S. Miguel, S. Benedito e Sto António	“	“	40\$	“
194	10 imagens em gesso	“	“	200\$	“
195	1 Altar com um sarcófago ou túmulo de ébano, guarnecido a prata e metal amarelo, com 4 pirâmides e coroa real, também de prata, em que se acha encerrado o Corpo da Rainha Santa Mafalda, vestido de seda branca, bordada a ouro, uma cogula bordada ouro e 1 escapulário de seda preta, bordada também a ouro	“	“	8.000\$	Bom
[196 a 215]	[coroas, cruzes, resplendores, setas, diademas, e outros adereços de santos]	No Museu	“	[diversos valores, em geral baixos]	[todos em estado «regular»]
216	1 tapete persa de 5,90 metros por 2,18 metros	“	“	250.000\$	Regular
217	2 mesas de pau preto, a grande na sacristia de fora e a pequena na de dentro	F[ora] do Museu	“	200\$	Regular

Nº de Ordem	Descrição	Local onde se encontram	Entidade que os utiliza	Valor	Estado de conservação
218	1 esquite com dourados, que servia para condução à sepultura do cadáver de cada freira	“	“	100\$	Bom
219	2 volumes manuscritos do processo de canonização e beatificação da Rainha Santa Mafalda	No Museu	“	100\$	Bom
220	1 diptico de altar, de prata dourada, estilo visantino, séc. XII	“	“	6.000\$	Regular
221	1 pequeno baú de tartaruga, com incrustações de prata, contendo diversas relíquias de santos	“	“	60\$	Bom

Obs. – Dos objectos relacionados, segundo averiguações a que procedi, junto do pároco desta vila e do encarregado do Museu, são desnecessários ao culto os indicados sob os nºs 107 a 112, 117 a 127, 129 a 129-B, 138, 139, 141 a 144, 146 e 216 a 221.

Secção de Finanças do Concelho de Arouca, 8 de Junho de 1955
O Chefe da Secção de Finanças, [Ass.]»

ANEXO VI

Índice de nomes nas «marcas de posse/uso»¹

I. Nomes femininos – nº do catálogo

Abadessa [sem nome] – 259, 330

Abadessa Maria de Berredo – 11

[Maria de Berredo, abadessa no triénio 1727-1730 – Rocha, 2011: 110; faleceu em 10 de agosto de 1754 – Veiga, 2013: 84]

Abadessa D. Doroteia – 286

[Não consta da lista de abadessas entre 1597 e 1866. Há, contudo, uma noviça com entrada em 18 de abril de 1728, chamada D. Doroteia Maria Pessoa e que foi mestra de noviças em 1767 – Rocha, 2011: 87 e 144; Veiga, 2013: 120]

Ada [Bellides?] – 174

D. Ana Delfina – 66

[Possivelmente Ana Delfina de Almeida Azevedo e Vasconcelos, abadessa no triénio 1814-1817 – Rocha, 2011: 111]

Ana do Espírito Santo – 25

Ana Felecíssima – 251

[Provavelmente D. Ana Felicíssima Pinto de Afonseca, noviça em 9 de setembro de 1784 – Rocha, 2011: 93; professou em 24 de abril de 1785, tendo falecido em 1836 – Veiga, 2013: 48]

¹ Notar que algumas obras tiveram várias posses/usos.

- Ana Margarida Telles e Meneses – 256, 258, 263, 264, 265, 266, 267, 274, 283
 [Noviça em 22 de junho de 1777, professou em 24 de junho de 1778 e faleceu em 26 de fevereiro de 1828 – Rocha, 2011: 92 e Veiga, 2013: 86]
- Ana Mota – 310
 [Será Ana Henriqueta da Mota Brito e Freitas, noviça em 21 de março de 1813, professa em 12 de maio de 1814, falecida a 30 de novembro de 1851? – Veiga, 2013: 71]
- Ana Ribeira – 26
- D. Angélica Leonarda – 60
 [Certamente D. Angélica Leonarda, noviça em 22 de julho de 1718 – Rocha, 2011: 85]
- Angélica Moniz – 140
- Antónia da Costa – 60
- D. Benta Cecília de Avalos – 277
 [Irmã de D. Madalena de Avalos. Promotora do culto do Ecce Homo em 1792 – Rocha, 2011: 165; ‘Cartulária’ do mosteiro, falecida em 23 de dezembro de 1778 – Veiga, 2013: 88]
- Celestina – 45
- Clara [ilegível] – 56
 [Clara Delfina? Neste caso, seria Clara Delfina Pinto de Lacerda, noviça em 26 de fevereiro de 1734 – Rocha, 2011: 86 e Veiga, 2013: 66; abadessa aquando da beatificação de Mafalda (triénios 1786-1789 e 1796 e 1799) e também mestra de noviças em 1780 – Rocha, 2011: 135 e 144 e Veiga, 2013: 66]
- Felipa de Carvalho – 255
- D. Gertrudes Saraiva de Sá Pereira de Mello – 13
- Gracinda – 282
- Inocência Augusta Pinto Teles – 282
- Joana – 245
 [Depreende-se da nota ms. que seria irmã de Josefa Joaquina, porque se lhe refere como «minha Irmã». Sem outros elementos, não foi possível uma identificação plausível de ambas]
- D. Joana Maria de Santo Antonio – 275
- Joaquina Clara Leme (I. M. S.) – 300
- D. Josefa de Melo – 12
 [Pelo nome e data da edição, é possível que se trate de Josefa de Melo, falecida a 12 de agosto de 1739 – Veiga, 2013: 128. Mas a marca de

posse também permite que se considere o nome de D. Josefa Ludovina Pereira de Melo, abadessa nos triénios 1811-1814 e 1823-1826 – Rocha, 2011: 111]

Josefa Joaquina – 245

[Irmã de Joana, acima referida? Sem sobrenome, não é possível uma identificação plausível. Houve, pelo menos, uma Josefa Joaquina (Homem), irmã de Maria Delfina, que faleceu em 13 de abril de 1841. Contudo, não foi identificada uma irmã com nome Joana (a menos que o termo «irmã» o fosse apenas no sentido religioso) – Veiga, 2013: 108]

Liberata Emília – 270

[Provavelmente D. Liberata Emilia de Menezes Ataíde e Vasconcelos, abadessa no triénio 1860-1863 – Rocha, 2011: 111. Noviça em abril de 1804, professou em 9 de maio de 1806 e faleceu a 6 de março de 1868 – Veiga, 2013: 65]

D. Luísa de Menezes – 14, 301, 302

[Possivelmente D. Luísa de Menezes Sotomaior, noviça em 14 de março de 1790 – Rocha, 2011: 95]

D. Luísa Micaela – 27

D. Madalena de Avalos – 60

[Madalena de Avalos tomou o hábito de noviça em 30 de janeiro de 1719 (ou 1718, conforme anotação ms. na obra) e professou em 23 de abril de 1720. Irmã de Benta Cecília de Avalos – Veiga, 2013: 88]

D. Manto – 256

Margarida Maxima – 298

[Margarida Máxima de Melo (da Cunha), noviça em 29 de outubro de 1780, professou em 6 de novembro de 1781 e faleceu a 18 de julho de 1843 – Veiga, 2013: 106]

Maria – 257

Maria Ana do Espírito Santo – 9

Maria Benedita – 139, 257

[Provavelmente Maria Benedita de Moura, noviça em 2 de Julho de 1779 – Rocha, 2011: 93; professou em 3 de abril de 1784 e faleceu em 12 de janeiro de 1801 – Veiga, 2013: 101]

Maria da Trindade – 293

Maria das Dores – 161

Maria de la Cerda Pinto da Silveira – 303

Maria de Oliveira Monteiro – 57

Maria de Sousa – 27, 259

[Será Maria Ludovina de Sousa e Vasconcelos, secular? Rocha, 2011: 146 e Veiga, 2013: 40]

Maria Delfina – 63

[Maria Delfina (Teles), que faleceu em 19 de maio de 1837? – Veiga, 2013: 108]

Maria do Carmo Peixoto – 306

Maria do Patrocínio – 279

[Talvez Maria do Patrocínio Tovar e Noronha, abadessa nos triénios 1820-1823, 1826-1829 e 1839-1842. Entrou como noviça em janeiro de 1778 e faleceu em 29 de março de 1851 – Rocha, 2011: 111 e 92 e Veiga, 2013: 53]

Maria Gaspar Alves da C. de Meijinhos – 282

Maria Guiomar – 64

[Provavelmente D. Maria Guiomar de Moura Continho, noviça em 1789 – Rocha, 2011: 94]

Maria Nogueira – 9

Maria Peregrina – 165

[Ou Ana Peregrina de Cerveira, abadessa donatária? Foi noviça em 1749 – Rocha, 2011: 90; abadessa no triénio de 1802/1805 – Veiga, 2013: 34. Há um belíssimo ms. de 1800 que lhe foi dedicado e que se encontra digitalizado, em linha: <https://arouca.fcsh.unl.pt/sites/default/files/Arouca1.jpg>]

Mariana Leite – 288, 290

[Provavelmente Mariana Leite Berredo, noviça em 20 de julho de 1777 – Rocha 2011: 92; Veiga, 2013: 85]

D. Maurícia Bernarda – 10, 284

[Possivelmente Maurícia Bernarda de Leão e Lacerda, noviça em 25 de abril de 1738, professou em 8 de maio de 1739 e faleceu a 9 de agosto de 1801 – Veiga: 2013: 92]

Micaela Sequeiros – 249

Nicola (...?) – 316

Ventura – 257

[Atendendo à diversidade de usos, nomeadamente femininos, pode sugerir-se Ventura de Lemos, falecida m 4 de junho de 1754 – Veiga, 2013: 130]

D. Rosa (III^a Sr^a) – 229

[Sem sobrenome e qualquer atributo além de «III^a Sr^a», é difícil fazer uma proposta sustentada. Ainda assim, pode sugerir-se o nome de D. Rosa Ricardina de Moura Coutinho, abadessa nos triénios 1848-1851 e 1854-1857, noviça em 31 de janeiro de 1813 – Rocha, 2011: 111 e 96 e Veiga, 2013: 36. No século XVIII houve várias outras monjas professoras com nome próprio Rosa – Rocha, 2011: 85-96; Veiga, 2013: 66, 74, 100]

D. Violante de Sousa – 56

II. Nomes masculinos – nº do catálogo

A. Serrão – 300

António – 40

Antonio Augusto Correia de Sousa – 111

António Simões – 273

Augusto – 40

Aug.^o / Augustinho – 33

Fr. António Caldeira – 284

Dr. António Luiz de Sottomaior – 320

Dr. António Melo da Veiga e Souza – 321

António Rz P^a – 282

Fr. Dionísio – 264

Fr. Domingos Vieira – 45

Francisco – 45

Fr. Francisco da Rocha – 279

Fr. Gaspar Agudo – 264

João Fernandes – 36

João Joaquim Teixeira da Silva – 51

Joaquim Almeida – 45

Joaquim Bento Pinto – 335

José – 40

[Por figurar este nome num missal cisterciense, poderá tratar-se de um dos últimos confessores, Fr. José de Vasconcelos – 1792? Ou Fr. José de Melo, 1807? Ou Fr. José de Magalhães, 1822 e 1831? Ou o capelão Pe. José Rodrigues Pinto, 1854? – v. Veiga, 2013, 133]

- Fr. José de Murcia – 260
 Fr. Lopo da Madre de Deus (de Maceiradão) – 260
 Pe. D. Luís de Sousas – 260
 Manuel – 40
 [Por se tratar de um missal cisterciense, poderá tratar-se de um dos últimos confesores, Fr. Manuel de Macedo, 1789? Ou Fr. Manuel Castelo-Branco, 1834? – v. Veiga, 2013, 133]
 Pe. Manuel Ferreira Barbosa Malheiros – 302
 Fr. Manuel Forjaz – 275
 Fr. Mateus de S. Bernardo – 260
 Miguel de Almeida (...?) – 257
 Pe Miguel dos Anjos Carneiro – 324
 Fr. Salvador Barreto – 279
 Fr. ... de S. Francisco – 257
 [ilegível] [*sic*] de ventura – 257
 J. M. J. – 177

III. Outras posses (coletivas ou não identificáveis)

- Altar de N. Sr. da Apresentação – 297
 [Altar?] Mártir S. Sebastião – 50
 Cantora mor do mosteiro – 328, 333
 Capela da Senhora Douzida ou de Santa Luzia – 35
 Confraria do S^o Sacramento de Arouca – 36
 Da Ordem/Religião – 18, 19, 30, 194, 254, 255, 258, 259, 264, 270, 273, 324
 De Ventura – 257
 Freguesia de S. Bartolomeu de Arouca – 35
 Igreja de Arouca – 307
 Irmandade do Padres de Arouca – 30, 31
 [Possivelmente a «Irmandade de Nossa Senhora da Anunciação de Sacerdotes de todo este concelho e dos vizinhos», referido por Cardoso, *Diccionario Geográfico*, Tomo I, p. 580]
 I. M. S. – 300
 Mestra de noviças – 258
 Noviciaria do Mosteiro – 329
 Padres empregados no Real Mosteiro de Arouca – 219

Sacristia do Mosteiro – 330

«Este é meu» – 220

Nomes ilegíveis ou só parcialmente legíveis – 17, 27, 35, 38, 42, 62, 159, 256,
257, 279, 323, 329

ANEXO VII

Índice de autores

Autores e respetivo nº no catálogo descrito
nos Anexo I e Anexo IV

- ALMEIDA [Pe. Teodoro?] – Anexo IV-B,
nº 25 a 28
- MEYUGO, P. Fr. Francisco de, OFM –
Anexo I, 263
- ARBIOL, Pe. Fr. Antonio, OFM – I, 274,
283, 284
- AROUCA, Licº Antonio Mendes – I, 325
- BERNARDES, Pe. Manuel, C. Orat. – I,
270, 301
- BLUTEAU, Rafael, CRTeat. – IV-B, nº 23
- BOAVENTURA, S. – I, 317
- CASTRO, Estêvão Rodrigues de – I, 259
- CASTRO, Pe. João Baptista de – I, 299
- CHAGAS, Fr. António das, OFM – I, 312
- CHIESA, Giovanni Nicola, OESA – I, 293
- COELHO, Manuel Rodrigues (boticário)
– IV-A, nº 11
- CONCEIÇÃO, Fr. Francisco da, OFM
Cap – I, 305
- CONSCIÊNCIA, P. Manuel, C. Orat.
– I, 296
- CORELLA, P. Fr. Jaime, OFM Cap. – I,
321, 322 (também IV-B, nº 17)
- CORREIA, Carlos da Silva – IV-A, nº 11
- CORTEZ, Jerónimo – I, 335
- COUTINHO, Guedes – IV-A, nº 5
- CROISSET, P. Jean, SJ – I, 278
- CRUZ, Pe. Fr. Alonso da – I, 258
- FALCONI, Juan – I, 316
- FIGUEIREDO, Luís Botelho Froes de
– I, 276
- GALIZIA, Jácome Maria – I, 311
- GAMA, Joannis M. P. A. – I, 53
- GARAU, Francisco – IV-B, nº 24
- GRANADA, Fr. Luís de, OP – I, 255, 275
- GUERRA Y RIBERA – IV-B, nº 22

- JESUS MARIA, Fr. José de, O.SS.T. – IV-A, nº 9
 JESUS MARIA JOSÉ, Fr. Pedro de, OFM – I, 298, 314
- LEAL, Manuel Pereira da Silva – IV-B, nº 18
 LOZANO, D. Cristóbal – I, 279, 280, 281, 294, 295
 LUDOLFO DE SAXÓNIA, O. Cart. – I, 2
- MACEDO, António de Sousa de – I, 282
 MARÍA DE JESÚS DE ÁGREDA, Sor, OIConc. – I, 265, 266, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292
 MARÍA DE LA ANTIGUA, OSC – I, 267
 MENDES, Licº Antonio – I, 321
 MOLINA, Pe. D. Antonio de, OCart. – I, 269, 313
- NIEREMBERG, Pe. Eusébio, SJ – I, 260, 271
- PAIXÃO, Fr. Arsénio da – I, 59
 PEREDA, Fr. Francisco de – I, 257
 PINAMONTI, Pe. João Pedro, SJ – I, 277
- RODRIGUES, Pe. Afonso, S.J. – IV-B, nº 20
 ROQUETE, J.I. (José Inácio) – I, 112
 ROSÁRIO, Pe. Fr. Domingos do, OFM cap. – I, 306, 307
- S. ANTÓNIO, D. Caetano de – IV-B, nº 16
 S. MARIA, Fr. Francisco de – IV-A, nº 1
 S. MARIA ROSA, Fr. Bernardo de, OFM – I, 300
 S. TOMÁS, Fr. Leão de, O.S.B. – I, 261
 SARACHO, Juan de, O.Cister – I, 264
 SARMENTO, Pe. Fr. Francisco de Jesus Maria – I, 308
 SILVEIRA – IV-A, nº 6
 SOLANO, Francisco Ignacio – I, 337
- TERESA DE JESUS (ou Ávila), OCD – I, 256, 262
- VELASCO – IV-A, nº 8
 VILLACASTÍN, Pe. Tomás de, SJ – I, 272, 273
- XIMÉNEZ SAMANIEGO, Fr. José – I, 315

ANEXO VIII

Índice de nomes do estudo

(Exclui nomes dos Anexos)

- ABREU, Adélio – 18n, 19, 20, 21, 22, 23n,
24, 25n, 27n, 34n, 76
- AFONSO, José Ferrão – 76
- ALMEIDA, Fr. Gabriel – 14
- ANUNCIACÃO, D. Miguel da – 69
- ARAÚJO, Miguel Pereira – 38
- ASSUNÇÃO, Lino da – 38, 39, 59
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira – 14n, 76
- BARATA, Paulo – 18n, 24n, 28n, 29n, 30,
31, 36n, 42n, 50, 51n, 52n, 61n, 66n,
70n, 72n, 76
- BERNARDES, Pe. Manuel – 62
- BLUTEAU, Rafael – 59, 71
- BOGALHO, M. de Fátima – 16n, 28n,
66n, 81
- BRITO, Fr. Bernardo – 28, 55
- BORGES, Nelson Correia – 37, 76
- BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – 29, 32
- CALDEIRA, Arlindo Manuel – 46n, 71n, 76
- CAMPOS, Herman – 24
- CAMPOS, Maria Fernanda – 18n, 28n, 45n, 76
- CARDOSO, Luís – 75
- CARVALHAIS, D. Ana Guilhermina M. –
25, 37
- CARVALHO, Ana Delfina – 41n, 76
- CARVALHO, José Adriano F. – 7, 11n, 12,
13, 18, 43, 50, 75, 76
- CASTILLO GÓMEZ – 77
- CASTILLO Y ARTIGA – 59, 77
- CASTRO, Estêvão Rodrigues – 68
- CASTRO, Revº Gomes – 19
- CÁTEDRA, Pedro M – 52, 77
- CHIESA, Pe Giovanni Nicola – 61
- COELHO, Helena da Cruz – 17, 26n, 31n,
35n, 37, 40n, 41n, 46n, 77
- CONDE, Maria Antónia – 11n, 46n, 53n,
54n, 55n, 77, 78
- CORBIN, Solange – 39n, 78
- CORELLA, Jaime – 59, 62
- COSTA, Jorge – 80
- COSTA, José Manuel – 39
- COSTA, Júlio – 80
- CROISSET, P. Jean – 61
- CUNHA, Sebastião Ferraz da – 69

- D. AFONSO, Infante – 13
 D. AMÉRICO, Cardeal-Bispo – v. Silva
 D. DUARTE, Infante – 14
 D. HENRIQUE, Cardeal-Infante – 13, 76,
 D. JOÃO IV, rei – 14
 D. LUÍS, rei – 25, 26, 27
 D. (OU STª) MAFALDA – 14, 17, 26, 29,
 35, 37, 38n, 41, 59, 62, 71, 73, 180,
 181, 182, 183, 184, 186, 189, 190,
 191, 192, 196, 197, 198, 209, 210, 212
 D. MARIA I – 61n
 D. SANCHA – 14, 16, 17, 29, 191
 D. TERESA – 14, 16, 17, 29
 DIAS, José Coelho, OSB – 17n, 78
 DIAS, José Sebastião da Silva – 13n, 78
 DIAS, Pedro – 27, 28n, 55n, 78

 ESCOBEDO, D. José de – 61
 ESPERANÇA, Fr. Manuel da – 56n

 FALCÃO, José António – 55n, 78
 FALCONI, Fr. Juan – 62
 FERNANDES, António Teixeira – 35, 78
 FERREIRA, Manuel Pedro – 41n, 78
 FERREIRA, Pedro Augusto – 25, 26, 34n,
 53, 75
 FIGUEIREDO, Dr. António Mesquita –
 38, 78
 FORTU, Mara – 29, 78

 GERTRUDES, Santa – 56
 GIL FERNÁNDEZ, Luís – 58, 78
 GIUGERVICH, Luana – 16n, 43n, 79
 GOMES, Saul – 12, 13n, 14n, 15, 16n,
 29n, 78, 82
 GONÇALVES, António – 24n
 GONÇALVES, A. Nogueira – 40, 79

 GOUVEIA, Francisco Velasco – 59
 GRANADA, Fr. Luís de – 15, 58, 62
 GUERRA Y RIBERA – 59

 HERCULANO, Alexandre – 30, 33, 34n,
 37, 38, 76, 77
 HUGHES, Andrew – 39n, 79
 HURUS, Paulo – 13, 58
 JESUS MARIA, José de – 59
 JOAQUIM, Manuel – 40, 79

 LACERDA, Clara Delfina Pinto - 71
 LALANDA, Margarida – 46n, 78
 LEAL, Silva – 59
 LEÃO XIII, Papa – 26
 LECLERCQ, Jean – 39n, 79
 LEITÃO, Henrique – 16n, 79
 LIBERTATA EMÍLIA – v. Vasconcelos
 LIMA, Fr. Manuel de – 56n
 LISBOA, Fr. Marcos de – 56n
 LOUREIRO, Olímpia – 29n, 61n, 79
 LOZANO, D. Cristóbal – 59, 62
 LUDOLFO DE SAXÓNIA – 13
 LUÍS DE GRANADA, Fr. – v. Granada

 MADAHIL, Rocha – 35, 37, 38, 39, 40n, 79
 MAFALDA – v. D. Mafalda
 MARÍA DE JESUS, Sor – 58, 62, 69
 MARÍA DE LA ANTIGUA – 62, 69
 MARQUES, João Francisco – 14n, 79
 MARQUES, José – 79
 MARQUES, Maria Adelaide Salvador –
 45n, 79
 MARQUES, Maria Alegria – 14n, 17n, 80
 MARQUES, Maria da Luz – 35n, 80
 MARTINS, D. Maior – 38

- MATOS, Carlos – 29n
 MATOS, P. José Valente – 19
 MEIRINHOS, José – 4, 13n, 80
 MENDES, Maria Valentina Sul – 13n, 80
 MENESES, Ana Margarida Teles de – 66n,
 67, 69, 70
 MENESES, Maria Isabel Teles de – 69
 MENESES, Maria José G. Tovar – 18, 24,
 25, 34, 37, 45
 MIRANDA, Maria Adelaide – 27n, 29n, 80
 MOLINA, Antonio de – 62, 69
 MORUJÃO, Isabel – 59n, 80
 MORUJÃO, Maria do Rosário – 80
- NASCIMENTO, Aires do – 39, 40, 49, 80
 NIEREMBERG, Pe Eusebio de – 62, 66
 NOITES, Angelina – 29n
- OLIVEIRA, José Miguel dos Santos – 80
 ORBIOL, Fr. Antonio, OFM – 59, 69
- PAIVA, José Pedro – 69n, 80
 PAULO V, Papa – 53
 PEREIRA, M. José – 16n, 28n, 81, 66n, 81
 PÉREZ BALTASAR, María Dolores – 46,
 54, 81
 PIMENTEL, António de Serpa – 33
 PINTO, José Nuno Pereira – 81
 POLONO, Estanislao – 13, 56, 58
- REGO, Teófilo – 35
 RÊPAS, Luís Miguel – 17n, 31n, 37, 38n,
 40n, 46n, 81
 RIBADENEIRA, Pedro – 24, 55
 RIBEIRO, Fernanda – 18n, 30n, 31, 81
 ROCHA, Manuel J. Moreira – 17n, 21n,
 25n, 26n, 29n, 30, 36n, 37, 40n, 41n,
 43n, 46n, 47n, 52n, 53n, 54, 55n,
 69n, 70n, 71n, 72n, 81
- RODRIGUES, Afonso – 59
 RODRIGUES, Maria Idalina Resina –
 15n, 81
- S. TERESA (de Jesus ou Ávila) – 58, 62,
 69, 188, 191
 SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, María Letícia
 – 55n, 81
 SANTOS, Tiago F. da Costa – 25n, 26n,
 34n, 37n, 53n, 54n, 82
 SEQUEIROS, D. Micaela – 64
 SILVA, Cátia Oliveira – 82
 SILVA, D. Américo F. Santos, Cardeal-
 -Bispo – 18, 20, 22, 24, 25, 27, 34
 SILVA, Pe. Joaquim Teixeira – 21, 25
 SIMÕES JUNIOR, Manuel – 13, 37, 38,
 39, 44, 55n, 56n, 61n, 71n, 82
 SOROMENHO, Augusto – 37, 44
 SOUSA, Cristina – 14n, 29n, 82
 SOUSA, D. Fr. Luís, Abade-Geral – 14
 SOUSA, D. Luís de, Bispo de Lamego – 71r
 SOUSA, Revº António José N. Paiva – 19
- TOVAR – V. MENESES
- VAGAGGINI, Cipriano, OSB – 42n, 82
 VASCONCELOS, D. Libertata Emília M.
 A. – 38n, 44
 VEIGA, Afonso – 18n, 25n, 26n, 32n, 35n,
 37, 43n, 46n, 47n, 52n, 62n, 68n,
 69n, 82
 VILLACASTÍN, Tomás de, SJ – 59
 VILLEGAS, Alonso de – 24, 55
 VITORINO, Pedro – 35, 39n, 82



ISBN 978-989-755-928-0



9 789897 559280